COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
Pᴱ ANTÓNIO VIEIRA
OBRAS
ESCOLHIDAS
PREFÁCIOS E NOTAS
DE ANTÓNIO SÉRGIO
E HERNÂNI CIDADE
VOLUME II
CARTAS (II)
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA LISBOA

COLECÇÃO
DE CLÁSSICOS
SÁ DA COSTA

Pe. ANTÓNIO VIEIRA

·OBRAS ESCOLHIDAS· VOL. II

CARTAS (II)

LIVRARIA
SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

COLECÇÃO DE CLÁSSICOS SÁ DA COSTA
Pe ANTÓNIO VIEIRA
OBRAS
ESCOLHIDAS
PREFÁCIOS E NOTAS
DE ANTÓNIO SÉRGIO
E HERNÂNI CIDADE
VOLUME II
CARTAS (II)
LIVRARIA SÁ DA COSTA
EDITORA
LISBOA

OBRAS ESCOLHIDAS

DO

P.e ANTÓNIO VIEIRA

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

Autores portugueses • Autores estrangeiros

À venda:

SÁ DE MIRANDA — Obras Completas, *2 volumes*
F. MANUEL DE MELO — Cartas Familiares, *selecção*
JOÃO DE BARROS — Panegíricos
TOMÁS A. GONZAGA — Marília de Dirceu e mais poesias
DESCARTES — Discurso do Método, Tratado das paixões da alma
DIOGO DO COUTO — O Soldado Prático
FREI LUÍS DE SOUSA — Anais de D. João III, *2 volumes*
HOMERO — Odisseia, *2 volumes*
FREI ANTÓNIO DAS CHAGAS — Cartas Espirituais, *selecção*
M.me DE SÉVIGNÉ — Cartas Escolhidas
ANTÓNIO FERREIRA — Poemas Lusitanos, *2 volumes*
HEITOR PINTO — Imagem da Vida Cristã, *4 volumes*
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Poesias, *selecção*
MARQUESA DE ALORNA — Inéditos, *selecção*
FILINTO ELÍSIO — Poesias, *selecção*
LA BRUYÈRE — Os Caracteres
AFONSO DE ALBUQUERQUE — Cartas, *Selecção*
FRANCISCO XAVIER DE OLIVEIRA — Cartas, *selecção*
GIL VICENTE — Obras Completas, *6 volumes*
BOCAGE — Poesias, *selecção*
AMADOR ARRAIS — Diálogos
HOMERO — Ilíada, *3 volumes*
JOSÉ DA CUNHA BROCHADO — Cartas, *selecção*
DIOGO DE PAIVA DE ANDRADA — Casamento Perfeito
FRANCISCO RODRIGUES LOBO — Corte na Aldeia
JOÃO DE BARROS — Décadas, *selecção, 4 volumes*
DIOGO BERNARDES — Obras Completas, *3 volumes*
CANCIONEIRO DA AJUDA — *volume I*
CAMÕES — Obras Completas, *5 volumes*
FREI LUÍS DE SOUSA — Vida de D. Frei Bartolomeu dos Mártires, *3 volumes*
DIOGO DO COUTO — Décadas, *2 volumes*
HOMERO — Poemetos e Fragmentos
FONTES MEDIEVAIS DA HISTÓRIA DE PORTUGAL — *volume I*
LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *volumes I, II e III*
BERNARDIM RIBEIRO — Obras Completas, *2 volumes*
P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *volumes I e II.*

A seguir:

LUÍS A. VERNEY — Verdadeiro Método de Estudar — *volumes IV e V*
P.e ANTÓNIO VIEIRA — Obras Escolhidas — *volume III.*

Cada volume 25$00 — Tiragem especial de 100 ou 200 exemplares, numerados e rubricados, 90$00

COLECÇÃO DE CLASSICOS SÁ DA COSTA

•

P.e António Vieira

OBRAS ESCOLHIDAS

prefácios e notas de
António Sérgio
e **Hernâni Cidade**

•

VOLUME II

CARTAS (II)

LIVRARIA SÁ DA COSTA — EDITORA
Rua Garrett, 100-102 LISBOA

33.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, a 3-XII-1669

Senhor. — Já dei conta a V. S.ª da minha chegada a Roma, onde também tive notícia da forma que S. A., que Deus guarde, tinha dado ao despacho ordinário, e o lugar que V. S.ª tem nele,
5 de que não dou a V. S.ª o parabém, mas de muito boa vontade beijara a mão a S. A. pela resolução e eleição.

---

33. Entre a data da carta anterior nesta selecção (3-I-1668) e a da presente tinham-se dado os seguintes acontecimentos: governando já D. Pedro, e deposto D. Afonso VI pelas Cortes (em 1-I-1668), fizera-se a paz com a Espanha, que reconhecia a nossa independência (13-II-1668); fora anulada, a 12-VI-1668, a sentença condenatória contra António Vieira, excepto na proibição de versar os assuntos incriminados; dias depois prègara o Padre na capela real, no aniversário da rainha; voltara a cair no desfavor da corte; e partira para Roma em Agosto de 1669, decidido a tratar do seu caso pessoal da condenação pelas suas doutrinas, da mudança das praxes processuais da Inquisição portuguesa e da canonização de quarenta jesuítas martirizados por corsários calvinistas no mar das Canárias em 1570 (sendo este o motivo pùblicamente apresentado para a viagem; além disso, ia incumbido pelo duque de Cadaval de estudar a possibilidade do seu casamento com alguma dama da alta nobreza italiana.

Agora dou conta do meu negócio a V. S.ª que já se não poderá tratar neste pontificado, porque o Papa fica morrendo. Presente é a V. S.ª que o papel censurado foi escrito no Maranhão, e enviado
5 de lá por mãos do Confessor à Rainha Nossa Senhora que está no Céu, e para seu alívio na morte de El-Rei. Deste papel, interpretado como pareceu aos qualificadores, se formaram proposições e se mandaram a Roma, onde foram censuradas, sem
10 aqui nem em Portugal eu ser ouvido, porque quando isto se fez estava eu no Maranhão, sem se me dar notícia de tal cousa. Suposto isto, eu não quero ter pleito algum com os Inquisidores de Portugal, que foram meros executores das cen-
15 suras, e só quero e devo ter com os ministros de Roma que as censuraram, e pedir ao Papa que, pois eu não fui ouvido, me oiça, e depois de cuidar a razão do que eu disse mande julgar de novo o que for justiça. Assim que, o meu pleito todo

---

3. *o Papa:* Clemente IX, que expirou seis dias depois da data desta carta.

4. *o papel censurado:* a carta de Vieira ao padre André Fernandes, bispo do Japão, confessor da rainha, enviada do Maranhão e datada de 29-IV-1659; veio a ser publicada em 1856 no tomo I das *Obras inéditas* (1856) com o título de *Esperanças de Portugal, quinto império do Mundo;* depois, em 1925, na edição das *Cartas* organizada por Lúcio de Azevedo (tomo I, p. 488 e seg.); e será reproduzida num futuro volume desta colecção de *Obras escolhidas;* parece que de tal escrito o próprio autor distribuiu várias cópias, mas o original, remetido ao bispo do Japão, faz parte do processo por crime de heresia que lhe moveu o Santo Ofício em 1663, pela Inquisição de Coimbra.

15. *ministros:* funcionários superiores.

é em Roma com os ministros romanos, não entrando para mal nem para bem nesta causa os ministros de Portugal; com que fica totalmente cessando o reparo que S. A. tinha de que a autoridade do seu
5 Embaixador se interpusesse a favor deste negócio, e é tanto assim que o mesmo Inquisidor Alexandre da Silva, por cujas mãos correu toda a causa, me exortou e aconselhou que assim o fizesse, alegando muitos exemplos de que os Inquisidores não tive-
10 ram sentimento algum, pois não ofende seu crédito e autoridade que o Papa desfaça, ouvindo a parte, o que o mesmo ou outro Papa fez, não a ouvindo. Sendo esta suposição tão diversa e tão alheia de todo o inconveniente, espero que S. A. me favoreça
15 com uma carta para o Embaixador, em que lhe mande dizer que, além do negócio das canonizações dos mártires do Brasil, tenho outro que lhe comunicarei, e que me assista com tudo o que puder, etc.

---

5. *do seu Embaixador:* antes de partir de Lisboa para Itália, pedira o nosso padre a D. Pedro que mandasse ao seu embaixador em Roma ordem de o ajudar nas diligências respeitantes à sua causa: porém, nada mais conseguira que uma vaga indicação ao encarregado de negócios para o auxiliar em certos «negócios de sua religião» (isto é, da Companhia de Jesus), negócios estes (a canonização dos mártires jesuítas padre Inácio de Azevedo e trinta e nove companheiros, trucidados por corsários calvinistas em 1570, quando iam para o Brasil) que constituíam o pretexto, e não o objectivo real da viagem de Vieira.

6. *Alexandre da Silva:* o inquisidor encarregado do processo de Vieira no tribunal do Santo Ofício de Coimbra.

18. *etc.:* este *etc.* aparece em todas as cópias que existem, ignorando-se se está assim no original ou se houve aqui mutilação.

Também estimaria muito, para o mesmo fim, que S. A. me fizesse mercê honrar com uma carta sua em resposta da inclusa, dando-me confiança ou atrevimento para pedir este favor o grande número
5 de cartas, que se acham registadas em ambas as secretarias, que El-Rei, que está no Céu, me mandou sempre escrever, não só de negócios mas de benevolência, além das particulares que não iam a registo.
10 E se este exemplo não bastar, sirva-se V. S.ª, por me fazer mercê, de trazer à memória a S. A. que eu sou aquele que tantas vezes arrisquei a vida pela sua coroa, indo a Holanda, Inglaterra, França e Itália, sem mais interesse que o do zelo; e aquele
15 que por respeito e serviço de S. A. foi desterrado, e afrontado por haver dado os meios com que se restaurou o Brasil e Angola, e com que o Reino teve forças e cabedal para se defender.

Ainda tenho mais com que cansar a V. S.ª. Do
20 dinheiro que S. A. mandou pagar, e da consignação que mandou fazer, não há havido atégora efeito algum. O Padre Procurador Geral do Brasil há-de pedir favor a V. S.ª sobre uma e outra cousa; espero que V. S.ª por sua piedade lhe não falte, pois é

---

16. *os meios com que se restaurou:* alude Vieira, com isto, à fundação da Companhia de Comércio do Brasil, realizada graças aos seus esforços e com cabedais de cristãos-novos.

20. *que S. A. mandou pagar:* trata-se de dívidas da Fazenda Real para com a família de Vieira, de que nenhuma fracção havia ainda sido paga, apesar das ordens de D. Pedro; v. adiante a carta n.º 37, de 15-II-1670, também dirigida a D. Rodrigo de Meneses, em que o assunto vem minuciado.

obra que tem tantas circunstâncias de misericórdia como já representei a V. S.ª; e V. S.ª me perdoe tão repetidas e importunas moléstias, que a mercê e afecto tão verdadeiro, que no ânimo generoso de
5 V. S.ª experimentei sempre, me dão confiança e atrevimento para tanto.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo, e em todos os meus sacrifícios e orações peço a sua Divina Majestade.

10 Roma, 3 de Dezembro de 1669. — Criado de V. S.ª

34.

Ao Duque de Cadaval

De Roma, a 6-XII-1669

Ex.mo Sr. — A esta hora, que é uma da noite, chego de falar toda a tarde (e esta é a primeira vez) sobre o negócio de V. Ex.ª com a sr.ª Du-
15 quesa, de cujo amor e afecto para com V. Ex.ª, e do extremo com que zela suas conveniências como próprias, já dei conta a V. Ex.ª no correio da semana passada.

---

14. *o negócio:* o do possível casamento do duque com uma dama da alta aristocracia italiana.

14. *a sr.ª Duquesa:* D. Leonor Pimentel, tia-avó do duque de Cadaval pelo lado materno, senhora muito considerada na aristocracia romana e duquesa de Sermoneta pelo seu segundo casamento (o ducado de Sermoneta fora criado por Sisto V em 1586 a favor de um membro do ramo dos Gaetani de Sermoneta, que adoptara o nome de Caetani em vez de Gaetani).

Primeiramente, senhor, havendo-se examinado e discorrido tudo o que há em Roma, Nápoles, Milão e ainda Génova, os grandes senhores por estas partes muito dificultosamente querem casar suas filhas,
5 por não diminuir a substância das casas, cuja conservação e aumento é o seu principal cuidado, querendo-as antes muito grandes e opulentas que bem aparentadas; e neste número entra o príncipe de Caserta, com se chamar filho da sr.ª Duquesa e ter
10 três filhas de nove até catorze anos, mas destinadas ao convento, como sua irmã.

Quando se possa vencer esta dificuldade, e a dos pais quererem apartar de si suas filhas, e elas desterrar-se a países estranhos, darei parte a V. Ex.ª.
15 Onde há dinheiro não há qualidade, e onde há qualidade supõe a sr.ª Duquesa que não há dinheiro nem para a viagem. Com esta condição, em caso que V. Ex.ª se conforme, há em Nápoles uma senhora de catorze anos e belíssimas partes pes-
20 soais, filha dos Marqueses de Pescara e Basto, duas

---

8. *príncipe de Caserta:* enteado da duquesa.

20. *marqueses de Pescara e Basto:* o marquesado de Pescara fora criado em favor de Afonso de Avalos (1430-95), descendente de uma ilustre família espanhola estabelecida em Nápoles em tempos de Afonso V de Aragão (1416-58), o qual Avalos entrara ao serviço do rei Fernando II de Nápoles; o mais famoso marquês foi o segundo, filho desse, o distintíssimo general italiano Fernando Francisco de Avalos (1490-1525), que combateu brilhantemente os Franceses e ganhou a batalha de Pavia, onde Francisco I de França foi aprisionado; casou com a célebre Vitória Colona.

vezes grandes em Espanha, e por sua mãe da casa Carafa, por todas as vias a melhor cousa daquele reino; tem esta senhora um tio cardeal, que há-de vir necessàriamente ao conclave (porque da morte
5 do Pontífice não se duvida), e com aviso de V. Ex.ª falará a sr.ª Duquesa ao Cardeal; e, tirando este casamento com suas incertezas, que podem ainda ser maiores do que agora se representam, de Itália não há outra cousa que esperar.

10 Casamento em França de nenhum modo o aprova a sr.ª Duquesa, pela experiência que tem de alguns senhores de Itália que de lá trouxeram mulheres, todos para destruição de suas casas, pela liberdade grande com que as senhoras francesas são criadas,
15 pela largueza excessiva de seus gastos e apetites, e outros inconvenientes de maior reparo, que em França não tiram crédito e em Portugal não são tão toleráveis; e, querendo-se vedar, será sem paz e em perpétuo desgosto, e muito mais sendo a pes-

---

1. *casa Carafa:* a família Carafa, que teve períodos de grande esplendor e poderio, é um ramo dos Caracciolos, e assumiu importância no séc. XIV; entre os seus membros que se distinguiram no XVII sobressaiu António Carafa (1643-93), filho de Marcantónio (do ramo de Traeto) e Maria Carafa (do ramo de Forli), o qual, tendo ido para a corte de Leopoldo I, em Viena, iniciou, sob o comando de Raimundo Montecuccoli, uma afortunadíssima carreira militar, que o elevou a general (1680), marechal-de-campo (1685) e conde do Sacro Império (1686).

10. *em França de nenhum modo o aprova:* apesar desta opinião da duquesa, e dos inconvenientes logo abaixo apontados por Vieira, foi com francesas que contraiu o duque segundas (1671) e terceiras núpcias (1675).

18. *vedar:* proibir, impedir, estorvar, obstar.

soa, como se supõe, de relevantes qualidades, como convém para satisfação da pátria a quem vai buscar mulher fora dela.

O que suposto, e ser necessário que V. Ex.ª case
5 quanto mais depressa, o que parece à sr.ª Duquesa (e eu também o julgara, como criado de V. Ex.ª) é que V. Ex.ª pelas melhores vias devia apertar o negócio de Carnide, até averiguar o efeito ou o desengano, e com este, quando não haja em Portu-
10 gal, como V. Ex.ª julgava que não havia, sujeito com quem aparentar còmodamente, pedir licença para o fazer em Castela, onde não faltarão conveniências de qualidade e dote, juntas com as da vizinhança, sem despesas, que também vem a ser
15 uma boa parte delas.

Neste caso a sr.ª Duquesa, que é o melhor mapa das qualidades de Espanha, se oferece a tratar por vias mui decorosas o que V. Ex.ª julgar mais conveniente; e, como os correios são tão certos e ordi-
20 nários, se poderá fazer sem grandes dilações. O que importa é que V. Ex.ª, depois de o resolver, faça os avisos com brevidade, e, ainda que seja deferindo uma consulta do Conselho de Estado, não se esqueça V. Ex.ª de escrever à sr.ª Duquesa, que
25 por todos os títulos o merece a V. Ex.ª muito, muito.

O Marquês de Astorga, Vice-Rei que foi de Va-

---

8. *o negócio de Carnide:* o projecto de casamento do duque de Cadaval com D. Maria, filha natural de D. João IV, recolhida no mosteiro de Carnide.

27. *marquês de Astorga:* o marquesado fora criado em 1465 por Henrique IV de Castela para D. Álvaro Perez Osório, que já era duque de Aguiar, conde de Trastamara e Vilhalobos, etc.

lença, e agora do Conselho de Estado e Embaixador de Espanha, é primo da sr.ª Duquesa, e por conseguinte tio de V. Ex.ª; e por algumas consequências, que podem servir a V. Ex.ª e ao
5 sr. D. Teodósio, pareceu à sr.ª Duquesa que de parecer de ambos o visitasse eu, como fiz ontem, e ele estimou muito e me disse: «*Que las obligaciones que devia al señor duque de Cadaval y al señor Don Theodosio las tenia muy dentro en las*
10 *venas, para desearlos servir en todo.*»

V. Ex.ª julgará se convém escrever-lhe, e, quando V. Ex.ª não aprove o cumprimento, o zelo de quem o mandou fazer e de quem o fez merece desculpa.

15 As novas de Roma dou ao sr. D. Teodósio por não tomar mais o tempo a V. Ex.ª, que Deus guarde muitos anos, como Portugal e seus criados havemos mister.

Roma, 6 de Dezembro de 1669. — Criado de
20 V. Ex.ª.

---

5. *D. Teodósio:* D. Teodósio de Bragança e Melo, irmão do duque de Cadaval, e, como este, grande amigo de António Vieira. Tendo seguido a carreira eclesiástica, foi cónego da Sé de Lisboa; no tempo da regência, a rainha D. Luísa nomeou-o capelão-mor, cargo de que nunca veio a tomar posse; durante o reinado efectivo de D. Afonso VI foi desterrado ao mesmo tempo que Sebastião César de Meneses e António Conti, por suspeita de tramarem contra o conde de Castelo Melhor.

35.

À Rainha D. Catarina de Inglaterra

De Roma, a 21-XII-1669

Senhora. — Tem V. M. a seus reais pés a António Vieira neste papel, porque é tal a sua fortuna que o não pode fazer em pessoa, por mais que o desejou e procurou.

5 A quem me queixarei do Príncipe D. Pedro, meu senhor, senão a V. M.? Por sua causa, depois do primeiro desterro padeci as indignidades que me não atrevo a referir; e quando, para o reparo delas, esperava o escudo de sua real protecção, nem uma 10 folha de papel para o seu embaixador pude conseguir, em que lhe encomendasse me assistisse nesta Cúria, querendo antes favorecer com nome de fé àqueles que, na vida e depois da morte de El-rei

---

3. *por mais que o desejou e procurou:* antes de partir para Itália, Vieira pedira a D. Pedro licença de ir a Inglaterra visitar a rainha D. Catarina, irmã do nosso regente, naturalmente por pensar que uma recomendação da esposa católica de um rei cuja conversão se desejava seria de peso para o Papa; mas D. Pedro não lha concedeu.

13. *àqueles que... como testemunha a torre de Belém e o noviciado da Cotovia:* alusão ao favor concedido ao inquisidor geral, D. Francisco de Castro, que, por ocasião da conjuração de 1641 contra D. João IV, fora encerrado na torre de Belém, e a Sebastião César de Meneses, que, acusado de entendimentos com Castela, fora mandado em 1665 para o Noviciado da Cotovia; sobre Sebastião César v. p. 74 do 1.º vol. desta obra.

que está no Céu, faltaram provadamente à sua, como testemunha a torre de Belém e o Noviciado da Cotovia.

A Companhia do Comércio do Brasil, que restaurou Pernambuco e Angola, e deu cabedal ao Reino para se defender, por ser invento e arbítrio meu me tem trazido à presente fortuna, quando se pudera prometer uma, muito avantajada e honrada, quem tivesse feito ao seu rei e à sua pátria um tal serviço, sobre tantos outros em que tantas vezes, e com tão úteis efeitos, arrisquei sem nenhum interesse a vida. Mas permite Deus que nos príncipes da terra se experimentem semelhantes galardões, para que só de sua grandeza e verdade se esperem os que não hão-de ter fim.

Quis fazer a minha viagem a Roma por Inglaterra, para antes de morrer ter a consolação de ver a Rainha da Grã-Bretanha, minha senhora, como ainda espero, e comunicar a V. M. de palavra muitos particulares, que se não podem fiar de papel; e só porque os Inquisidores não imaginassem que S. A., por este rodeio, consentia no fim da jornada, me não concedeu que passasse uma vez, por amor de mim, aquele mesmo canal de Inglaterra, em que sete vezes me vi perdido pela conservação da sua coroa.

Mágoa é maior que toda a paciência a consideração de que experimente estes rigores em um filho de El-rei D. João o IV e da rainha D. Luísa, de imortal memória, um criado tão favorecido de ambos, que um o nomeou por mestre, e outro por confessor, de quem o trata assim depois de tão indignamente tratado por seu respeito.

V. M. por sua clemência perdoe a indecência des-

tas queixas, que a dor não tem juízo, e nenhuma é maior que a do amor ofendido.

Determino pleitear de novo a minha causa, e buscar em Roma a justiça que não achei em Portugal; e ainda que espero me não falte Deus, como defensor da verdade, tenho grande confiança que, por meio da protecção de V. M., terei mais segura a divina.

O Cardeal Francisco Barbarino é o Presidente do tribunal em que há-de correr a minha causa. Se, como a Protector dos reinos de V. M., V. M. lhe mandasse escrever uma carta, em que V. M. lhe encomendasse muito favorecesse, com particular assistência, os negócios que tenho nesta Cúria, seria para mim a melhor mercê que da Real casa de V. M. recebi em minha vida, pois não me importa menos que a honra. Esta deverei eternamente à protecção e amparo de V. M.; e se V. M. me não conceder esse favor como irmã do Príncipe D. Pedro que Deus guarde, seja como irmã do Príncipe D. Teodósio que está na glória, e como filha daqueles grandes reis, cujos vassalos não tiveram maior desgraça que não haverem acabado as vidas com eles.

Rainha e senhora minha, Deus guarde a Real pessoa de V. M., como a Igreja universal e os vassalos e criados de V. M. havemos mister.

Roma, 21 de Dezembro de 1669.

36.

A certo prelado

De Roma, a 14-II-1670

Meu senhor. — A de V. S.ª Ilustríssima de 2 de Novembro recebi esta semana e li com lágrimas, fazendo deste favor e afecto de V. S.ª tanto maior estimação, quanto a experiência do mundo me tem mostrado ser raro o que permanece quando os tempos se mudam. A diferença destes me trouxe a Roma, por não haver outro desterro menos decente, depois de Portugal me haver tratado como eu lhe não merecia.

Levou Deus para si o papa Clemente, em que a Igreja perdeu grande pastor e V. S.ª grande amigo. Há cinquenta e oito dias que o Sagrado Colégio está em conclave, sem se concordar. Ao princípio estava dividido em quatro partidos, que hoje se reduzem a dois: um de Barberino, outro de Chigi, e cada uma das partes tem vinte e cinco votos, sendo os cardeais por todos sessenta e seis; com que cada um vem a ter segura a exclusiva, não bastando os que se chamam volantes, ainda que se inclinem a qual-

---

36. Crê-se provável que o prelado a quem se dirige esta carta fosse Pedro Vieira da Silva, ex-secretário de Estado no tempo de D. João IV (v. a nota à linha 6 da p. 63 do 1.º vol. desta obra), nomeado bispo de Leiria pelo regente D. Pedro em 1668.

15. *Barberino... Chigi:* haviam gozado de muita autoridade durante o pontificado de Clemente IX os cardeais Francisco Barberino, nepote de Urbano VIII, e Flávio Chigi, sobrinho e primeiro-ministro de Alexandre VII.

quer delas, para eleger pontífice. Entretanto se desenfada Pasquino, e se escreve de todos em prosa e verso com tanta paixão como indignidade.

De tudo o que vejo tiro uma consolação muito
5 desconsolada, e é que de todos os cristãos do mundo nós somos os mais católicos, do que venho a não desesperar do que alguma hora esperei.

O Turco faz em Constantinopla e Cândia maiores aparatos de guerra que nunca, mas não há quem o
10 tema.

Deus se lembre da sua Igreja, e a V. S.ª Ilustríssima guarde muitos anos para bem dela, como havemos mister.

Roma, 14 de Fevereiro de 1670. — Capelão de
15 V. S.ª Ilustríssima.

37.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, 15-II-1670

Senhor. — Não escrevi a V. S.ª todo o mês passado porque estive em cama, e porque não tive ânimo para o fazer enquanto não chegaram as

---

2. *Pasquino:* fora colocado numa praça de Roma o torso informe de uma estátua mutilada, que se designava por *Pasquino,* sendo que em frente dela se achava outra, com o nome de *Marfório:* e os satíricos de Roma divertiam-se com afixar no soclo de Marfório perguntas cujas respostas, preparadas de antemão, apareciam no soclo de Pasquino; e de aí veio o nome de *pasquins* às sátiras afixadas em lugar público; os epigramas que apareciam na estátua eram geralmente redigidos em latim, sendo os papas as suas principais vítimas.

novas do sr. Marquês se haver livrado inteiramente do grande perigo, em que se dizia estava S. Ex.ª, de que dou a V. S.ª o parabém com toda a alma. Sempre me animei muito com os oráculos, que têm prometido a vitória do Turco às armas de Portugal, debaixo do governo do sr. Marquês de Marialva, cuja fama é tão grande por todo este mundo de Levante, que ela só leva consigo ametade da vitória.

As esperanças, que não quero chamar profecias, se vão dispondo por seus passos contados. Estamos no fatal ano de setenta, e o Turco fica fazendo em Constantinopla e Cândia os maiores aparatos de guerra que nunca jamais se viram; e, como estes são pela maior parte marítimos, ainda que Alemanha e Hungria eram as que mais se temiam, já se entende que dará o raio em Itália, na qual se trata de acrescentar motivos à justiça divina.

Ainda não temos Pontífice, nem se espera tão cedo, porque está dividido o Conclave em dois partidos iguais, um de Barberino, outro de Chigi, e cada um procura que a eleição seja sua: entende-se que se virão a concordar em algum decrépito, a que aqui chamam Papa em depósito, para que, no

1. *sr. Marquês:* de Marialva, de quem o destinatário da carta, D. Rodrigo de Meneses, era irmão.

6. *debaixo do governo do sr. Marquês de Marialva:* consoante as fantasias proféticas de António Vieira, apoiadas em textos do Bandarra, o marquês de Marialva venceria os Turcos, depois de estes vencerem o quarto império do Mundo (que seria o da Alemanha): e então começaria o Quinto Império, na casa real portuguesa.

interim de sua pouca duração, com os acidentes do tempo possa cada um melhorar de partido. Dê Deus à sua Igreja o pastor que mais lhe convier; e, qual ele for, tais entenderemos que são os intentos de
5 sua providência.

Senhor: recebi nesta ocasião cartas do Brasil, e me pesa de não as poder mostrar a V. S.ª, para que se lastimasse de mim e de tudo o que tenho neste mundo. Tenho nesta idade uma irmã de mais de
10 quarenta anos, órfã de pai e mãe, que há dois ou três anos está concertada para se casar, e lhe faltam seis mil cruzados para ajustamento do dote, além dos seis que estão em mão do Tesoureiro dos defuntos, de que ainda se não arrecadaram os três, sobre
15 que S. A. passou tantos decretos.

A fazenda real nos deve há mais de cinco anos vinte mil cruzados, que se tomaram a meu irmão para o apresto das naus da Índia; o que peço a V. S.ª, por esmola e obra de misericórdia, é que
20 efectivamente se consignem seis mil cruzados destes vinte, em qualquer das rendas que S. A. tem na Baía; porque desta maneira se acudirá a esta necessidade prontamente, sem a fazenda em Portugal desembolsar cousa alguma.

---

9. *uma irmã:* Maria de Azevedo, nascida na Baía, que tinha ajustado casamento com Jerónimo Sodré Pereira, o qual, havendo servido no exército na metrópole, passara depois ao Brasil.

13. *do Tesoureiro dos Defuntos:* conjectura Lúcio de Azevedo que esta quantia seria da herança da irmã Leonarda, falecida em 1664 em naufrágio com o marido e os filhos quando vinham para Portugal.

17. *meu irmão:* Bernardo Vieira Ravasco, secretário do Estado do Brasil.

O padre João Pimenta há-de falar a V. S.ª neste negócio; espero que, com o amparo de V. S.ª, se consiga de modo que tenha efeito, como terá, se a provisão se passar para que o pagamento se faça na
5 Baía, em qualquer das rendas ou efeitos que S. A. tem naquela cidade. Assim o espero do ânimo de V. S.ª, e que os três mil cruzados dos defuntos se entreguem ao padre Procurador Geral, que é testamenteiro dos órfãos e tem procuração de meus
10 irmãos e minha, para que eu tenha com que acudir a meus gastos e empenhos, que são muitos e cada vez será necessário serem maiores, depois que começar a ser requerente.

Tudo confio da protecção de V. S.ª, pois nunca
15 tive outra fiel e segura, nem maior necessidade dela que na ocasião presente.

Guarde Deus a V. S.ª muitos anos como desejo para amparo de desamparados.

Roma, 15 de Fevereiro de 1670. — Criado de
20 V. S.ª.

38.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, a 2-VIII-1670

Senhor. — A mesma falta de cartas de V. S.ª, em todos estes tempos, me dizia bem claramente a causa por que me faltavam; e, ainda que carecia do alívio de as ler, tinha a consolação do motivo,

1. *Padre João Pimenta:* procurador do Brasil em Lisboa.

bastando-me, para vingança desta minha ridícula fortuna, o verdadeiro e certo conhecimento de que só do coração de V. S.ª não triunfou a mudança do tempo. Há muito que conheço o mundo, e assim não estranho nada do que nele vejo, antes dou muitas graças a Deus por me reservar os desenganos para este último quartel da vida, em que, ao menos, o mesmo mundo se não gabará de me deixar antes de eu o haver deixado.

A carta da secretaria, que me pareceu muito de quem a ditou, recebi por via do Padre Procurador do Brasil, e a comecei e acabei de ler pela firma de S. A., que no afecto é o princípio e fim de todo o meu amor e adoração, assim como no discurso pudera ser o de todo o meu sentimento. Do ânimo de S. A., que V. S.ª tanto me assegura, nunca duvidei; porque não podia duvidar nem do seu juízo, nem da sua bondade, nem da sua grandeza; antes dou muitas graças a Deus por nos haver dado um príncipe tão senhor de suas acções, que prevaleçam nelas as razões da justiça; que estas devem de ser as do próprio desejo e afecto, que nas pessoas reais são tão poucas vezes dominados.

---

11. *de quem a ditou:* supõe Lúcio de Azevedo que o padre pensava aqui no secretário de Estado Francisco Correia de Lacerda, pois que, segundo a obra *Monstruosidades do tempo e da fortuna,* o valimento de Vieira com D. Pedro começou a baixar depois da nomeação de Francisco Correia de Lacerda para aquele cargo; era Francisco irmão do eclesiástico Fernando Correia de Lacerda, mais tarde nomeado bispo do Porto por D. Pedro II, autor de um libelo publicado em 1669 sob o pseudónimo de Leandro Dória Cáceres e Faria e com o título *Catástrofe de Portugal na deposição de El-Rei Afonso o Sexto.*

S. A. resolveu melhor do que eu soube pedir; porque, se o que peço é justo, ficará mais justificado sem a protecção do seu real favor; e, se o não é, fica menos arriscada a interposição da sua
5 autoridade ou de um seu ministro.

De Roma e Itália não dou a V. S.ª novas, porque não as há: mais as pudera dar a V. S.ª de Portugal, mas não as escrevo, porque não as creio; e certo que só para desfazer algumas delas se me
10 pudera dar em Roma uma pensão, com que pagar o aluguer desta minha cela. Nela vivo mais contente que o Papa no Vaticano; e, se me aconselhar com a minha comodidade, dela me levarão à sepultura, ainda que viva muitos anos. Só o esqueci-
15 mento de Portugal me pode levar a Portugal; mas, enquanto a minha memória tem lá a V. S.ª, é impossível este esquecimento.

Beijo mil vezes a mão a V. S.ª pelo favor que V. S.ª faz ao padre João Pimenta na causa daquela
20 órfã, sobre que me obrigou a falar a V. S.ª a piedade mais que o sangue.

O Padre Jorge da Costa haverá já chegado; não pôde levar as quintas-essências, porque não cabiam na maleta, havendo-se resoluto a ir por terra esco-
25 teiro; irão com o Núncio que fica de partida, e só

---

1. *eu soube pedir:* alusão ao pedido de recomendação para o embaixador, a que nos referimos numa nota à carta n.º 33 (p. 3, primeira nota).

20. *daquela órfã:* a irmã de Vieira, Maria de Azevedo, a que nos referimos em nota à carta n.º 37 (p. 16).

24. *escoteiro:* que viaja com pouco fardo ou sem bagagem, pagando escote pelo caminho para comida e bebida.

parece aguarda a vinda do Próprio, que há quinze dias começa a tardar. Sempre estou aos pés do Marquês, meu senhor, e do sr. D. José.

Deus guarde a V. S.ª como desejo, e os criados
5 de V. S.ª havemos mister.

Roma, 2 de Agosto de 1670. — Criado de V. S.ª.

Saberá V. S.ª que o Duque de Toscana e o Cardeal de Médicis, que está aqui, têm sentido com grande extremo a diferença que S. A. mandou usar
10 com o Embaixador de Sabóia a respeito do seu, que muitas vezes desejou aceitar do nosso Embaixador o tratamento que lhe faz o de Espanha e França, contanto que o não desigualasse aos outros embaixadores de testa não coroada. Isto se poderia
15 adoçar com o tratamento que S. A. desse ao novo Grão-Duque, na forma em que escrevi a V. S.ª; mas esta notícia, como digo, não passa de V. S.ª pelo inconveniente que só de V. S.ª fio.

---

2. *do Marquês... e do sr. D. José:* o marquês de Marialva, irmão de D. Rodrigo, e D. José de Meneses, filho deste.

7. *o Duque de Toscana e o Cardeal de Médicis:* o grão-duque Cosme de Médicis (que nesse ano sucedera ao pai, por falecimento deste) e o irmão, cardeal Fernando.

39.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 26-IX-1670

Senhor meu. — Grande é aquele mal que até para solicitar os alívios tira o alento. Tal foi o meu estado todo este mês de Setembro, em que, guarecido dos pés, me cometeu o humor à cabeça, com 5 terríveis dores de dentes e defluxão a uma face, que, ajudadas agora das novas águas e humidades, quando toda Roma sai a tomar no campo a refrescata, fico eu no da minha paciência, experimentando quão desigual é para juntamente resistir aos 10 sentimentos do corpo e aos do espírito.

Passando a estes, já me tenho queixado a V. S.ª da tirania do meu zelo, e da obstinação do meu amor, a que não bastam ingratidões, desenganos e

---

39. O destinatário desta carta, grande amigo de Vieira, de D. Rodrigo de Meneses e de outros partidários do infante D. Pedro, era jurista e foi um dos mais cultos diplomatas portugueses de todos os tempos; n. em Lisboa em 1618; seguiu a carreira da magistratura; quando o conde de Soure, D. João da Costa, foi nomeado ministro em França (1659), escolheu para seu secretário Duarte Ribeiro de Macedo, que lhe serviu de valiosíssimo auxiliar; em 1666, seis anos depois das negociações em França, publicou uma espécie de justificação do seu procedimento e do conde, na obra intitulada *Juízo histórico e jurídico sobre a paz celebrada entre as coroas de França e Castela no ano de 1660;* entretanto, fora despachado desembargador da Relação e Casa do Porto, sendo em 1664 promovido a desembargador da Casa da Suplicação e vindo então residir para Lisboa, onde viveu no meio

ainda desesperações, para não sentir os males de quem por vontade os quer e sem juízo os não melhora.

Aqui se diz que El-rei está livre na Ilha, e que
5 nós não estamos seguros de seus parciais em Portugal.

Escrevem os maiores ministros de Castela que agora era o tempo de recuperarem o seu, que assim lhe chamam. As cartas particulares do Reino não
10 dizem tanto; mas dizem alguma cousa, porque insinuam mistérios. O sr. Marquês tem cartas da ilha, que mostra, e eu também as tenho de alguns dos maiores ministros, com que defendo a nossa reputação nesta casa, que é um teatro de todas as

---

das complicações que se seguiram ao casamento de D. Afonso VI; em 1668 era enviado, como ministro residente, a França, onde se manteve até 1677; aí recebeu, pois, quase todas as cartas de Vieira a ele dirigidas que se incluem neste volume; entre as suas obras políticas destacaremos o *Discurso sobre a introdução das artes*, escrito em Paris em 1675, impresso no *Investigador Português* cerca de 1813, saído em volume em 1817 e incluso por António Sérgio na sua *Antologia dos Economistas Portugueses*, 1924; deixou também um escrito sobre a *Transplantação dos frutos da Índia para o Brasil*, assunto de que Vieira tratou com ele (v. p. 58 do 1.º vol. destas *Cartas*).

4. *que El-rei está livre na Ilha:* propalara-se em Lisboa que na ilha Terceira, para onde D. Afonso VI fora desterrado no mês de Maio do ano anterior, ocorrera um levantamento a favor dele, e que o monarca, liberto e aclamado, pedira socorro à Inglaterra.

11. *O sr. Marquês:* o 1.º marquês das Minas, embaixador em Roma, pai do que mais tarde se celebrizou na guerra da Sucessão de Espanha.

nações, e nem todas amigas: mas o que basta para os refutar a eles não é bastante para me convencer a mim.

Vejo ir o nosso Embaixador de Holanda a Inglaterra e oiço que há-de tornar; vejo eleger Embaixador da França (bem escusada eleição onde V. S.ª está), e que se escusam dela; vejo sair de Lisboa em uma esquadra tão pequena três cabos tão grandes; e sobretudo vejo a nossa desatenção e o nosso descuido, antes o cuidado que pomos em aumentar inimigos dentro e não conservar amigos fora, nem aplicar os meios com que só se concilia o respeito de uns e a constância dos outros. Dizem que temos valor, mas que nos falta dinheiro e união; e todos nos prognosticam os fados que naturalmente se seguem destas infelizes premissas.

Eu não quisera crer em profecias, como tão escandalizado delas; mas também não posso negar o

---

4. *o nosso Embaixador de Holanda:* D. Francisco de Melo Manuel da Câmara, embaixador à Holanda (1667-69) e depois à Inglaterra, onde Carlos II se negou a recebê-lo em audiência pública, derivando-se de aí uma estirada pendência, que veio a terminar por intervenção da França.

5. *embaixador da França:* o marquês de Fronteira, conde da Torre, nomeado três meses antes da data desta carta de Vieira.

7. *se escusam:* se desculpam, se justificam.

8. *uma esquadra:* pouco mais de um mês antes da data desta carta largaram de Lisboa quatro navios, que levavam por general Pedro Jaques de Magalhães, com o fim de escoltarem a frota do Brasil; não a encontrando, regressaram ao Tejo, quando já a frota buscada ancorara no porto.

que tenho visto e vou vendo. Se fiara mais deste papel, mandara a V. S.ª um em que há duzentos anos está escrito tudo o que vimos nestes quatro últimos, e só falta o que já se começa a dizer. Mas,
5 como tudo é para fins de grande glória de Deus, e daqueles a quem ele faz mercês acinte, não acabo de me desconsolar e desanimar de todo. V. S.ª, pelo que lhe merece o meu coração, me faça mercê de participar alguma coisa do que com isto pode ter
10 analogia, principalmente se são certas as resoluções que em nosso despeito se têm tomado, conforme dizem, em Inglaterra. A da Rainha, que Deus guarde, quanto ao divórcio, não posso crer, estando tão benquista do reino como o mundo publica. Mais
15 me temo do amor de seu irmão que do desamor de seu marido ou vassalos.

Esperamos ao sr. Bispo de Laon, a quem quisera mais capelos vagos, porque os Eminentíssimos, apesar dos anos, teimam a viver.

---

6. *acinte:* (advérbio) de caso pensado, com um fim especial (D. Duarte emprega a forma arcaica *ciinte).*

11. *despeito:* desprezo, desdém.

12. *Rainha:* D. Catarina de Bragança, mulher de Carlos II de Inglaterra, casada com este em 1662.

17. *Bispo de Laon:* o bispo-duque de Laon, César d'Estrées, tio da rainha D. Maria Francisca, era pretendente ao cardinalato, que só veio a conseguir em 1672, sendo essa a primeira nomeação que Portugal obteve pela graça chamada *nómina cardinalícia,* de que D. Pedro se aproveitou a favor do tio de sua mulher; foi ele que casou esta pela primeira vez na Rochela, acompanhando-a depois até Lisboa; Duarte Ribeiro de Macedo chama-lhe «prelado em quem as letras e as virtudes se recomendam igualmente com a antiga e ilustre nobreza de seu sangue».

O Padre Confessor da Princesa, nossa senhora, me dá boas esperanças do que tanto se deseja. O da Rainha de Castela está nesta casa, e todos os Castelhanos dizem lindezas sobre o matrimónio, em
5 cuja validade falam de maneira que se consideram hoje mais herdeiros de Portugal que em tempo de Filipe II. Por todos os modos nos fazem a guerra que podem, e onde têm tão poderosa parcialidade qualquer rumor basta, se não para produzir gran-
10 des males, para impedir grandes bens.

O Marquês trabalha com juízo, indústria e valor, e foi a mais cabal eleição que podia fazer Portugal; mas peleja com armas muito desiguais, ainda que

---

2. *boas esperanças:* da gravidez de D. Maria Francisca, que se esperava; o padre era o jesuíta Francisco de Villes; para quanto respeita à rainha, v. a obra do professor António Álvaro Dória, *A Rainha D. Maria Francisca de Sabóia*, da *Biblioteca Histórica*, Livraria Civilização, Porto.

3. *O da Rainha de Castela:* o padre jesuíta alemão João Everardo Nithard, confessor e valido da rainha viúva, D. Mariana de Áustria, esposa que fora de Filipe IV (m. em 1665) e mãe do jovem Carlos II, durante a menoridade do qual estava exercendo a regência (até 1675); dominada a rainha completamente pelo confessor, seu compatriota, nomeou-o inquisidor geral e primeiro-ministro, afastando do poder D. João de Áustria, filho natural do seu marido, que contava com muitas simpatias na nação; este conseguiu impor-se e obrigou a rainha a destituir o padre Nithard.

4. *matrimónio:* do regente D. Pedro com a cunhada, D. Maria Francisca.

11. *O Marquês:* o 1.º marquês das Minas, embaixador extraordinário ao papa desde 1669 (v. p. 22).

destrìssimamente meneadas. Esperamos o parto dos bispados, que em Portugal se suspiram com maior desejo do particular que zelo do comum.

Parece que o falar com V. S.ª alivia; mas a
5 cabeça e os dentes, que não se governam pelo racional, me obrigam a não ir por diante. Julgue V. S.ª como poderá prevenir papéis para a estampa quem não pode continuar tão poucas regras. Só por milagre da obediência poderei fazer alguma cousa, de
10 que darei conta a V. S.ª.

Guarde Deus a V. S.ª muitos anos como desejo.

Roma, 26 de Setembro de 670. — Capelão e criado de V. S.ª.

---

1. *o parto dos bispados:* a confirmação de bispos portugueses pelo pontífice, desejada pela Coroa Portuguesa desde a Restauração, e que o marquês das Minas então negociava; a contenda só de facto veio a terminar de todo em 1740, quando, no pontificado de Bento XIV, ficou assente que os provimentos das igrejas catedrais de Portugal seriam feitos com a cláusula *ad præsentationem* do soberano. O enviado de D. Pedro alegava que em Portugal, antes do regime dualista dos Filipes, a Santa Sé confirmava os bispos nomeados pelos reis com a cláusula *ad supplicationem* nos bispados antigos, mas que nos modernos, e bem assim nos das conquistas, era com a cláusula *ad nominationem seu præsentationem;* ora, com esta última cláusula é que passaram os papas, no tempo dos Filipes, a confirmar as nomeações de *todos* os bispados portugueses, tanto antigos como modernos, e assim pretendia D. Pedro que se continuasse, devendo-se declarar nas bulas que era sobre nomeação e apresentação do monarca que se faziam as confirmações.

7. *prevenir papéis para a estampa:* preparar os originais para a publicação dos sermões de Vieira, ordenada pelo Geral da Companhia de Jesus, o padre João Paulo Oliva.

40.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, a 23-II-1671

Senhor. — Muitos dias há que me faltam novas de V. S.ª, posto que eu as procuro por todas as vias, sem molestar nem querer tomar o tempo a V. S.ª, e me alegro com todo o coração de que Deus
5 conserve ao sr. Marquês e a V. S.ª a saúde que desejo, e que em meus sacrifícios e orações peço a sua Divina Majestade continuamente.

Vão os bispados no número e forma que V. S.ª verá. Sobre um só ponto, em que fui perguntado,
10 disse em secreto a V. S.ª o que me pareceu, com o zelo que devo ao serviço de S. A. que Deus guarde, e o desejo de sua maior veneração e autoridade, respeitos que nesta corte, cabeça do mundo, pelas atenções de todo ele, importam porventura mais do
15 que de longe se considera. Enfim se fez o que se ordenou se fizesse, e se perdeu a ocasião que não se poderá repetir em muitos séculos, se o mundo não der tantas voltas como neste nosso.

Estou seguro que aquele meu ditame não passaria
20 dos olhos de V. S.ª, e que aprovaria a cautela com que preveni que, nas cartas públicas, não fosse

---

8. *Vão os bispados:* solução, ainda imperfeita, do problema a que nos referimos na penúltima nota à carta anterior; ao que se infere, a fórmula adoptada desagradou ao patriotismo de Vieira, mas em Lisboa não suscitou descontentamento.

metido o meu nome, que não só bastará para me fazer mal a mim, mas para desacreditar qualquer matéria em que ele se possa cuidar teve alguma parte. Não era assim neste mesmo lugar, hoje faz
5 vinte e dois anos; mas, como estou tanto de partida para o outro mundo, melhor é dever obrigações aos defuntos que aos vivos.

Também escrevi ao Secretário de Estado, muito forçado e muito contra minha vontade, sobre o tra-
10 tamento do Grão-Duque de Toscana, parecendo-me que não perdia nada o nosso Príncipe em ter correspondência com quem todos os do mundo a têm tão particular, nem em mudar ou melhorar alguma cousa dos estilos antigos, a exemplo dos que assim
15 o fazem, estando mais longe e com iguais independências. O Imperador, El-rei de França, Castela e Inglaterra, todos lhe enviaram pessoas de grandes títulos e autoridade, a dar o pêsame da morte do pai e o parabém do estado; e, sendo que os reis
20 de Inglaterra o não tratavam de irmão, mudaram agora o tratamento, como V. S.ª verá da cópia inclusa, de que tive em minha mão o original.

Ah! senhor, que mal entendemos hoje em que consiste a verdadeira autoridade! Perdoe-me V. S.ª,
25 e consinta-me que diga que ainda lá nos não amanheceu. Há mais de trinta anos que tenho visto toda a Europa, e são tão cegos os meus olhos que vêem mais os que só viram o mundo no mapa, e o mar do Tejo. Não tenho paciência para ler as gaze-
30 tas do mundo, e ver falar nelas de todos os príncipes e reinos, e só do nosso um perpétuo silêncio, como se fora Portugal um canto de terra incógnita. Batalha França, Inglaterra e Holanda sobre a Índia, e nós, tendo paz e soldados, deixamos o

que tanto sangue custou aos Portugueses, e tanto e tanto desvelo aos reis, que nunca tiveram um herdeiro de tantas prendas como hoje têm. Confesso a V. S.ª que não posso considerar nisto sem grande dor, nem ouvir falar aos estrangeiros sem grande confusão. Todos cuidavam que, acabada gloriosamente a guerra de Castela, se haviam de pôr no mar as forças da terra, e que havíamos só tratar de recuperar o perdido, e de tirar o nosso das mãos de nossos inimigos, quando não fosse por ambição de honra, nem por cobiça de riquezas, ao menos por zelo da Fé. Torno a pedir a V. S.ª me perdoe, e que me não tenha por mais louco do que eu me conheço, pois estando na minha cela, e tão longe de Portugal, me dão cuidado estes pensamentos, quando são tão diferentes os daqueles a quem por tantos títulos pertencem.

Das prevenções de França, Inglaterra, Holanda e Alemanha terá V. S.ª mais breves e frescas notícias, posto que aqui vêm parar todas com maior certeza, e não se discorrem com menor juízo. As do Turco, Polónia e Hungria, como mais vizinhas, prometem grandes novidades na Primavera, de que se esperam outras consequências, em que eu não falo mas oiço falar muito a pessoas entendidas e santas. O certo é que, se há Deus e Providência, não pode esta tardar.

Tenho feito diligência pelo santo lenho, da segurança que V. S.ª deseja, e bem cuidei que o pudesse enviar nesta ocasião, mas ainda me não têm deferido.

Aqui estou sempre aos pés de V. S.ª e do sr. Marquês com o mesmo coração. Fico tratando da canonização dos mártires, em que brevemente se tomará

a última resolução, depois da qual saberei o que há-de ser de mim.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo. Roma, 23 de Fevereiro de 1671. — Criado de
5 V. S.ª.

41.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 30-VI-1671

Senhor meu. — Não me faltam também há muitos dias novas de V. S.ª por eu as não procurar, mas também na terra há naufrágios. Aqui me informei e me disseram que, mandando-as francas, pas-
10 sariam em paz de Lião até Paris; mas experimentei o contrário.

Esperava pelo sr. Duque de Laon para ter as estradas mais seguras, como entendo que esta as terá. Dito senhor chegou com boa saúde, está muito
15 bem alojado no melhor palácio de Roma, de onde ainda não sai nem recebe visitas públicas, suspeito que por se ajustarem entretanto os tratamentos.

S. Ex.ª me admitiu e fez toda mercê que se podia esperar e prometer um criado a quem a Rainha
20 nossa senhora faz tanta, por sua benignidade e grandeza.

---

12. *Duque de Laon:* ou, antes, duque d'Estrées, irmão mais velho do bispo de Laon e embaixador de França.

19. *a quem a Rainha:* explica esta frase o ser a rainha sobrinha do duque.

Falámos muito em tudo, e em V. S.ª não pouco, sentindo quanto se deve que, havendo S. A. que Deus guarde ter ministro em Roma, se não considerasse quanto V. S.ª estava mais perto que todos
5 e diante de todos. Mas assim há-de ser para que em nada acertemos, e procedamos coerentemente em tudo, sem outra solução que a de saber mais o sandeu no seu que o sisudo no alheio, como se as cousas de Portugal foram menos nossas, dos que
10 por cá andamos, que dos que só lhes podem chamar suas porque as logram e dispõem delas como absolutos senhores, por não dizer possuidores injustos.

A maior pena que aqui padeço é ouvir falar em Portugal, porque todas as nossas acções desmere-
15 cem a nossa fortuna, quando a pudéramos por todas vias adiantar ao sumo auge da felicidade e grandeza. Mas, como o que há basta para a ambição dos presentes, não querem aventurar nada com a esperança, porque possuem o que nunca esperaram.
20 Se aqui me pudera consolar com V. S.ª, fora um grande alívio; mas nem esse posso ter, porque não há por cá quem se desconsole. Deus lhe faça bem com o seu pouco, e lhe o sustente por muitos anos, como ele só sustenta, obrando, como na criação do
25 mundo, sem concurso de causas segundas.

Ontem busquei ao sr. Marquês Embaixador para lhe apresentar o livro de V. S.ª, mas não estava em casa, onde lhe o deixei a bom recado para que pudesse responder neste correio. Ao abade Fran-

---

3. *ministro em Roma:* havia sido nomeado Residente Gaspar de Abreu de Freitas, transferido de igual posto em Londres.

cisco de Azevedo dei o que lhe tocava, e o seu ao padre Bento Pereira, que muito estimaram.

Eu li os meus de dois fôlegos, que a doçura do estilo não me consentiu fazê-lo com menos sofre-
5 guidão. Aprendi muito, e o maior encarecimento que posso dizer do meu gosto é que não invejei nada, sendo que conheci que não sei falar português. Não sei se faz bem aos príncipes saberem que têm tão altas descendências!

10 O caso de Odivelas, com que foi recebido o Núncio, nos tem suspensos por todas suas circunstâncias: estimarei que V. S.ª me diga o que por lá se sabe ou se suspeita, porque aqui chegou alguma carta que dá a entender podia ser o furto católico,
15 não por fazer desacatos, mas para mostrar os que já se fizeram e podiam temer.

Queimando-se um palácio na antiga Roma, e vendo um senador que estavam muitas mulheres chorando, mandou-as buscar água ao Tibre, dizen-

---

3. *os meus:* como acertadamente supõe Lúcio de Azevedo, os livros deveriam ser o *Panegírico histórico e genealógico da Sereníssima Casa de Nemours* e o *Nascimento e genealogia do Conde D. Henrique,* impressos em Paris em 1669 e 1670, respectivamente.

10. *O caso de Odivelas:* certa manhã, poucos dias depois da chegada do núncio a Lisboa, apareceu violado o Sacrário da igreja do mosteiro de Odivelas; veio mais tarde a saber-se que fora caso de simples roubo por um cristão-velho, que levara os vasos sagrados e outras alfaias; mas o ódio fanático da gente atribuiu logo o acto a intuito de profanação de cristãos-novos; quase dois meses depois da data da presente carta era ordenada a expulsão de todas as criaturas penitenciadas pelo Santo Ofício desde o último perdão geral (1605), pena que

do-lhes que com esta se podia apagar o fogo, e não com a das suas lágrimas. Sabemos chorar e não sabemos pôr remédio. Enlutamo-nos por um desacato público, e não olhamos para os ocultos que
5 mandamos fazer por obrigação a quem não tem vontade disso. Senhor meu: já que V. S.ª não vem a Roma nem eu posso ir a França, entenda-me V. S.ª, e compadeçamo-nos ambos do que entendemos.

10 Em Módena me dizem agora que sucedeu um notável terramoto. Aqui tudo está quieto, e, posto que S. Santidade não fez a função de S. Pedro, dizem que passa com melhor saúde do que a sua idade prometia e seus sucessores desejam.

15 Deus guarde a V. S.ª muitos anos, como havemos mister.

Roma, 30 de Junho de 671. — De V. S.ª capelão e criado.

---

abrangia os filhos dos que haviam abjurado sob veementes suspeitas de heresia, e os filhos e netos dos que tinham confessado, isto é, milhares de pessoas vivas e até muitos dos que estavam por nascer (decreto de 22-VI-1671); o generoso e inteligente Vieira logo pensou em intervir, reiterando os seus antigos projectos relativos ao tratamento dos cristãos-novos e preconizando que se desse aos não católicos a plena liberdade em matéria religiosa. Em breve se reconheceu a dificuldade de aplicar a pena, que nunca se executou; as expulsões, aliás, não convinham aos interessados no funcionamento do Santo Ofício, porque os privavam de fontes de rendimento.

5. *que mandamos fazer por obrigação:* forçando os cristãos-novos às práticas da religião católica em que não criam.

42.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, a 18-VII-1671

Senhor. — Não é necessário que me retardem tanto as cartas de V. S.ª, para que eu as espere com ânsia, e as receba com sumo gosto, e ache nelas todo o alívio e consolação. O Padre Pimenta me
5 tinha alvoroçado com a esperança destes dois correios antes; alfim chegou, por que beijo mil vezes a mão a V. S.ª.

A segurança, que V. S.ª me dá, de S. A. que Deus guarde me ter em sua graça, estimo quanto
10 ela merece; mas muito mais estimo ainda, se pode ser mais, as novas que V. S.ª me dá de suas acções e resoluções, e de Deus ter singularizado a nossa idade e a nossa nação com um tão excelente príncipe.

15 Mas é tal a ambição de meu amor que ainda me não satisfaço; porque isto que V. Ex.ª e eu conhecemos quisera o conhecera o Mundo, e que não se ouvira outro nome nem andara outro príncipe na boca da fama senão o nosso. Tem os maiores e
20 melhores vassalos do Mundo (e bastava ter-se a si); não os tenha ociosos. Olhe para o mapa, tome os compassos a Portugal e meça os outros reinos da Europa, e não se estreite um tão grande coração a tão pouca terra. Para conquistar as do Turco é
25 necessário primeiro recuperar as suas.

---

25. *primeiro recuperar as suas:* sempre dominado pela fantasista ideia do quinto império, que as profecias, em

A Holanda chegaram doze naus da Índia e se esperam sete. A Londres chegou nau de Bombaim, partida em fins de Novembro, e não era chegado a Goa o Vice-Rei nem navio algum da sua conserva:
5 lembro-me dos rios de Cuama; mas receio-lhe o invernar em Moçambique.

Vejo que V. S.ª me diz que não se regam estes pensamentos com as águas do Tibre; mas admire-se V. S.ª de que se não tenham murchado com as do
10 Tejo. De lá saí e lá estou e sempre aos pés de S. A., ainda que tão pisado.

Muita honra me faz S. A. em me mandar estampar os meus sermões; mas também me houvera mandar um seguro (se é que me poderia valer para
15 com esses senhores) de que os não proibirão os Inquisidores de Portugal, quando os têm aprovado os de Roma e de Espanha. Não posso alcançar tal diferença, se existe nos ânimos e nas vontades, se na capacidade e inteligências.
20 Obedecerei a S. A. e imprimirei sermões quando devera escrever apologias. Desejei fazer um sobre o caso de Odivelas, e ponderar as causas desta permissão em tempo de um príncipe tão pio, tão

---

seu entender, prometiam a Portugal, opinava Vieira que antes disso cumpria recuperar as praças que no Oriente nos haviam tomado os Holandeses.

5. *rios de Cuama:* as bocas do Zambeze.

21. *apologias:* defesas, justificações da sua própria pessoa contra as acusações e condenações pelo Santo Ofício.

22. *o caso de Odivelas:* v. a penúltima nota à carta anterior (p. 32).

zeloso, tão vitorioso e tão desembaraçado de guerras. A primeira é para que deste sacrilégio público se arguam os sacrilégios secretos. A segunda, para que S. A. se resolva a remediar eficazmente tantas ofensas e desacatos de Deus, no Reino de que o fez senhor.

Muito me edificam os lutos; mas muito mais me edificara o remédio; e não sei se bastarão a aplacar a Deus as procissões, quando se falta às execuções. Alimpe S. A. o seu Reino, e o contágio da Fé, e a honra da Nação, e o escândalo do Mundo, e ouça os meios e escolha o que for melhor para tudo. Se S. A. o fizer assim, será o seu reinado no Céu e na Terra o mais glorioso, e vencerá a fama de todos os reis seus progenitores. Dera eu agora todo o sangue das veias por uma hora dos pés de S. A., sem outra testemunha do que dissesse mais que V. S.ª, entendendo que, se fosse ser mártir ao Japão, não faria tão grande serviço a Deus nem tão grato sacrifício.

O padre Juzarte não chegou ainda a Itália.

V. S.ª me tenha na sua graça e na do sr. Marquês, e Deus guarde a V. S.ª muitos anos com as verdadeiras felicidades que a V. S.ª desejo.

Roma, 18 de Julho de 1671. — Criado de V. S.ª.

---

21. *O padre Juzarte:* Pedro Zuzarte, missionário na Índia, para onde fora em 1641.

43.

Ao Príncipe D. Pedro

De Roma, a 7-IX-1671

Senhor. — No maço do Residente escrevo pela secretaria a que será presente a V. A. Nesta darei conta de algumas circunstâncias que não convém passem à notícia dos ministros, para melhor execução do que V. A. me tem ordenado.

Entreguei ao Padre Geral a carta que V. A. foi servido mandar-lhe escrever; e ele, depois de considerar dois dias a matéria, me disse ontem sentia grande repugnância em me apartar de si e de Roma, não só pelo afecto que me tinha, mas principalmente pelo serviço e crédito da Religião, e pelo desprazer que disso teriam muitas das maiores pessoas desta Cúria; e sobretudo porque havendo mudança de pontificado, em caso que o houvesse também no prègador do Vaticano, como muitas vezes acontece, tinha ele por mais provável que concorreriam os votos de todos os cardeais a que se me desse aquele lugar, o qual seria de igual honra para a Companhia e para a Nação; e que, se a cousa estivesse nestes termos, ele se havia de atrever a replicar a V. A., pedindo-lhe por mercê me deixasse ficar em Roma. Porém que, sendo esta esperança dilatada e contingente, a sua resolução era que ele e eu obedecêssemos logo a V. A., metendo-se só de permeio aquele tempo que for necessário para se ver conseguir o modo com que

eu possa ir seguro de alguns inconvenientes, que me podem prejudicar, e ao mesmo serviço e intento de V. A., o qual, e a honra que V. A. me faz e quer fazer, ficaria frustrada e exposta a um efeito
5 tão contrário; e que assim o havia de representar a V. A., ou em carta pública por termos gerais, ou em outra secreta com mais particular expressão.

Até aqui as palavras formais e resposta do Padre Geral, em que eu não pude negar a força da última
10 razão, a qual só, sem fazer caso de nenhuma das outras, represento a V. A., para que V. A., sobre a verdadeira suposição dela, seja servido mandar--me ordenar ou significar pelo portador desta o que for mais do seu Real agrado; porque afirmo a V. A.,
15 com toda a verdade e sinceridade de fiel criado, e com todo o afecto do meu coração, que ainda com este risco, e qualquer outro de honra e de vida, o meu maior e único desejo é ver-me aos Reais pés de V. A. tanto mais cedo quanto for
20 possível, e que não há cadeias, por mais douradas que se representem, as quais me possam deter um momento, para que por mar, por terra e pelos ares, não siga o menor aceno da inclinação e vontade de V. A., não só pela obrigação de vassalo ao seu
25 príncipe, mas pelo afecto e adoração à pessoa de V. A., a quem depois de Deus mais venero e amo.

O mesmo Senhor guarde a Real pessoa de V. A.,

---

1. *possa ir seguro:* pretendia Vieira ser isento pelo papa da jurisdição do Santo Ofício em Portugal, temendo que este voltasse a persegui-lo; o que, efectivamente, veio a alcançar quando se retirou de Roma (v. no 1.º vol. o nosso prefácio, p. CI).

como a Cristandade e os vassalos de V. A. havemos mister.

Roma, 7 de Setembro de 1671.

44.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, a 24-X-1671

SOLI

Senhor. — V. S.ª não estranhe a cláusula, porque é a com que na nossa Religião se escreve aos prelados, quando a carta não há-de passar a outros olhos nem ouvidos.

Recebi a de que V. S.ª me fez mercê, escrita em 31 de Agosto, e a li com tanto agradecimento como dor, a qual me atravessou a alma tantas vezes quantas li o nome de S. A., que Deus guarde. V. S.ª me segura a sua graça, e eu mereço a S. A. toda, porque ninguém ama e adora a sua pessoa, nem estima a sua fama, nem deseja a conservação, felicidade e aumento de sua monarquia mais que eu; e digo mais e no tanto, porque falo com V. S.ª, a quem só reconheço igualdade neste afecto.

---

6. *não há-de passar a outros olhos nem ouvidos:* o assunto desta carta era muito perigoso e delicado, por colidir com os interesses e as paixões da imensa maioria dos Portugueses; e Vieira precisava, ao tratá-lo, de extrema cautela e tacto político, até nas relações com os seus amigos mais chegados; adiante repete a recomendação, ao escrever «*Soli, soli,* outra vez».

Manda-me V. S.ª diga o que sinto acerca do caso de Odivelas, e remédio de semelhantes escândalos. Confesso a V. S.ª que no mesmo dia em que chegou a nova, com a sagrada hóstia nas mãos me senti inspirado a dizer o que se me oferecia; mas, considerando que as razões que eu dissesse bastava serem minhas para que não se aceitassem, me pareceu melhor deixá-las à ventura de que ocorressem a outros sem este perigo, posto que, segundo a cópia do decreto que cá chegou, vejo que não ocorreram ou não foram recebidas, com que me cresce novo motivo de desconfiar delas. Contudo, porque V. S.ª me manda e falo com V. S.ª, farei conta que não passam de mim; e assim direi brevìssimamente o que diante de Deus julgo por mais conveniente ao seu serviço, e ao de S. A. que é o mesmo.

Os danos, Senhor, que experimentou atégora Portugal com os Cristãos-Novos, se reduzem principalmente a cinco. Primeiro: a contagião do sangue pela mistura com os Cristãos-Velhos. Segundo: os sacrilégios ocultos que são infinitos e sabidos. Terceiro: a infâmia da Nação, pela língua que falam, em todo o Mundo. Quarto: a perda das Conquistas, com a extensão da heresia e impedimento da propagação da Fé, pelo que ajudam as armas e o poder dos hereges. Quinto: a diversão e extinção do comércio, cujas utilidades logram os estrangeiros, assim pelos mercadores que têm em Portugal, como pelos cabedais dos Portugueses,

---

1. *o caso de Odivelas:* v. a penúltima nota à carta n.º 41, p. 32.

que por medo da confiscação trazem seguros em todas as outras praças de Europa.

Estes inconvenientes se pretenderam atégora evitar por meio da Inquisição, mas posto que este tribunal seja santíssimo e ùnicamente necessário para a conservação e pureza da Fé, a experiência tem-nos mostrado que não basta só ele para o remédio, e a mesma experiência ensina que, quando um remédio não aproveita, se devem buscar outros mais eficazes, como S. A. com tanta piedade e prudência resolveu se fizesse.

Se os meios que se propuseram e se têm decretado foram suficientes para acudir a estes inconvenientes, não havia mais que desejar. É porém certo que, excepto o primeiro dano dos casamentos, que em parte se remedeia, todos os outros não só ficam em pé, mas com muito mais danosas e evidentes consequências, assim para a mesma Fé como para o Estado.

Se é este o comum sentir de Roma e de toda a Europa, informe-se S. A. de seus ministros. Eu só posso testemunhar desta casa, que, como já disse a V. S.ª, é uma abreviatura do Mundo. Ao Padre Assistente e mais portugueses que aqui nos achamos parece que a dita resolução se não devia tomar, e muito menos executar-se, pelos manifestos inconvenientes dela, a que não chamam menos que perdição do Reino e das Conquistas. O mesmo sentem os padres italianos, franceses e alemães, não com

---

12. *os meios... que se têm decretado:* o decreto de expulsão de 22-VI-1671, de que falámos na penúltima nota à carta n.º 41 (v. p. 32).

pouca admiração do decreto, ainda que com grande reverência do zelo de S. A. Só os Castelhanos por dentro estimam muito esta expulsão, não só pelo que experimentam na sua dos Granadinos, mas
5 porque consideram a diferença e consequências que se lhe podem seguir, tirados de Portugal e passados a Castela os que com os seus cabedais sustentaram a guerra.

Suposto isto, o meu voto seria uma doutrina
10 muito alta, mas em matéria muito baixa, como é a de que se trata, e que muito claramente demonstra tudo. O esterco (diz Santo Agostinho) fora do seu lugar suja a casa, e posto no seu lugar fertiliza o campo: e, aplicando-se a doutrina e semelhança
15 ao nosso caso, com o maior dos doutores digo, Senhor, que os Judeus se tirem de onde nos sujam a casa, e que se ponham onde nos fertilizem o campo. Assim o faz o Papa, e a Igreja Romana, que é a regra da Fé e da Cristandade, tirando desta
20 permissão muitos proveitos espirituais, e evitando muitos inconvenientes temporais. Lancem-se de Portugal os Judeus, os sacrilégios, as ofensas de Deus, e fiquem em Portugal os mercadores, o comércio, a opulência, e tenham de aqui por diante
25 separados a doutrina, que nunca tiveram atégora, e os que se converterem serão verdadeiros cristãos, e os demais importa pouco que vão ao Inferno de

---

12. *o esterco:* as expressões deste género (como, um pouco adiante, a de *imundície)* parece-nos deverem-se, na pena de Vieira, a simples motivos de táctica política, por ter ele de tomar em conta os sentimentos e preconceitos das pessoas a quem se dirigia.

aí ou de outra parte, como de aqui vão também aos pés de S. Pedro.

Pergunto a V. S.ª pelo amor de Deus, pelo amor da Fé e pelo amor do Príncipe: Qual é melhor?
5 Judeus declarados, ou judeus ocultos? Judeus que casem com Cristãs-Velhas ou judeus que não casem? Judeus que confessem e comunguem sacrìlegamente, ou judeus que não façam sacrilégios? Judeus que afrontem a Nação, ou judeus que a
10 não afrontem? Judeus que enriqueçam Itália, França, Inglaterra e Holanda, ou judeus que enriqueçam a Portugal? Judeus que com seus cabedais ajudem os hereges a tomar as conquistas e impedir a propagação da Fé e propagar a heresia,
15 ou judeus que com os mesmos cabedais ajudem as armas do príncipe mais católico a recuperar as mesmas conquistas e dilatar a Fé por todo o Mundo? Assim o tinha determinado El-Rei, que está no Céu, e não o fez porque não tinha paz
20 nem acesso ao Pontífice.

Mais, Senhor, é certo que a heresia é mais contagiosa que o Judaísmo: antes o Judaísmo não é contagioso, e a heresia sim e muito, como se experimenta com todas as nações da Europa, onde

---

20. *nem acesso ao Pontífice:* a Santa Sé recusou-se a reconhecer a independência de Portugal, a receber embaixador de D. João IV e a confirmar os bispos apresentados por este; tal reconhecimento só se realizou depois de a própria Espanha o ter feito, e durante a regência de D. Pedro; pelo breve *Ex litteris* de Clemente X (19-VII-1670) foi enfim anunciado ao príncipe regente que o marquês das Minas fora recebido na qualidade de embaixador extraordinário do nosso país.

tantos se fazem hereges, e nenhum judeu. Pois se Portugal em Lisboa, e em todas as praças do Reino, permite hereges ingleses, holandeses, franceses, alemães, que vivem com liberdade de consciência, misturados com os católicos sem sinal e distinção, só pelas utilidades do comércio, que não são utilidades senão destruição dele; por que razão, pelas utilidades do mesmo comércio, se não permitirá o mesmo aos Judeus portugueses, estando não misturados, senão separados como em Roma, e com sinal por onde sejam conhecidos, com obrigação (como aqui) de ouvirem prègações e doutrinas, em que se impugne a sua seita?

Vejo que só se pode opor que os judeus de Portugal são baptizados, mas também são baptizados os calvinistas de França, e por justas causas se lhes permite a dita liberdade, e assim se pode permitir aos ditos judeus; propondo-se as causas ao Pontífice, que é o legítimo juiz desta matéria, e quando ele o resolva, ficam seguras as consciências do Príncipe e seus Ministros, e livres de todo o escrúpulo, não deixando de o haver muito grande em algumas cousas que no decreto se tem resoluto, fundado sobre uma presunção muito duvidosa.

O modo da execução é assinalarem-se bairros, onde esta gente viva, e certo tempo em que se declare, sendo moralmente infalível que todo o que for judeu (pois se não afrontam antes se prezam

---

7. *senão destruição dele:* segundo Vieira, a actividade dos judeus portugueses era útil à nossa economia, e a dos estrangeiros residentes em Portugal, pelo contrário, nociva; v. adiante a carta n.º 45.

da sua lei) se declarará, como fazem em toda a parte onde têm a dita liberdade: e os que forem verdadeiros cristãos serão conhecidos por tais, ficando sujeitos às penas do Santo Ofício, como
5 atégora.

Isto é, Senhor, resumidamente o que me parece, e que esta imundície, que atégora se sofreu com tanta indecência, se lance em lugar separado, como faz a economia nas casas, a política nas cidades,
10 a natureza nos corpos, e a utilidade e o remédio nos campos; e se acaso a V. S.ª se oferecer algum reparo, como têm todas as cousas grandes, creio e espero que não será de tanto momento que possa entrar em peso com a pureza da Fé, limpeza do
15 sangue, honra da Nação, opulência do Reino, recuperação das conquistas, conversão da gentilidade, e infinitas outras consequências do serviço de Deus e salvação das almas, não só dos cristãos e gentios, senão ainda dos mesmos judeus, como
20 aqui se experimenta, seguindo-se do contrário tantos inconvenientes e perigos, quais se podem temer a um reino pobre, e que de vassalos úteis faça inimigos poderosos, tendo tantos e tão vizinhos.

25 A matéria não era para tanta brevidade; mas falo com V. S.ª, ficando certo que, quando V. S.ª

---

11. *e se acaso a V. S.ª se oferecer algum reparo:* este passo denuncia bem, ao que nos quer parecer, a necessidade de táctica política, por parte de Vieira, a que nos referimos numa nota anterior, já que os próprios amigos do padre participavam dos preconceitos contra os cristãos-novos.

reprove este pensamento, não deixará V. S.ª de conhecer que tenho visto muito mundo e ouvido aos maiores homens dele, estudado alguma cousa, e sacrificado a vida à propagação da Fé e padecido muito por ela, e que só tenho no coração a glória de Deus, o serviço e honra do meu príncipe, e a conservação e aumento da sua monarquia, sem nenhum outro interesse humano.

Olhemos sòlidamente, e não por apreensões do vulgo, para o que verdadeiramente é Fé e Religião, e servir a Deus e aumentar sua honra, e evitar pecados e salvar almas; e se o Príncipe, que Deus guarde, quiser tudo isto, e ser juntamente o mais poderoso monarca do Mundo, use da ocasião que tem entre mãos, e sem mais despesa que o seu beneplácito o poderá conseguir. *Soli, soli,* outra vez. E Deus me guarde a V. S.ª muitos anos como desejo.

Todos os dias digo missa pelo Príncipe, para que Deus o alumie nesta ocasião, e o faça tão grande propagador da sua Fé sobre todos os do mundo, como o extremo do seu zelo e piedade merece.

Roma, 24 de Outubro de 1671.

---

1. *quando V. S.ª reprove este pensamento:* o passo confirma, ao que se nos afigura, a necessidade de cautela a que nos referimos anteriormente.

45.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, a 21-XI-1671

Senhor. — No correio passado obedeci a V. S.ª; neste respondo ao restante da carta, que toda vem cheia das seguranças, que V. S.ª me dá, da graça de S. A.: e verdadeiramente, Senhor, para me sustentar nesta fé bem necessárias são tantas escrituras, e que estas sejam da autoridade e verdade de V. S.ª, que eu tenho por infalível, havendo-me desenganado de todos os outros oráculos, na pouca certeza de suas promessas e manifesta mudança ou esquecimento de seus afectos, que em alguns pudera eu chamar obrigações. Mas como havia a fénix de ser única? Sofra-me V. S.ª que cuide que só V. S.ª nasceu em Portugal, e que nasceu de si mesmo.

Aqui não há novidade mais que haver morto o cardeal Celsi, que no conclave passado teve muitos votos de papa: e, com serem quatro os capelos vagos, ainda não saem as nomeações que S. Santidade reservou *in pectore*, porque se não pode satisfazer com este número a todos os empenhos das coroas e da casa reinante que, para continuar a sucessão e séquito, deve multiplicar criaturas.

---

11. *fénix:* ave fabulosa da mitologia, única, por cujo nome se indica qualquer pessoa ou cousa muito rara e como que única da sua espécie; cremos possível que Vieira houvesse escrito (ou houvesse querido escrever): «Mas como havia a fénix de *não* ser única?»

20. *casa reinante:* a casa Altieri, a que pertencia o papa de então (Clemente X, Emílio Altieri), e, por adopção, o ministro, cardeal deste nome.

Desejara eu em Roma parte do zelo de S. A., e em Portugal parte das atenções de Roma. Nem nos lembramos do passado, nem olhamos para o futuro, nem dispomos o presente. Desgraça grande 5 é, e parece fatalidade, que nos não dê cuidado nem o ódio de Castela, nem o desamor de Inglaterra, nem a cobiça de Holanda, nem os intentos de França, quando a todos devemos temer igualmente, e mais aos mais distantes.

10 Diz-me V. S.ª que estamos faltos de cabedal, e não podia o juízo de V. S.ª deixar de conhecer que este é o fundamento do poder, da autoridade, do respeito e da conservação de todas as monarquias. E que meios são, senhor, os que nós apli- 15 camos ao aumento deste cabedal, quando o pouco que temos o levam Genoveses, Franceses, Ingleses, Holandeses, e quantas nações há na Europa, afora o que nos rouba África? A pior circunstância que isto tem é o meu coração, e desvelarem-me estas 20 considerações em Roma e na minha cela, quando tinha tantas razões de o amor de Portugal se me converter em ódio, e as memórias em detestações. Mas, quando me haviam de doer as minhas bofetadas, doo-me só das suas.

25 A pessoa de maior autoridade, de maiores letras e de maiores merecimentos que tem Roma, com lugar em todos os tribunais e o primeiro da casa do Pontífice, me perguntou um destes dias se era certa a resolução que se dizia em Portugal. E, enfei- 30 tando eu o melhor que pude, respondeu: «Como era possível que se intentasse uma tal loucura, uma

---

29. *enfeitando:* dissimulando.

tal injustiça e uma tal impiedade»? São palavras formais. Dizem todos os italianos que temos muito valor, mas que não temos nenhum juízo nem governo. Eu, contudo, espero que Deus há-de
5 ajudar o bom zelo de S. A. e de seus ministros, posto que os exemplos ditam o contrário. Falo a V. S.ª com esta clareza e sinceridade, porque falo só com V. S.ª, e V. S.ª me o ordena assim.

Aqui chegou e está o padre Juzarte, que ama
10 a S. A. e tem tantas obrigações particulares para isso, e outro padre, que por via de Inglaterra veio da Índia, igualmente zeloso e amante do Reino; e, como mais noticiosos do Mundo, ambos lamentam o que eu há mais tempo choro. Dizem que
15 todos os gentios da Índia têm ódio mortal aos Holandeses e suspiram por nós e dizem: «Portugueses, porque dormis, porque nos não vindes resgatar desta tirania»? Quando foi das guerras de Inglaterra com Holanda, em que lhes não foram
20 socorros, todos os reis gentios se alegravam e faziam particulares favores aos cristãos, e diziam os mesmos Holandeses: «Olham para o sol que nasce», dando-se por perdidos.

Hoje recebi carta de Duarte Ribeiro, em que dá
25 por quase certo que os aparatos de França desar-

---

1. *uma tal injustiça e uma tal impiedade:* a expulsão dos cristãos-novos confessos de judaísmo (v. a penúltima nota da carta n.º 41, p. 32).

9. *o padre Juzarte... e outro:* o padre Pedro Zuzarte, a que nos referimos na última nota à carta n.º 41, e o padre Baltasar da Costa, que fora provincial do Malabar; ambos jesuítas.

25. *que os aparatos de França desarmarão sobre Holanda:* com efeito, uns seis meses depois da data desta

marão sobre Holanda. E que mau seria que agora tivéssemos na Índia poder com que os lançar fora? Torna V. S.ª a me dizer que não há cabedal, e eu torno a dizer a V. S.ª que sim há, porque o pode
5 haver; e, deixados os meios que estão das portas a dentro e queremos deitar fora, tudo o que vier das Conquistas gaste-se nelas, e faça S. A. conta que não vieram naus da Índia nem frotas, ou que se perderam, como tantas vezes se têm perdido;
10 e, se gritarem os interessados, trate-os S. A. como loucos, pois não entendem que se lhes tira um interesse menor para se lhes dar outro maior, e lhes o conservar para sempre. Não é vergonha que se diga pelo Mundo todo que, para El-rei de Portugal
15 pagar um correio, é necessário que se vá pedir emprestado à Rua Nova?

Seja S. A. rei, seja rico, seja poderoso, mande aperfeiçoar as fortificações que se perdem, tenha muita cavalaria no seu Reino, e extinga-se, como
20 em França, a maldita espécie dos jumentos; ponha poderosas armadas nos seus mares, e cuide-se só nisto, e verá S. A. se lhe regateiam as cortesias a seus embaixadores, se lhe guardam os privilégios

---

carta, Luís XIV desencadeava a campanha contra a Holanda, com cento e vinte mil homens comandados por Turenne e por Condé.

5. *os meios que estão de portas a dentro e queremos deitar fora:* os cristãos-novos.

20. *dos jumentos:* para que não diminuísse no país a quantidade de cavalos, necessários para a guerra; já no ano anterior se determinara que tão só os eclesiásticos e magistrados se servissem de muares para sela.

22. *as cortesias a seus embaixadores:* alusão ao conflito diplomático com a Inglaterra, resultante de que, no mês anterior ao desta carta, se recusara o soberano

de seus antepassados em Roma, e se é respeitado e temido em todas as partes do Mundo, e se ganha mais almas e mais fé em um dia que agora em muitos anos. Oh! se V. S.a ouvira rir aos mais
5 santos e mais doutos homens do Mundo das implicações a que nós chamamos zelo da Fé, perdendo milhares de léguas dela quando cuidamos que queremos conservar polegadas! No que também nos enganamos, com a cegueira que todo o mundo vê
10 e abomina, e só nós não vemos porque nos fecham os olhos.

A única regra da fé que Deus deixou no mundo é o Papa. Ponha S. A. estes negócios e a sua consciência e a dos seus ministros eclesiásticos nas mãos
15 do Vigário de Cristo; veja ele as leis, examine os estilos, informe-se da verdade inteiramente, e se mostrar que há injustiça emende-se, e ajude a isso um príncipe tão justo e filho de um rei tão justo: e se, pelo contrário, se achar que há justiça, con-

---

daquele país a receber, como tal, o embaixador extraordinário que lhe enviara D. Pedro; alegava Carlos II não se achar suficientemente esclarecido sobre as causas da mudança de governo no nosso país, nem do poder em virtude do qual o príncipe D. Pedro governava o Reino, pelo que fez o embaixador um extenso relato dos sucessos, não só para instruir o monarca sobre a verdade dos factos, mas também (acrescentava) para destruir os sinistros informes que sobre eles se haviam difundido em Inglaterra.

1. *em Roma:* alusão à recusa, pela Santa Sé, de confirmar os bispos; v. a nota da p. 43.

16. *os estilos:* isto é, as praxes processuais da Inquisição em Portugal, muito diferentes (para pior) das seguidas nos Estados do papa; v. adiante a nota à carta n.º 60.

tinue-se e acrescente-se mais, se assim convier ao bem da Fé e da Religião. El-rei que está no Céu o queria fazer assim, e o deixou escrito e firmado de sua letra e sinal, que está em Roma, e se naquele
5 tempo não teve efeito foi porque não foram recebidos seus embaixadores; quem não quiser isto, como El-rei queria, ouvidas as partes, não quer justiça.

Acabo com o que disse aqui um grande teólogo:
10 «Fazem isto os Portugueses, e o pior é que se não hão-de confessar disso». Só digo que esta será a última palavra que direi nestas matérias, e que só me obrigará a falar nelas o escrúpulo de a não manifestar, sendo V. S.ª um ministro tão interior
15 de S. A., e mandando-me que o diga. E, se V. S.ª ainda me não conhece, saiba que diz estes disparates a V. S.ª quem tem estudado quarenta e cinco anos pelos teólogos, e estima mais não cometer um pecado venial que todas as coroas e tiaras do
20 mundo.

Tornando depois de tão largo discurso ao tema desta, que é a graça, que V. S.ª tanto me assegura, de S. A., digo, Senhor, que se assim é, não duvido de estar esta graça tão secreta que só V. S.ª tivesse
25 notícia dela, e todos, dentro e fora do Reino, cuidem o contrário.

Li um dia destes um famoso exemplo de Júlio César quando lhe trouxeram a cabeça de Pompeu,

---

3. *o queria fazer assim:* D. João IV concedera aos cristãos-novos licença de pedirem ao papa a reforma das praxes da Inquisição portuguesa; como tal autorização tem a data de 10-XII-1649, pouco antes da partida de Vieira para Roma pela primeira vez, conjectura Lúcio de Azevedo que fosse o próprio padre o portador do pedido.

em que se demonstra que o coração do príncipe se lê no rosto de seus criados. Aplico: foi Afonso Furtado ao Brasil, e a primeira cousa em que se empregou foi em tirar ao irmão de António Vieira
5 o assento que tinha nos conselhos; e não havia de fazer isto, se entendera que era irmão de um homem que tem na graça de S. A. o lugar que V. S.ª me assegura.

O Secretário de Estado do Brasil tem as mesmas
10 preeminências do da Índia, onde os Conselheiros se assentam em banco e há Conselheiros de Estado. No Brasil não há tais Conselheiros, e os que vêm às Juntas, que chamam Conselhos, são os mestres-de-campo, sargentos-mores e capitães de infanta-
15 ria, e os oficiais da Câmara e outras pessoas particulares, cidadãos da república; e parece grande desproporção que um Secretário de Estado, fidalgo, alcaide-mor, com vinte anos de serviço da guerra e trinta de secretário, não tenha igual assento a
20 pessoas tão inferiores.

Se houvesse nisto dificuldade, com S. A. fazer mercê ao dito secretário de que tivesse voto no Conselho (pois é a pessoa de maior experiência daquele Estado), com este meio, sem dar preemi-
25 nência ao ofício, se podia autorizar a pessoa; e lembrado estará V. S.ª que Francisco de Lucena se lhe deu assento e bufete diante de El-rei, quando todos os secretários escreviam de joelhos.

---

4. *ao irmão de António Vieira:* Bernardo Vieira Ravasco, irmão de Vieira, era no Brasil secretário de Estado; Afonso Furtado de Mendonça, visconde de Barbacena, tomou posse do cargo de governador em Maio de 1671.

Não falo no requerimento do Jerónimo Sodré Pereira, que é pessoa de melhor qualidade e serve na guerra do Brasil, e casou com minha irmã por se haver enganado que a melhor parte do dote
5 era ser meu cunhado. Creio em tudo quanto V. S.ª me faz mercê dizer da graça de S. A., que assim era bom que fosse, para maior merecimento da minha fé e fineza do meu amor.

Muito tem V. S.ª que me perdoar desta vez,
10 mas para alcançar a absolvição valha-me o sr. Marquês, meu senhor, a cujos pés estou sempre.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos, com as felicidades que lhe desejo.

Roma, 21 de Novembro de 1671. — Criado de
15 V. S.ª.

46.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 5-I-1672

Senhor meu. — Sempre as novas de V. S.ª são para mim o único alívio, e já estou sentindo a ausência de V. S.ª para tão longe, se entretanto os negócios que me detêm em Roma não tomarem
20 algum expediente, com que me mude para mais perto de Portugal; não sendo pequena a conveniên-

---

1. *Jerónimo Sodré Pereira:* cunhado de Vieira, casado com sua irmã Maria de Azevedo, residente na Baía; pretendia o posto de mestre-de-campo, que se achava vago.
10. *sr. Marquês:* de Marialva, de quem D. Rodrigo de Meneses, o destinatário da carta, era irmão.
18. *para tão longe:* por supor Vieira que Duarte Ribeiro de Macedo, então nosso Residente em França (desde 1668), seria chamado a Lisboa, para a secretaria de Estado.

cia das imprensas desse país, pelo mal que me parecem todas as que hoje há em Roma. Enfim Deus disporá o que for para maior serviço seu, que é o que só deve procurar a minha idade, 5 quando me não obrigara mais a isso a profissão.

Acerca da resolução de Inglaterra me escreveram de Madrid uma carta, em que se mostra estarem os nossos ministros muito valentes, e que se aconselham mais com a razão e com os brios que com 10 as forças e o tempo. Um e outras pudéramos ter muito em nosso favor, se as prevenções tantas vezes advertidas se tiveram disposto para este e todos os casos que pode oferecer a boa e a má fortuna, principalmente quando a mudança de Holanda era 15 ainda mais certa que a ruim correspondência de Inglaterra.

Muito me alentam as boas esperanças, que o Secretário Arlinton dá a D. Francisco de Melo, cujo

---

1. *das imprensas desse país:* leva isto a cuidar que Vieira pensaria em ir a França, e lá imprimir os sermões.

16. *de Inglaterra:* como já dissemos numa nota da pág. 50, em Outubro de 1671 recusara-se o rei inglês a receber oficialmente como embaixador a D. Francisco de Melo Manuel da Câmara, nomeado para tais funções pelo nosso regente, o príncipe D. Pedro, originando-se de aí uma difícil situação diplomática, que Luís XIV se esforçou por fazer cessar; o governo português decidiu que o embaixador se retirasse para França, se não fosse recebido com todas as honras.

18. *Arlinton:* conde de Arlington, secretário de Estado e confidente de Carlos II; fazia parte do ministério, nomeado pelo rei em 1669, que ficou conhecido pela alcunha de *Cabal*, formada com as iniciais dos nomes dos seus principais membros.

18. *D. Francisco de Melo:* o nosso embaixador em Londres, D. Francisco de Melo Manuel da Câmara.

juízo e indústria se saberá mui bem ajudar das ordens que tem, não podendo deixar de obrar alguma cousa no parentesco, se a obstinação não está de todo rematada.

5 Sempre me persuadi que as informações de V. S.ª, e respostas dos ministros de França, acabassem de desenganar aquele triunvirato que tanto pode não tendo razão de saber tanto, e que bastasse este nosso motivo para que a quimera do nosso rei-
10 nado se reduzisse a uma das formas que só se conhecem no mundo, e que acabasse o Príncipe de se querer chamar o que é: mas V. S.ª terá sempre a consolação de ter feito o que devia, e aqueles senhores nunca terão desculpa a nos meterem nos perigos
15 e implicações, de que a maior fortuna nos não pode tirar a salvo sem grande detrimento da fama.

Em Lisboa dizem se levanta gente de guerra e se multiplicam embarcações para a Índia. Aqui está, além do Padre Baltasar da Costa, um
20 procurador do Japão, muito versado em todas aquelas conquistas, e de grandes notícias e experiências; ambos concordam em que será fácil a

---

3. *parentesco:* do regente português com o rei de Inglaterra, casado com D. Catarina, irmã daquele.

7. *triunvirato:* assim designa Vieira o grupo composto do marquês de Távora, conde de Aveiras (2.º) e conde de Vilar Maior.

12. *se querer chamar o que é:* quer dizer, adoptar D. Pedro o título de rei, ainda em vida de D. Afonso VI deposto; estavam as opiniões divididas a tal respeito, parecendo ser dos contrários à ideia o conde de Vilar Maior.

20. *um procurador do Japão:* o padre Zuzarte, a que acima nos referimos.

restauração do perdido, se de Portugal for dinheiro com que se paguem os soldados prontamente; e asseguram que, se houver as ditas pagas, a maior parte dos que servem os Holandeses se passarão a nós, a quem desejam ajudar todos os reis gentios; mas que, se não for dinheiro, toda a outra diligência será inútil, e que irão morrer à Índia a puro desamparo, como sucede, todos os que se mandarem de Portugal; porém, quando vejo que V. S.ª não é assistido, nem ao Residente Gaspar de Abreu tem vindo atégora um real, não espero que façamos cousa de proveito.

O delinquente de Odivelas não estava ainda sentenciado, e se dilata esta execução, segundo escrevem, fazendo-se diligências por que seja cristão-novo, e se verifique a suposição em que se fundava o decreto, constando evidentemente que o crime foi de ladrão e não de herege. Eu disse, porque me o perguntaram, o que entendia na matéria; mas sei decerto que não havia de contentar o meu voto, sendo que dava o único meio com que podia acudir à Fé, à limpeza, à fama e à fazenda: o que me consola é que o Príncipe procede com boníssimo zelo, e que Deus favorecerá sempre a sua boa tenção.

---

13. *de Odivelas:* v. a nota da pág. 32.

17. *o decreto:* a da expulsão de cristãos-novos, de 22-VI-1671, a que nos referimos na dita nota à p. 32.

18. *Eu disse:* na carta a D. Rodrigo de Meneses de 24-X-1671, n.º 44 desta colecção.

Aqui se diz que estão já publicadas as guerras entre França e Holanda, e se espera esta grande novidade sem haver outra. O Embaixador de Castela se licenciará até os 20 do corrente.

Deus me guarde a V. S.ª muitos anos como desejo.

Roma, 5 de Janeiro de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

47.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 12-I-1672

Senhor meu. — Muito me consolou V. S.ª com as notícias deste correio, principalmente as de Inglaterra que, segundo vejo pelas cartas de Madrid, parece davam cuidado daquela banda. As da mesma Inglaterra no-lo tinham dado maior, porque antes de eu receber a de V. S.ª se tinham lido outras nesta casa, em que se afirmava que o nosso embaixador fora recebido com cerimónias régias, mas não em nome do Príncipe senão da

---

1. *as guerras entre França e Holanda:* a ofensiva preparada por Luís XIV (aliado à Inglaterra, à Suécia, ao eleitor de Colónia e aos príncipes alemães das margens do Reno) só veio a ser iniciada em Maio desse ano; era ideia de Vieira a de nos aproveitarmos do lance para recuperar as praças de Cochim e de Cananor, que os Holandeses nos haviam tomado em Fevereiro de 63; Diogo Lopes Ulhoa, nosso residente na Haia desde esse ano até o de 69, reclamou a restituição; porém a Companhia Oriental holandesa, que por tal conquista se apos-

coroa, a qual opinião eu desfiz com o texto de V. S.ª. O certo é esses parentes não podem encobrir o que têm no coração.

A ocasião da Índia é a melhor que nos podia
5 oferecer a fortuna. Das nossas disposições e instrumentos espero muito pouco, mas tenho grandes confianças em quem nos deu Pernambuco e Angola, que ainda terá reservado algum milagre para aquele Estado, por cuja fé lhe temos sacrificado tanto
10 sangue. Lembra-me que um Irmão santo que tivemos na Índia, chamado Basto, cujas profecias estão aprovadas com contínuas experiências, disse que Deus lhe mostrava três cidades com as armas de Portugal e mitras em cima, e, como não conhecesse
15 que cidades eram, mandaram-lhe os superiores que as retratasse, porque sabia pintar, e feitos os retratos, conheceu-se claramente que eram Ormuz, Malaca, e Sacatrá. Se assim suceder, animar-nos-emos a crer outras cousas que também predisse, de muito
20 maior expectação e glória de Portugal e da Igreja.

---

sara da pimenta que vinha à costa do SO. da Índia, impediu que se alcançasse esse fito; em Julho de 69 assinou o nosso embaixador D. Francisco de Melo Manuel da Câmara um tratado com os Estados Gerais, sem conseguir a restituição das praças; a atitude de Vieira perante a guerra entre a Holanda, por um lado, e a França e a Inglaterra, por outro, pode ver-se resumida por ele mais adiante, na carta n.º 66, a Duarte Ribeiro de Macedo, com data de 26-IX-1673, p. 124.

11. *Basto:* Pedro de Basto, autor de profecias que lhe deram fama na Índia e que o fizeram ser muito citado pelos sebastianistas.

18. *Sacatrá:* Socotorá, ilha na extremidade do território somali, a NE do continente africano, para leste da entrada do Mar Roxo.

Aqui correu estes dias se havia dado ordem que, vindo embaixador de França ao Sumo Pontífice, se lhe notificasse que não entrasse no Estado Eclesiástico. O que se tem por certo é que da parte 5 de S. Santidade se mandou significar a algum ministro de França que, vindo o Duque, seria recebido com toda a benevolência, mas não na qualidade de embaixador, enquanto o Núncio não fosse recebido e ouvido em França.

10 Sobre a demanda de Castro se fez consistório pleno de todos os cardeais, e se venceu que se não desencarasse, havendo só sete votos em contrário. Morreu sùbitamente o Cardeal Borromeu, e com o mesmo género de morte vacaram em 15 poucos meses outros três capelos, mas nem por isso faltam opositores às mortalhas desta cor. Estão vagos cinco, mas dizem que é necessário serem oito, para se poder satisfazer às coroas e juntamente a outras obrigações. Faz-me lástima o Conde de

---

6. *o Duque:* o duque d'Estrées, escolhido por Luís XIV para seu embaixador em Roma; negava-se o rei francês a receber o núncio por haver sido nomeado sem sua prévia aprovação.

12. *desencarasse:* supõe Lúcio de Azevedo que esta palavra esteja por *desencamarasse,* correspondente ao italiano *incamarare,* unir terras ao domínio da Câmara Apostólica; o ducado de Castro havia sido sequestrado ao duque de Parma, e posto sob a administração romana, em garantia de empréstimos levantados nos Estados do papa, os quais o duque não pagava; não tendo conseguido libertar-se pelo recurso às armas, acabara por propor que se procedesse à venda até onde bastasse para pagamento da dívida, regressando à posse dele o remanescente.

Castelmelhor, ainda que em algum tempo lhe não devi semelhante afecto, e lhe desejo todo o bom sucesso.

V. S.ª me tenha em sua graça quanto o meu
5 coração lhe merece. E Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo, e onde mais havemos mister.

Roma, 12 de Janeiro de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

48.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 9-II-1672

Senhor meu. — Quanta consolação recebo com
10 as cartas de V. S.ª, tanto me desconsolam as cláusulas de outras que V. S.ª me refere. Bem pudera nosso amo mudar e trocar a pena com que escreve, e acabar de tomar esta tão importante resolução; mas também a mesma esperança dela me tem em
15 temor, porque receio que não seja a que convém,

---

1. *o Conde de Castelmelhor:* o 3.º conde de Castelo Melhor, o célebre ministro de D. Afonso VI, saíra de Portugal em seguida à deposição deste último, e, tendo estado em França, pedia autorização de regressar ao seu país; só veio a consegui-la em 1685, por intercessão de D. Catarina, rainha de Inglaterra. V. adiante a nota à carta n.º 83, p. 184.

12. *trocar a pena com que escreve:* desejava Vieira que o regente demitisse o secretário de Estado, substituindo-o por Duarte Ribeiro de Macedo.

15. *a que convém:* Duarte Ribeiro de Macedo, na opinião de Vieira.

ao menos por que se não conheça a diferença. Deus se lembre de nós.

S. A. dizem ficava prevenindo a jornada de Salvaterra, e também dizem se desejava o acompanhasse a Rainha já convalescida, para que o divertimento do campo não fosse *seguido de outros divertimentos, que parece são nesta era os apêndices das coroas, que tanto as desdouram.*

De Madrid me escreve o Marquês tinha cessado o decreto da expulsão, e que também se impedia a publicação dos motivos dele, o que não entendi até ler em uma carta de Lisboa que o Santo Ofício havia proibido um papel castelhano, em que com razões políticas se aprovava e persuadia a dita expulsão. Era papel sem nome, nem lugar, nem era, mas estampado, *e a Inquisição o censurava de ímpio, e sapiente haeresim.* Demais deste se diz haviam aparecido no reino outros papéis, de mão e impressos, na mesma língua. O Inquisidor Geral ainda não tinha tomado posse, e se ficava sagrando em Azeitão, e prevenindo grandes aparatos.

Tive aqui notícias por via certa (mas de nenhum modo passe de V. S.ª) que o decreto se tinha mandado a Roma a se aprovar com autoridade ponti-

---

10. *o decreto de expulsão:* o de expulsão dos cristãos-novos, a que já nos temos referido (v. a nota da carta n.º 41, p. 32).

19. *O Inquisidor Geral:* o 5.º duque de Aveiro, D. Pedro de Lencastre, n. em 1608; tendo sido confiscada a casa de seu irmão, o 4.º duque (que se passara a Castela) em 1663, moveu a anulação da sentença, e em 1668 foi finalmente reconhecido como herdeiro da casa e 5.º duque de Aveiro; foi bispo da Guarda (1648) e depois arcebispo de Évora e de Braga.

fícia, e estava remetido ao Tribunal da Inquisição. Desejo que sejam ouvidas as partes; mas era necessário procurador público, e com poderes de quem se não atreverá a lhe os dar — que também se
5 tem advertido. O nosso zelo é como o dos lavradores do evangelho desta semana: *Vis imus et colligimus ea?* e não sei se o pai-de-famílias responde: *Non ne forte eradicetis simul et triticum.* Bem puderam entender ao menos os nossos políticos que
10 a raiz do poder e da conservação dos reinos é o dinheiro, e a do nosso o comércio: e que se se passar aos hereges plantar-se-á a sua fé, e acabará nas Conquistas a que nós plantámos.

Muito estimei ver as duas cartas: já Deus começa
15 a humilhar os Holandeses com o temor; espero em sua Providência os humilhe com o castigo. Mais fácil será isto que meter em uso de razão os ministros a quem falta. V. S.ª pelo que deve à pátria se não canse de porfiar. Por outra via tenho tam-
20 bém entendido que são alguns de voto que se esperem os primeiros efeitos da guerra, e que esteja tão empenhada que se não possam as partes reconciliar fàcilmente. O certo é, e todos os Italianos o dizem, que se desta vez não recuperamos a Índia

---

5. *o nosso zelo:* em perseguir os Judeus, semelhante ao dos lavradores que, para arrancarem o joio, desarraigassem também o trigo, privando o país dos benefícios que lhe poderiam advir da actividade dos cristãos-novos (cf. S. Mateus, XIII, 24-30).

19. *se não canse de porfiar:* alegrava-se Macedo pelos preparativos de Luís XIV contra os Holandeses, aconselhando para Lisboa que se pensasse em aproveitar o ensejo para reconquistarmos as praças do Oriente que aqueles nos haviam arrebatado.

que lhe percamos as esperanças, e dêmos também por perdida a reputação.

O nosso Residente fez anteontem a sua entrada, como tinha feito a sua o Arcebispo de Edessa oito
5 dias antes. Em uma e outra se viu a diferença dos postos e das coroas, posto que não faltámos à decência. Eu sou mau de contentar, e tudo me renova as saudades de V. S.ª.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo.
10 Roma, 9 de Fevereiro de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

49.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 29-II-1672

Senhor meu. — Tudo o que é ter a V. S.ª mais perto é o que está melhor ao meu desejo e ao meu alívio, afirmando a V. S.ª com toda a sinceridade
15 que o único que tenho é ler as cartas de V. S.ª, não servindo todas as outras mais que de me dar pena; e assim temo os correios de Portugal, e, antes de receber ou ouvir ler as cartas que de lá vêm, se não faço actos de contrição, faço muitos de resig-
20 nação e conformidade com a vontade de Deus, porque não sei que fatalidade é a dos nossos conselhos e resoluções.

---

13. *ao meu desejo:* constava que se pensava em nomear alguém que substituísse Macedo em França.

Eu não tenho de lá que esperar nem que temer, mas não posso apartar do coração este zelo do comum, que é o maior tirano dos que não têm atado o amor às próprias conveniências; muito
5 disto ou pouco de juízo devem ter os que têm parte no governo presente, e só os desculpo com não terem visto mais mundo que de Lisboa e Belém. Lá desejava eu a V. S.ª, mas, se não for para o lugar que convém, melhor é ouvir nossas
10 cousas de três em três semanas que vê-las todos os dias.

Eu não sei quando poderei sair de Roma, e me contentam muito as impressões francesas; veremos que termo toma esta demanda dos mártires, e com
15 a resolução, qualquer que for, saberei o que há-de ser de mim, inclinando-me sempre mais àquela parte onde possa segurar o que houver de imprimir com a aprovação ou emenda de V. S.ª.

Ontem se deram três cardeais, um ao Império,
20 outro à Polónia e o terceiro à casa Ursina. O nosso Bispo de Laon ficou de fora, e o pior é que se teme lhe suceda o mesmo sempre neste pontificado, se a instância e presença de seu irmão não for mais poderosa que a vontade ou sentimento de

---

13. *as impressões francesas:* como já dissemos numa nota anterior, parece que pensava Vieira em transferir-se para França e imprimir lá os sermões.

14. *a demanda dos mártires:* demorava Vieira em Roma a espera da resolução do negócio que servira de justificação da sua ida à Itália: a canonização dos mártires jesuítas a que nos referimos numa nota anterior.

23. *seu irmão:* o duque d'Estrées, embaixador de França, que estava sendo esperado em Roma; o bispo de Laon, tio da rainha de Portugal, era o candidato da Coroa portuguesa.

quem distribui estas prebendas, que dizem está queixoso da isenção ou soberania com que o sr. Bispo se tem portado neste requerimento.

Também ficou de fora o Embaixador Arcebispo
5 de Edessa, e não pouco mortificados os Espanhóis, posto que não faltam muitos e os maiores que, segundo se diz, fomentem a repulsa, entrando neste número os dois cardeais que se acham em Madrid, e muitos ministros mais entrados no governo, por
10 não quererem ver este em lugar de se restituir ao posto antigo, onde com a graça indubitável da Rainha Regente seja árbitro de tudo.

Grandemente estimei as notícias que V. S.ª me [dá] das cousas de Holanda e união de Inglaterra.
15 Suponho que, atacados aqueles inimigos por mar e por terra, e mais ainda por mar, ficarão com a soga que merecem na garganta, e que sendo a facção tão grande, se Deus a favorece, se poderá expedir em poucas campanhas.

20 Falei ao Padre Procurador do Japão, cujo parecer se resume: 1.º — que, podendo ser, fora melhor não dar praça; e nisto cuido que convimos todos; 2.º — que, havendo de se dar alguma, seja Chaul, que vem a ser cidade, porto e uma fortaleza que

---

8. *em Madrid:* o cardeal Moncada e o arcebispo de Toledo; o primeiro, inimigo de Nithard.

14. *de Inglaterra:* Luís XIV comprara a aliança deste país pelo tratado de Dover.

17. *soga:* corda grossa de esparto; baraço.

20. *Procurador do Japão:* o padre Zuzarte, que Vieira consultara, a pedido de Macedo, sobre a possibilidade da venda de um porto oriental nosso a uma nação católica, para, como compensação, nos ajudar a recuperar Ceilão e Malaca.

tem defronte; 3.º — que os Ingleses queriam em tempos passados vender Bombaim, e que com parte do preço de Chaul se podia resgatar esta praça, sendo de maior consequência para França a de Chaul, em razão do comércio da terra a dentro, que em Bombaim não há.

Atéqui o dito padre. Eu há mais de três anos aconselhei fizéssemos uma Companhia Oriental, e que para isso se desse tal liberdade aos Cristãos-Novos, de dentro e fora do Reino, que tivessem lá seguras suas fazendas e pessoas, apontando tais meios e condições com que a Fé ficasse muito melhorada, os pecados diminuídos, a honra recuperada, e a fazenda e poder imensamente crescidos. Mas não parece isto bem àqueles com quem eu não trocarei a minha cristandade, nem os que sentem isto mesmo o seu juízo.

Deus guarde a V. S.ª como desejo.

Roma, 29 de Fevereiro de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

50.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 11-III-1672

Senhor meu. — Não escrevi o correio passado porque me o impossibilitou certo impedimento improviso. Mas peço muito a V. S.ª não seja parte este acidente, nem qualquer outro, para que V. S.ª

4. *para França:* o governo francês pretendia, com efeito, comprar alguma praça portuguesa nas Índias: e Macedo, ao que parece, era favorável ao projecto.

me falte com o socorro de suas cartas, que como tantas vezes tenho repetido é o único alívio com que se suspende a desconsolação em que quer a nossa Pátria vivamos, os que amamos seu bem e sentimos o desconhecimento ou desatenção intolerável com que o despreza, e não só se não quer aproveitar dos meios que a ocasião lhe oferece, mas acinte se arma contra eles. Diga-me V. S.ª sem dó tudo o que lá chega, que eu estou já tão feito à paciência destas penas, que quase sinto alívio em mais agravar e lastimar a chaga.

Aqui chegou agora um religioso, de quem me informei miùdamente daqueles particulares que se não escrevem, e não sei onde havemos de ir parar. Diz-me que é o árbitro do governo José da Fonseca, e que a este supremo tribunal se reduzem todas as resoluções. Não sei se tem V. S.ª inteiro conhecimento deste sujeito. Eu o tratei alguns dias, em que já tinha grande domestiqueza com o Príncipe, como criado antigo da casa de seus avós, e creio que ama o bem do Reino, e que não errará por falta de fé; mas nem tem notícias nem experiências, e sobretudo é tão cegamente amarrado a um ditame, que me persuado teve grande parte em seu juízo o decreto último que tanto dano nos tem causado, e ainda não está de todo esquecido. A este se acostam dois ou três que deram poucos passos

---

15. *José da Fonseca:* personagem acerca do qual escreveu Duarte Ribeiro de Macedo que o que lhe faltava era «conhecer que tem poucas notícias e poucas experiências, que é o que conhece todos os dias quem busca as notícias entre as experiências».

25. *o decreto último:* contra os cristãos-novos judaizantes, já atrás referido.

fora de Lisboa, e destes se me diz em uma carta: *Erat subditus illis;* perdendo-se por esta sujeição o melhor entendimento e a melhor vontade que tenho conhecido em Príncipe.

El-rei dizem que vive na Ilha e também na terra firme, e que não há só memória do seu nome mas saudades de seu tempo. Todos se queixam de que não há um vintém, e as mercês no mesmo tempo se fazem a milhares de cruzados. E pois falei em dinheiro, respondo a o dos Genoveses que o nosso comércio da Índia, segundo as informações de lá, está acabado; porque Goa não tem senão o que vem de fora, e quase tudo o de fora está em mãos de estranhos. As naus que agora partiram vão descarregadas, por não haver quem embarque para a Índia, e a razão de não embarcarem os poucos mercadores que há é porque têm lá os seus cabedais detidos, por falta de drogas em que se empreguem, e isto me consta por boas vias. Assim que eu não sei que utilidade podem tirar daquela navegação os Genoveses, nem nós da sua companhia, salvo se com eles a fizermos (pois não queremos com os nossos) para a recuperação do que temos perdido, e para alguma conquista ou descobrimento do muito que ainda está por conquistar ou descobrir, que seria conveniência e prudência, antes que nos prevenissem os que com olhos tão vigilantes estão aspirando a fazer sua a fortuna dos Holandeses, como estes se fizeram senhores da nossa.

S. Santidade esteve os dias passados muito doente, e hoje fica tão mal convalescido que se teme o que não asseguram seus anos. Tiraram-lhe os médicos o chocolate, e receitam-lhe tisanas, mas não se espera que a natureza se restaure por esta

via. O Embaixador dessa Coroa teve ontem audiência brevíssima; está muito bem visto de Palácio, e mui acreditada sua prudência e cortesia. Espera-se que depois da festa saiam do peito os dois capelos.
5 Ao sr. Bispo de Laon não pude ainda oferecer as lembranças de V. S.ª. Teme-se grande fome em Itália, e não se duvidam depois dela maiores calamidades. Lisboa manda trigo a Sicília, e Liorne pode mandar pimenta e canela a Portugal. Ontem
10 me disse o Embaixador de Espanha que aquela Coroa não há-de deixar de assistir aos Holandeses; entendemos que no demais quererá observar a neutralidade, se isto bastar para que se lhe aceite.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo,
15 e como devem desejar todos os que vivem nesta era, em que as prenhezes do mundo induzindo às profecias, parece que apressam o tempo delas.

Roma, 11 de Abril de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

51.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 12-VII-1672

20 Senhor meu. — Não pude escrever no correio passado a V. S.ª, porque me sobreveio naquele dia um acidente, de que não fiquei livre senão passadas as horas em que desta casa se podem

---

1. *dessa coroa:* de França.

16. *induzindo:* Lúcio de Azevedo, que publicou esta carta pela primeira vez, declara ter posto a palavra *induzindo* por conjectura, visto estar em parte ilegível no manuscrito, por se achar o papel corroído.

mandar as cartas: e verdadeiramente o senti muito, porque a suspensão em que estávamos com os avisos de Bruxelas e Amsterdão, acerca da armada naval, era muito para dar cuidado; mas todos os
5 meus temores e discursos, com a vitória que se

---

3. *armada naval:* supomos que deverá ser a esquadra holandesa que alcançou a vitória a que logo a seguir se alude, ou seja a da batalha naval de Southwold Bay, onde os Holandeses ficaram vencedores; nos dias que precederam esta carta de Vieira havia a França empreendido uma vigorosa ofensiva contra a Holanda, mais ràpidamente triunfante do que se esperava; os Holandeses, porém, tinham começado a abrir os diques a 15 de Junho, e ao cabo de quatro dias estava o país todo inundado, com as cidades transformadas em ilhas, só abordáveis por meio de barcos; em 20, enfim, viam-se as tropas de Luís XIV obrigadas a estacar na sua ofensiva, que durara apenas uma semana; e pela vitória de Southwold Bay achavam-se os Holandeses dominantes no mar; Vieira, que começara por ver na perspectiva de uma guerra franco-holandesa um bom ensejo para recuperarmos as praças orientais por eles conquistadas, já dez dias antes da data desta carta escrevia a Duarte Ribeiro de Macedo: «eu afirmo a V. S.ª que nestas dúvidas quase não sei que desejar. O meu primeiro desejo era que nós nos houvéssemos governado de maneira que tudo o nosso na Índia tornasse a ser nosso; mas porque isto, nas circunstâncias e desatenções passadas e presentes, parece que já não pode ser, ao menos contentara-me que partíssemos com as duas Coroas [de França e de Inglaterra], ou elas connosco, como pedia a melhoria do nosso direito e dos nossos socorros, que, quando não tenham outra vantagem mais que a dos nossos portos, sempre é superior a tudo o que da Europa sem eles se pode pretender. Enfim, Deus fará o que for servido, que, estando as cousas como estão, e pior se forem por diante, temo que zombem de nós e que tratem só de si.» A sua atitude perante o conflito, em que a França e a Inglaterra combatiam contra a Holanda, está exposta por ele na carta n.º 66, p. 124.

referia dos Holandeses, ainda que melhoraram com a relação de D. Francisco de Melo, com as que no mesmo tempo chegaram por via de Colónia se puseram em muito pior estado, e tal é o em que
5 fico.

Vejo que já V. S.ª começava a se doer da pressa com que as cousas de Holanda caminhavam a ruína da parte de além do Issel; mas depois de passado este, tomada Nimegen, Arthnem,Schenke e Utrecht,
10 que se pode esperar senão que nesta mesma campanha, e muito nos princípios dela, se dê fim à conquista de Holanda, e que, junta a sua potência marítima com a marítima e terrestre do vencedor, tenha ele lugar de levar por diante seus vastíssimos
15 pensamentos e os conceber ainda maiores? Já aqui dizem os Franceses que se despida Portugal da Índia, e se contente com o Brasil, que também não estará seguro, nem Espanha nem Portugal.

Com as primeiras novas apontei ao Residente que
20 seria conveniente avisar logo por terra ao Viso-rei da Índia, e mandar-lhe as mesmas gazetas e cartas de Amsterdão, para que com estas notícias procurasse reduzir os Holandeses a algum bom acomodamento; e, posto que aqui se acha um frade fran-
25 ciscano, que ia mandado pelo Príncipe para a Índia, de onde tinha vindo, e foi tomado dos Turcos, que era muito bom mensageiro, a resolução

---

2. *D. Francisco de Melo:* embaixador de Portugal em Londres; supomos agora possível que se houvesse passado com ele, e não com o marquês de Sande, o caso referido na nota da pág. 58 do 1.º vol., hipótese que pospuséramos por Carlos II se haver recusado a recebê-lo oficialmente.

foi que se avisaria a S. A. Também em Portugal
não haverá advertência de mandar duas ou três
caravelas com estas notícias, e ainda às mesmas
naus da Índia holandesas, convidando-as com os
5 nossos portos. Enfim, senhor, mais há de três anos
que eu previ grande parte disto, e o que devíamos
fazer para o caso desta guerra; mas não estavam
reservadas as riquezas de Amsterdão para as nossas
companhias, senão para quem se aproveitará
10 delas e de todos os comércios do mundo, com a
execução e pressa com que o sabe fazer.

Dizem que já de Amsterdão se tinham mandado
deputados a El-rei, e também se afirma que em dia
de S. João [se] cantou o *Te-Deum* na mesma ci-
15 dade. Os Espanhóis mais zelosos antevêem e cho-
ram o que lhes pode suceder com um rei de dez
anos. Nem esta desculpa temos. Tudo é dizer que
não há um vintém, e fora melhor não o dizer, por-
que não pode haver melhor reclamo para chamar
20 contra nós e contra nossas Conquistas ainda os que
podem pouco.

Aqui se tem começado guerra entre o Duque de
Sabóia (sendo este o agressor) e a república de
Génova: todos entendem que este repentino movi-
25 mento tem as raízes mais fundas e mais longe que
em Turim. Os ministros da Igreja estão assaz im-
pressionados desta novidade, e não aplaudem os
progressos de França, quando devem estimar o
abatimento de Holanda. Tudo é confusão e discur-

---

16. *um rei de dez anos:* Carlos II de Espanha, sucessor de Filipe IV, nascera a 6-XI-1661; exercia a regência, como já dissemos, sua mãe Mariana de Áustria.

sos; e Itália tão dividida em Estados como Holanda em cidades: tudo cabeças, sem cabeça nem união. Duvida-se por outra parte que em um mesmo tempo se empreendam duas guerras tão grandes em luga-
5 res tão apartados; mas para tudo há poder e para tudo pode haver fortuna, sendo tão pouca a oposição, que nenhuma resistência promete.

Lembra-me que o manifesto de El-rei Cristianíssimo era de querer sujeitar os Holandeses como
10 ladrões públicos, para restituir a cada um o que lhe tivessem tomado, e já dizem que o começa a fazer assim nas praças do Eleitor de Colónia; mas estes políticos não se querem persuadir a tanta generosidade e cristandade, posto que, segundo Deus ajuda
15 aquelas armas, parece que não pode deixar de ser muito justa e santa a intenção delas. Se assim for, imortalizará El-rei Cristianíssimo seu nome, e todos os devotos de sua grandeza daremos por bem empregadas nossas orações e sacrifícios. Mas Deus quer
20 que da nossa parte ajudemos antes as boas tenções que as tentações alheias. V. S.ª deve de ter nesta ocasião grandes instruções da nossa terra, e assim não quero tomar o tempo a V. S.ª, que também creio terá ordem de seguir o exército, pois é razão
25 que, capitulando-se sobre o nosso, sejamos nós ouvidos.

Não me falte V. S.ª com novas suas e nossas, e Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo.

Roma, 12 de Julho de 672. — Capelão e criado
30 de V. S.ª.

---

8. *El-rei Cristianíssimo:* Luís XIV de França.
25. *sobre o nosso:* sobre a Holanda e suas possessões, entre as quais se incluíam as que haviam sido nossas.

52.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 26-VII-1672

Meu Senhor. — No correio passado escrevi a V. S.ª por mão alheia, e com pouca confiança de o poder fazer neste; mas foi Deus servido que ao quinto dia se despedisse a febre, deixando-me mais 5 livre do acidente que dos efeitos que ele tinha causado, com que ainda vou passando cada dia menos molestado. Queira Deus que o correio que amanhã esperamos não traga, como todos costumam, nova causa de reincidência.

10 O nosso Residente me participou as gazetas de Inglaterra, e me pediu as novas de terra, de que V. S.ª o avisava; mas não me chegou às mãos a carta acusada, de que estou com grande cuidado, porque temo que alguma curiosidade interessada a 15 divertisse, querendo assegurar os seus pensamentos com a notícia dos nossos. O mesmo temor tenho da carta que escrevi a V. S.ª, hoje faz quinze dias, na qual me alargava sobre as consequências dos progressos da campanha de Holanda: estimarei que 20 V. S.ª me diga se recebeu, e que causa poderia ter faltar-me a de V. S.ª, para que mudemos de via, se esta, que parecia tão segura, o não for.

---

15. *divertisse:* desviasse, desencaminhasse.
22. *esta:* o intermediário da correspondência era, ao que parece, o padre principal do colégio de Clermont, sobrinho do padre Francisco de Villes, confessor de D. Maria Francisca, rainha de Portugal, agora mulher de D. Pedro.

Atégora não temos mais moderno aviso que o de Amsterdão alagada, com resolução dos Holandeses se porem à defesa das outras praças da Província de Holanda, e presunção de serem mais assistidos do Governador de Flandres nas praças vizinhas ao seu distrito; e, posto que ontem me afirmou o Cardeal Ursini que El-rei havia entrado em Amsterdão aos 2 ou 3 do corrente, dizendo que viera o aviso por um extraordinário de Sabóia, não se dá inteiro crédito a esta relação. Dizem que os Holandeses querem pactear paz e não entrega, com partidos de tantas vantagens às armas vencedoras, que se pode crer os aceitem, principalmente devendo-se cuidar que as mesmas forças de França, com os danos da guerra e diversão dos presídios, estejam necessàriamente muito diminuídas.

Eu quisera os Holandeses antes sujeitos e dominados que com autoridade de ser obedecida na Índia, que sem dúvida será a primeira e mais estimada vítima deste sacrifício de paz. Queira Deus mover-lhes os corações a que queiram antes a nossa amizade e companhia que a daqueles que nem a eles nem a nós guardarão nunca maior fé que a que costuma o maior poder. Tudo deveremos a Deus, em quem só ponho as esperanças, ficando totalmente desconfiado dos meios naturais e humanos.

Em Génova se continuam as levas, e em toda a Itália os temores, não de Sabóia. Hoje li um manifesto de um bispo francês, dos mandados à Índia,

---

15. *diversão dos presídios:* isto é, diminuição das forças de campanha causada pela necessidade de deixar guarnições (presídios) nas praças conquistadas.

que em Paris havia um seminário para a conversão do Oriente, levantado a despesas reais, para se prosseguir a propagação da Fé, por meio da Companhia ou companhias orientais da mesma nação, e que o dito seminário fora erigido com autoridade apostólica de Alexandre VII, e assistida toda a missão com grandes favores e indultos da Congregação de Propaganda, como se não houvera Portugal no mundo nem os nossos privilégios tiveram valor. Tudo é muito bem empregado: e, já que Deus nos tira o juízo, dê-nos paciência.

O mesmo Senhor guarde a V. S.ª muitos anos como desejo.

Roma, 26 de Julho de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

53.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 16-VIII-1672

Meu Senhor. — Não tenho muito que dizer a V. S.ª neste correio; muito que desejar me diga V. S.ª, sim.

Corre, e se confirma cada dia mais, que El-rei Cristianíssimo é passado a Paris, e se escreve constantemente de Turim que no primeiro deste estaria nessa corte, onde aos 8 seriam juntos os comissários de Inglaterra e Holanda, para o ajustamento desta guerra ou deste triunfo. Estimo que seja assim, e me confirmo com os quinze dias de pão que V. S.ª me diz tinha El-rei mandado prevenir,

sinal de marcha mais comprida. Ao menos, já que V. S.ª não foi ao campo, virá o campo a V. S.ª, e, posto que sem instruções, que em parte tenho por melhor, poderá V. S.ª acudir pela desamparadíssima Índia, da qual dizem que se não despegarão os Holandeses, ainda que houvessem de perder tudo mais.

Escrevem que a Inglaterra chegaram doze naus, e nós estamos muito contentes com uma naveta que tinha chegado às Ilhas; mas, como se façam palanques no Terreiro do Paço e haja touros, o que está mais longe perca-se embora. Estas são as ourelas de um pano que Deus teceu para cortar dele o melhor Príncipe do mundo; mas cada um trata de se vestir, quando V. S.ª e eu choramos. *Super vestem meam miserunt sortem.*

Agora ouvi a um *politicone* romano que El-rei ficava com todas as praças conquistadas e as de Brabante; o Príncipe de Orange com o título e soberania de Holanda e Zelanda; Amsterdão, Roterdão e Meldeburgo, feitas cidades hanseáticas. Flessinga com presídio de Inglaterra, e os demais

17. *El-rei:* de França; mal aconselhado pelo seu orgulho e por Louvois, rejeitou as vantajosas propostas dos Holandeses (29-VI-1672), decidindo então estes prosseguir a guerra enèrgicamente; o grão-pensionário João de Witt, injustamente acusado de responsável pela derrota, foi morto (Agosto de 1672), e confiada toda a defesa ao príncipe Guilherme de Orange, que fora nomeado estatúder, capitão-general vitalício, em Julho de 1672 (o estatúder era o comandante das tropas; o grande-pensionário era o centro administrativo do governo e ministro dos negócios exteriores da República); o príncipe conseguiu repelir todos os ataques contra as terras inundadas, e Luís XIV, desanimado, regressou a Paris.

aliados com o que lhes pertencer. Isto parece mais discurso que notícia certa, porque não vejo de onde ou por onde pudesse vir, não havendo correio extraordinário. Consolou-me não ouvir falar na 5 Índia. Bem pudera a Mina estar recuperada, com pouco mais que as três fragatas que saíram ou estavam para sair à costa; mas eu leio que se tomou uma presa da mesma Mina com quatrocentos mil cruzados de ouro. Nem temos conhecimento nem 10 sentimento. Contentamo-nos com que o Duque de Bragança seja rei de Portugal, e não nos dói que o rei de Portugal não seja o que era.

As armas de Sabóia continuam, e as de Génova lhes fazem tão poderosa oposição que dizem têm 15 não só recuperado o que se lhes tomou na primeira invasão, senão que têm conquistado alguns dos confins com perda considerável dos Saboiardos. Tudo isto serve só de acender o fogo, não bastando a o apagar a autoridade do Pontífice. Teme-se cada 20 hora mais que a campanha de Holanda se passe a Itália: mas o temor não passa a remédio nem a grande cuidado. Poucos se lembram do sangue de S. Nicolau, e o sangue pode ser este, se não se em-

---

2. *discurso:* palavreado fantasista.

5. *Mina:* a fortaleza de S. Jorge da Mina, na costa ocidental da África, que nos fora tomada pelos Holandeses em 1637.

20. *que a campanha de Holanda se passe a Itália:* era por instigação do governo francês que o duque de Sabóia movia guerra a Génova.

23. *S. Nicolau:* acreditava-se por então que o cadáver de S. Nicolau, que viveu no século IV e cujas relíquias se guardavam em Bari, deitava milagrosamente sangue por um braço e realizava outros prodígios.

bainhar a espada vitoriosa e, segundo se presume, ofendida.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos, como desejo e havemos mister.

5 Roma, aos 16 de Agosto de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

54.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 23-VIII-1672

Senhor meu. — Nesta suspensão do mundo espera todo ele com ânsia pelo fim de tão notáveis princípios; e eu, que interpreto a mesma suspensão a
10 benefício grande da Providência Divina, espero que ela queira suprir, como costuma, as nossas desatenções, dando tempo e lugar a nos aproveitarmos, posto que tarde, do que tempestivamente, se soubéramos usar da ocasião, pudera ser e ter sido com
15 tão vantajosas utilidades. Haver V. S.ª de assistir aos tratados é só o que me tem ressuscitado as esperanças, que totalmente estavam caídas e quase mortas. De aqui trabalho o que posso, aplicando ou dirigindo os remédios mais por infusão que em

---

8. *fim de tão notáveis princípios:* a paz, que se esperava, entre a França e a Holanda; mas só seis anos mais tarde, em 1678, os Estados Gerais da Holanda concluíram em Nimegue uma paz separada com Luís XIV, a que o príncipe de Orange se opôs enèrgicamente; entretanto, o imperador, a Espanha, o Brandeburgo e a Dinamarca haviam abandonado a França.

substância; e, segundo vejo, parece que aproveitam mais assim em estômagos tão estragados.

De Lisboa tive cartas de pessoa muito interior, em que me confessa tudo o que eu tenho gritado, e concluí dizendo que somos tontos, e que queremos ser mais escrupulosos que El-rei D. João, a quem chama de saudosa memória. O pior é que chegam a fazer saudades outras memórias menos antigas, e de que nos não podemos lembrar sem vergonha.
10 Também me diz a mesma pessoa que o presidente daquelas que sempre impugnaram este remédio, está prontíssimo a tudo o que for conveniente ao estabelecimento e opulência do Reino, acrescentando e aconselhando que nos ajudemos para isso do pre-
15 sente pontificado em tudo o que pode ser necessário. Veja V. S.ª se se pode desejar mais, e que fatalidade é a que no concurso de todas as causas impede os efeitos. Contudo me afirmam que o negócio está hoje de muito melhor ar, e que o desengano tem
20 persuadido o que não pode a razão.

V. S.ª se aproveite destas notícias, que suponho terá V. S.ª mais expressas, para proceder mais animosamente; se bem a minha dor sempre se acomoda de má vontade a fazer partilhas do todo, que
25 foi e devera e pudera ser nosso. Enfim V. S.ª está ao pé da obra, onde de mais perto vê as premissas

---

12. *está prontíssimo:* é lícito concluir deste passo estar Vieira convencido de que o inquisidor geral concordava com que se concedessem favores aos cristãos-novos.

25. *e pudera ser nosso:* o conjunto das praças que perdêramos no Oriente, tomadas pelos Holandeses.

e consequências de tudo, e o estado em que podem ficar os Holandeses, e a firmeza da união entre França e Inglaterra, de que muitos duvidam, e a resolução que toma Espanha e o Império e mais
5 peças deste jogo, sem a compreensão do qual não podem mover pedra segura os que estão tão longe do tabuleiro.

De Lisboa não temos mais que a nova da morte do nosso amigo D. Teodósio, que me tem lastimado
10 quanto ele me merecia. A Duquesa está em breves esperanças de dar sucessão àquela casa, com que o Duque consolará esta perda, que na sua estimação e sentimento não sei se é tão grande como nos que deviam ao defunto menos amor.

15 D. Francisco de Lima com a sua retirada deixou à misericórdia o que será do fisco, e, pois foi tirado

---

9. *D. Teodósio:* D. Teodósio de Bragança e Melo, irmão do duque de Cadaval; v. a última nota da carta n.º 34, p. 9 deste volume.

10. *A Duquesa:* de Cadaval, segunda mulher do duque, princesa Maria Angélica Henriqueta de Lorena (filha de Francisco de Lorena, príncipe de Harcourt) com quem ele casara no ano anterior (1671); veio a falecer em 1674; foi muito amiga da rainha D. Maria Francisca, sua prima, a quem revelou a conspiração que se propunha restabelecer D. Afonso VI no trono.

15. *D. Francisco de Lima:* fora, em 1643, para a Índia, onde se distinguiu em acções guerreiras; tendo granjeado vultuosos capitais, fez várias vezes adiantamentos à fazenda real para reparação de fortalezas, e por isso recebeu mercês; regressou a Portugal em 1666; o marquês de Sande, quando foi assassinado em 1667, ia na liteira de D. Francisco de Lima, e a tal circunstância deveu este o ser encarcerado, por o suspeitarem de cúmplice no crime; evadiu-se, depois, do castelo de S. Jorge, em Lisboa.

da Índia, bem se poderá empregar nela; e fora melhor que houvesse ficado em Portugal o que se levou para Galiza. Parecia-me a mim que, quando houve fundamentos para se meter o corpo no Castelejo, se pudera com os mesmos fazer um sequestro à fazenda; mas parte desta também ficaria nas mãos dos carcereiros.

Chegou alfim o correio que levou a nova do capelo do sr. Cardeal d'Estrées; e, para que V. S.ª veja quais são os oficiais da secretaria, as cartas do Papa e Cardeal Patrão vieram por via do Núncio, e as da Rainha lançadas no correio, e nenhuma ao ministro que aqui tem S. A.

A guerra de Itália no mesmo estado, se bem com vantagem dos Genoveses, e pouca ou nenhuma esperança de acomodamento; não parando porém, antes crescendo, os temores de que avisei a V. S.ª. Cá não estamos ao fogo das chaminés, porque toda Roma arde.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos, como havemos mister.

Roma, 23 de Agosto de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

---

4. *Castelejo:* parte setentrional do castelo de S. Jorge, em Lisboa.

14. *a guerra de Itália:* entre o duque de Sabóia e a república de Génova, a que já Vieira se referiu na carta n.º 53, p. 79.

55.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, aos 10-IX-1672

Meu Senhor. — Prometi escrever a V. S.ª sobre os meus particulares; mas o comum não sofre que me lembre de mim.

Chegou aqui nova, mandada de Madrid a Roma pelo Núncio de Castela, e de Lisboa a Madrid, segundo se refere, pelo Conde de Humanes em correio extraordinário, que nesta corte tem feito grande ruído, e assim me causa grande cuidado.

Confirmou-se o mesmo aviso por várias cartas, e todas vêm a dizer que o ministro de França fez a S. A. uma proposição de guerra contra Castela, acompanhada de ameaças e feíssimas circunstâncias, uma das quais é a restituição de El-rei D. Afonso; que seus parciais tinham fixados papéis descomedidos nos lugares públicos, e até nas portas do paço; que S. A. fizera Conselho de Estado, e que todos os votos, excepto um, foram de que a guerra se fizesse a Castela; mas o povo, tendo esta notícia, ameaçava incêndios às casas dos conselheiros, e ainda a outras mais sagradas; e que tudo estava em grande confusão.

As gazetas de Inglaterra, referindo parte disto, dizem que o fogo do Faial se ateava na Terceira, e que El-rei D. Afonso, a quem não faltavam amigos naquele Reino, estava com boa saúde. As de França, queixando-se de certo contrato quebrado pelos Turcos sobre os negócios do Levante, dizem

23. *o fogo do Faial:* erupções vulcânicas.

que se refarão com os da Índia Oriental, ao qual se aplicarão os mercadores com maiores cabedais. De tudo isto, senhor, algumas cousas creio, outras duvido, e sobre outras discorro diversamente; mas
5 todas temo.

Não ponho muita dúvida que França nos proponha a guerra contra Castela; pois não será esta a primeira vez. As ameaças não posso crer, mas ouço que o ministro francês é demasiadamente
10 eficaz, e que, assoprado da fortuna presente de seu amo, em alguma conversação ou discurso político se poderia alargar a qualquer palavra.

Também considero que os votos dos conselheiros, e alvoroço do povo, poderia ser indústria de
15 satisfazer a França; mas não ajuda nada o crédito que o povo tenha ou se lhe dê tanta mão. Todos estes inconvenientes acarreta a necessidade a quem a não quer prevenir de longe.

Tenha sido ou não sido o que quer que for, só
20 digo a V. S.a resolutìssimamente que Castela, França, Inglaterra e Holanda são inimigos piores que declarados, e que não tardarão muito em se declarar. Castela quer Portugal; Inglaterra e França querem Índia e Brasil; e Holanda quer na

---

9. *o ministro francês:* era então d'Aubeville, que entrara em Lisboa uns cinco meses antes da data desta carta; Luís XIV empenhava-se junto do governo português para que Portugal participasse numa aliança com a França e a Inglaterra contra os Holandeses; a Espanha, porém, considerava que tal política lhe desconvinha, e ameaçou de nos declarar guerra se entrássemos em liga com aqueles dois países, ao mesmo tempo que nos propunha aliança com ela; o embaixador de Portugal em Madrid era o 2.º marquês de Gouveia.

Índia o que possui e no Brasil o que perdeu: nisto não há dúvida. E, porque todos estes interessados vêem que na ocasião presente podemos recuperar na Índia ou tudo ou parte do perdido, por isso todos e de todas as partes nos pedem navios e gente, que são os instrumentos da nossa restauração; e, porque não conseguem isto, ao menos nos querem inquietar e atemorizar dentro em casa, para que não obremos fora.

Isto deve S. A. ter por infalível, e executar pronta e eficazmente o que mais convier, empregando-se nisto tudo o que houver fora da Igreja, e também nela e nos altares, se for necessário; porque é servir a Deus com o nosso e com o seu.

Ah! meu senhor, quanto tomara uma hora em que falar, gritar e chorar com V. S.ª aos pés de S. A.!

Agora é que começa a guerra; porque contra Castela ajudaram-nos todos, e hoje Castela e todos são e hão-de ser contrários.

Quando se fala em aliança nossa com Inglaterra e França sobre a Índia, perco a paciência, lembrando-me do que tantas vezes disse da Companhia Oriental, com que houvéramos recuperado o nosso mui fàcilmente, ou nesta ocasião ou antes dela; mas o passado não tem remédio, e o presente está em termos que poderá cuidar França e Inglaterra que nos não haverão mister na Índia, e que sem nova guerra sucederão no bom ou mau direito dos Holandeses.

No meio de tão grande mal menos mal nos será a liga, posto que meias e partilhas com companheiros tão poderosos sempre são de temer; mas ainda estamos em estado, se quisermos, que possamos ser

temidos, principalmente naquelas terras e mares onde o nosso valor nasceu e é natural.

Tenho a particular providência divina estes embargos que Holanda pôs ao curso das vitórias de França, para que, com a guerra, a diversão nos dê tempo de acordar e obrar.

V. S.ª perdoe o meu zelo; e, se o fundamento do que se escreveu de Madrid não subsiste, nem por isso despreze V. S.ª estes meus temores; porque basta ser possível o que se diz para que não faltemos à prevenção, principalmente sendo certas e infalíveis as pretensões dos que querem senhorear e lograr o que Deus e o nosso sangue nos deu com tanta honra.

Beijo mil vezes a mão ao Marquês, meu senhor, a quem desejo ver entre mãos o manejo de tudo isto, para que conserve S. Ex.ª o que conquistou, e conquiste o demais. O seu nome é famosíssimo no mundo, e pasma o mesmo mundo de o ver hoje com silêncio.

Não vem fora deste propósito dizerem-me que se deseja nesse Reino, para compor a história da guerra passada, o Padre Macedo, que o fará com estilo

---

15. *Marquês:* de Marialva.

23. *o padre Macedo:* o polígrafo Frei Francisco de Santo Agostinho de Macedo (1596-1681)); em 1633 deixou, não se sabe porquê, a Companhia de Jesus, e retirou para a casa do conde da Ericeira; tratou de negócios políticos e diplomáticos; colaborou em Paris com os embaixadores na elaboração de documentos em que se defendiam os direitos de D. João IV; seguiu depois para Roma, onde desempenhou idêntica missão; regressado ao país em 1642, professou na Ordem de S. Francisco; mais tarde vemo-lo em Paris, em casa do embaixador marquês de Nisa, sendo que na capital francesa defendeu as ideias

mui conhecido e com a maior prontidão: tem notícias disto, mas aconselham-no cardeais seus amigos (um dos quais me disse) que não deixe o seu lugar e cadeira que tem em Itália sem ser chamado por
5 carta de S. A.

O Padre António de Macedo há-de falar a V. S.ª nisto, e todo o favor que V. S.ª lhe fizer estimarei eu muito; porque, além de ser meu amigo, é esta uma matéria de grande crédito do Reino, e [em]
10 que a casa de V. S.ª terá a maior parte da glória.

Guarde Deus a V. S.ª, como desejo, muitos anos e como havemos mister.

Roma, 10 de Setembro de 1672. — Criado de V. S.ª.

---

de Jansénio no *Augustinus;* depois de outra estada na pátria, onde denunciou ao Santo Ofício Manuel Fernandes de Vila Real, contribuindo com o seu depoimento para que o denunciado morresse na fogueira, acompanhou o conde de Penaguião a Inglaterra (1652); nas obras em latim que então publicou, dedicadas ao cardeal Barberini, abandonou a sua concordância com as cinco famosas proposições atribuídas a Jansénio; esta atitude agradou tanto na Cúria que foi chamado a Roma, onde Inocêncio X o nomeou mestre da controvérsia no colégio da *Propaganda Fide,* lente de História Eclesiástica e consultor da Inquisição Universal; mais tarde esteve preso por ordem de Alexandre VII (1655-67), acusado de furto de alguma prata; solto quando Clemente IX subiu ao pontificado, seguiu para Veneza, onde, desde 26-X-1667, sustentou, perante o doge e os nobres venezianos, uma ampla controvérsia sobre pontos de teologia, de história antiga e de literatura latina; a sua imensa erudição e prodigiosa memória foram premiadas com as honras de cidadão de Veneza e colocação do seu retrato na biblioteca de S. Marcos; no mesmo ano de 1667 alcançou a cadeira de Filosofia Moral na Universidade de Pádua, depois de áspera controvérsia com outros concorrentes.

56.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 13-IX-1672

Meu Senhor. — Mereço a V. S.ª todo o cuidado que V. S.ª dá a minha saúde, posto que ela não mereça nenhum cuidado, e quando se perde tão pouco numa vida de tão pouco préstimo. O certo
5 é que os outros me conhecem, e só V. S.ª me ama, com que não posso deixar de agradecer muito a V. S.ª este afectuoso engano.

Já disse a V. S.ª o ruído que fez nesta corte, e o cuidado que nos tem posto, aquele aviso de Madrid,
10 que os Franceses negam e os Espanhóis publicam, uns para acrescentar a inveja, outros por defender a honra. E eu me ponho sempre da parte destes, pois não devemos condenar os amigos pela informação dos inimigos. Mas bom é acautelar dos que o
15 são, e temer os que o podem ser, e fazer que o sejam uns e outros, o que só se pode conseguir pondo-nos em estado que nos hajam mister.

A queixa de V. S.ª não ser assistido só poderá ter consolação nos companheiros: Roma e Inglaterra

---

9. *aviso de Madrid:* o rumor, que chegara a Roma, de que o embaixador francês propusera a D. Pedro, da parte de Luís XIV, que rompesse guerra com Castela, e que, no caso de o nosso regente não querer aceder a essa proposta, ele, rei de França, romperia com Portugal, trazendo da ilha Terceira D. Afonso VI, restituindo-o à coroa, e exigindo-nos o pagamento de quatro milhões, que havia despendido nos socorros que nos dera; o boato era falso; em Lisboa, porém, discutia-se sobre ele, e com tanta vivacidade que se temia algum alvoroço.

se acham no mesmo estado, e não sei se também Madrid. Os ministros desta última corte me parece pelas suas cartas que não estão muito conformes, nem nos ditames nem na correspondência, com que
5 o supremo tribunal terá em que eleger, se não tomar por resolução o não resolver-se, que é o mais fácil, e o que mais se costuma na nossa terra, e o que perde a todos que se perdem.

O exército de Alemanha também aqui é ininteli-
10 gível: suponho que dele e das suas determinações dependem todas, e que nenhum dos príncipes interessados sabe até agora o que há-de fazer, mais que com a ciência média. A ninguém é mais proveitosa esta suspensão que a nós, se nós também não esti-
15 vermos suspensos. Eu devendo calar falo, porque devendo não amar amo. E já me tenho queixado muitas vezes a V. S.ª de mim, e deste meu coração, tão meu inimigo e tão amante de quem não tem razão de o ser. Não quero ter mais pátria que o
20 mundo, e não acabo de acabar comigo não ser português. Este é o mal de que V. S.ª padece, e sem remédio; querendo V. S.ª dar-lho e podendo, e só não querendo quem pode.

---

13. *ciência média:* expressão teológica, ligada às doutrinas sobre a presciência divina; chamam os teólogos «ciência média» àquela pela qual Deus conhece o que a vontade humana faria em qualquer circunstância em que se achasse e o decreto absoluto da vontade divina pelo qual quer colocá-la em circunstâncias determinadas; por outras palavras: aquela pela qual Deus conhece directamente em si mesmos os futuros condicionados dependentes da liberdade criada; esta designação de «ciência média» foi empregada cerca de 1566 pelo célebre comentador de Aristóteles, o jesuíta português Pedro da Fonseca.

No dia em que aqui chegou a nova de D. Teodósio, tinham seus tios os Duques de Sermoneta ajustado para ele o Deado de Évora, de que S. Santidade tinha feito graça à Duquesa, e a mesma
5 Duquesa quis que passasse a Cristóvão de Chaves de Abreu, sobrinho do nosso Residente, que já tem na mão este grande despacho. Por isso (e não era esta a principal razão) desejava eu que V. S.ª mudasse de corte, porque na de Paris não se logram
10 estes percalços. Queira Deus que saiba o remunerador da terra pesar estas diferenças, pois abalançado seu juízo é tão capaz para tudo. Mas eu me atenho ao do Céu, e só o quisera saber servir a ele, posto não acerto. V. S.ª faça por Deus o que faz,
15 e terá uma coroa de mártir na outra vida, pelo que merece tantas palmas nesta. Não pude reconhecer as cartas; fá-lo-ei no correio seguinte, e haverá mais matéria se o de Lisboa, que esperamos amanhã, nos confirmar, ou desfizer, como eu cuido, estas
20 novas de Castela. Da guerra de Génova não temos novidade, nem aqui há de presente outra.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 13 de Setembro de 672. — Capelão e
25 criado de V. S.ª.

---

1. *nova de D. Teodósio:* da morte de D. Teodósio de Bragança e Melo, irmão do duque de Cadaval.

57.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, aos 22-X-1672

Senhor. — Duas vezes tomei a pena para falar a V. S.ª nos meus particulares, em conformidade do que V. S.ª foi servido avisar-me na última, mas sempre me divertiu deste intento o zelo da Pátria
5 e do serviço de S. A., sobre que disse tantos disparates como V. S.ª se haverá cansado de ler, mas todos nascidos daquele coração cujas culpas V. S.ª me perdoa sempre.

Agora falarei em mim e de mim brevìssima-
10 mente. Com esta vai um sermão que o Padre Geral me obrigou a prègar em língua italiana, como há muito tempo deseja. E, sem embargo dos defeitos de pronúncia de que nele me desculpo, foi tão bem recebido dos cardeais e grandes desta corte, que o
15 mesmo Padre Geral me tem avisado para prègar em dois congressos, em que assiste junto todo o Sagrado Colégio, a instâncias das mesmas Eminências. É o Padre Geral o único prègador que tem o Papa, e o maior de Itália, e quer ele e muitos que eu lhe
20 suceda no ofício.

Também querem que eu seja Assistente das Províncias de Portugal, a que tenho resistido fortìssimamente, e qualquer destes grilhões, ainda que tão dourados, me prenderão de maneira em Roma que
25 morrerei nela, posto que me dure muito a vida, e ajudarão não pouco a me abreviar, sobre outros grandes inconvenientes e pensões muito alheias dos

meus intentos, e da quietação com que me quisera aparelhar para a morte.

Sei a língua do Maranhão e a portuguesa, e é grande desgraça que, podendo servir com qualquer
5 delas à minha pátria e ao meu príncipe, haja nesta idade de estudar uma língua estrangeira, para servir, e sem fruto, a gostos também estrangeiros. Acrescenta-se que, com qualquer destas ocupações, não poderei acabar nem imprimir os meus livros,
10 assim latinos como portugueses, em que tanto tenho trabalhado, e dos que os viram e não viram são muito desejados. Falo com esta sinceridade a V. S.ª porque falo com V. S.ª, e com a mesma espero que V. S.ª breve e efectivamente se sirva
15 responder-me, para que eu possa tomar as medidas à minha vida. Se S. A., ou no Reino ou nas Conquistas, se quer servir de mim, importa que logo logo me mande escrever uma carta, que eu possa mostrar, com ordem muito apertada em que o
20 diga assim, e me mande ir para Portugal; e quando V. S.ª não ache esta vontade e disposição muito verdadeira e sólida no ânimo de S. A., peço a V. S.ª que, com a mesma verdade e brevidade, se sirva avisar-me por duas regras de sua mão, para
25 que eu com este desengano saiba o que hei-de fazer de mim, prometendo a V. S.ª que, quando vá buscar a quietação que só desejo a outro reino, não será para viver na corte de nenhum outro príncipe, posto que saiba que só no da senhora Rainha de
30 Inglaterra não serei bem recebido, por aquele sermão que lhe custou muitas lágrimas, em que defendi

---

30. *aquele sermão:* o do aniversário da rainha D. Maria Francisca, em Junho de 1668.

o direito de S. A., de que tenho em meu poder testemunho autêntico.

A mercê que me deseja fazer o Duque Inquisidor Geral é muito conforme a sua grandeza, justiça, piedade e letras. Muitas proposições das que me impuseram não são minhas, mas ainda assim, vistas umas e outras pelas pessoas mais doutas de Roma, todas concordam em que nenhuma é merecedora de censura teológica, porque umas são de fé, outras certas, e as demais quando menos prováveis; e se admiram todos do modo com que foi tratado por juízes portugueses e condenado um assunto de suma glória da Igreja e de Portugal.

Tenho em grande altura um livro latino intitulado o *Quinto Império*, ou *Império consumado de Cristo*, que vem a ser a *Clavis Prophetarum;* e ninguém o lê sem admiração, e sem o julgar por importantíssimo à inteligência das escrituras proféticas. Toda a minha desgraça esteve no tempo, e em me não ouvir o senhor Inquisidor Geral presente, que eu desejara muito me ouvisse, com palavra sua de que me concederá revista e me ouvirá, como em tantos casos tem feito a Inquisição suprema de Roma, à qual o Padre Geral não quis que eu recorresse, por guardar respeito à de Portugal; e com a ordem que digo de S. A. estou pronto a me partir logo.

Tenho-me confessado com V. S.ª; V. S.ª conforme o que achar nestes dois tribunais me mandará a absolvição ou a penitência.

---

3. *o Duque Inquisidor Geral:* o duque de Aveiro, D. Pedro de Lencastre; v. a nota à carta n.º 48, em que falamos dele (p. 62 deste volume).

E Deus me guarde a V. S.ª e ao sr. Marquês muitos anos, como hei mister.

Roma, 22 de Outubro de 1672. — Criado de V. S.ª.

58.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 22-XI-1672

5 Senhor meu. — Dou a V. S.ª o parabém de ter chegado ao fim com os preliminares do nosso tratado, que sempre, e muito mais entre nós, são as maiores dificuldades. Igualmente estimo que as disposições dessa corte sejam tão boas e tão sinceras 10 como V. S.ª assegurou à nossa: e verdadeiramente, se as nossas praças perdidas se houverem de restituir aos antigos possuidores, e não repartir-se entre os coligados, terei este negócio totalmente por milagroso. Muito será que França se contente com isto, 15 quando tem os olhos postos no Oriente, e armado companhias, e empenhado tantos cabedais, e procurado tanto que dos nossos portos lhe déssemos algum.

---

6. *do nosso tratado:* tal tratado, que não chegou a efeito, estipulava os subsídios e a assistência militar que prometia dar-nos Luís XIV mal Portugal se resolvesse a guerrear contra a Espanha; além disso, recuperaria o nosso país, quando viesse a fazer-se a paz, as praças da Índia que os Holandeses tomaram; o inêxito da França nos Países-Baixos, devido à inesperada inundação do país, levou grande parte dos aliados daquela a abandonarem o seu partido; o eleitor do Brandeburgo, a Espanha e o

Aqui vi os dias passados um livro traduzido do francês, em que o seu autor declarava, debaixo do pretexto da Fé e zelo da propagação dela e das missões, quanto El-rei Cristianíssimo as queria adiantar naquelas partes. A este fim são mandados lá bispos franceses, que, com as omnipotências que de aqui levam, perturbam as jurisdições dos nossos bispados, e têm inquietado quanto lá estava em paz, não sem graves indícios e provas quase certas de que são iscados de jansenismo. E contudo aqui os defendem, e se opõem à observância de nossos antigos privilégios, sem valer nenhuma razão ou justificação deles, sendo mais claros que a luz do sol, e não tendo outros Espanha, a quem se guardam inviolàvelmente.

Tudo isto faz e pode a prata de uma coroa e as bandeiras despregadas da outra. E nós cuidamos que podemos ter vitórias sem interesse nem temor! Tudo o que não tem oposição alcançam e alcançarão os nossos ministros, com poucas diligências que façam; mas em juízo contraditório sempre ficaremos os vencidos e ainda desprezados.

De Inglaterra são maiores as minhas desconfianças, pelo que tem metido em testa, de que andam cheias as gazetas. Todas publicam que naquela corte se reputa a nossa princesa por ilegítima, e o

---

Império passaram à atitude da hostilidade, e em 1673 assentar-se-iam na Haia as bases de uma grande coalisão contra a França; Luís XIV, renunciando à ideia de destruir a Holanda, passava a preparar o ataque à Espanha, para o que queria a colaboração de Portugal, contando com a dedicação de D. Maria Francisca.

16. *de uma coroa... e da outra:* Espanha e França.

matrimónio por inválido, e a rainha D. Catarina por herdeira. A propósito do casamento do Duque de York com a casa de Áustria se dizem e escrevem sobre isto cousas indigníssimas. Deixo a maldita
5 cláusula de Ceilão. Enfim, como outras vezes tenho dito a V. S.ª, na assistência de V. S.ª tenho livradas todas as minhas esperanças; e, posto que V. S.ª não está longe ainda aqui será mais perto. Holanda é mau inimigo, mas um; e na Fé não é mais cató-
10 lica Inglaterra.

Ouço que em Portugal se trata de Companhia Oriental, e dizem que com bons fundamentos. Eu sempre desejei companhia e não companheiros. Lutemos com os Holandeses arca por arca, e não
15 será pequena a ajuda a França e Inglaterra esta diversão. Por ela bem merecemos a introdução no tratado da paz, quando se faça; e também entendo que só a ameaça desta liga por si é um não pequeno torcedor para se ajustar; e não será justo que fique-
20 mos nós com o ódio e outros com o interesse. Falo a V. S.ª como ignorante, mas com toda alma na pena, e só a V. S.ª a manifesto.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo.

Roma, 22 de Novembro de 672. — Capelão e
25 criado de V. S.ª.

---

5. *cláusula de Ceilão:* a do tratado de 1661 pela qual Portugal se obrigava a entregar aos Ingleses o porto de Gale no caso de recuperar Ceilão.

11. *Companhia Oriental:* ideia proposta pelos cristãos-novos, apresentada em carta do padre Baltasar da Costa a D. Pedro, em 7-IX-1672.

14. *arca por arca:* peito a peito, esforçadamente.

59.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 13-XII-1672

Senhor meu. — Cada hora estamos esperando as novas que nos manda de si o Novembro marcial. E tem V. S.ª muita razão de dizer que já se perderam os discursos, porque não há onde tomar pé, 5 com que será força caminhar-se em tudo lentamente, e assim parece que o faz Inglaterra. As forças desse país já não causam tanto horror, não se podendo negar que este foi o que teve tanta parte na torrente das primeiras vitórias. Aqui temos 10 espanhóis, franceses e alemães, e nos rostos de todos se vêem as cores mudadas.

Haverá três dias que aqui chegou o Conde de Mesquitela. Duvidou ao princípio o nosso Residente se o havia de visitar, e se resolveu consigo à parte 15 afirmativa. Eu o vi ontem, e foi a primeira vez em minha vida, em cama. A doença não se julga por

---

12. *o conde de Mesquitela:* trata-se do 2.º conde deste título, D. Neutel de Castro, cujo nome apareceu envolto em vários crimes; acusado de ser o instigador do assassínio do primeiro marquês de Sande (v. na página 82 a nota sobre D. Francisco de Lima), na noite de 7-XII-1667, fugiu para Espanha; tendo praticado em seguida novos crimes e sido denunciado pelo sogro, a cuja protecção se acolhera e que depois ultrajou gravemente, foi preso no convento de Odivelas e sentenciado a degredo na Índia, para onde seguiu em 1671; conseguiu fugir de lá para Roma, aonde chegou ao tempo em que Vieira escreveu esta carta; veio a falecer em 1674.

bem, segundo lá me disse o médico Miguel Lopes, que para aqui veio de Lisboa. Não dá muito boas novas da Índia, onde só se deteve três meses. Há naquele Estado muita falta de gente, porque a que
5 vai de Portugal, fica sepultada nas ondas, por desgoverno e desamparo. Todas as nossas cousas são assim; e nem lhes queremos aplicar nem saber os remédios. Embarquei-me, com esta última, trinta e cinco vezes, e sei pouco: que farão os que viram o
10 mar só do Cais da Pedra até Sacavém!

Um ministro grande me diz que anda na forja um negócio, que ele havia praticado comigo, e pelos sinais entendo que é o de comércio e companhias mercantis. Queira Deus que acabemos de entender
15 que não tem outro meio a nossa opulência, nem ainda a conservação.

Em outras cartas se escreve faz o Embaixador de Castela grandes proposições com plenipotência de Holanda, e que nos remitem a dívida de Setúbal,
20 e nos largam todo o Ceilão, e outras conveniências pacíficas. Se assim é, tudo se deve às instâncias de

---

1. *Miguel Lopes:* Miguel Lopes de Leão, provàvelmente cristão-novo e provàvelmente fugido de Portugal quando, no mês de Julho, foram presos pelo Santo Ofício alguns dos mais ricos comerciantes de Lisboa.

12. *um negócio:* a ideia da fundação de uma Companhia portuguesa para o comércio das Índias Orientais, com capitais de cristãos-novos, patrocinada pelos jesuítas, e que originou grandes controvérsias.

19. *a dívida de Setúbal:* a indemnização de guerra à Holanda, paga por nós em sal de Setúbal, consoante o tratado de paz de 1669; esta forma de pagamento parece favorecer a nossa hipótese (mera hipótese de trabalho, aliás, como todas as outras que temos proposto) sobre a importância do sal no comércio português.

V. S.ª, e ao medo da liga que se trata em Inglaterra. Queira Deus que de um ou de outro modo nos saibamos aproveitar da ocasião.

Aqui se excomungaram domingo em todas as Igrejas os cúmplices do delito contra o Patriarca. Houve ontem consistório em que se esperavam novos cardeais, mas não saíram. Eu, depois que me fizeram italiano, vivo desgostosíssimo em Itália, sem outro alívio que o da conformidade, que é pouca, com a vontade de Deus.

O mesmo Senhor guarde a V. S.ª muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 13 de Dezembro de 672. — Capelão e criado de V. S.ª.

60.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 27-XII-1672

Senhor meu. — Tenha V. S.ª tão alegres e felicíssimas festas, como eu tive duplicadas estas com duas cartas de V. S.ª, acompanhando a deste correio a do passado. O de Portugal, devendo chegar, segundo o uso do Inverno, na antevéspera do Natal, estamos na segunda oitava e ainda não há novas dele; o rigor do tempo o escusa: queira Deus

---

5. *o Patriarca:* trata-se de um patriarca (de Jerusalém ou de Alexandria) que fora núncio em Veneza, e que havia sido ferido a tiro em Roma, certa noite do princípio de Dezembro de 1672.

que compense a tardança com alguma notícia que nos dê bom fim e princípio de ano.

Muito estimei saber o estado da negociação de Inglaterra, e tiro da pressa que agora nos dão as
5 mesmas consequências. Poderá ser que as novas que correm das ofertas de Holanda em Portugal influíssem na frieza de Inglaterra. Eu, como já me parece tenho dito a V. S.ª, nenhum fundamento faço, nem dos avisos nem das proposições do Conde
10 de Humanes; porque as estimo totalmente vãs, e quanto mais largas e liberais tanto mais suspeitosas de artifício e engano, para iludir ou quando menos embaraçar a simplicidade do nosso povo, e ver se com os aplausos e brados pode arrastar os votos de
15 alguns ministros, alguns dos quais também são povo.

Estou com V. S.ª em entender que mais depressa nos darão os Holandeses uma das melhores praças de Holanda que Ceilão, e muito menos Ceilão e
20 Cochim, que vem a ser dar-nos a pimenta e canela, que são as principais drogas do seu comércio. Perguntara eu ao Conde de Humanes que caução nos há-de dar do que promete. E, como Castela nos não há-de dar a que eu apontasse, com esta res-
25 posta satisfaria a todas as partes. A condição de liga ofensiva e defensiva já se vê quão impraticável é, e quão abominável contra duas coroas, uma tão parenta, outra tão amiga, e ambas tão poderosas. Se aceitássemos os oferecimentos intrínsecos dos

---

9. *Conde de Humanes:* embaixador de Espanha em Lisboa; suspeitaram-no de conivência na conspiração a favor de D. Afonso VI.

27. *duas coroas:* França e Inglaterra.

nossos homens de negócio, são eles tais que nós sem companhia de outrem podíamos fazer a guerra na Índia, com que nos livraríamos de grandes inconvenientes; e este foi sempre o meu parecer e é a
5 minha dor, como tantas vezes tenho manifestado a V. S.ª; mas, pois não queremos o melhor, é força que nos componhamos com o menos mau.

Até aqui tinha escrito esta esperando pelo correio; chegou neste último momento, e não traz novidade
10 de que possamos esperar melhoria de ano.

Deus guarde a V. S.ª tantos e tão felices como desejo.

Roma, 27 de Dezembro de 1672. — Capelão e criado de V. S.ª.

61.

A D. Rodrigo de Meneses

De Roma, aos 31-XII-1672

15 Senhor. — Com excessivo contentamento recebi esta última carta de que V. S.ª me fez mercê, escrita em 11 de Novembro; e, lendo nela tantos motivos de pouco gosto, que chegam amplificados por outras vias, só os pode aliviar saber que passa V. S.ª, e o
20 Marquês meu senhor, com saúde, de que dou infinitas graças a Deus, confiado de sua providência que, enquanto nos conserva estas duas colunas, nos não tem deixado de todo.

Vindo ao que V. S.ª me manda que eu diga, não
25 sei por onde comece, e se explicara melhor a minha dor com lágrimas e gemidos que com palavras.

Beijo mil vezes a mão a V. S.ª por perdoar as fúrias do meu zelo, e honrar e animar a verdade do coração, de onde nascem.

Portugal, senhor, está no mais miserável estado em que nunca o conheci nem considerei, e a maior miséria é o nosso engano, e a maior guerra a nossa mal entendida paz. Já me contentara que fôramos a segunda Galiza com segurança; mas esta não sei nem vejo sobre que fundamentos no-la possamos prometer. É necessário governarmo-nos com a espada sempre na cinta, e com a balança na mão, pesando os poderes de todos os príncipes e fiando-nos só do próprio. Não estamos em tempo de El-rei D. Manuel ou D. João o III, em que só os nossos astrolábios sabiam navegar, e só os nossos galeões tinham nome. Holanda, Inglaterra e França se têm feito potentíssimos no mar, e por isso uns podem contrastar e outros resistir à fortuna nos maiores apertos dela; e, porque Espanha (cujos erros nós seguimos devendo aprender deles) o não fez assim, se começou a perder e perderá de todo, se não abrir os olhos como já parece quer fazer.

A mesma Espanha é inimiga nossa irreconciliável, e todos os castelhanos em nenhuma outra cousa têm posto a mira que tornar a ser senhores de Portugal. Assim o ouço nas bocas de todos, e lhes o vejo muito melhor nos corações; e cada dia saem impressos nas gazetas de Itália e Alemanha não só indícios destes intentos, mas os fins e meios declarados deles, entre os quais andou mui vulgar estes dias o do casamento do Duque de York com a casa de Áustria, para que Espanha unida com Inglaterra nos conquistasse, repartindo-se entre os dois o Reino e as Conquistas, falando-se na legitimidade da nossa

princesa e no direito do Príncipe, com termos tão indecentes a nós como assentados no juízo de muitos.

De Inglaterra não tenho que dizer de novo, e, 5 quando falo em Inglaterra, não exceptuo a ninguém; mas Inglaterra, França e Holanda, todos têm os olhos postos em conquistas, e não têm outras para onde olhar senão as nossas, que só com armadas prontas no rio de Lisboa se podem defender, e, 10 ainda que aí se apodreçam ao parecer inùtilmente, só elas são os muros das conquistas. E não nos envergonhamos de se saber no mundo que consta a nossa armada de três fragatas!

A razão de as nações sobreditas se empregarem 15 com tanto cabedal no poder marítimo é principalmente a utilidade dos comércios, tendo conhecido todas as coroas e repúblicas, por experiência, que só comerciando se podem fazer opulentas, e que os frutos das terras próprias apenas bastam ao sus- 20 tento dos naturais. O Imperador e todos os príncipes da Itália interior são pobríssimos; e as riquezas de Veneza, Génova e Florença, todas lhes vêm dos seus portos e comércios, sobre os quais cuidam e vigiam com tal gelosia, especulam com tal aten- 25 ção, agudeza e minudência, que puderam parecer nimiedade e ainda vileza, se não foram as consequências de tanta importância.

Mas, senhor, o nosso caso não é este. Não quero que sejamos ricos; quero sòmente que conheçamos

---

24. *gelosia:* a palavra existia no português antigo, com o sentido de cuidado, desvelo, zelo, ciúme; mas supomos possível que venha aqui por influência do italiano.

a nossa fraqueza e o nosso evidente perigo, e que tratemos de prevenir o precisamente necessário para conservar a liberdade, o Reino e as Conquistas; e, suposto que estamos conhecendo e padecendo com tantos descréditos a impossibilidade dos quatro palmos de terra que Deus nos deu na Europa, porque nos não havemos de valer da nossa situação, dos nossos portos, dos nossos mares e dos nossos comércios, em que Deus nos melhorou e avantajou às nações do mundo? Todas nos invejam esta felicidade e deixam as suas pátrias para a vir buscar e lograr entre nós; e só nós nos não sabemos aproveitar dela, e enriquecemos as terras estranhas com os instrumentos nascidos e criados na nossa, que a puderam fazer a mais florente e poderosa de todas.

Porque não viverão os nossos cristãos-novos em Portugal como vivem em Castela, Itália e na mesma Roma, e porque não serão as nossas Inquisições como a suprema Inquisição da Igreja, em que os ministros são bispos, arcebispos, patriarcas e cardeais, e a cabeça o Sumo Pontífice vigário de Cristo, que todas as semanas assiste nela um dia?

A Inquisição é um tribunal santíssimo, e totalmente necessário, mas não pode ser santo, nem tribunal, governando-se com estilos ou injustos ou injustamente praticados, com irremediáveis danos, não digo já do temporal do Reino, mas da inocência, da verdade e da mesma Fé. Isto que digo a V. S.ª é certo e infalível, e todos os homens doutos e timoratos abominam e anatematizam tal modo de proceder, e lhe chamam não só injusto mas bárbaro, e se admiram e pasmam como haja príncipe cristão que tal consinta, e vassalos que tal sofram. Esta é a verdade pura e sincera, sem afectação nem paixão,

e assim o sabem geralmente todas as pessoas de letras e de religião, e de todas as Religiões portuguesas, que se acham por estas partes, depois que viram nelas a diferença dos estilos, e justiça com que cá se procede; e já o dizem, porque cá podem manifestar e praticar o que sentem, e em Portugal não. E dentro em Portugal todos os que têm interior notícia dos procedimentos da nossa Inquisição julgam o mesmo; nem os mesmos ministros dela, de

---

8. *os procedimentos da nossa Inquisição:* eram infernais; de um estudo sobre os Judeus portugueses publicado por Mendes dos Remédios na *Biblos* extraímos estes períodos: «Fica-se pasmado à vista de tantas distinções, de tantas categorias, de tantas subtilezas. Apertado em tais malhas, réu que caísse na Inquisição raro de lá saía sem ter passado, pelo menos, algumas torturas morais. O *Regimento* era uma lei elástica, misteriosa e fulminante. A maioria dos empregados do Santo Ofício conhecia dele tão sòmente a parte que lhe respeitava e que lhe era comunicada por extracto. O segredo em tudo e para tudo. E até — cousa inaudita! — ao comparecer o réu pela primeira vez e ao ser interrogado sobre se sabia ou suspeitava porque fora preso e trazido aos cárceres do Santo Ofício, *não se lhe declarava a qualidade das culpas por que fora preso,* e sòmente se lhe dizia *que estava preso por culpas,* cujo conhecimento pertencia ao Santo Ofício. O desgraçado inquiria então de si, da sua vida completa, através do mais distante passado, das suas relações de parentesco e de sociedade, das mesmas palavras que impensadamente tivesse pronunciado, revelava nomes, descobria intenções, sugeria probabilidades, aventava hipóteses, confundindo e baralhando tudo de interrogatório para interrogatório, negando, desdizendo-se, comprometendo-se. No cadastro, que atrás fica, distinguem-se principalmente os réus *negativos,* isto é, os que nada diziam, ou que negavam sempre por se declararem inocentes. Eram condenados por isso mesmo. O in-

que sou testemunha, o podem negar nem defender, e convencidos com evidência encolhem os ombros e dizem que é estilo. Pois se eles o não emendam nem remedeiam, como parece não podem, porque 5 o não há-de remediar o Vigário de Cristo, e porque não há-de recorrer a ele o Príncipe?

Quando este remédio fora contrário às utilidades temporais do Reino, tinha obrigação S. A., como príncipe cristão e justo, de tratar eficazmente delas,

---

quisidor estava *convencido*, tinha bem essa certeza *para si* da culpabilidade do réu. Mas ele negava-o. Pois bem — condenado. Mas eis outro réu que dizia alguma coisa, não tanto, porém, quanto os seus juízes *já sabiam*, não acertava com a culpa, não descobria os cúmplices. Cá estava um *deminuto*. Condenado! Aí comparecia outro que julgava talvez escapar-se confessando o que não tinha feito, arquitectando culpas que ele imaginava para, pela sua simples confissão, poder libertar-se. Mas depressa o logro era descoberto, essa exposição de delitos não correspondia ao depoimento das testemunhas. Estava-se, portanto, em presença de um *ficto* e *simulado*. Condenado, ainda! Aí vinha agora o *revogante*—tinha confessado delitos vários, imprevistos, não conhecidos, quando sujeito ao tormento e, agora liberto das dores, já se desdizia, retratava-se, negava tudo, contestava tudo. Condenado, então! Mas confessava, expunha tudo nobremente, desassombradamente, aí estava o *confitente!* E assim o miserável ia, por suas próprias mãos, inconscientemente, sem o suspeitar, tecendo dia a dia, hora a hora, uma verdadeira túnica de Nessus, de que raro poderia mais tarde desembaraçar-se!» Entre os crimes condenados pelo Santo Ofício figurava a opinião «dos que dizem que o estado de bons casados é mais perfeito que o dos religiosos que vivem mal» (§ XXX do *Tratado dos processos e causas julgadas de todo o género de delitos de que se conhece nas Inquisições deste Regno para se poder por ele processar e julgar outros)*.

sendo matéria tão universal e tão grave, e enquanto
o não faz não tem segura a consciência nem a sal-
vação; porque não há razão nem teologia alguma
que o possa escusar, tendo desimpedido o recurso ao
5 Sumo Pontífice; e por isso El-rei que está no Céu,
para descargo de sua consciência, ainda quando se
lhe negava o mesmo recurso em todas as outras
matérias, nesta o procurou por decreto escrito e
firmado de sua real mão, que veio e está em Roma,
10 como já escrevi a V. S.ª.

Quanto aos medos da nossa Inquisição é cousa
ridícula; e que pode ela pretender nem fazer contra
o recurso do Sumo Pontifíce? Enfim a nossa Fé tem
degenerado em loucura, como dizem com mofa,
15 irrisão e desprezo todas as nações católicas do
mundo, e todos os grandes homens eclesiásticos, reli-
giosos e prelados da maior piedade, santidade, letras
e autoridade, que concorrem neste supremo teatro
da cristandade. O zelo materialmente é muito bom,
20 mas tão indiscreto e tão cego que nenhuma igno-
rância o pode escusar de gravíssimo pecado contra
a mesma Fé, que por este caminho se destrói em
muitas almas e se impede em infinitas: mas a maté-
ria em suas evidências e consequências não é para
25 tratada de tão longe.

Em conclusão, se S. A. quer Fé, Justiça e Reino,
recorra e recorra logo ao Vigário de Cristo, que é a
regra da mesma Fé, e descarregue nele a sua cons-
ciência e de seus ministros, para que os estilos e
30 prática da Inquisição seja como a da suprema Inqui-
sição de Roma, que é a mais qualificada e aprovada
por tantos Sumos Pontífices, cuja autoridade só é
canónica, cuja santidade está canonizada em tan-
tos, e não queiramos ser melhores que eles, que é o

mais evidente argumento de não sermos bons nem
os que devemos. De aqui se seguirá que serão castigados os culpados, e que ficarão livres de temores e
enredos os inocentes; e para que os enredos passados não sejam laço e embaraço da nova justiça
futura, se pode coonestar com um perdão geral, ou
outro nome que tenha o mesmo efeito. E para que
os presentes no Reino e os ausentes queiram e possam meter o seu dinheiro com segurança nas nossas
companhias de comércio, que suponho, o dito dinheiro deve de ser livre e isento da confiscação, com
dispensação do mesmo Pontífice, que entendo concederá tudo, pois estava justificado, e necessário ao
bem universal de uma parte considerável da Igreja;
e se houver algum impedimento será só o que lhe
queiram pôr os faccionários de Castela, e outros
émulos da nossa conservação e aumento.

Sobre a liga de Inglaterra e França tenho as mesmas dúvidas que V. S.ª, e cada hora maiores, porque o estado das cousas de Holanda se vai mudando, e os seus corsários crescendo; e sempre tivera
por mais útil a paz e alguma boa conveniência com
eles, que uma guerra tão arriscada como a que nos
podem fazer em todas as partes do mar e do
mundo. Partilhas com dois companheiros tão poderosos nunca nos podem estar bem, e assim o escrevi

11. *isento da confiscação:* mas aqui, possìvelmente, é que estava o ponto de maior importância; numa lista de processos inquisitoriais publicada por Mendes dos Remédios na *Biblos* em 1926 lê-se o seguinte: «LXIV... 197 — André Lopes, cristão-velho... por dizer que os cristãos-novos que queimavam eram mártires e que os prendiam por lhes tomarem as fazendas...» (p. 543).

a Duarte Ribeiro, não me podendo jamais inclinar a que partamos com tanto risco aquele todo que foi e pode ser nosso, se nos quisermos fiar mais do poder próprio que dos interesses alheios. Na mesma
5 conformidade falo e escrevo aos demais ministros com quem tenho comunicação; mas, como o meu zelo está tão pouco autorizado, não é muito que se despreze.

Espero com a maior brevidade que a V. S.ª for
10 possível a resposta da carta que há muitos correios escrevi a V. S.ª sobre meus particulares, com o Padre João Juzarte, que já deve ser chegado a esse Reino. Nele está também agora um meu sobrinho, a quem escrevo se valha do patrocínio de V. S.ª em
15 seus requerimentos; e a V. S.ª peço sobretudo me não falte com a continuação da mercê de novas suas e do Marquês, meu senhor, que é a única consolação que tenho neste desterro.

E Deus guarde a V. S.ª muitos anos, como os
20 criados de V. S.ª havemos mister.

Último de Dezémbro de 1672. — Criado de V. S.ª.

---

12. *João Zuzarte:* muito provàvelmente lapso, por *Pedro* Zuzarte, o missionário da Índia a que já anteriormente nos referimos; a carta é a que damos com o n.º 57, p. 92.

13. *um meu sobrinho:* Gonçalo Ravasco Cavalcante de Albuquerque, filho de Bernardo Vieira Ravasco, secretário do Estado do Brasil.

62.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 3-I-1673

Senhor meu. — Cada dia crescem as razões da minha dor de não termos a V. S.ª nesta Cúria para a guerra que nela se nos faz; mas, como dessa corte vêm os impulsos, lá poderá V. S.ª fazer sua a vitó-
5 ria, e dar-no-la Deus pela indústria e eficácia de V. S.ª.

O cardeal que V. S.ª nomeia será português sòmente onde se não atravessarem os interesses de França, e o mesmo fará o nosso Protector, princi-
10 palmente agora que já está de posse de dez mil cruzados em pensões eclesiásticas, que serão sempre suas, ou as mereça ou não, e ainda no caso em que desenganados passemos o título e ofício a outro sujeito. Não sei que conselhos são os nossos. De ma-
15 neira que paga o nosso Príncipe vinte mil cruzados de pensões a dois cardeais que servem a outra coroa, e não só não ajudam as nossas utilidades, mas seguem declaradamente as partes dos que as impugnam.

20 No mesmo dia em que se fez a graça do Deado de Évora ao nosso Residente, e antes de firmada,

---

7. *O cardeal:* César d'Estrées, bispo-duque de Laon, tio da rainha de Portugal, nomeado cardeal por apresentação da Coroa portuguesa.

9. *o nosso Protector:* o cardeal Virgínio Orsino, que era também protector da França (chamavam-se «protectores» os cardeais encarregados de zelar, em Roma, os interesses de certos países ou de certas Ordens).

20. *Deado de Évora:* v. página 91.

veio o Cardeal Ursino dizer-lhe da parte do Secretário da Propaganda que se não haviam confirmar os bispos nomeados por S. A. para a China, Japão, etc. V. S.ª tirará a consequência e me guar-
5 dará segredo.

O Padre Simão Teixeira, Procurador da nossa Assistência, que V. S.ª deve conhecer da Universidade de Évora, fez sobre esta matéria um tratado largo e muito douto e erudito, de que mando a
10 V. S.ª a suma. Dele consta o nosso direito, e como nenhum outro príncipe o pode ter nem pretender, antes *eo ipso* incorre em excomunhão reservada ao Papa, que é um particular motivo com que o Padre Confessor pode eficazmente insistir no seu bom
15 ânimo, e o deve fazer para descargo da consciência de El-rei e seus ministros.

A este direito se ajunta a posse de mais de duzentos anos, continuando sempre os reis de Portugal na assistência das mesmas conquistas com infinitas
20 despesas, de que os mesmos pontífices fazem menção nas suas bulas, com que a doação daquelas terras e mares, e o direito de levantar igrejas e nomear bispos, nas conquistadas e por conquistar, passou a contrato oneroso, etc.
25 Os governadores seculares e eclesiásticos da Índia resistiram sempre aos bispos mandados pela Propaganda, e de facto tornaram a embarcar e

---

10. *o nosso direito:* o direito exclusivo do rei de Portugal de nomear bispos para a China, Japão, etc.

13. *Padre Confessor:* o confessor de Luís XIV era então o padre Ferrier, que veio a falecer no ano seguinte ao desta carta, sucedendo-lhe como confessor do monarca o padre La Chaise.

mandar para Europa alguns deles, um dos quais se acha hoje em Roma; e João Nunes da Cunha, sendo Viso-rei, pouco antes de morrer escreveu uma carta ao Cardeal Ursino, em que lhe dizia (palavras formais) que, se à Índia fossem bispos não nomeados por El-rei de Portugal, os havia de mandar enforcar na praça de Goa, ainda que fosse com o risco da Congregação da Propaganda os declarar por mártires; e que soubesse S. Em.ª e a Congregação que não haviam de escapar em nenhuma parte, porque ele tinha soldados e armadas. Até aqui aquele nosso amigo, que deixou em Portugal poucos herdeiros de sua resolução e espíritos.

A Congregação insiste; em Portugal não se toma este negócio tão resolutamente como devia, e o Residente procede mais lentamente do que a nós nos parece convinha. Entende-se que toda esta dureza da Congregação é animada das instâncias de França e fraqueza das nossas, e tudo se reduz àquele princípio de poder ou não poder, que nós não queremos remediar.

O meio que isto tem é não ter meio. Portugal não há-de ceder do seu direito, e a Igreja e Cristandade não se pode conservar com estas divisões. O que convém é que o nosso Príncipe nomeie todos os bispos, que a Congregação não mande outros, e que faça retirar aos que tem mandado; e que, se o Papa julgar são necessários outros, Portugal os nomeie e vão por via de Portugal. E que no Reino, em Roma, em França e em toda a parte insistamos todos nisto, sem fazer pés atrás nem abrir porta ao contrário, sob pena de sermos arruinados por esta brecha, que por tantas vias se está batendo.

Vejo que este ponto também deve de entrar nas

condições da liga de Inglaterra, e que esta negociação do Padre Confessor, tão justificada por uma parte, pode ser encaminhada a que França, sem nos tirar por violência o nosso direito nem em Roma
5 nem na Índia, o queira participar em uma e outra parte por convenção e conveniência; e tudo temo, porque tudo me dói, como outras vezes tenho representado a V. S.ª.

Enfim, o zelo de V. S.ª é igual e maior que o
10 meu, e, como V. S.ª está ao pé da obra e eu tão longe, não posso dizer mais do que tenho dito. Dificulte V. S.ª quanto puder em Portugal este ponto, e inste em que nos aproveitemos dos nossos comércios para a conservação da Índia, porque sei
15 de boa parte de quanta autoridade será o parecer de V. S.ª neste particular, e que são grandemente bem recebidas as cartas de Gaspar de Abreu em Lisboa, porque o propõe e aconselha. V. S.ª lhe pode comunicar este negócio, e será necessário pelas
20 dependências que tem de Roma, mas não saiba que V. S.ª me o participou primeiro.

Tudo o que V. S.ª me diz do embaixador de Castela é o que sempre supus. Aqui amanheceu morto dia de Janeiro o Cardeal Gualtieri, e são

---

17. *Gaspar de Abreu:* Gaspar de Abreu de Freitas, residente de Portugal em Roma, que recomendava a oferta dos cristãos-novos a respeito das cousas da Índia, a que nos referimos no prefácio (1.º vol., p. CII).

20. *dependências de Roma:* a efectivação das ofertas dos cristãos-novos dependia de se conceder em Roma o perdão geral, bem como a reforma das praxes processuais («estilos») da Inquisição portuguesa, pedidos por aqueles.

cinco os Eminentíssimos que acabaram a vida deste modo em menos de vinte meses.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos e muito felizes, como desejo e havemos mister.

5 Roma, 3 de Janeiro de 673. — Capelão e criado de V. S.ª.

63.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 31-I-1673

Senhor meu. — Também nesta posta recebi juntas as cartas desta semana e da passada, com as horas cotadas de fora a que foram recebidas no
10 Colégio, e já representei a V. S.ª o remédio que pode ter esta falta que me fazem.

Muito estimei saber a especialidade dos despropósitos, que o Ministro de Castela faz em Lisboa, e daquela e da sua corte se espalham pelo mundo;
15 e sinto que sejamos nós tais que se atrevam a nos fazer estas burlas, tão indignas do respeito que se deve a um Príncipe, mas mui conformes ao seu ódio, e ao desprezo com que em toda a parte nos tratam, o que ao menos em nossa casa devera ser
20 com mais cautela. Um adágio português me ocorria que declara bem uma e outra coisa. Deus nos queira despertar do letargo em que vivemos.

---

13. *ministro de Castela:* o conde de Humanes, que fomentava, ao que parece, uma conspiração para repor no trono D. Afonso VI.

Já V. S.ª será sabido pelas minhas que, se morreu o Marquês de Távora, também não viveu o Conde de Mesquitela. Os parentes, escrevem, se previnam em Lisboa para fazerem ao Marquês
5 umas soleníssimas exéquias, em que prègava o Bispo Cortesão, e se buscavam empresas e epigramas por todos os oficiais desta arte. Parece que nos queremos vingar da morte ou zombar de Deus e de seus juízos. Enfim este nos falta em tudo.

10 Das vitórias de França, e desesperação a que podem vir os Holandeses, faço a mesma consideração que V. S.ª; mas o nosso descuido a nada atende. Parece que estamos fora deste mundo. Afirmo a V. S.ª me desejo em algum lugar, se o
15 há tão remoto, onde se não ouça nem conheça o nome de Portugal. Tremo dos correios que de lá vêm, porque todos trazem motivos de dor e tristeza, sem depois deste governo lermos uma nova de gosto ou esperança dela.

20 Aqui nos enchem os padres franceses os ouvidos com havermos recuperado Cochim, e também esta notícia devia de vir por cima da folha. O que eu vi ontem é uma carta escrita de Aspam ao Padre Assistente de França, em que lhe dizem andam
25 nos mares da Índia vinte e três naus de guerra francesas de até setenta peças de artilharia, com

---

2. *Marquês de Távora:* o 1.º marquês deste título, 3.º conde de S. João (1634-72); serviu distintamente na guerra contra a Espanha e influiu muito, ao que parece, nas decisões do governo de D. Pedro, sendo um dos do «triunvirato» mal visto por Vieira (v. p. 56).

6. *o Bispo Cortesão:* Frei Luís da Silva, monge trinitário, assistente do bispo capelão-mor.

que dominam todos aqueles mares, e têm em terror todas as nações naturais e de Europa. Eu tiro de aqui as consequências que não hão mister muita lógica, e na mesma carta se nomeavam viso-reis, 5 generais e governadores, com tal pompa que a não pudéramos nós fazer maior no tempo de El-rei D. Manuel.

Muito é que El-rei de Inglaterra cedesse daquela condição que não parecia fácil, e eu suponho ser 10 a cláusula de Ceilão: pode ser que a não duvide porque a não espere ratificar. E verdadeiramente, se os dois Reis querem por esta via fazer guerra aos Holandeses, parece que não haviam de dilatar o que, resolvendo-se logo, se não pode executar 15 senão em tempo e com monção que não vem todos os meses.

Sobre o que disse a V. S.a o Secretário de Estado que foi embaixador em Holanda, choramos todos aqui a nossa cegueira; e muito mais raivosamente 20 quando vemos que não deixa Roma de ser a cabeça da Cristandade, por tolerar os Judeus, que só tratam em roupa velha, contentando-se tantos pontífices santos com os obrigar a ouvir um sermão na semana, e se converter algum de ano em ano. 25 Mas a isto me dirá aquele grão-ministro o que escreveu a V. S.a. Em Lisboa tinha S. A. concedido aos Cristãos-Novos que pudessem recorrer ao Pon-

---

17. *o Secretário de Estado:* o marquês de Pompone (1618-99), embaixador extraordinário na Suécia em 1665, enviado à Haia em 1669, regressado ao posto na Suécia em 1671 e logo no mesmo ano chamado para ministro, ou secretário de Estado, dos negócios estrangeiros; foi ele que veio a concluir a paz da Nimègue (1678).

tífice, sobre os estilos com que em Portugal são tratados, e depois de ajustado este negócio, que era negócio, foi remetido ao Santo Ofício.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo.
5 Roma, 31 de Janeiro de 673. — Capelão e criado de V. S.ª.

64.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 7-II-1673

Senhor meu. — Muito desgostoso exórdio é este da última carta de V. S.ª. Quererá Deus que com a mudança do tempo melhorem os achaques de
10 V. S.ª, e que faça a benignidade do sol o que o rigor do fogo não pôde suprir. O meu estômago no Inverno também padece os mesmos acidentes, porque é rara a noite em que não troque o que tenho comido, sendo que o faço com grande mode-
15 ração. Pode ser que, se as minestras italianas foram caldo de galinha, se acomodara mais com elas a debilidade dos meus anos, que é a vantagem que considero nos de V. S.ª. Logo fiz diligência pelos pós do Papa Benedito, mas também cá se não
20 conhecem por este nome, sendo os nossos boticários os mais peritos desta arte. Eu muito desejo a V. S.ª em Lisboa, mas nas circunstâncias presentes também quisera a V. S.ª em Paris, em Inglaterra e em Holanda; e não é de agora este desejo, porque

---

15. *minestra:* sopa (palavra italiana).

há muitos dias que o representei a algum ministro dos que estão mais perto do lado de S. A., e têm nele, segundo dizem, o lugar da maior confidência, e me respondeu que se não fazia porque não há
5 um vintém. Torno a dizer que é grande a nossa fé, e que esta pelo mal que está entendida no nosso Reino o há-de perder.

Aqui se mostra carta de Lião, em que se refere outra de Surrate, escrita por um deputado da Com-
10 panhia Oriental francesa, e esta afirma que os Portugueses tinham recuperado Cochim, não sem inteligência do governador da praça, ou bem afecto ou convertido à fé católica por indústria de um Padre da Companhia. Esta carta dizem que veio
15 por Esmirna, mas não souberam dizer de que tempo era a data: o certo é que vi eu outra de Aspam, escrita ao Padre Assistente [de] França por outro padre também francês, em que dizia que nos mares da Índia se achavam vinte e três naus
20 de guerra francesas, de cinquenta até setenta peças, que tinham posto em grande terror a todas as nações daquelas partes, assim naturais como europeus; e na mesma carta se fazia menção de Viso-Rei, governadores, generais, etc., com tanta
25 pompa destes vocábulos, como o pudera fazer El-rei D. Manuel. E nós cuidamos que, com ter duas gôndolas em que passar a Salvaterra, somos reis de aquém e de além-mar.

---

11. *recuperado Cochim:* boato falso; fora-nos tomada em 1663 pelos Holandeses, e na posse destes se manteve até o ano de 1795, em que os Ingleses a conquistaram.
13. *indústria:* intervenção, actividade, engenho.

Ontem correu também que o govêrnador de Utrecht tinha tomado a Haia, e se fala nos despojos desta e das outras praças, a que não defenderam os gelos, por milhões. A nossa pobreza de espírito
5 nos poderá segurar o reino do céu, mas não sei se o da terra. Se V. S.ª quer melhorar de seus achaques busque algum meio de não cuidar em Portugal, porque só este remédio podem ter os que o amam, e isto é o em que eu ando cuidando
10 há muitos dias.

O correio de Espanha, que a muito tardar havia chegar anteontem, ainda não é chegado, e, posto que os dias de toda a semana passada foram mui incómodos, suspeita-se que em França o hajam
15 esvalijado, como se diz fizeram a outro que ia para Alemanha.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos e com a inteira saúde que desejo.

Roma, 7 de Fevereiro de 673. — Capelão e
20 criado de V. S.ª.

65.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 19-IX-1673

Senhor meu. — Esta semana não hei tido carta de V. S.ª. Da nossa terra as tivemos amanhã fará oito ditas, e, sobre o que disse na passada não

---

15. *esvalijar:* desvalizar, roubar a mala a alguém, furtar.

trazem de novo mais que a tornada de S. A. para Lisboa, mais apressada do que se cuidava, e segundo as contas, chegaria até os 11 ou 12 do mês passado. A causa desta pressa sem dúvida são os pasquins, e outros papéis infamatórios que alteravam aquele rudíssimo povo, e muito mais as suspeitas dos motores, que comummente se vê serem eclesiásticos e seculares, aqueles pelo interesse, estes pelo descontentamento, e uns e outros com pretexto da mal entendida fé, que todos os ministros desta Cúria chamam manifesta tirania; e se a execução responder aos ditames, não deixará de se pôr eficaz remédio.

Dizem-me de Lisboa que impugnam este negócio os estrangeiros todos, e muito particularmente alguns que V. S.ª melhor conhece. Todos querem o nosso, e só nós o não queremos. Dentro em Lisboa nos deixamos dessubstanciar, e fora não fazemos aquelas prevenções que neste mesmo ano, se se fizer a paz, nos podem ser necessárias. A Índia, o Brasil, Angola, e tudo quanto temos ou imaginamos ter, está em manifesto perigo, e não bastam os meus brados, de que nunca cesso, para espertar aquele letargo. Por amor de Deus, que V. S.ª lhes meta os medos que serão necessários para esta desatenção, porque desse lugar, e da fé maior que se deve dar a V. S.ª, confio que farão algum efeito.

Ontem estive com o sr. Cardeal d'Estrées. Falá-

---

8. *aqueles pelo interesse:* certo dia disse Vieira que «os inquisidores sustentam a vida com a fé e a minha Religião [a Companhia de Jesus] sustenta a fé com a vida».

mos nas cousas de Portugal, que S. E.ª zela como parente (e pode ser que também como vassalo e irmão de seu irmão) e por isso procedo com a cautela que convém. Deseja-se que o Secretário de 5 Estado seja removido, e se escreve que esta esperança não está tão desconfiada como nos meses passados. Só com ver a V. S.ª naquele lugar cuidarei que podemos ter remédio. Nisto mesmo convém S. E.ª com grandes elogios; eu lhe significuei 10 quanto importaria uma carta sua, e ficou em que a faria mui encarecida.

Não há outra coisa de que avisar a V. S.ª; queira Deus abrir os olhos a quem para tudo o mais é livre. Dizem que se ficavam tirando devassas, e 15 que se entendia seriam culpados alguns daqueles a quem neste caso não vale a imunidade.

Deus nos traga boas novas, e a V. S.ª guarde como desejo.

Roma, 19 de Setembro de 1673. — Capelão e 20 criado de V. S.ª.

---

2 *como parente ...como vassalo ...como irmão:* como tio da rainha de Portugal, como vassalo do rei de França, como irmão do embaixador de França em Roma.

14. *devassas:* para descobrir os autores dos pasquins aparecidos em Lisboa e a que Vieira se refere na longa carta de 9-IX-1673 ao padre Manuel Fernandes, onde diz: «Na manhã seguinte fui avisado, por pessoa que em sumo segredo viu as cartas, que nelas se dizia o seguinte: que Lisboa estava amotinada; que S. A. por esta causa (palavras formais) fugira para as Caldas; que tinham saído três pasquins cuja substância era amotinar o povo a que tomasse as armas, e advertisse que seu rei natural estava desterrado e preso, a honra e fama perdida, o reino pobre, o governo tirânico, e que sobretudo queriam vender a fé por dinheiro e crucificar de novo a Cristo;

66.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 26-IX-1673

Senhor meu. — Recebi, como ordinàriamente sucede, duas de V. S.ª, uma de 15 de Agosto, outra do 1.º do corrente. E antes de V. S.ª me advertir da pouca verdade com que os Holandeses
5 escrevem e estampam, desde princípio desta guerra naval estou sempre firme no conceito que fiz dela, antes do primeiro combate do ano passado, a que os padres desta casa chamam o Almanaque do Padre Vieira: prognosticando eu desde aquele
10 tempo (sendo perguntado, como marinheiro velho,

---

que o Arcebispo de Évora era vindo de novo a Lisboa, e passava às Caldas a representar a S. A. que, se isto se intentasse, ele se partia logo a Roma»... Era a agitação contra os cristãos-novos e contra os que advogavam a ideia de se diminuir o rigor do Santo Ofício. A porta da casa dos jesuítas, em S. Roque, foi dos locais preferidos para a afixação dos pasquins, sendo que alguns destes ameaçavam os fidalgos suspeitos de protegerem a causa da gente hebreia; pelo escuro da noite andavam pelas ruas grupos de embuçados, que vociferavam vivas à fé de Cristo, morras ao judaísmo; e entretanto, procuravam tirar partido da agitação os faccionários do rei deposto. O embaixador francês em Lisboa, D'Aubeville, escrevendo ao secretário de Estado do seu país, o marquês de Pompone, a 26-IX-1673, uma semana depois da data da presente carta de Vieira, informava que o nosso país se achava em grande risco, «non seulement par les pratiques d'Espagne et d'Angleterre, mais aussi par la malice et le peu d'intelligence de ceux qui ont part au gouvernement».

do que entendia) que as armadas haviam de pelejar valorosamente de ambas ou de todas as três partes, como nações tão belicosas; quẻ os Holandeses haviam de ter sempre a vantagem de menear
5 com maior facilidade os seus navios e se aproveitar dos ventos; que no demais uns a outros se haviam de fazer dano de parte a parte, mas que jamais se havia de saber por qual delas ficasse a vitória, porque esta nunca pode ser decretória nem conhe-
10 cida, salvo por algum notável acidente dos elementos, que uns e outros haviam de saber prevenir ou evitar, principalmente sendo a guerra no Verão, em que os mares guardam trégua. Isto é que sempre cuidei e supus, e assim o creio, por mais ou
15 menos que se diga.

Quanto ao desejo, direi sincerìssimamente a V. S.ª qual é o meu. Primeiramente quisera ver os Holandeses não só humilhados mas totalmente perdidos, assim por serem hereges, como pelo dano
20 que nos têm feito, e à propagação da fé de nossas Conquistas; isto como cristão e religioso. Como português, quisera que a vitória se dividisse de tal modo, entre os três contendentes, que todos tivessem razão de continuar a guerra e não vir a acomo-
25 damento de paz, na qual, como V. S.ª, considero a total ruína da Índia, e ainda passam avante os meus temores.

O bom despacho, que tiveram na Congregação de Propaganda as missões, se alterou ou declarou
30 depois, de maneira que querem repartir as dioceses

---

28. *Congregação:* realizada a 31-VII-1673 para tratar das missões e bispados da Índia.

de forma que de um bispado nosso façam três ou quatro, e estes sejam de quem por este modo quer conquistar a Índia. Com a nova, que chegou, de que os Franceses tinham ocupado a cidade de
5 Meliapor, se tem já pedido este bispado em nome de El-rei de França, sendo que na diocese temos muito grandes cristandades, com governador do bispado português, e muitos vigários e missionários todos também portugueses. Esta notificação fez ao
10 nosso Residente o Cardeal Ursino, para que V. S.ª veja que Protector temos; e o pior é que lhe dêmos as rendas em igrejas, que sempre ele há-de comer, ainda que tenhamos entendimento e valor para lhe tirar o ofício. Assim vai tudo lá e cá.

15 Amanhã esperamos o correio da nossa terra, e eu o espero com ânsia para ver o que resultou das devassas dos pasquins, com a vinda do Príncipe para Lisboa, onde chegaria aos 12 do passado. Aqui se diz pùblicamente que em Portugal é me-
20 lhor ser Inquisidor que Rei; e eu não sei que modo de reinar é ter ministros que encontrem pùblicamente as minhas resoluções, e tão poderosos, que ou per si ou por outros, ou outros com as costas neles, façam rosto a quem só devera ser poderoso.
25 Porque não faz o Príncipe um tal Inquisidor que seja seu, e que sejam seus os que ele fizer, e com isto não seja necessário nem recorrer nem infamar em Roma? Deus nos alumie, e nos dê aquela fé em que nos manda crer e com que nos manda obrar.

---

21. *encontrem:* contrariem, façam oposição, combatam.
26. *os que ele fizer:* os funcionários do Santo Ofício que o inquisidor geral nomear.

Morreu o Cardeal Imperial, um dos mais reputados de juízo, letras e valor; e S. Santidade está em disposição de prover muitos mais capelos, que é toda a felicidade a que, depois da presente, pode aspirar o Cardeal reinante para o futuro pontificado. A nossa Residenteza esteve desconfiada dos médicos, os quais, posto que lhe não asseguram a vida, por ser o mal incurável, lhe prometeram dias e meses. V. S.ª vá cuidando na nova esposa, porque não falta quem entenda que, com este desengano, se resolverá Gaspar de Abreu a seguir o exemplo de Pedro Vieira.

Sobre o Breve exortatório a o Príncipe tomar a coroa se falou aqui, e creio que estava o negócio muito adiantado, porque sei que se mandou fazer um papel a Monsenhor de Rossis, que tem grande opinião de letrado, e que o fez pela parte afirmativa, posto que o nosso ministro me não comunicou nada na matéria. Sei também que o sr. Cardeal d'Estrées está por esta parte e o deseja. De Madrid me deram a entender que El-rei de Inglaterra o impugna; e não entendo como isto possa pertencer nem ao Pontífice da Grã-Bretanha nem ainda ao de Roma; mas tudo são desvios de quem não quis, e irresoluções de quem não tem querer.

---

1. *Imperial:* Lorenzo Imperiale, governador de Roma sob Alexandre VII.

11. *seguir o exemplo de Pedro Vieira:* que Gaspar de Abreu, nosso residente em Roma, tomasse o estado eclesiástico depois de enviuvar, assim como fizera o ex-secretário do Estado, Pedro Vieira da Silva.

13. *breve exortatório:* constara que seria enviado a D. Pedro um breve exortando-o a que se coroasse.

23. *Pontífice da Grã-Bretanha:* como se sabe, o rei de Inglaterra era o chefe da Igreja anglicana.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos como desejo, e nos dê a paciência que havemos mister.

Roma, 26 de Setembro de 673. — Capelão e criado de V. S.ª.

67.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 17-X-1673

5 Senhor meu. — Recebi esta de V. S.ª, de 21 de Setembro, estando em Exercícios. E verdadeiramente que bem havia mister a matéria dela esta prevenção; porque, sendo o intento de Santo Inácio, nos mesmos Exercícios, propor a todos os meios
10 eficazes de compor e moderar as paixões que nos desviam do último fim, eu, considerando nas minhas, e na predominante contra a qual deve ser o maior combate, achei que era o afecto português e imoderado amor e zelo da pátria; e contra este
15 tão forte inimigo me tinha armado, convencendo-o com tantas razões quantas em mim concorrem mais que em outros. Mas ainda que o tenho muitas vezes convencido, não acabo de o ver vencido; e assim me lastimaram de novo todas as notícias que V. S.ª
20 me dá, muito conformes às que eu tenho, não lhe esperando outro remédio senão o do Céu, e não ainda o da providência ordinária, senão o da milagrosa, e mais que milagrosa, pois se observa no Evangelho que, curando Cristo todos os géneros
25 de enfermidades e ressuscitando mortos, a nenhum doido sarou.

Tivemos cartas da Índia, e sobre as novas que V. S.ª me dá, dizem que na China estava revogada a antiga sentença e édito promulgado contra a lei de Cristo, e que os missionários ficavam todos
5 restituídos a suas Igrejas e províncias, sendo conduzidos a elas a despesas de El-rei; e que no Japão se tinha dado perdão geral a todos os professores da mesma lei, com que respirará a antiga cristandade, e crescerá, ainda sem novos prègadores,
10 porque o serão os mesmos cristãos, em que a Fé tem lançado tão firmes raízes que, sem sacerdotes nem sacramentos, padeceram constantemente tantos e tão esquisitos martírios. Agora tememos só que a perseguição, que lá se tem acabado ou vai aca-
15 bando, ressuscite naquela terra e entre aqueles ministros que mais a devem favorecer e ajudar.

V. S.ª terá notícia das ordens que foram à Índia, para se tratar com os Holandeses de se acomodarem connosco, oferecendo-se-lhes prémios e títulos.
20 Mas como não foi dinheiro nem gente, ainda que os governadores sejam venais, nem terão interesse nem pretexto para quererem que seja nosso o que, ao menos por alguns anos, e em qualquer sucesso da Europa, pode ser seu. Grande lástima que
25 havendo em Lisboa quem oferece navios e condução de cinco mil homens sem El-rei meter um real de cabedal, se estime esta conveniência delito contra a Fé, e que esta estimação prevaleça contra tantas evidências do contrário. Os Inquisidores,
30 *aperte et occulte*, fazem aqui grandes diligências para que se ponha silêncio no negócio, mandando

---

25. *quem oferece:* v. o que dissemos no prefácio, p. CII.

para isso grossas somas de dinheiro, que não deve ser da sua bolsa; e contudo, os procuradores da parte contrária, posto que desassistidos de El-rei e do seu ministro, quando não seja ocultamente encontra-
5 dos, não desesperam de que a justiça da sua causa prevaleça contra todas as negociações de lá e cá. E ouvi que já tinham mandado a Lisboa um decreto de imunidade para as pessoas que pùblicamente se haviam empenhado neste negócio, para
10 que o possam prosseguir sem os perigos que justamente se temem, que não foi pequena graça, nem desconfiança de que o negócio não esteja melhor visto em Roma que em Lisboa.

Aqui se diz que a guerra se romperia em dia de
15 Santa Teresa, com que os Castelhanos, se lhes suceder bem, poderiam casar o seu patrocínio com o de S. Tiago, como não queria consentir Quevedo: e como é mulher que soube reformar homens, é o milagre que há mister hoje Espanha, entrando nesta
20 geografia a nossa parte.

O Marquês de Gouveia me escreve tem já licença

---

14. *dia de Santa Teresa:* 15 de Outubro.

17. *Quevedo:* o grande escritor Francisco de Quevedo (1580-1645) contrariou a ideia, muito discutida em Espanha em 1617, de declarar Santa Teresa padroeira da Nação (o padroeiro, como se sabe, era e continuou sendo Santiago) e sobre o assunto publicou em 1618 o *Memorial por el patronato de Santiago;* a atitude comportava seu risco, porque tanto Filipe III (m. em 1621) como o seu filho e sucessor favoreciam o projecto; a questão acabou de vez em 1630, ano em que um breve do papa Urbano VIII reconheceu Santiago como padroeiro único.

21. *Marquês de Gouveia:* o 2.º deste título, nosso embaixador em Madrid, depois de haver sido plenipotenciário para a paz em 1668.

para se recolher a Portugal, e que o faria meado este mês: não será a rotura da guerra pequeno torcedor para que os Castelhanos se acomodem a mandar retirar de Lisboa o Conde de Humanes, 5 e nós nos saiamos com honra daquele empenho, que não sei se foi arriscado.

O Papa está em cama, e com febre, sobre oitenta e três anos; mas entende-se que não dará gosto aos que desejam sede vacante, ponto que um carme- 10 lita descalço, que entende de estrelas, revelou a três cardeais, o por que o mandaram sair de Roma. E isto é tudo o que aqui se fala, esperando-se a nova certa da rotura, que já dizem passou a Nápoles por um próprio.

15 Deus guarde a V. S.ª como desejo e havemos mister.

Roma, 17 de Outubro de 673.— Capelão e criado de V. S.ª.

68.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 31-X-1673

Senhor meu. — Não tive neste correio carta de 20 V. S.ª, e V. S.ª as haverá recebido de Madrid e de Lisboa, cheias de novidades horrendas, se bem para mim, muito tempo há, antevistas e prognosticadas. O Marquês, Embaixador de Castela, supo-

---

2. *rotura da guerra:* entre a França e a Espanha.
23. *Marquês:* de Gouveia, nosso embaixador em Madrid.

nho que haverá remetido a V. S.ª a mesma relação com as cartas inclusas que a mim me enviou. As de Lisboa, escritas em 19 do passado, dizem que tudo estava quieto, e que já não bolia uma mosca. 5 Eu tenho observado que, todas as vezes que Deus nos quer mandar avisos extraordinários, mata em Portugal um cónego. Morreu o Deão de Coimbra; e com esta ocasião se expediu um próprio a Madrid, e com ele vieram as novas e cartas dos 25, em 10 que se referem as prisões de António Cavide, Fernão Mascarenhas, Gabriel Marques, Maldonados, e outros; e a fugida para Castela dos dois Mendonças, irmãos do Viso-Rei da Índia. Acres-

---

10. *as prisões:* regressado à capital, a 7 deste mesmo mês de Outubro enviava o príncipe regente D. Pedro uma carta ao senado de Lisboa sobre a convocação de Cortes, na qual se lia: «Há poucos dias que quase milagrosamente se descobriu uma conjuração que nesta corte havia, conspirando-se contra minha pessoa e estado real, liberdade e honra destes reinos, e em destruição deles, e, averiguando-se com toda a justificação o procedimento das pessoas que nela entraram, mandei prender as de que já tendes notícia, e se vai procedendo nesta matéria com toda a circunspecção que ela pede; e, mandando-as considerar juntamente com outras concernentes à conservação de minha pessoa, estado real, ao bem comum, defesa, liberdade e honra destes reinos e vassalos, tendo resoluto celebrar cortes nesta cidade no primeiro dia de Dezembro próximo deste ano», etc. A conjuração, como dissemos, tinha por fim restituir ao trono D. Afonso VI, e supunha-se ser fomentada pelo conde de Humanes, embaixador de Espanha. António de Cavide fora secretário de Estado de D. João IV e de D. Afonso VI; consta do seu processo que o plano da conjuração era tirar o rei do castelo de Angra e conduzi-lo a Espanha, de onde entraria em Portugal com o auxílio da rainha regente, D. Mariana.

centa Francisco Pais Ferreira que o correio lhe referira outras pessoas de maior suposição, que ele me não nomeia pelo não crer inteiramente. O Cardeal Embaixador de Castela disse, no mesmo dia
5 em que leu as suas cartas, que para França e Inglaterra eram fugidos outros fidalgos portugueses; e de Madrid se escreve eram passados a Castela muitos outros, que também não nomeiam, nem eu creio fàcilmente o que se narra por estes evange-
10 listas. Nesta suspensão ficamos, esperando com ânsia o correio da semana que vem.

O meu discurso ou conjectura é o que agora direi a V. S.ª, posto que tenha contra si a objecção de Castela não haver de querer quebrar com Por-
15 tugal, em tempo que está ameaçada com uma tão pesada guerra como a de França; se não é que as suas disposições e negociações lhe asseguram a paz, que é o que sobretudo temi sempre, e agora muito mais.

20 Suponho que a maior dor de Castela é a nossa coroa, e que o seu maior desejo é recuperá-la, ou quando menos perturbá-la, e enfraquecê-la.

Lembro-me que já no tempo do Embaixador Batavila todos os descontentes do presente governo
25 e favorecidos no passado se ajuntavam frequente-

---

2. *de maior suposição:* de maior capacidade, de superior categoria.

4. *o cardeal embaixador:* Nithard.

24. *Batavila:* Charles de Vatteville, que entrou ao serviço da Espanha e representou este país nas conferências preparatórias da paz dos Pirinéus (1659); embaixador em Londres em 1660, e em 1669 em Lisboa, onde faleceu em 1670.

mente em sua casa. Consta-me que o embaixador Humanes se não descuida, e que tem feito em Portugal, e escrito a Madrid, e espalhado de ali pelo mundo o que a V. S.ª é presente. Vejo que a nossa desatenção é muita, o dinheiro nenhum, que não temos navios no mar nem soldados na terra, e que da cavalaria, mais dificultosa de remediar, se não fez a conta que eu sempre adverti, e que se fez sòmente particular estudo de acrescentar descontentamentos. Sobre tudo isto considero que em Portugal não há pessoa capaz de se fazer cabeça de uma conjuração, nem El-rei D. Afonso, ainda que estivera mais perto, é sujeito por si em que o mais desesperado de sua fortuna a haja de querer fundar. Mas é contudo uma estátua autorizada com o nome de Rei, debaixo do qual nome, que sempre é especioso, qualquer príncipe estranho, ajudado em Portugal dos seus parciais, pode intentar entre nós qualquer perturbação e guerra intestina. E de tudo isto venho a inferir ou conjecturar que os descontentes tinham inteligência com Castela, ou Castela com eles; e que estes, na ausência do Príncipe, e com o pretexto da Inquisição, como claramente diziam os chamados pasquins, quiseram persuadir o povo a que tomasse as armas, para eles se agregarem à mesma multidão, e a atiçarem ou contra a pessoa ou contra a regência de S. A., havendo-se-lhes prometido o socorro de Castela, que bastaria, ainda que fosse pouco, entrando com o nome de D. Afonso, e a título de ajudar e estabelecer a sua parcialidade; e que, vendo finalmente

17. *especioso:* prestigioso, atraente, sedutor.

que isto se esfriava, Castela para os animar se declarou contra o Príncipe D. Pedro, tratando tão indecentemente o seu Embaixador, e não lhe dando satisfação, para que com esta notícia se declarasse
5 e tomasse fogo a mina de Lisboa, que Deus foi servido se descobrisse dois dias antes, para que Castela possa ter o merecido castigo, ou quando menos, correspondência do seu ódio, tendo tenção não de nos conquistar por agora, mas de nos aliar
10 consigo, com que mais se segurava de nós na suposição da guerra com França, sem mais empenho que passar ao interior do reino os presídios das suas fronteiras. Isto é o que conjecturo, e que estes são os sinais dos *trinta e dois anos e meio*, pois
15 começaram aos 5 de Julho, em que o Príncipe firmou a licença do recurso contra a Inquisição.

Deus sobretudo que guarde a V. S.ª como havemos mister.

Roma, 28 de Outubro de 1673. — Capelão e
20 criado de V. S.ª.

---

3. *e não lhe dando satisfação:* a 27-IX-1673 fora assaltada em Madrid, por populares, a casa do nosso embaixador, marquês de Gouveia, em consequência de uma briga na rua com criados dele, os quais recorreram às armas, matando alguns espanhóis; para dar a sentir o seu pesar, retirou-se o embaixador para Caramanchel.

12. *presídios das fronteiras:* guarnições das praças fronteiriças.

14. *trinta e dois anos e meio:* tentativa de decifração destes versos do Bandarra: «Trinta e dois anos e meio / Haverá sinais na terra, / A escritura não erra, / Que aqui faz o conto cheio».

69.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 14-XI-1673

Senhor meu. — Nunca tanto cuidado me deram as cousas do nosso Reino como nestes dias, e assim espero as novas de V. S.ª com maior ânsia. As que V. S.ª me dá de Meliapor, e do resto da Índia e
5 seus opositores, eram muito para estimar, e mais no tempo presente, com a rotura das guerras, se nós tivéssemos juízo e união, e indústria para nos sabermos aproveitar das ocasiões do mesmo tempo, maiores do que podia inventar nem imaginar o
10 mais ambicioso desejo. Seja Deus louvado, cuja providência ou justiça, para maior castigo nosso nos põe o bem à vista, e nos ata as mãos ou cega os olhos para que o não gozemos nem ainda o conheçamos.
15 De Madrid teria V. S.ª aviso de ser enviado a Lisboa o Abade Masserate, saboiardo, a dar satisfações do sucedido ou executado contra a casa e insígnias do nosso Embaixador. Em Lisboa, de onde temos cartas dos 2 de Outubro, ainda não
20 havia notícias do sucesso, mas por outros e graves indícios se entendia que Castela entrava por muitas vias na conjuração contra o Príncipe. Esta, dizem, é tão numerosa e poderosa, que ainda depois de descoberta se teme não possa ser vencida. Em S. A.
25 não falta valor nem prudência; queira Deus que em

17. *contra a casa:* v. a primeira nota da página anterior.

todos os que o assistem haja aquela fidelidade que em tão grande caso é necessária. Escreve-me pessoa que tem obrigação de o saber que da Ilha tinham vindo dois ou três homens principais, com aviso
5 de que o Bispo, cunhado de Cavide, tinha procurado levar a El-rei para sua casa, e que a maior parte da cidade, e o governador da fortaleza, resistira esta pretenção com grandes debates de parte a parte. Suposto isto (que eu adivinhei tanto que
10 soube estava preso Cavide), e suposto estar também preso o governador de Setúbal, e o mais de que avisei a V. S.ª, entendo que o intento era trazer a El-rei da Ilha, recebê-lo em Setúbal, beijarem-lhe logo a mão os Mendonças que estavam em Azeitão
15 (e um deles estava feito Marquês em Castela por intervenção do Marquês de Liche), acudirem alguns dos que se tinham retirado a Évora, admitirem-se os presídios das fronteiras castelhanas, que dizem estavam reforçados, e, depois de conquistada a pro-
20 víncia de Alentejo, dar-se fogo à mina de Lisboa, ajudada do castelo impenetrável do Rossio, e executarem deste modo tudo o que o descontentamento, ódio, inveja e ambição, debaixo dos dois pretextos de rei e fé, tinha fabricado. Acrescente
25 V. S.ª a facilidade com que a armada de Castela posta em Cádis podia em um dia estar dentro de

---

5. *o Bispo:* D. Frei Lourenço de Castro, confirmado, em 18-III-1671, bispo de Angra, para onde embarcou a 11-XI do mesmo ano; regressou ao continente em 1678; fora testemunha no processo de divórcio da rainha.

21. *castelo do Rossio:* «fortaleza do Rossio», ou «castelo do Rossio», chamava Vieira à Inquisição portuguesa, adoptando (ao que ele diz) uma expressão de D. João IV e da rainha sua mulher; v., adiante, p. 142.

Setúbal. Isto é tudo o que por cá tem chegado com certeza, deixando o demais que se acrescenta e merece pouco crédito. Neste número ponho o que se escreve de Madrid, de que V. S.ª terá aviso.

5 No meio de tanto desgosto me consolam sòmente as esperanças que me dão as nossas profecias, pelas quais eu esperava até o meio deste ano, como há muitos meses escrevi a V. S.ª, e sei que hoje se notam em Portugal, e se me referem por muitas 10 vias, e alguma com que eu aqui as havia comunicado nas noites do Inverno passado. O conto dos *trinta e dois e meio* se encheu no fim de Junho; aos 5 de Julho se firmou por S. A. a licença que deu ocasião aos primeiros pasquins; a pesquisa 15 destes descobriu a conjuração; e o perigo em que estava o Príncipe e o Reino, que ainda não está de todo vencido, é o maior em que jamais se viu Portugal, entrando nesta conta os tempos de El-rei D. João o primeiro. Porque então sabia-se quem 20 estava por uma ou por outra parte, e agora tudo é confusão; então não havia Inquisição, e agora é aquela da qual e de rei juntamente, como dizia aquele amigo, não é capaz Portugal. O segredo deste tribunal, e o dos confessionários, e a imuni- 25 dade de ambos com o pretexto da religião é o que mais se deve temer e se teme. Este é o *perigo;* falta o *açoute e castigo* e sabermos quem é a *gente,*

---

12. *trinta e dois e meio:* v. o final da p. 134.
26. *perigo, açoute e castigo, gente:* os versos do Bandarra que atrás citámos (na última nota da p. 134) continuavam assim: «Um dos três que vem arreio / Demonstra grande perigo, / Haverá açoute e castigo / Em gente que não nomeio».

que o autor não nomeia. O tempo nos descobrirá o demais.

O Residente continua com a sua suspensão daquela ordem, de que primeiro recebeu a revo-
5 gação que o decreto; os procuradores dos homens de negócio não se descuidam, mas, desassistidos da autoridade real, não podem alcançar a justiça que os ministros lhe concedem com as boas palavras que aqui nunca faltam. Dizem-lhe quem há-de
10 dar vista às partes, e elas em Portugal procuram não chegar a esses termos. Têm por si todos os bispos que todos foram ou inquisidores ou deputados, e terão também todos os que querem este degrau para subir aquele, e seus pais e parentes
15 e dependentes e familiares, enfim tudo. Haverá três dias que aqui chegou Raviza; dizem que vem empenhado pela mesma parte.

Deus nos mande boas novas e a V. S.ª guarde como desejo e havemos mister.

20 Roma, 14 de Novembro de 1673. — Capelão e criado de V. S.ª.

---

4. *a revogação:* D. Pedro mandara ao Residente em Roma a revogação da ordem que enviara a respeito do caso dos cristãos-novos.

16. *Raviza:* Francisco Ravizza, que fora núncio em Lisboa, de onde havia regressado.

70.

Ao Padre Manuel Fernandes

De Roma, aos 5-V-1674

SOLI OMNINO

Rev.mo Padre. — Visto o Memorial oferecido por parte dos agravados, de que com esta vai cópia, e vista a carta e informações do Senhor Núncio (sem embargo das que escreveram os Inquisidores 5 e Bispos), se tomou por resolução que os Inquisidores devem ser processados, e castigados e depostos do ofício como cismáticos, e impedientes do recurso e obediência à Sé Apostólica, etc.; e que os estilos totalmente se devem mudar, e prescre- 10 ver-se outra forma de proceder; e diminuir-se-lhes a potência, reduzindo os familiares a muito pouco número, e tirando-se-lhes toda administração do dinheiro do fisco, e tudo o mais que pode humilhar o orgulho e rebelião daquela fortaleza, e reduzir-se 15 a estado em que só tenha lugar nela a justiça e piedade cristã.

Para a execução deste decreto, e serem chamados a Roma os ditos Inquisidores, se atendem e

---

70. O destinatário desta carta, jesuíta, era confessor de D. Pedro. Sobre as palavras que encimam a carta, v. p. 39.

2. *os agravados:* os cristãos-novos, que reclamavam em Roma sobre as praxes processuais («estilos») da Inquisição portuguesa.

14. *fortaleza:* «fortaleza do Rossio», como temos dito, era a designação que dava Vieira à Inquisição portuguesa (v., adiante, p. 142).

esperam só duas cousas: a primeira, que as Cortes se acabem e o Reino esteja quieto; a segunda, que tudo o que se tem proposto se prove juridicamente, assim aqui, no que puder ser, como principalmente no tribunal da Nunciatura desse Reino.

Os pontos principais que se hão-de provar são a verdade dos dois papéis ou propostas da Inquisição feitas a S. A., que já vieram confirmadas por V. Rev.^ma^ e pelo Padre Manuel Dias.

Item, que os Inquisidores escreveram ao Estado Eclesiástico que ele resolvesse entre si e consultasse a S. A., e fizesse exortar ao braço da nobreza e povos que se impedisse o recurso ao Sumo Pontífice, e que no caso em que S. Santidade ordenasse alguma cousa contra os estios da Inquisição, ou mandasse sobre esta ou semelhante matéria qualquer ordem, não fosse executada ou obedecida.

Item, que de facto o Bispo de Leiria, em nome dos ditos eclesiásticos, havia prègado e exortado esta doutrina, e que a Fé era aquela dama que, lançada de Inglaterra e Holanda, se tinha recolhido e fortalecido em Portugal, e que agora estava sitiada em Roma e a perigo de se render ou perder.

Item, que não era razão nem conveniente que a Inquisição de Portugal se governasse pelas leis dadas ou ordenadas por quatro estrangeiros, ou, como diz outra versão, por quatro italianos, etc.

---

13. *se impedisse o recurso ao Sumo Pontífice:* entre as pessoas que vôtaram não dever o governo português impedir o recurso dos cristãos-novos a Roma figuravam o arcebispo de Lisboa, o bispo de Angola e o padre Francisco de Ville, confessor da rainha.

Estes são os pontos que de lá se escreveram, e se alegaram no Memorial, tirados das palavras formais das cartas, e é necessário que se provem diante do senhor Núncio, o que parece não será dificultoso, sendo cousa tão pública e ouvida em todos os três braços das Cortes por tantas pessoas, entre as quais não pode faltar quem deponha e jure a verdade: e nisto se deve pôr toda aplicação e cuidado, porque deste princípio provado depende tudo.

Daqui inferirá V. Rev.ma, como verdadeiramente é, que o negócio se há-de fazer nessa corte mais que nesta, e que todo o bom sucesso dele depende das informações do senhor Núncio, quanto à substância, quanto ao modo, e quanto ao tempo: porquanto todas estas circuntâncias atende a justiça, política, e circunspecção destes ministros, que obram e estão dispostos a obrar neste negócio como em causa própria, sendo já não só dos homens da nação de Portugal, senão da Sé Apostólica, que reconhece se começa a introduzir nesse Reino uma perniciosíssima heresia por meio dos Inquisidores. Assim os cegou a Divina Providência, porque assim os quer castigar e acudir por tantas inocências, e pela honra dos que só tratam da divina.

Tudo se ordena pratique e trate o senhor Núncio com S. A., com quem ele diz se entende, e que o acha disposto a execução do que S. Santidade ordenar, se bem com alguma frieza. Aqui é que

---

6. *braços:* como se sabe, chamavam-se «braços» às três ordens sociais, ou classes legais, representadas em cortes: clero, nobreza e «homens bons» dos concelhos.

V. Rev.^{ma}, e todos os que têm autoridade com S. A., devem aplicar todas as forças, não só para que esteja firme e constante no que conhece e tem prometido, e é obrigado em consciência, mas para
5 que fale ao senhor Núncio, quando ele lhe representar o negócio, com grande resolução e com palavras dignas da sua cristandade e valor.

Dizia El-rei e a Rainha que estão no Céu que, depois de recuperado e restituído o Reino, só fal-
10 tava uma fortaleza por conquistar, que era a do Rossio, onde se encastelaram tantos traidores como naquele tempo se experimentou e hoje se experimenta, posto que com menos declarados pretextos. S. A. tem agora a ocasião de derrubar e avassalar
15 o orgulho e rebelião desta fortaleza, não com a sua mão senão com a do Pontífice: o que importa é que se aproveite dela, pois o pode fazer sem contradição, e *citra omnem invidiam,* pois a causa já não é dos Cristãos-Novos senão da Fé e da
20 Igreja, a que S. A. não pode negar sua protecção e auxílio; e fazendo-o acudirá à primeira obrigação da sua consciência e ofício, e ganhará fama imortal com o mundo, e a graça e propensão da Sé Apostólica, que para todos os negócios da Coroa,
25 e para os das Conquistas, é de tão importantes consequências. E ainda que entre os conselheiros de S. A. haja alguns que, por menos ciência ou consideração, ou por outros respeitos, sejam de contrário parecer, o negócio está em estado que,
30 sem S. A. se declarar com nenhum deles, e contemporizando exteriormente com todos, só com manifestar secretamente ao Núncio a sua vontade, por seu meio, e com a mão da Sé Apostólica, pode obrar quanto quiser e quanto lhe é conveniente,

conseguindo deste modo prudentìssimamente o serviço de Deus e o seu.
Assim o espero de seu grande juízo; e só torno a lembrar e encarecer a V. Rev.ma que seja com
5 uma tal resolução, e demonstração de palavras, que o Núncio não possa duvidar delas, e assim o represente a S. Santidade, que sumamente o deseja.
Roma, 5 de Maio de 674.

71.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 22-V-1674

Senhor meu. — Apenas estou para fazer estas
10 duas regras, com dois ou três dias de febre, a que me não quero render. Não se pode conservar a saúde com muitos anos e com pouco gosto; e não quer a nossa pátria que o tenhamos. O pouco que de lá me avisaram participei a V. S.a na posta
15 passada. Hoje me disseram, e é certo, há aqui carta de que foram desterrados para a Índia alguns frades e clérigos; já o tinha ouvido, mas não se nomeia nenhum. Veremos o que se faz dos demais.
Esperamos o sucesso de Borgonha, e se fazem
20 apostas por parte dos Franceses que aos 8 de Maio

---

20. *os Franceses:* iniciaram estes a sua campanha de 1674 contra os países da «grande aliança de Haia» (Holanda, Espanha, Império, Dinamarca, o Grande Eleitor, os duques de Brunswick e de Hesse) pela invasão do Franco-Condado, prosseguindo uma vigorosa ofensiva

estavam rendidas as três praças. Os Castelhanos tudo perderão sem dor, contanto que adiantem as esperanças de nos conquistar, em que cada dia mais se confirmam. A verdade é que sabem mais
5 de nós, que nós; e que supõem têm em Portugal maior e mais poderoso partido que o do Príncipe. Têm razão de o cuidar assim, ainda que não tiveram mais notícias que as públicas. As resistências dos eclesiásticos e a pouca liberalidade dos povos
10 e a frieza da nobreza mostram que *a planta pedis usque ad verticem capitis non est in eo sanitas.* Fizeram-se as Cortes para que fosse mais pública a nossa afronta; Deus queira que os efeitos não sejam ainda piores.

15 Mas, tornando aos Castelhanos, não sei se disse já a V. S.ª que algum deles, e partícipe dos arcanos da monarquia, nos prognosticava dominados dentro em três meses, de que já tem passado um.

As gazetas e avisos de Amsterdão dizem têm
20 para sair uma poderosa armada naval, com dez ou doze mil homens e quinhentos cavalos, e muitas embarcações pequenas para saltar em terra. Isto bastará para ter em cuidado todos os portos da França.

25 De Catalunha se fala em exército de dezasseis mil infantes e oito mil cavalos, governado pelo Duque de San German contra o condado de Rusilhon, e com tanto empenho da corte que se mandam a

---

contra a Espanha, senhora daquele território, e empreendendo a conquista de todos os Países Baixos espanhóis, praça por praça, sendo cada ano, de 1674 a 1678, assinalado por algum grande cerco, vitoriosamente dirigido por Vauban.

esta facção as mesmas guardas do palácio de Madrid. *His positis*, não falta quem cuide que todo este armamento de mar e terra é contra Portugal a favor dos conjurados, sob os dois pretextos de rei e fé; e quanto ao exército de Catalunha, que querem agora emendar o erro do tempo da aclamação, quando se não aceitou o voto do Conde de Unhate.

O certo é que vejo na nossa terra, em grandes postos eclesiásticos e seculares, muitas pessoas e casas, das quais El-rei, que está no Céu, se não fiava, e as tinha por inclinadas a Castela, ainda com experiências menos públicas das que depois se viram.

A armada dos Holandeses, como ligados com Castela, debaixo das suas bandeiras a poderá servir nesta ocasião; e não deixaria de o fazer, se se lhe prometesse o resto da Índia, ou qualquer outra conquista das que os mesmos Castelhanos, quando eram suas, quase lhe entregaram. Não tardará muito este prognóstico em nos desenganar se tem mais fundamento que o desejo. V. S.ª terá mais vizinhas e certas notícias de tudo o que ele supõe, que pode ser não seja tanto. Lástima é que se cuide isto em Roma, e não dê cuidado em Portugal.

Não posso mais, nem há outra cousa.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 22 de Maio de 674.— Capelão e criado de V. S.ª.

72.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 29-V-1674

Senhor meu. — Já V. S.ª estará sem cuidado das cartas que me faltaram, porque todas, como avisei, recebi, vindo três juntas no mesmo correio. O da nossa terra, com cartas de 16 de Abril, 5 traz tudo o que V. S.ª já saberá. Quanto ao milhão que prometem os povos, em cada um dos três anos seguintes postos tributos nos usuais: e quanto aos embargos de Cavide, aceitados, com que se entende que os demais não só livrarão da pena ordinária, 10 mas alcançarão perdão; e assim se tornará para o Porto o segundo algoz, sobejando o de Lisboa. E isto que parece menos justiça dizem que é igualdade; por não serem castigados uns, e ficarem sem castigo e livres como até agora, e com suas casas, 15 os outros cúmplices do mesmo delito, mais e maiores. Também se escreverá a V. S.ª que as Cortes se concluirão brevemente; mas o Marquês de Gouveia me diz que estão mais verdes que nunca. Devem de esperar a vinda de El-rei, a quem ter-

---

5. *milhão:* contribuição pedida em Cortes.

7. *usuais:* nome que se dava aos impostos sobre a carne e o vinho.

8. *embargos de Cavide:* sobre Cavide, v. a 2.ª nota à carta n.º 67, p. 131; os embargos eram os que o mesmo Cavide havia oposto à sentença da Mesa da Consciência que o expulsava da Ordem de Cristo, em que era cavaleiro professo, e o relaxava ao braço secular.

ceira vez vai buscar Pedro Jaques. Isto me escreve em uma só carta quem tem razão de o saber, não havendo outra nem nesta casa nem fora que fale em tal cousa. O mesmo autor me diz que alfim se tem entendido que o principal ou total fim das Cortes foi tratarem os Inquisidores, e todos os Bispos que com eles estão unidos, de impedir o recurso dos homens de nação a S. Santidade. Sobre este ponto fizeram suas consultas todos os braços, e é notável a da nobreza, lançada pelo Marquês da Fronteira, em tudo mui conforme à dos Bispos, mas muito avantajada na eficácia e elegância. S. A. parece que não deferiu ao ponto principal, e só concedeu licença para que a Inquisição mandasse uma pessoa a Roma, e os Bispos outra, porque assim o pediram, enxerindo entre palavras de grande submissão algumas que parecem ameaças, não só de ruína do Reino por castigos do Céu, mas por motivos e alvorotos da Terra.

Veio outra carta, também única, em que se refere haver chegado aviso do Porto no dia antecedente que, na primeira oitava de Páscoa, junto a Grijó, em uma ermida de Santo António, ou numa estrada antiga, vizinha à mesma ermida, tinham aparecido na terra, que é de cor amarela, muitas cruzes negras, todas iguais e quadradas, de quem dizem se mandou o retrato ao nosso Provincial, e que cada

---

1. *Pedro Jaques:* Pedro Jaques de Magalhães, 1.º visconde da Fonte Arcada, um dos mais brilhantes generais das campanhas da Restauração; tomou o partido de D. Pedro contra D. Afonso VI e comandou a esquadra que transportou este dos Açores para Lisboa em 1674.

braço ou ponta tem de comprimento quatro dedos; acrescentando que já tinham feito dois milagres, dando pés a um coxo e vista a um cego.

Atéqui a narração; e, se os milagres são certos, ambos se podiam verificar nos nossos dois Príncipes. Estou vendo que se o negócio não é invenção, ou ainda que o seja, se hão-de fazer sobre ele grandes invectivas contra os hereges da fé de Cristo, que querem se remeta aquela causa ao seu vigário. As inundações do Tejo é sem dúvida que têm sido extraordinárias, e no Algarve dizem que apareceram grandes exércitos de gafanhotos. Com que os intérpretes poderão locupletar seus discursos.

O que participei a V. S.ª no correio passado não tem atégora coisa que o desfaça, antes me disse pessoa, que tem avisos de Espanha, era mandado tornar para Madrid o Marquês de Liche, dando-se-lhe por razão que eram necessárias as galés, que estavam em Barcelona, para a guerra. E da mesma corte veio um correio secreto a Sicília, cujo Viso-Rei Linhe, se sabe aqui, por aviso também secreto, ficava em Nápoles. Bem pode ser que estas galés se hajam de ajuntar com as outras, e que todas na mesma conserva, nestes dois meses em

---

21. *Viso-Rei Ligne:* o príncipe Alberto (1600-74), que serviu no exército do rei de Espanha na Boémia; preso em 1635 por se haver passado ao inimigo; mas ao recobrar a liberdade combateu de novo ao lado dos Espanhóis; os príncipes de Ligne (no Hainaut, Bélgica) tinham sido elevados a príncipes do Santo Império em 1601, a grandes de Espanha em 1648; a mais célebre personagem deste título floresceu na segunda metade do século XVIII, distinguindo-se ao serviço da Áustria durante a guerra dos Sete Anos (1756-63).

que não há perigo, levem por mar a infantaria, indo a cavalaria por terra. Tudo são imaginações do amor fundadas nas notícias antecedentes. Mas como estas são falíveis, também o pode ser e muito mais
5 quanto sobre elas se funda. Esperamos as novas de Besançon, e eu com ânsia a partida da armada holandesa.

V. S.ª que está mais perto de tudo me fará mercê participar o que de uma e outra prevenção houver
10 alcançado. Não me diz V. S.ª nada da morte do Padre Confessor da Rainha de Inglaterra.

Deus o tenha no Céu e a V. S.ª guarde muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 29 de Maio de 1674. — Capelão e criado
15 de V. S.ª.

73.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 26-VI-1674

Senhor meu. — Já na nossa terra parece que começam a abrir os olhos, e, se S. A. se coroar, entenderemos que nele se cumprirá *o rei novo é acordado,* como se tem cumprido grande parte
20 daquela profecia. Já houve *açoute e castigo* em

---

1. *por mar... por terra:* com destino a Portugal, segundo os temores de Vieira.

11. *Confessor:* padre André Fernandes.

20. *profecia:* do Bandarra; o primeiro verso é do *Sonho segundo:* «O Rei novo é acordado / Já dá brado, / Já ressoa o seu pregão, / Já Levi lhe dá a mão, / Contra

gente que o profeta não nomeou, ou por ser indigna de nome, ou por não se poder compreender em uma só, sendo de diferentes qualidades, profissões e ainda nações. Dizem contudo que a conjuração não está totalmente descoberta, e que se não pode dar no fio do novelo maior, por serem sabedores dele só o embaixador Humanes e Francisco de Mendonça. V. S. considerará com que fim ou política, se não foi para desenganar e exasperar os povos, se publicou nas sentenças ser o urdidor ou director desta teia o dito Humanes, supondo-se que nem se há-de pedir, nem tomar quando se não dê, a devida satisfação. Se é certo, como afirmam, que vão buscar a El-rei, ainda não dou por acabado o perigo; antes o considero maior, se esta demonstração não intimidar a desfaçada ousadia com que se falava e escrevia contra o poder e governo de um príncipe tão merecedor de amor e veneração.

Já disse a V. S.ª o que se tinha escrito acerca de haver *sinais na terra*, a que eu não dava inteiro incrédito; mas neste correio tive uma relação justificada por alguns padres dos mais autorizados da nossa Província, na qual se refere à Condessa da Feira que nas terras daquele condado, junto ao convento de Grijó, parece que por ser de Santa Cruz, em 22 de Março, quinta-feira da Semana Santa deste ano, passando um lavrador por uma

---

Sichem desmandado» /; as palavras *açoute* e *castigo* pertencem aos versos do mesmo Bandarra que citámos na nota à carta n.º 68, p. 137.

7. *Francisco de Mendonça:* Francisco de Mendonça Furtado, que fora degolado em estátua por traição ao Reino e ao regente.

20. *sinais na terra:* v. a última nota da p. 134.

estrada vizinha a uma ermida de Nossa Senhora (não dizem de que invocação), ao pé de um carvalho, viu formada uma cruz negra sobre a terra, que é de cor barrenta, tão perfeita e igual por
5 todas as partes como se a fizera um pintor. A tábua é de um palmo, e cada um dos braços de quatro. Admirado o lavrador, fez ao redor de toda a cruz um cerco de pedras, para que ninguém a pisasse, e, para maior advertência de quem passasse, pôs
10 outra cruz de pau ao pé do carvalho, sem dar notícia alguma do que tinha visto. No segundo dia da Páscoa saiu o pároco a dar e receber as Aleluias pelos fregueses, e vendo uma e outra cruz, e tirando informação, descobriu o que havia passado, e na
15 estação do dia seguinte ordenou uma procissão ao mesmo lugar, que se fez à tarde; no qual tempo aos olhos de todos começaram a aparecer novas cruzes, em número de trinta e sete, todas da mesma forma, medida, e perfeição, e assim se foram mul-
20 tiplicando pelos dias seguintes, de maneira que, aos 27 de Abril, em que se escreveu a relação, passavam de oitenta, vendo-se entre elas uma diferente e muito mais notável entre as demais, a qual tem dezassete palmos de comprido, onze de braços, e
25 de largura três, divisando-se nela da mesma cor uma figura como de crucifixo; «e eu — diz o autor — sou testemunha que vi nascer duas das ditas cruzes, e todas estão ainda no mesmo ser».

O concurso é tanto que estão sempre as estradas
30 e os montes fervendo em gente, por curiosidade, por devoção, e muito mais pelos milagres que vão sucedendo, entre os quais se referem e diz a relação estão já autênticos a vista dada a um cego, natural de cima do Douro, morador em Arnelas,

que pendurou a sanfonina na Igreja da Senhora; um aleijado de pés e mãos, natural de Ovar; duas mudas de seu nascimento, outra aleijada, um menino quebrado, que todos recuperaram sùbitamente
5 inteira saúde. Começaram a tirar terra de um braço da cruz grande, e a cruz se retirou daquele lugar, aparecendo inteira como de antes, da qual terra diz o autor as palavras seguintes: «Os milagres que tem feito a terra das santas cruzes são: tirar as
10 maleitas a um homem que as tinha havia oito anos, dar saúde a uma mulher que estava toda inchada como hidrópica, e a muitos mais doentes de várias enfermidades antigas. E assim me aconteceu que, indo para Coimbra, levei uma pequena de terra,
15 e chegando achei a meu companheiro Gaspar Pereira, filho de Fernão Soares Pereira, à morte com um pleuris, e lhe dei em água a beber uma pequena de terra, e lhe passou o pleuris de repente, à vista do médico que lhe assistia e de muitos estudantes,
20 os quais me pediram da terra, e um que tinha um companheiro doente com uma esquinência, da qual estava morrendo e não podia já respirar, dando-lhe a beber, em menos de meio quarto de hora ficou são. Enfim, para relatar todas as enfermi-
25 dades que tem curado fora um processo infinito. Têm-se autenticado todos estes milagres com testemunhas, e ficam as ditas cruzes légua e meia desta vila».

Atéqui o que se remeteu da informação do dito
30 autor, enviada à Condessa da Feira sem dizer qual é a vila nem o nome de quem escreve. Parece-me isto muito para fingido, e, se é verdadeiro, grandes

---

21. *esquinência:* angina.

cousas se podem ou esperar ou temer no nosso Reino, sobre a suposição de tais prodígios confirmados com tantos milagres. Se foram em outra nação mais diligente já houveram de andar estampados pelo mundo. Não deixa contudo a minha incredulidade de estar ainda um pouco duvidosa, pelo tempo e circunstâncias em que se publicaram estas maravilhas.

A armada holandesa corre aqui que tinha passado todo o Canal, e se entendia que a sua derrota é a Baiona, o que eu dificilmente creio: e se passar o Cabo de Finisterra, segundo as prevenções de que vai fornecida, ainda não deixo de temer que visite a Ilha Terceira, ou espere no mar a tornada das nossas fragatas, que dizem vão buscar a El-rei, e os cúmplices da conjuração que lá estão presos, nomeando-se entre eles um cônsul dos Ingleses, com circunstâncias que, se são certas, ou mediata ou imediatamente parece tinha trato com El-rei D. Afonso.

Deus guarde a V. S.ª.

Roma, 26 de Junho de 674. — Capelão e criado de V. S.ª.

74.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 3-VII-1674

Senhor meu. — No correio antecedente referi a V. S.ª tudo o que havia sabido da nossa terra, pertencente a ela. Neste direi o que ouço nesta, tocante ao negócio que lá chamam dos homens de

nação, e eu cuido que esta gente é a que tem nele
a menos parte, se se considerar como deve; porque
o que aqui pedem é que o Sumo Pontífice examine
os estilos com que são julgados naquela Inquisição,
5 diferentes de todas as outras, e que se reduzam a
tal prática que os delinquentes sejam severìssimamente castigados, mas de tal modo que não padeçam os inocentes, cessando ou remediando-se a
violência que obriga a morrer ou adivinhar. Isto é
10 o que pretendem sòmente estes homens, não falando
em perdão geral, nem no demais que vulgarmente
se supõe e escreve de Portugal. E neste sentido
digo eu que a menor parte deste negócio é seu;
porque, se todo ele se houver de compor e reduzir
15 aos termos convenientes e necessários, é negócio
de toda a nação portuguesa, por esta causa tão
infamada; é negócio do Príncipe, que dentro da
sua corte sustenta uma citadela tão poderosa e
invencível contra si mesmo, como tem experimentado; é negócio da monarquia que, pela mesma
20 razão, no Reino e nas Conquistas se acha tão enfraquecida, empobrecida e exausta, e tão dessubstanciada pelos mercantes estrangeiros, que todos por
seu modo são inimigos, e, quando menos, ladrões
25 que nos roubam.

Em um papel que eu vi, e foi a primeira proposta que fizeram a S. A., dizem os Inquisidores

---

9. *violência que o obriga a morrer ou adivinhar:* v. a nota das p. 106-7 acerca dos procedimentos da Inquisição, sobretudo na parte relativa aos réus *negativos* e *deminutos.*

18. *citadela:* a Inquisição.

23. *mercantes estrangeiros:* v., no 1.º volume, o nosso prefácio, p. L.

que este é o maior negócio que nunca teve a Inquisição. E eu entendo que só da Inquisição ou contra a Inquisição não há negócio; porque se o Papa não tiver que emendar nos estilos ficarão mais justificados; e, se acaso os emendar ou reformar, ficarão os Inquisidores livres de escrúpulos, e o Santo Ofício será verdadeiramente santo. Com tudo isto, é tão diferente a apreensão que têm concebido deste recurso, que não só o têm procurado impedir com meios tão extraordinários e violentos, mas alfim têm conseguido que S. A. por um decreto prometesse de favorecer a sua causa, e, posto que não revogou a licença que tinha dado aos homens de nação, ficarão eles desassistidos de todo o auxílio humano, mais que o benefício da sua justiça, que ainda quando é muito grande, desamparada, não vence. O Procurador Abade Azevedo disse um dia destes a um padre desta casa ia ordem de Roma para serem declarados por cismáticos os que encontram o recurso; e posto que não creio o rigor da palavra, posto que seja verdadeira a censura, não há dúvida que, se lá chegar ou se publicar cousa semelhante, ficarão muito confusos os nossos canonistas conimbricenses, que escreveram a favor dos impedientes, e muito triunfante a Universidade de Évora e os jesuítas, que quase foram sós os que defenderam a parte contrária, por ele têm padecido e padecem.

---

19. *encontram:* contrariam, impedem.
25. *impedientes:* os partidários fanáticos da Inquisição portuguesa e dos seus ferozes «estilos», ou praxes processuais, que se propunham impedir o recurso dos cristãos-novos à Santa Sé.

V. S.ª me guarde particularmente neste último ponto o segredo que por si mesmo se inculca, e muito mais o nome do autor citado, porque debaixo do mesmo fiou o que a V. S.ª participo. Amanhã esperamos o correio; queira Deus que nos traga melhores novas do que costuma. E o mesmo Senhor guarde a V. S.ª, como desejo e havemos mister.

Roma, 3 de Julho de 674. — Capelão e criado de V. S.ª.

75.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, aos 31-VII-1674

Senhor meu. — Quando li o exórdio desta última que recebi de V. S.ª, escrita em 6 do que hoje acaba, se eu fora capaz de louvor ou adulação, ou me desvanecera muito ou tivera a V. S.ª em má conta. Mas como ambos professamos verdade, não posso deixar de confessar a V. S.ª que a desatenção com que a nossa terra me trata em grande parte pode ser nascida das mesmas causas cujos efeitos choramos. Em mim não havia naquele tempo, de que V. S.ª se lembra, mais que o mesmo zelo, que ainda dura e só se acabará com a vida; mas não havia os anos, experiência e notícias do mundo, com que no particular pudera prègar desenganos, e no comum aconselhar conveniências. Mas quem há lá que haja de entender estas nem aceitar aqueles? Afirmo a V. S.ª que, devendo-me envergonhar muito de haver na nossa terra traidores,

mais me envergonho de haver tantos ignorantes. Vi um dia destes um papel escrito por um secretário do terceiro Estado das Cortes, dado e aceitado no nosso paço, cheio de tantas indignidades e meninices que me caíram as faces no chão. O estilo parecia de um novato da Universidade, escrito a alguma freira tola. E isto se escreve, se lê, e porventura se aplaude no *Sancta sanctorum* de onde saem os nossos oráculos! As orações das Cortes dadas à estampa V. S.ª as terá visto, e considerado a diferença das que se disseram nas de Polónia, ao menos por parte de Lorena e França. A América, hoje faz duzentos anos, não estava tão longe do mundo como nós estamos. Tirada a fé, em que também temos muito que aprender, pudera-se ir prègar a Portugal o uso da razão. E quer V. S.ª que eu, e eu que V. S.ª, sejamos ouvidos! Muita mercê nos fazem se souberam o que faziam. Contudo me escreveram no correio passado que havia muitos, e dos maiores, que me queriam lá, e que se faziam instâncias por isso, como se o ser necessário fazerem-se não fora o maior agravo.

Pesa-me de haver queimado todas as cartas de El-rei que está no Céu, e particularmente uma que

---

2. *um papel:* a *Representação de Estados dos Povos* (20-IV-1674) sobre o negócio dos cristãos-novos, assinada pelo secretário, Mendes Foios Pereira, a qual exortava D. Pedro a deferir à consulta dos prelados; estes reclamavam para si a faculdade de enviar delegados à corte pontifícia e insistiam por que o regente, por sua parte, mandasse patrocinar as diligências deles, e impedir as dos cristãos-novos.

me mandou escrever quando era passado a Évora, pelo mesmo sermão feito na ocasião de Torrecusa: *Surrexit Rex novus qui non cognoscebat Joseph.*
O que sobretudo sinto é que, desterrado de Lis-
5 boa, não posso fugir de Roma. Amanhã me levam a prègar a S. Pedro, e foi necessária toda a força das suas cadeias. Hei-me de lamentar de ver o santo com as chaves nas mãos, e, com as mãos atadas, de melhor vontade o dissera noutra parte.
10 Enfim, senhor, os poucos anos são como os muitos, e eu estou tão entrado neste número, e tão penetrado dele, que só quisera aparelhar-me para a morte, e ao menos aproveitar-me do uso da razão que não posso persuadir. Sinto com toda a alma
15 o mal que se defere a proposição de V. S.ª sobre o sr. D. Francisco. V. S.ª me faça mercê oferecer-lhe minhas lembranças e sentimentos.

---

2. *Torrecusa:* marquês de Torrecusa, general castelhano, governador das armas de Badajoz; em 1644 substituiu o conde de Santo Estêvão no comando das tropas que operavam contra nós no Alentejo; diz o conde da Ericeira que era «avaliado em Castela por um dos melhores soldados e de valor mais conhecido que serviam aquela Coroa»; D. João IV não passou a Évora no tempo em que o marquês exercia aquele comando; há pois neste passo, ao que parece, um lapso de memória de António Vieira; o sermão que este prègou quando o rei passara ao Alentejo é o intitulado *Pelo bom sucesso das nossas armas*, de 1645, na capela real; o comandante do exército castelhano era então o marquês de Leganés, Diego Felipe de Guzmán, a que o conde da Ericeira chama marquês de Lagañes.

16. *D. Francisco:* D. Francisco de Lima (v. carta n.º 53, p. 82).

Eu não me apressara, e fiara mais do tempo que dos homens, e sobretudo de Deus, que guarde a V. S.ª como desejo e havemos mister.

Roma, último de Julho de 674. — Capelão e criado de V. S.ª.

76.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 1-I-1675

Senhor meu. — Escrevo estas poucas regras no primeiro dia do ano, o qual me acha na cama, aonde me tem reduzido o achaque do estômago, de que no passado dei conta a V. S.ª. E, depois de desejar a V. S.ª muitos anos e felicíssimos, temo muito que este seja o último da minha vida, principalmente se, na consulta que amanhã se há-de fazer dos médicos, eles não acabarem de se persuadir que o clima de Roma é a causa principal e originária deste achaque, e me não receitarem a mudança de ares, não passando aos vizinhos por alguns dias, como querem os amigos, mas caminhando aos pátrios. Pode ser, como eu espero, que seja providência divina, para que assim cessem os impedimentos, e se componham os que me detêm aqui, com me quererem antes vivo em Portugal que morto em Roma. Se bem não deixo de considerar quão pouco para desejar nem viver está hoje aquela terra, e quantos desgostos e perigos pode temer nela quem tão criminado está, posto que falsamente, no delito que lá se começou e aqui

26. *delito:* o esforço em defesa dos cristãos-novos.

se prossegue, com terríveis ameaças e profecias fulminadas contra todos os cúmplices dele. O nosso Residente é [tão] prudente que, sem embargo das repetidas ordens que tem de não falar por uma
5 nem por outra parte, as interpreta de tal modo que no público e no particular se mostra em tudo parcial dos dois enviados. Mas que muito, se em Lisboa foi chamado à Inquisição um dos nossos maiores ministros, para ali se achar em um conse-
10 lho, e do que nele se praticou e resolveu foi avisar a Rainha Nossa Senhora que, se S. A. não acudisse a impedir algumas ordens, ou já notificadas ou expedidas de Roma, em ordem à suspensão de actos da Fé e semelhantes execuções enquanto se não
15 decidisse o pleito, soubesse que estava em risco de haver um motim. Deste aviso e deste conselho, e de entrar nele um Conselheiro de Estado, e de ter confiança para se entremeter em tudo isto sem

---

7. *os dois enviados:* Gonçalo Borges, promotor do Santo Ofício, enviado dos nossos bispos, e Jerónimo Soares, inquisidor de Évora, enviado do Santo Ofício, encarregados de contrariarem junto da Santa Sé as petições dos cristãos-novos; encontravam estes simpatia na Cúria romana, onde se sentia pelas diabólicas práticas da Inquisição portuguesa a repulsa que elas mereciam; um dos cardeais, em conversação com o nosso Residente, disse-lhe que em Portugal eram tratados os cristãos-novos como escravos dos inquisidores, e não como vassalos do príncipe; suscitara escândalo em Roma a notícia do auto-de-fé de Setembro de 1673 em Évora, onde saíram a ser executadas duas freiras, as quais, segundo todas as informações recebidas, morreram com impressionantes sinais de cristãs fervorosas; os inquisidores romanos consideravam atrozes os procedimentos do nosso Santo Ofício, e dizia-se mais tarde em Roma que Inocêncio XI capitulara os Portugueses de «bàrbaramente católicos».

licença nem autoridade, e de dizer o que disse e ameaçar o que ameaçou, sem se puxar por este fio e desenovelar uma tal matéria, julgue V. S.ª o que lhe parecer, que eu julgo sòmente o que a V. S.ª parece, e quanto para temer é o mesmo silêncio e quietação, de que se dá por tão seguro o ministro que a V. S.ª escreve.

De novo só posso dizer o que também me acrescenta não pouco este temor, e com o mesmo me o escrevem de Lisboa concordemente três pessoas, que eu reputo pelas mais zelosas do serviço de S. A. e bem do Reino, sem mais interesse que o mesmo bem: e é que, poucos dias antes do último correio, partido aos 13 de Novembro, se tinha ouvido em Lisboa um Jonas prègando: *Adhuc quadraginta dies et Ninive subvertetur.* Este homem, que pode ser seja conhecido de V. S.ª, é um capitão, grande poeta vulgar, chamado antigamente António da Fonseca, o qual se meteu frade de S. Francisco haverá oito ou dez anos, e hoje se chama Frei António das Chagas. Haverá dois ou três anos começou a prègar apostòlicamente, exortando a penitência, mas com cerimónias não usadas dos Apóstolos, como mostrar do púlpito uma caveira, tocar uma campainha, tirar muitas vezes

21. *Frei António das Chagas:* depois de uma vida de desregramento e de crime, e profundamente arrependido de a ter levado, professara em 1663, contando 32 anos de idade, na Ordem Franciscana, e dedicara-se a missionar por todo o país, usando de uma eloquência gritante, populaceira e espectaculosíssima; era partidário de D. Afonso VI e do conde de Castelo Melhor, e portanto oposto à facção em que estavam os jesuítas e Vieira.

um Cristo, dar-se bofetadas, e outras demonstrações semelhantes, com as quais, e com a opinião de santo, leva após si toda Lisboa.

Prega principalmente na igreja do Hospital, concorrem fidalgos e senhoras em grande número, e uma vez lançou do púlpito entre elas um crucifixo, a que se seguiram grandes clamores; e com isto se entende que o dito prègador tem na mão os corações de todos, e os poderá mover a quanto quiser, temendo-se que, se seguir a opinião ou apreensão vulgar, e se meter no ponto da Fé, poderá ocasionar algum alvoroço semelhante ao do tempo de El-rei D. Manuel, não longe do mesmo lugar onde prega. E verdadeiramente que a consideração do lugar, a circunstância do tempo, a disposição dos ouvintes; e ser o Jonas soldado, poeta, e frade; e não acudirem a estas extravagâncias os que costumam fazê-lo com menores fundamentos; prenúncios podem ser de alguma tempestade, que, se não se levantou nos primeiros dias, pode ser que se vá armando para o fim dos quarenta, que tantos são os sermões que tem prometido, e vai sucessivamente continuando todos os dias.

Algum ou alguns dos mesmos que me fazem este aviso propuseram o seu temor a quem devera remediar, mas sem efeitos. Assim costumam ser os das fatalidades, e a minha melancolia é mais pronta a crer desgraças que felicidades.

Deus guarde a V. S.ª como desejo.

Roma, 1.º de Janeiro de 675. — Capelão e criado de V. S.ª.

---

17. *não acudirem:* não atalharem, não reprimirem, não fazerem cessar.

77.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 19-III-1675

Senhor meu. — Primeiro que tudo dou a Deus e a V. S.ª as graças, pelo zelo com que V. S.ª tem resoluto sacrificar-se pela pátria, e dar-lhe mais três anos nesta corte, depois de tantos, tão gloriosamente e com tanta honra da mesma pátria empregados nessa. Não se esquecerá de os dobrar a V. S.ª a divina bondade e Providência, a cujo governo e justiça pertence dar os prémios, de que os homens se descuidam, em comendas de melhor lote. Conheça Roma de mais perto a V. S.ª, e saibam os seus grandes homens que não são da mesma medida todos os da nossa nação.

Ainda não acabo de crer que se tome nos nossos conselhos tão acertada resolução, se não é que querem ter a V. S.ª mais longe de todas as que lá se tomam. Maravilhas me dizem dos poderes de certos ministros. E para que V. S.ª ouça as daquele a quem virá suceder, em carta que hoje recebi, de 4 de Fevereiro, e de pessoa que o pode saber, falando na dispensação dificultosa de certo bispado me diz ela as palavras seguintes: «A âncora em que se fundam é o Residente, o qual escreve tais cousas de si, que a menor é não se mover em Roma cousa de pouca ou muita consideração que não seja por conselho e direcção sua».

---

4. *nesta corte:* esperava Vieira que Duarte Ribeiro de Macedo fosse enviado a Roma, no que teve uma decepção; v. adiante o começo da carta n.º 78, p. 166.

Amanhã se resolve na Sagrada Congregação do Santo Ofício o modo que me pode segurar em Portugal de qualquer violência daquela monarquia, que lá se estima imediata a Deus. Sem este seguro, 5 e mui seguro, não me hei-de arriscar, porque o perigo da vida é muito menor. Se eu tivera a confiança do autor pròximamente referido, pudera dizer a V. S.ª alguma cousa do que mostram sentir a minha ida os que melhor sentem. Serei ingrato 10 para ir sofrer ingratidões, e deixarei muitos príncipes que me amam para ir servir a um de cujo amor posso duvidar. No correio seguinte darei mais certas novas da minha partida, e antes dela as espero da de V. S.ª, para saber onde posso ter a 15 fortuna de ouvir e ser ouvido de V. S.ª. Muito temos que discorrer; e não será o ponto mais inútil o das artes e manufacturas. Grande vanglória me

---

2. *o modo que me pode segurar:* o modo que se resolveu foi dar o papa Clemente X a Vieira um breve que o isentava de qualquer dependência em relação à Inquisição portuguesa, a qual ficava inibida de poder exercer sobre ele qualquer jurisdição ou autoridade (v. no 1.º volume o prefácio, p. CI).

3. *aquela monarquia:* a Inquisição portuguesa.

17. *artes e manufacturas:* era fundamental entre as ideias políticas de Duarte Ribeiro de Macedo a de se introduzirem as indústrias no nosso país, e sobre tal assunto compôs a obra *Discurso sobre a introdução das artes,* escrita em Paris em 1675 e editada por António Sérgio na sua *Antologia dos Economistas Portugueses* (Lisboa, Biblioteca Nacional, 1924); sobre a França diz nessa obra, entre outras coisas: «A grande riqueza da França procede ùnicamente de que, tendo muitos frutos necessários a outras nações, procura ter todas as artes que há nas outras nações, para que o dinheiro que entra pelos frutos não saia pelas artes».

vem de simbolizarem tanto os meus desejos com os ditames de V. S.ª.

Em França há perto de trinta anos aprendi como tinha começado a enriquecer a indústria do Cardeal
5 Richelieu, e não deixei de decorar a El-rei esta minha lição, como outra aprendida em Génova no ano de 50, onde soube que um só mercador sustentava duas mil mulheres a fazer meias; e, para dar de comer a tantas que vivem perdidas em Lisboa
10 por pobreza, me pareceu escrúpulo de consciência não lhes darmos este socorro, tendo lã, linho, seda, e algodão, com que ficaria no Reino o que por esta via nos rouba Inglaterra, França e Itália; porque Toledo já não é Toledo, como nem Granada, Gra-
15 nada, por serem os Castelhanos, como V. S.ª considera, tão portugueses nesta parte como nós. E por isso temo muito que do nosso zelo só poderemos ter o merecimento com Deus.

Acabo por onde V. S.ª começa, e tanto admiro
20 a informação do religioso como a resolução da religiosa. Ao Duque desejo todos os bens. Deus sabe

---

1. *simbolizarem:* sintonizarem, concordarem, ajustarem-se, conformarem-se.

16. *tão portugueses nesta parte como nós:* porque se privaram da capacidade económica de judeus e mouriscos, obrigando-os à conversão, e depois perseguindo os cristãos-novos; os judeus foram expulsos de Espanha em 1492; os mouriscos, em 1609.

20 *da religiosa:* supõe Lúcio de Azevedo que seja referência a D. Maria, filha de D. João IV, religiosa em Carnide, que teria rejeitado a ideia do casamento com o duque de Cadaval.

o que lhe está melhor, e também El-rei, em persistir que se case em França, mostra o que sabe. A minha enfermidade não melhora, e eu considero nela por muitas circunstâncias alguma particular
5 providência do Céu; que guarde a V. S.ª muitos anos como desejo e havemos mister.

Roma, 19 de Março de 675. — Capelão e criado de V. S.ª.

78.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Roma, a 17-IV-1675

Senhor meu. — Não sei que diga a V. S.ª. Ontem
10 chegou o nosso correio, com cartas de 15 de Março mandadas a Madrid por um alcance, e, como sempre, não traz cousa alguma de gosto, muitas sim de pena e confusão. Primeiro que tudo sobre a vinda de V. S.ª se não fala uma só palavra, com
15 que me confirmo no que sempre temi: que os ministros do nosso governo não querem que V. S.ª venha a Roma, senão a tempo que o seu único

---

1. *El-rei:* porventura o de França; a segunda mulher do duque de Cadaval, francesa, faleceu no ano anterior ao desta carta; o duque veio a casar pela terceira vez três meses depois da data desta carta, também com uma francesa, a princesa Margarida Armanda de Lorena, filha de Luís de Lorena, conde de Armagnac e de Harcourt, estribeiro-mor de Luís XIV.

11. *alcance:* correio urgente, que se propõe atingir o que partira antes dele.

negócio não possa ter direcção contrária a seus intentos. O Núncio não tinha ainda audiência de S. A., se bem afirmam estar muito na sua graça, e que de Salvaterra os regalara com presentes das
5 suas caçadas. Esperavam os Inquisidores que o Breve fosse revogado, mas sabe-se que não foi assim, e que tem tomado pelo caminho da submissão e obediência à Sede Apostólica, começando a desesperar dos meios violentos, se bem os seus pro-
10 tectores persistem com a mesma contumácia, e sairão com quanto quiseram; porque, tendo-se avisado e instado por muitas vezes que ao menos se declare com ele S. A., para que em seu nome avise ao Papa da disposição do seu ânimo, de nenhum
15 modo quer vir nisso.

Sobre o Arcebispado de Lisboa, pretendido do de Braga, Coimbra, e Capelão-mor, cujo partido preferem, saíram de novo dois opositores. O primeiro o Visconde, que a esse fim se quer fazer
20 eclesiástico, alegando não sei que promessa de El-rei para benefício ou dignidade eclesiástica. O segundo Frei António das Chagas, que pela opinião de santidade e zelo das almas tem os sufrágios do povo e muita parte da nobreza; e tanto
25 mais quanto ele, como suponho, deve seguir a estrada da humildade que professa o seu hábito. Referem-se em geral revelações e milagres, e tudo

---

6. *o Breve:* o breve *Cum dilecti,* de 3-X-1674, que mandou cessar os autos-de-fé em Portugal e suspender todos os processos não concluídos.

25. *deve seguir a estrada da humildade:* e com efeito a seguiu, quando no ano seguinte o regente D. Pedro lhe ofereceu a mitra de Lamego, que o frade recusou.

o mais que pode promover eficazmente esta canonização.

A este propósito me referem um caso galantíssimo, e é que um novo ermitão, por evitar desserviços de Deus, tomou à sua conta fazer um oratório debaixo dos arcos do Rossio, concorrendo a esta piedade muitas esmolas que ele despendia com os presos e outros pobres. Mas, como este fervor se fosse esfriando, comprou quantidade de velórios, que despende como relíquias, dizendo que são tocados no Padre Frei António das Chagas, com que grandemente tem ressuscitado a devoção, concurso e esmolas. Assim resgatávamos antigamente o ouro na Cafraria, e imos qualificando o nome que não sem-razão nos chamam de cafres da Europa. Não crera tal cousa se me a não referira pessoa digna de fé, e este é o estado a que tem chegado o eclesiástico e secular da nossa terra.

Desta me quisera sair brevemente, mas ainda não tenho em meu poder o salvo-conduto, tão necessário como V. S.ª considera, e muito mais porque aquela pessoa, que me pudera escusar estes receios, procede nos meus particulares com novos argumentos de frieza, sugeridos, ao que entendo, pelos seus colaterais que de nenhum modo me querem daquela banda. E, para que V. S.ª conheça quão eficazmente se procura alienarem-me da graça de

---

9. *velórios:* avelórios, contas de vidro ou missanga.
20. *o salvo-conduto:* o breve que isentava Vieira de qualquer sujeição à Inquisição portuguesa, a que nos referimos no prefácio (1.º vol., p. CI) e na primeira nota à carta n.º 77, p. 164.
22. *aquela pessoa:* o regente D. Pedro.

S. A., o Confessor e outro amigo me avisam neste correio que, estando dito senhor em Salvaterra, recebeu carta em que lhe davam conta que eu, na ausência que fiz de Roma, passara ocultamente
5 a Madrid, onde havia estado alguns dias, e logo voltara. Dizem-me que S. A. não dera crédito ao aviso, mas dissera que fora escrito por um meu amigo.

Não posso suspeitar quem fosse, nem de que
10 parte me fizesse estes bons ofícios, porque suponho que seria português, e nem aqui nem em outra parte tenho pessoa que mereça, nem no público nem no secreto, este nome, salvo se finge a amizade para acreditar a calúnia. E quando em coisas
15 em que tão fàcilmente se pode provar a coartada me acusam, julgue V. S.ª que será em outras, onde a defesa não seja tão fácil. Tudo merece a ingratidão com que quero deixar Roma por Portugal. Enfim, senhor, eu suponho a V. S.ª mais de vagar
20 em Paris, e V. S.ª me pode supor aqui até o fim deste mês, e de toda a parte irei avisando a V. S.ª do que houver, esperando em Florença e Génova, como tenho pedido, o roteiro de V. S.ª. A passagem da Grã-Duquesa a Marselha é muito boa ocasião,
25 da qual eu me servirei no caso sòmente em que o Grão-Duque me a ofereça, pelas razões que são presentes a V. S.ª.

Messina e o pleito dos embaixadores como de antes. E nós, segundo escrevem, preparando fra-

---

15. *coartada:* desmentido, contestação, réplica irrespondível.
19. *vagar:* demora, tardança.

gatas para Argel, e com votos de que para esta armada se tire a artilharia das fortalezas do Minho e Beira! As gazetas dizem que El-rei Carlos não quer confirmar a Paz feita connosco por sua mãe:
5 e de tudo isto se podem fazer discursos mais para a presença que para o papel.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos, como desejo e havemos mister.

Roma, 17 de Abril de 675. — Capelão e criado
10 de V. S.ª.

79.

A Duarte Ribeiro de Macedo

De Lisboa, aos 4-IV-1679

Meu Senhor. — V. S.ª tenha mui alegres Páscoas como a V. S.ª desejo. As minhas ainda não chegaram, porque até agora não tenho recebido carta de V. S.ª.

15 Vieram as de Roma, sem novidade mais que a dos extraordinários frios, e tanta quantidade de neves que não só impediram as festas do Carnaval, mas ainda as funções que o Papa costumava na-

---

3. *El-Rei Carlos:* Carlos II de Espanha atingira os 14 anos; quando a Espanha fez a paz com Portugal contava ele sete, sendo regente a mãe, Mariana de Áustria.

79. Passado pouco mais de um mês sobre a carta anterior, a 22-V-1675, saía de Roma António Vieira; após alguns dias com o grão-duque em Florença (para lhe propor o casamento do seu filho primogénito com a infantazinha portuguesa), chegou a 8-VI a Liorna; rece-

queles últimos dias, e nos primeiros da quaresma. O Cardeal Cibo, de quem nesta ocasião me escrevem era muito meu amigo, não sei porquê, ficava perigosamente enfermo, e tanto que já se cuidava
5 em quem lhe sucederia.

Dão por infalível a paz entre França e o Império, com liberdade porém de o Francês assistir ao Sueco depois de uma trégua de quatro meses. E que as prevenções do dito Rei, principalmente marítimas,
10 são extraordinárias. Se em consequência não forem ao mar Báltico, não estarão seguras as costas de outros mais remotos.

Sábado de Aleluia foi o Conde da Ericeira lançar fora uma nau que vai para a Índia e outra para
15 os Rios, e os comboios e frota do Brasil, da qual

---

beu aí notícias que contrariavam as suas esperanças quanto à questão dos cristãos-novos, convencendo-o ao mesmo tempo de que o regente tomara o partido dos do Santo Ofício; ansioso de entrar em Portugal para tentar ainda alguma cousa a favor dos perseguidos, saiu para Génova, de aí para Marselha, e atravessou a França, por Tolosa e Bordéus, até a Rochela; deste porto largou a 15, e desembarcou em Lisboa a 23-VIII; pelo regente foi recebido com frieza; os inquisitoriais não lhe perdoavam; o embaixador francês, Guénégaud, fomentava a má vontade da rainha e do regente contra ele; e Vieira percebia que a insistência para que voltasse a Portugal só resultara do empenho de o afastarem de onde a sua presença estava sendo incómoda; no país, todas as opiniões ostensivas se levantavam uníssonas contra a autoridade do papa, todas queriam a Inquisição nacional tão feroz e satânica como até aí; decorridos dois anos sobre a chegada de Vieira, Duarte Ribeiro de Macedo regressava a Lisboa, e pouco depois era enviado como ministro para Madrid; em Madrid, pois, recebeu ele esta carta.

15. *os Rios:* de Cuama, ou seja a região do Zambeze.

ficou grande parte no rio, sem poder encorporar-se com o resto por falta de vento. Este cavaleiro não é venturoso com estes elementos. As duas naus que hão-de passar o Cabo vão tão metidas no fundo
5 e tão empachadas, sem levarem uma peça lestes, que disse um estrangeiro se atrevia a render cada uma delas com uma chalupa. Eu as vi ambas, e me lembrou o capítulo latino daquele holandês que V. S.ª me comunicou, em que dava a causa das
10 nossas perdições. Mas em todas queremos antes a contumácia que a emenda.

Fico resoluto a me retirar para Carcavelos, sem embargo de não assistir à minha estampa, e tomara

---

2. *não é venturoso com estes elementos:* ao conde da Ericeira competia, como vedor da Fazenda, a administração dos negócios da marinha; ora, um ano antes desta carta escrevia Vieira ao seu amigo: «desamarrou a naveta *Pilar,* que é o único socorro que mandamos à Índia, e, posto que tocou nos cachopos, como era vaso tão pequeno passou. Protestaram os pilotos dos navios do Brasil que iam a perder-se por faltar o vento e ser muito impetuosa a corrente: dizem que sem embargo dos protestos os obrigaram a sair; e, posto que cinco navios menores, que também tocaram, livraram com perigo, as três maiores naus, em que ia o mais precioso dos cabedais, se fizeram em pedaços, perecendo lastimosíssimamente mais de duzentas pessoas, sem haver quem lhes acudisse, como em caso impensado e inaudito depois que saem embarcações por esta barra».

3. *As duas naus:* a que ia para a Índia e a que se destinava à costa de Moçambique.

5. *empachadas, sem levarem uma peça lestes:* o de carregar as naus demasiadamente, com grande prejuízo das suas qualidades de combate, era vício que já vinha de longe.

13. *à minha estampa:* a impressão dos sermões que iam ser publicados.

fazê-lo para mais longe, porque não está isto aturável. Tanto que pude sair fora, melhorado da ciática, fui tomar a bênção ao Núncio, que na doença me tinha visitado três vezes. E logo me
5 levantaram que fora maquinar com ele contra a Inquisição, de onde nasceu esta queixa, e a trouxe a este colégio um conde, parente de quem preside ao tribunal. E, quando cuidei que esta calúnia tinha passado me disse ontem o nosso Provincial que de
10 palácio se lhe fizera queixa que eu naquele dia tinha delatado ao Núncio certa prisão de um homem de Castela, mandada executar pelos Inquisidores, com que mostravam se não davam por suspensos, e que levara comigo duas testemunhas para [que]
15 jurassem no caso.

Quis Deus que, no pouco tempo em que entrei e me detive, estavam na antecâmara o Reitor deste colégio e o Provincial de S. Domingos, e nenhuma outra pessoa, mas nada basta. Contudo fui dar as
20 boas Páscoas ao senhor Inquisidor Geral, a quem e a todo o tribunal desejo melhor sucesso do que promete o empenho em que se têm metido, com um Papa que não é papas.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos, como desejo
25 e havemos mister.

Lisboa, 4 de Abril de 679. — Capelão e criado de V. S.ª.

---

5. *me levantaram:* assacaram, acusaram, acoimaram.

7. *um conde:* supõe Lúcio de Azevedo que o 3.º conde de Figueiró, sobrinho do inquisidor geral, que frequentava o colégio de Santo Antão.

23. *um Papa:* Inocêncio XI, reformador vigoroso e justo, que reprovava os métodos de Luís XIV de converter à força os Huguenotes.

80.

A Diogo Marchão Temudo

Da Baía, aos 8-VIII-1684

Meu senhor. — Para poder fazer ao menos esta primeira via por mão própria, a reservei para os últimos dias em que está decretada a partida da frota; e, se eu a pudera carregar toda de quantos
5 géneros de expressões cabem no agradecimento, nem meu coração ficara satisfeito, nem o que devo ao de V. M.cê, provado com tantas obras e declarado com tais palavras, bastantemente correspondido. Pague Deus a V. M.cê a consolação e alívio
10 que com esta larga carta de V. M.cê recebi, em tempo que tão necessários me eram estes socorros, como logo direi.

---

80. Do destinatário desta carta, desembargador do Paço, disse Vieira, ao escrever ao padre Baltasar Duarte a 1-VIII-1694, ser «o maior e mais fino de todos os amigos»... «ao qual, assim como devo as maiores obrigações, venero com os maiores afectos». Desde a data da carta anterior, Vieira, desgostoso do modo como se via tratado na pátria, requerera licença de se trasladar ao Brasil, à qual respondeu o regente que poderia partir quando entendesse, sem a menor resistência de cortesia; a ex-rainha da Suécia, pelo contrário, reiterara o empenho de o ter consigo; Duarte Ribeiro de Macedo havia falecido em Alicante a 10-VII-1680, quando se encaminhava de Espanha à Itália, a fim de ultimar o ajuste do casamento da infantazinha D. Isabel com o pequenino duque de Sabóia, — projecto este que se malogrou. Vieira largara de Lisboa a 22-I-1681, indo com ele um fidelíssimo amigo, o padre José Soares, que desde Coimbra o havia seguido; pouco depois do seu desembarque,

Pouco foi que o Governador António de Sousa, sem eu lhe dar ocasião alguma, me descompusesse, e com tão graves injúrias como se deixam bem ver da primeira palavra, com que lhe deu
5 princípio, dizendo que cria melhor em Deus que eu. E pouco foi também que, por relação daqueles com cuja mão escrevia, se divulgassem por essa corte cousas que jamais me passaram pelo pensamento, fazendo-me réu onde devera ser autor, e anteci-
10 pando a queixa que eu não quis fazer, por me parecer mais conforme à minha profissão perdoar as injúrias que queixar-me delas. Mas, não fazendo eu caso de nada disto, como tão costumado a padecer falsidades, o que não pude deixar de sentir
15 muito foi chegarem estas a S. M., e se deixar

---

soube que uma malta queimara em Coimbra, como em auto-de-fé, uma figura que o representava a ele, pelo crime de vendido aos cristãos-novos, sendo de crer que ocorresse o facto por ocasião de se publicar o breve do papa que mandava restabelecer a Inquisição portuguesa. Não deixou, no Brasil, de sofrer apoquentações, contrariedades e persistentes mágoas, como as que em geral encontrara durante toda a vida, já agora imensamente agravadas pela falta do apoio de D. João IV e pela evidente malquerença do regente D. Pedro.

1. *o Governador:* António de Sousa de Meneses substituíra Costa Barreto, nas funções de governador geral do Brasil, em 1682; era homem arbitrário e conflituoso, e um seu adicto, alcaide-mor da Baía, aproveitou-se de estar ele na governança para satisfazer aversões antigas, do que resultou ser assassinado a 4-VI-1683; o governador culpou do crime o irmão de António Vieira, secretário de Estado, Bernardo Vieira Ravasco, assim como o filho deste, Gonçalo Ravasco, o qual logrou fugir para a metrópole, a fim de se defender em Lisboa, enquanto o pai ficava no cárcere.

impressionar tanto delas que disse a meu sobrinho estava muito mal comigo por haver descomposto o seu Governador, instando por muitas vezes e por muitos modos nesta pronunciação de sua desgraça,
5 a qual me consta se fulminou também por ordens secretas contra todos os que me tocam e se não podem defender dos raios com a minha imunidade.

Tendo sempre ânimo para suportar outros grandes golpes, não posso deixar de confessar a V. M.cê
10 que só neste fraqueou a minha constância, e com tão evidente e sensível demonstração que, no mesmo dia em que li a carta que isto continha, estando são e bem disposto, caí sùbitamente com um grande acidente, que logo se declarou em sezões malignas,
15 com perpétuos delírios, e o juízo totalmente perdido, e a vida em grande risco.

Neste estado continuei um mês inteiro, com os tormentos que lhe acrescentavam os médicos; e, sendo passados já dois em que me não deixaram
20 frequentes rebates do mesmo mal, com ameaças de outra pior recaída, me acho tão debilitado que apenas posso mover a mão com que esta escrevo. A S. M. dou muito miúda conta de tudo o que passou na verdade, e espero da sua justiça, não
25 a satisfação que todos aqui supunham, mas ao menos me restitua a sua graça.

Meu irmão, recolhido um ano no convento dos Descalços de Santa Teresa, acabou este noviciado

---

7. *imunidade:* o breve do papa que o isentava de qualquer procedimento da Inquisição portuguesa (v. p. CI do prefácio e p. 164 deste volume).

27. *meu irmão:* o referido secretário de Estado, Bernardo Vieira Ravasco, a que nos reportámos na segunda nota da página anterior.

com a chegada do senhor Marquês das Minas, e fica exercitando o seu ofício, pelo não acharem culpado na devassa que aqui se tirou sobre a morte do Alcaide-mor, como continha a carta de S. M., mas nem por isso livre de grandes temores, pela que de novo fica tirando o sindicante; porque, como nessa corte se achou uma testemunha que jurou contra ele, mais fàcilmente pode haver aqui outra comprada entre os neutrais, ou voluntária entre os inimigos, com que seja pronunciado; e, como esta sindicatura traz poderes para prender e não para dar livramento, antes se diz que os compreendidos na sua devassa se hão-de ir livrar a Portugal, julgue V. M.cê em que talas se vê metido (estando mais inocente que os que matou Herodes) um homem carregado de anos e de grandíssimos achaques, com um só filho, que pudera deixar em sua casa, homiziado também e pronunciado nessa corte, e com a inocência exposta a semelhantes perigos.

Ele fez acertadamente em não vir, porque, dos companheiros que vieram, um está preso e os outros

---

1. *Marquês das Minas:* o 2.º marquês das Minas, filho do que foi embaixador em Roma (v. carta n.º 39, p. 22); foi este 2.º marquês o que mais tarde tanto se distinguiu durante a guerra da Sucessão de Espanha, invadindo Castela e ocupando Madrid (1706); governou o Brasil de 1684 a 1687; chegado à Baía (Julho de 1684) alojou-se no Colégio dos Jesuítas e foi visitar à cela António Vieira, doente de cama; o irmão deste, declarado inocente pela sindicância, saiu do seu refúgio e reassumiu o posto de secretário, logo após a tomada de posse do marquês; mas a situação do Ravasco tornou a complicar-se mais tarde.

andam fugidos pelos matos, e se houverem de ir livrar-se a Lisboa ele já lá está.

Pela mercê que V. M.cê faz a ambos beijo as mãos a V. M.cê muitas vezes, e nela espero lhes há-de valer tão eficazmente que se tornem a ver juntos. Bom meio tinha eu para o conseguirem sem dependência da justiça ou injustiça, nem da boa ou má vontade dos homens, que era resolverem-se ambos a servir a Deus, e fazer do mundo o caso que ele merece; mas, nem acompanhados dos seus desenganos são poderosos os meus conselhos a lhes persuadir uma tão justa resolução, e tão necessária para a quietação desta vida como para a salvação da outra. Deus lhes escolha o que for melhor para ela, pois para todos os estados a fez como autor de todos.

Não dou a V. M.cê o parabém do lugar do Desembargo do Paço (posto que é o último e o maior a que pode chegar a profissão que V. M.cê seguiu), por ser a pessoa e merecimentos de V. M.cê dignos de outros maiores. O que sobretudo estimo é que V. M.cê antepusesse os interesses da honra aos da fazenda, e que fosse para com V. M.cê mais poderoso que todos os outros respeitos o exemplo do sr. Diogo Marchão Temudo, que está no Céu, cuja imitação deve ser de V. M.cê tão preferida e venerada sempre, como é para mim saudosa sua boa memória.

Dou a V. M.cê as graças pelos papéis a que tão grande matéria deram as fatalidades do ano passado. Não se esperam ou temem menores no pre-

---

15. *ela:* a salvação na outra vida.

sente, em que este nosso céu nos tem prevenido com dois cometas, ambos em Maio, um que se via de dia e atravessava o Sol, outro de noite e mostrava na cauda três grandes estrelas. Do nome de
5 El-rei de Polónia não faça V. M.cê caso, posto que as suas gloriosas acções prometam grandes felicidades. O triunfo total e destruição do império otomano está reservada para rei português; e podemos provàvelmente crer que será o presente, não
10 só por todas as partes que com tanta eminência nele concorrem, de religião, valor e inclinação particular contra os Turcos; mas por ser o segundo do nome, e se verificar em S. M. o texto que tanto trabalho deu aos sebastianistas e outros sectários:
15 *De quatro reis o segundo levará toda a vitória.*

---

5. *El-rei de Polónia:* João Sobieski, rei da Polónia de 1674 a 1696; venceu os Turcos e libertou Viena, cercada por Kara-Mustafá, no ano precedente ao desta carta; mas Vieira pensava que a derrota definitiva dos Turcos não poderia vir por ele, por estar profetizada para um rei português.

15. *de quatro reis o segundo,* etc.: sobre estes dois versos do Bandarra fizera Vieira em 1659, nas *Esperanças de Portugal,* o seguinte comentário: «Chamar-se El-rei» (D. João IV) «o segundo nesta ocasião bem poderia ser por ter tomado o nome de Fernando, porque então seria Fernando o segundo. Mas pode-se chamar segundo porque os reis de Portugal verdadeiramente têm o segundo lugar entre os reis cristãos, sendo o primeiro indecisamente de França ou Espanha, que ainda o pleiteiam diante do Pontífice, o qual nunca o quis decidir. Também pode ser segundo por ter o segundo lugar nesta empresa, como general do mar que há-de ser, tendo o primeiro o rei que for general da terra. Enfim, poder-se-á chamar segundo por outro qualquer acidente, que o tempo interpretará mais fàcilmente do que nós agora

Eu receio muito aos mesmos exércitos vitoriosos o terem-se empenhado tanto nas terras do inimigo, de onde em um mau sucesso podem ter mui dificultosa retirada; e ainda sem este acidente se pode
5 temer que o mesmo inimigo, raivoso e afrontado, ou para se despicar ou para nos divertir, intente alguma grande facção em Itália, cujas costas se acham tão desarmadas como eu as vi, e mais em tão pouca distância de Roma, que delas levam os
10 picadeiros o peixe uma noite.

Aos 12 de Julho deste mesmo ano havia de ver Roma o maior eclipse do Sol que houve no Mundo desde a morte de Cristo, e isto por oposição da Lua; e, se é ou for certo que — *o texto se há-de*
15 *cumprir primeiro, senhor, em Roma,* antes de V. M.^{cê} ver ou ouvir alguma cousa disto, não espere o fim da tragédia do Turco: *Donec auferatur luna.*

Deus sobretudo, que guarde a V. M.^{cê} muitos

---

podemos adivinhar». Era então parecer de Vieira que as profecias do Bandarra diziam respeito a D. João IV; e, como este as não realizara em vida (falecera em 56, e Vieira escrevia em 59), concluía o padre que haveria de ressuscitar. Depois, com o passar do tempo, foram variando as interpretações das profecias.

1. *exércitos vitoriosos:* os de Sobieski; este reatou a guerra no ano seguinte ao da sua vitória em Viena, ocorrida em 1683.

6. *nos:* aos cristãos.

10. *picadeiros:* cavaleiros, almocreves?

14. *o texto se há-de cumprir:* alusão a estes três versos do Bandarra: «*Ao que a minha conta soma / O texto se há-de cumprir /* Primeiro, senhor, em Roma». Nas *Esperanças de Portugal,* Vieira comentara assim: «Primeiro há-de vir o Turco a Itália e a Roma, e então há-de ressuscitar El-Rei».

anos, com todas as felicidades do corpo e alma que a V. M.cê muito do coração desejo.
Baía, 8 de Agosto de 1684. — Capelão e obrigadíssimo servo de V. M.cê.

81.

Ao Duque de Cadaval

Da Baía, aos 10-V-1685

5 Senhor. — Mais por obedecer a V. Ex.ª com a brevidade que V. Ex.ª me o ordena que por satisfação que entenda do papel incluso, remeto nele e nestes primeiros navios o sermão das exéquias da Rainha, que está em glória. Por me faltarem 10 as notícias, que V. Ex.ª me podia dar, observadas em tantos anos de tão interior assistência, vai ele tão pobre e pouco ordenado dos singulares exemplos de suas heróicas virtudes. Do pouco que cá chegou nas relações de sua doença, testamento e 15 morte, e dos extraordinários sentimentos de El-rei

11. *de tão interior assistência:* o duque de Cadaval, mordomo-mor da rainha, deu-lhe, com efeito, a mais contínua e «interior» assistência; tomou-o ela para seu procurador no processo de anulação do casamento com D. Afonso VI; representou-a o duque no casamento, por procuração, com D. Pedro; levou ele nos braços, ao baptismo, a filha da rainha; encarregaram-no de acompanhar a Lisboa o noivo da princezinha (missão que se não levou a cabo, por se haver desfeito o casamento com o duque de Sabóia); a segunda mulher do duque foi amiga íntima da soberana; e esta, em testamento, recomendou a D. Pedro que, se houvesse de escolher ministro, fosse ele o duque.

e de todo o Reino, não deixei nada de fora. Nem também me pareceu calar tudo o que no tempo de seu reinado foi público ao mundo, para que a dissimulação, ou silêncio, das mesmas cousas não parecesse que aprovava as erradas opiniões, com que os inimigos as interpretavam, mas ficassem refutadas e desmentidas neste, que tanto se pode chamar panegírico como manifesto. Falo em todos os sucessos e em todos os interessados, com o decoro e veneração que é devido a tão soberanas pessoas, entre as quais, se V. Ex.ª não ler o seu nome, lerá V. Ex.ª o zelo e valor português, que será eterno, com que V. Ex.ª encontrou o impedimento das futuras felicidades, para que hoje estamos habilitados.

Não ofereço a S. M. este papel, porque presentes são a V. Ex.ª as continuadas experiências que me tiram esta confiança, as quais ainda cá são maiores do que lá se conhecem. Duas cartas escrevi a S. M., em que lhe dava a verdadeira informação de algumas falsas queixas que tinha contra mim, em que eu era o agravado e devia ser o queixoso. E não se dignou S. M. de me mandar responder nem por um moço da sua cavalariça. Cheios estão os copiadores da secretaria das muitas cartas, com que este mesmo António Vieira foi louvado por El-rei que está no Céu, e não só em resposta das minhas, mas em outras ocasiões de mero favor e agrado, como a de me dar notícia, estando em Holanda, do nascimento do mesmo príncipe, que hoje logra a sua coroa. Mal cuidei então que assim me pagasse

---

13. *encontrou:* contrariou, fez oposição.

o filho os serviços que fazia ao pai, e depois fiz a ambos.
Perdoe-me V. Ex.[a] estas memórias, que não podem deixar de magoar muito as minhas cãs.
5 Mas não bastaram estes desenganos para que eu me escusasse de acudir ao serviço de S. M. nesta ocasião de sua dor, havendo tantos anos que em Roma me tinha despedido do púlpito, e não só sobre setenta e sete de idade, mas muito mal con-
10 valescido de uma doença mortal. Ainda hoje padeço os efeitos de ir prègar, sangrado cinco vezes na mesma semana, para que a solenidade daquele dia não ficasse muda.
Excelentíssimo senhor, Deus guarde a Excelen-
15 tíssima pessoa de V. Ex.[a], como Portugal e os criados de V. Ex.[a] havemos mister.
Baía, 10 de Maio de 1685. — Criado e V. Ex.[a].

82.

A um fidalgo

Da Baía, aos 14-VII-1686

Senhor meu. — Se o entendimento pudesse decifrar o que padece o coração, fiara destas regras a
20 expressão do meu sentimento; mas, como não pertence ao discurso o sensitivo, fiquem no silêncio,

82. Supõe Lúcio de Azevedo que esta carta (que no códice em que se acha copiada vem com a indicação de ser «para certo fidalgo, dando-lhe o pêsame da morte de seu pai») fosse mais provàvelmente para algum parente próximo do marquês de Gouveia, que morreu sem filhos.

para maior crédito da dor, os termos com que podia exagerar a V. S.ª a minha mágoa, de que podemos ambos igualmente receber o pêsame, pois igualmente perdemos ambos nesta morte, ainda que por
5 diferentes causas. Melhor a explico no pouco que digo, e no muito que calo.

Deus guarde a V. S.ª muitos anos sem estes merecimentos, que valem tanto como custam.

Baía, 14 de Julho de 1686. — Criado de V. S.ª.

83.

Ao Conde de Castelo Melhor

Da Baía, aos 15-VII-1686

10 Ex.mo Sr. — Enfim outra vez, meu senhor, que tudo tem fim, se o não tem a vida. Já não escrevo a V. Ex.ª de Roma a Turim, nem agora o faço da Baía a Lisboa, senão deste retiro do meu deserto ao de V. Ex.ª no Pombal; e desta generosa circuns-
15 tância principalmente é que dou a V. Ex.ª o para-

---

83. O conde de Castelo Melhor fora inimigo de António Vieira, desterrara-o para o Porto quando ministro de D. Afonso VI, e não se abstivera depois de perseguições contra ele; porém, ao ser o padre maltratado por D. Pedro, a desgraça comum aproximou-os; e, quando o prègador estava em Roma, e Castelo Melhor em Turim, travou-se entre os dois correspondência; em 1686 foi o conde que se dirigiu a Vieira, dando-lhe parte de que se achava finalmente de regresso à pátria, retirado em Pombal, tendo-lhe dado fim ao exílio os falecimentos de Afonso VI e de D. Maria Francisca, ocorridos com três meses de intervalo, em 1683.

bém e a Deus as graças. Quando cessarem os movimentos dos orbes celestes, não sabemos em que lugar há-de parar o Sol, mas sabemos que há-de resplandecer então com luz sete vezes maior que
5 agora; e tal considero a V. Ex.ª no lugar que V. Ex.ª escolheu para seu solstício. Necessária foi a roda que V. Ex.ª fez pelo zodíaco das principais cortes do mundo, e depois de V. Ex.ª em todas acreditar sua pessoa, honrar sua nação, e final-
10 mente aumentar sua ilustríssima casa, só nela podia V. Ex.ª parar.

Lembra-me que, quando V. Ex.ª com tanta felicidade governava a nossa monarquia, vi em Coimbra dedicadas umas conclusões a V. Ex.ª com a
15 figura de Atlante; e quanto melhor é, senhor, ter o mundo debaixo dos pés, que sobre os ombros! Assim parece-me estar vendo a V. Ex.ª rindo-se da fortuna, e logrando descansadamente quanto ela podia dar e pode tirar.

20 De mim que direi a V. Ex.ª? Digo que entre tantas mortes, de que lá chegarão os ecos, ainda por mercê de Deus me acho com vida; e, enquanto não posso invejar a V. Ex.ª ver as felicidades de perto, aprove-me V. Ex.ª ouvir as fatalidades de
25 longe.

Deus guarde a V. Ex.ª muitos anos, como Portugal sempre há de mister, e os criados de V. Ex.ª muito desejamos.

Baía, 15 de Julho de 1686. — Criado de V. Ex.ª.

84.

A Sebastião de Matos e Sousa

Da Baía, aos 27-V-1687

Meu senhor. — Se V. M.cê dentro nesta carta, de que me fez favor, me mandara a pena com que foi escrita, pudera eu responder na mesma consonância, superior em qualquer outro estilo a toda
5 a imitação; e certo me foi necessária toda a confiança para não entender me mandava V. M.cê, na elegância dela, o traslado ou exemplar por onde devia emendar a rudeza e vulgaridade da minha. Mas porque seria ofender a sinceridade do afecto,
10 que em todas as palavras deste panegírico descobrem o verdadeiro ânimo com que V. M.cê me exorta a apressar a estampa do que no primeiro tomo prometi, com a mesma sinceridade darei conta de mim a V. M.cê.

15 Seja a primeira adição dela que a mesma razão, porque devo dar esta pressa, é a que me está prègando a que totalmente desista do começado, e que estes poucos dias que me podem restar de vida os aplique totalmente à prevenção da jornada, e
20 que me persuada a mim o que prego aos outros. Contudo, porque o melhor estado em que a morte nos pode tomar aos religiosos é o da obediência, eu me conformo com este ditame, e, quanto o permitem os anos, a que faltam poucos meses para

---

84. O destinatário desta carta era um clérigo, secretário do duque de Cadaval.

oitenta, e os achaques, que não são poucos, todo o mais tempo o aplico a estes apontamentos do que nunca fiz conta de imprimir.

A isto se acrescenta, com a falta de sentidos, a das mesmas potências da alma; porque já a memória não se lembra, nem o entendimento discorre, nem a mesma vontade enfastiada se aplica com gosto ao que sem ele é violência e martírio.

Esta é, senhor, a minha vida, bem necessitada dos alentos com que V. M.cê a anima para o sofrimento de tantas moléstias, em cuja conta não meto a dos juízos dos homens, de que eu faço tão pouca como eles merecem.

Seja Deus servido que deste trabalho, que só por seu amor se pode tomar, se colha algum fruto; e a V. M.cê guarde por muitos anos, como depois do conhecimento da pessoa de V. M.cê lhe devo desejar.

Baía, 27 de Maio de 1687. — De V. M.cê obrigadíssimo servo.

85.

Circular a vários nobres de Portugal

Da Baía, aos 31-VII-1694

Meu Senhor. — É cousa tão natural o responder, que até os penhascos duros respondem, e para as vozes têm ecos. Pelo contrário é tão grande violência não responder, que aos que nasceram mudos fez a natureza também surdos, porque se ouvissem, e não pudessem responder, rebentariam de dor.

Esta é a obrigação e a pena em que a carta que recebi nesta frota de V. Ex.ª me tem posto, devendo eu só esperar recìprocamente que a resposta do meu silêncio fosse tão muda como ele; mas quis a benignidade de V. Ex.ª que, neste excesso de favor, se verificasse o pensamento dos que dizem que, para se conhecerem os amigos, deviam os homens morrer primeiro, e de aí a algum tempo, sem ser necessário muito, ressuscitar. E porque eu em não escrever fui mudo, como morto, agora com o espaço de um ano e meio é força que fale como ressuscitado. O que só posso dizer a V. Ex.ª é que ainda vivo, crendo com fé muito firme não será desagradável a V. Ex.ª esta certidão.

Não posso contudo calar que, no mesmo dia 6 de Fevereiro, em que entrei nos oitenta e sete anos, foi tão crítico para minha pouca saúde este seteno, que apenas por mão alheia me permite ditar estas regras, as quais, só multiplicadas em cópias, sendo

---

3. *do meu silêncio:* Vieira pretendera, no ano anterior de 93, dar fim a todas as suas relações epistolares, deixando de responder às cartas de Portugal, chegadas pela frota; os correspondentes, porém, continuavam a escrever-lhe, e isto o determinou ao envio desta circular, de três anos anterior à sua morte; mas não cumpriu rigorosamente o seu intento, porque ainda escreveu algumas cartas, poucas, entre elas a de 25-IX-1695 à rainha de Inglaterra, onde, entre outras cousas, lhe dizia o seguinte: «enfim, não achando em Portugal em El-rei, que Deus guarde, a correspondência do afecto que sempre experimentei em seus pais e irmão (D. Teodósio)... me condenei ao desterro deste Brasil, para nele comutar, se pudesse, o purgatório. Aqui estou ainda vivo, já quase desacompanhado de mim mesmo, na falta de quase todos os sentidos»...

as mesmas, podem satisfazer a tantas obrigações quantas devo à Pátria na sua mais ilustre nobreza.

Sendo porém tão singular e não usada esta indulgência, ainda reconheço por maior a que de
5 novo peço a todos, e é que a pena de não responder às cartas se me comute na graça de as não receber de aqui por diante, assim como é graça e piedade da natureza não ouvir quem não pode falar.

10 E para que o despacho deste forçado memorial não pareça género de ingratidão da minha parte, senão contrato útil de ambas, e muito digno de aceitação, sirva-se V. Ex.ª de considerar que, se me falta uma mão para escrever, me ficam duas
15 mais livres para as levantar ao Céu, e encomendar a Deus os mesmos a quem não escrevo, com muito maior correspondência do meu agradecimento, porque uma carta em cada frota é memória de uma vez cada ano, e as da oração de todas as horas são
20 lembranças de muitas vezes de cada dia.

Estas ofereço a V. Ex.ª sem nome de despedida, e, posto que em carta circular e comum, nem por isso esquecido das obrigações tão particulares que a V. Ex.ª devo, e me ficam impressas no coração.

25 Deus guarde a V. Ex.ª muitos anos como desejo, com todas as felicidades desta vida, e muito mais da que não tem fim.

Baía, dia de Santo Inácio, 31 de Julho de 1694. — Criado de V. Ex.ª.

Fragmentos

Paginado este segundo volume de cartas escolhidas de António Vieira, verificamos haver ainda espaço para uma parte da antologia de trechos isolados a que nos referimos na nota que se segue ao Prefácio (p. CIX do tomo 1.º); *e damo-la a seguir:*

Os navios que chegam de Portugal, assim a estes portos como aos de Inglaterra, trazem muitos mercadores fugidos, e eles a sua fazenda e a dos que lá ficam, que é fácil a quem a passa em uma folha
5 de papel; e pela mesma causa não há quem aqui queira dar um vintém para Portugal, nem carregar para lá cousa alguma. Esperava que ao menos viessem os créditos ou letras de que S. M. avisou a V. Ex.ª; mas não resulta sinal de isto em nenhuma
10 parte, e Duarte Nunes não faz senão escrever-me que lhe acuda, como se eu tivera as rendas de El-Rei em meu poder: já me não espanto que houvesse quem lhe condenasse o zelo com que se meteu nesta empresa, e o dos que o exortaram a ela.

(30-III-1648. De Amsterdão, ao Marquês de Nisa).

---

2. *mercadores:* cristãos-novos que fugiam das perseguições em Portugal.

Quarta-feira passada houve conferência, e se debateu principalmente em mais ou menos açúcar, que se subiu a oitocentas caixas cada ano, por espaço de doze.

5 Com esta resposta houve última junta dos Estados, que durou um dia inteiro, na qual se entende que ficou resoluta a paz, debaixo porém de algumas condições que se saberão melhor quando delas nos derem vista. Hoje disse o Presidente dos Comis-
10 sários que toda a dificuldade consistia em Angola, e o caso é que querem os da Companhia ficar absolutamente senhores de toda a costa, e que o comércio das fortalezas que temos no sertão passe todo pelos seus portos, e lhes paguemos a eles os
15 direitos que ali se costumavam pagar a El-Rei.

Fundam-se principalmente na sua cobiça, e também em que, conforme um artigo das tréguas, o que é senhor das fortalezas o deve ser das terras que ficam entre elas. Nós, pelo contrário, pegamo-
20 -nos a que tudo se deve repor no estado em que estava ao tempo da publicação da trégua, e nos ajuda a isto o exemplo da fortaleza de Gale em Ceilão, e a resposta que os mesmos Estados deram ao Embaixador Francisco de Andrada, em que deli-
25 beraram isto mesmo. Enfim neste ponto há-de bater toda a dificuldade, e como nós resolutamente não havemos aceder, dentro em muito poucos dias estará concluída por qualquer das partes. Matéria é esta sobre a qual não há cá documento nem instru-
30 ção alguma, havendo-se pedido muitas vezes, e

---

1. *conferência:* com os governantes holandeses.
11. *Companhia:* a Companhia holandesa das Índias Ocidentais.

sendo de tanta importância, o que tudo ajuda a dificultar a resolução.

(10-VII-1648. De Haia, ao Marquês de Nisa).

É o caso que nesta ilha de Santiago, cabeça de
5 Cabo Verde, há mais de sessenta mil almas, e nas outras ilhas, que são oito ou dez, outras tantas, e todas elas estão em extrema necessidade espiritual; porque não há religiosos de nenhuma religião que as cultivem, e os párocos são mui poucos e mui
10 pouco zelosos, sendo o natural da gente o mais disposto que há, entre todas as nações das novas conquistas, para se imprimir neles tudo o que lhes ensinarem. São todos pretos, mas sòmente neste acidente se distinguem dos Europeus. Têm grande
15 juízo e habilidade, e toda a política que cabe em gente sem fé e sem muitas riquezas, que vem a ser o que ensina a natureza.

Há aqui clérigos e cónegos tão negros como azeviche, mas tão compostos, tão autorizados, tão
20 doutos, tão grandes músicos, tão discretos e bem morigerados, que podem fazer invejas aos que lá vemos nas nossas catedrais. Enfim a disposição da gente é qual se pode desejar, e o número infinito: porque além das cento e vinte mil almas que há
25 nestas ilhas, a costa, que lhe corresponde em Guiné e pertence a este mesmo bispado, e só dista daqui jornada de quatro ou cinco dias, é de mais de quatrocentas léguas de comprido, nas quais se conta a gente não por milhares senão por milhões de gentios.
30 Os que ali vivem ainda ficam aquém da verdade,

15. *política:* civilidade, cultura.

por mais que pareça encarecimento: porque a gente é sem número, toda da mesma índole e disposição dos das ilhas, porque vivem todos os que as habitam sem idolatria nem ritos gentílicos, que façam
5 dificultosa a conversão, antes com grande desejo, em todos os que têm mais comércio com os Portugueses, de receberem nossa santa Fé e se baptizarem, como com efeito têm feito muitos; mas, por falta de quem os catequize e ensine, não se vêem
10 entre eles mais rastos de cristandade que algumas cruzes nas suas povoações, e os nomes dos santos, e os sobrenomes de Barreira, o qual se conserva por grande honra entre os principais delas, por reverência e memória do padre Baltasar Barreira,
15 que foi aquele grande missionário da Serra Leoa, que, sendo tanto para imitar, não teve nenhum que o seguisse, nem levasse adiante o que ele começou. E assim estão indo ao Inferno todas as horas infinidade de almas de adultos, e deixando
20 de ir ao Céu infinitas de inocentes, todas por falta de doutrina e baptismo, sendo obrigados a prover de ministros evangélicos todas estas costas e conquistas os príncipes de um Reino, em que tanta parte de vassalos são eclesiásticos, e se ocupam nos ban-
25 dos e ambições, que tão esquecidos os traz de suas almas e das alheias; mas tudo nasce dos mesmos princípios.

(25-XII-1652. De Cabo Verde, ao padre André Fernandes).

---

6. *comércio:* trato, relações sociais.
14. *Baltasar Barreira:* padre jesuíta, que fora missionário em Angola em 1580, passando depois à Guiné e a Cabo Verde, onde morreu na ilha de Santiago em 1612.

Enfim, senhor, Deus quis que, com vontade ou sem ela, eu viesse ao Maranhão, onde já estou reconhecendo cada hora maiores efeitos desta providência, e experimentando nela claríssimos indícios
5 da minha predestinação e da de muitas almas; e por este meio dispõe que elas e eu nos salvemos.

Eu agora começo a ser religioso, e espero na bondade divina que, conforme os particularíssimos auxílios com que me vejo assistido da sua poderosa
10 e liberal mão, acertarei a o ser, e verdadeiro padre da Companhia, que no conceito de V. A. ainda é mais: e sem dúvida se experimenta assim nestas partes, onde, posto que haja outras Religiões, só a esta parece que deu Deus graça de aproveitar aos
15 próximos.

O desamparo e necessidade espiritual que aqui se padece é verdadeiramente extrema; porque os gentios e os cristãos todos vivem quase em igual cegueira, por falta de cultura e doutrina, não havendo
20 quem catequize nem administre sacramentos; havendo porém quem cative e quem tiranize e, o que é pior, quem o aprove; com que portugueses e índios todos se vão ao Inferno.

(25-I-1653. Do Maranhão, ao Príncipe D. Teodósio).

25 Em 23 de Novembro chegou um dos embaixadores com um Principal e um seu filho, e alguns outros índios do sertão, com novas de que nove aldeias estavam abaladas, e já à beira do rio para descer, e que no sertão ficavam outras quatro, as quais não

---

1. *com vontade ou sem ela:* v. o nosso prefácio, p. LXXXIV.

13. *Religiões:* Ordens religiosas.

queriam vir nem deixar suas terras. Passaram estes índios novos por uma capitania deste Estado, cujo Capitão-mor os acompanhou com uma carta, em que aconselhava ao Governador que àquelas quatro
5 aldeias rebeldes se lhes fosse logo dar guerra, porque além do serviço que nisso se fazia a S. M., seria com grande utilidade do povo, que por esta via teria escravos, com que se servir. De maneira que, ao não quererem deixar suas terras uns homens que não
10 são nossos vassalos, se chama por cá rebelião, e este crime se avalia por digno de ser castigado com guerra e cativeiros. Para que se veja a justiça, com que neste país se resolvem semelhantes empresas, e com serem as cousas tão justificadas como isto,
15 houve logo um prelado de certa Religião, que sem lhe pedirem conselho o deu ao Governador, e ao Vigário geral, para que a dita guerra se fizesse.

(22-V-1653. Do Maranhão, ao Provincial do Brasil).

Tinha mandado nesta ocasião S. M. uma lei, na
20 qual declara por livres, como nesse Brasil, a todos os índios deste Estado, de qualquer condição que sejam.

Publicou-se o bando com caixas, e fixou-se a ordem de S. M. nas portas da cidade. O efeito foi
25 reclamarem todos a mesma lei com motim público, na Câmara, na praça e por toda a parte, sendo as vozes, as armas, a confusão e perturbação o que costuma haver nos maiores casos, resolutos todos a perder antes a vida (e alguns houve que antes de-

---

20. *nesse Brasil:* porque o Pará e Maranhão, onde estava Vieira, constituía um Estado separado do do resto do Brasil.

ram a alma) do que consentir que se lhes houvessem tirar de casa os que tinham comprado por seu dinheiro. Aproveitou-se da ocasião o demónio, e pôs na língua, não se sabe de quem, que os padres da Companhia foram os que alcançaram de El-Rei esta ordem, para lhes tirarem os índios de casa, e os levarem todos para as suas aldeias e se fazerem senhores delas, e que por isso vinham agora tantos.

Achou esta voz fácil entrada, não só nos ouvidos mas nos ânimos do vulgo, atiçando talvez a labareda alguns que tinham obrigação de a apagar. Mas esta a desgraça: que os da mesma profissão sejam de ordinário os mais apaixonados contra nós; porque só eles querem valer na terra, e ofende-lhes os olhos tanta luz na Companhia, e, posto que houvesse pessoas, das mais graves e autorizadas, que se puseram em campo por nós, contudo contra um povo furioso ninguém prevalece.

O furor que tinham concebido contra a lei de El-Rei (à qual também não perdoaram, arrancando-a de onde estava), todo o converteram contra os padres da Companhia, não duvidando já de fazer alguma demonstração com eles, mas tratando ou tumultuando em qual havia de ser. Para o fazer com maior justificação, como a eles lhes parecia, formaram uma proposta ao Capitão-mor governador, em nome da nobreza, religiosos e povo de todo o Estado, na qual lhe requeriam levantasse o bando, alegando que a república se não podia sustentar sem índios, e que os de que se serviam eram legìtimamente cativos; que as entradas ao sertão e

21. *converteram:* viraram, voltaram.

resgates eram lícitos; que os índios eram a mais bárbara e pior gente do mundo; e que, se servissem com liberdade, se haviam de levantar contra os Portugueses; e outras cousas a este modo, umas
5 verdadeiras e outras duvidosas, e as mais totalmente falsas e erradas.

Esta proposta, assinada pelos prelados das religiões e pelos dois vigários, nos mandou a Câmara para que também a assinássemos. Escusámo-nos de
10 o fazer, porém insistiram a que respondêssemos. Pareceu a todos os padres que devíamos responder, e que a resposta fosse a mais favorável ao povo quanto desse lugar a consciência, para que entendessem, que só obrigados dela nos não conformá-
15 vamos, em tudo o que eles queriam.

Feita esta resposta, e aprovada por todos os padres, levaram-na dois ao vereador mais velho, que é pessoa muito autorizada, Capitão-mor que ficou do Gurupá, e dos maiores devotos e benfei-
20 tores que tem nestas partes a Companhia. Era em papel apartado, para que pudessem usar dele ou não, como lhes parecesse. Disseram-se as missas todas daquele dia por esta tenção; e, no seguinte, estando nós conferindo que mais orações e peni-
25 tências se haviam aplicar, era a primeira hora da noite, e eis que ouvimos um tumulto muito maior que os passados, o qual cada vez soava mais, e se vinha avizinhando à nossa casa. Saímos a uma varanda, e as vozes que se ouviam eram: «Padres
30 da Companhia fora! Fora inimigos do bem comum!

---

19. *Gurupá:* no braço Sul do Amazonas; à sua roda se agruparam algumas aldeias de Índios que se estenderam pelo Xingú acima até Mutura, hoje Porto de Mós.

Metam-os em duas canoas rotas!» Entre as vozes reluziam as espadas, das quais escaparam com muita dificuldade o piloto e alguns marinheiros da caravela em que viemos, contra os quais arremeteu
5 o povo, querendo-os matar por nos haverem trazido.

Enfim o tumulto cresceu de maneira que, para o sossegar, foi necessário que o Governador, com todas as três companhias que aqui há de presídio,
10 com balas e mechas acesas, os viessem arrancar das nossas portas. Não houve porém em todo este tempo, que seria espaço de uma hora, quem se atrevesse a pôr as mãos nelas; só o vereador, que já dissemos, entrou a pedir que quiséssemos pôr
15 alguma moderação, no nosso parecer sobre os pontos que tocavam à liberdade dos Índios, para que com isso se moderasse também e aquietasse o povo.

(22-V-1653. Do Maranhão, ao Provincial do Brasil)

A pior cousa que têm os maus costumes é serem
20 costumes: ainda é pior que serem maus.

(4-IV-1654. Do Maranhão, ao padre André Fernandes).

Mas os padres, que andavam visitando as aldeias, e viam as ocupações em que estavam divertidos os índios que haviam de ir à jornada, me
25 avisaram por vezes que entendiam que se não havia de fazer, e que o Capitão-mor nos não tratava verdade. Fundaram-se em que os índios, para poderem ir, haviam de deixar feitas primeiro suas roças, e

---

9. *presídio:* guarnição.
23. *divertidos:* desviados, transferidos para ocupações diferentes das que deveriam ter.

que o Capitão-mor, no tempo em que eles as haviam de fazer, os trazia ocupados em serviços particulares de seu interesse, e sobretudo que tinha plantado com eles duas grandes lavouras de tabaco, 5 as quais se haviam de recolher e beneficiar no mesmo tempo, e com os mesmos índios, por não haver outros, e que não era cousa para se entender de um homem pobre, e tão desejoso de o não ser, que houvesse de plantar para não recolher. Bem 10 via eu a razão que os padres tinham, e também suspeitava e presumia o mesmo, mas não me pareceu desistir da empresa, nem tomar logo outra, como alguns me aconselhavam, porque tive sempre por melhor que a jornada se desfizesse por parte do 15 Capitão-mor que pela nossa. E por que não ficasse por diligências, fiz com ele que se chamassem os Principais e capitães das aldeias, para que com todos se ajustasse o que era necessário, e se assentasse dia certo. Fez-se a junta em dia de S. João Baptista, 20 e, porque todos os Índios se escusaram com não terem ainda roçado, deu-se-lhes para isso tudo o que restava daquele mês e todo o seguinte, e assentou-se que dia de Santo Inácio fosse a partida.

Eram já partidos neste tempo para o Reino todos 25 os navios daquele ano, e só faltava um, o qual se expediu dentro em quinze dias. Ao seguinte nos partimos, o padre António Ribeiro e eu, a visitar as aldeias, e juntamente a fazer resenha dos índios, e das armas (que são arcos, frechas e rodelas), e tudo 30 negociámos como quem tão empenhado tinha o desejo nesta empresa. Mas o Capitão-mor, tanto

---

29. *rodelas:* escudos redondos.

que viu partido o navio, e que já não tínhamos por onde avisar a El-Rei, e que eu, que era o que com as ordens de S. M. lhe podia só fazer resistência, estava ausente, chama a uma junta os prelados das
5 Religiões, e as mais pessoas da justiça e da república que ele escolheu, e com todos se resolveu, e fez logo disto um auto, que não convinha que a jornada se fizesse, por ser já fora de tempo; que para o outro ano se faria. Achou-se nesta junta o
10 nosso padre Manuel Nunes, que alegou por parte da cidade conveniência da jornada, com muitas e mui forçosas razões, mas nenhuma delas nos valeu, porque só uma naquela junta tinha lugar, que era a que logo deu o Prior do Carmo, Frei Inácio de
15 S. José, o qual disse desta maneira: «Eu, senhores, não sei se é tempo de se fazer a jornada, porque não é essa a minha profissão, o que sei de certo é que, se a jornada fora para ir cativar índios, o tempo fora muito bom, mas como é para salvar
20 almas, por isso não é tempo nem o há-de ser nunca.» Isto disse este religioso, e deu sem dúvida no ponto da verdade, o qual confesso a V. Rev.a que não acabei de conhecer senão depois que o viram os olhos, porque não cuidei que era tão mau
25 o mundo, com ter visto e sabido tanto dele. Enquanto as missões e conversões da gentilidade tiverem a menor dependência dos Governadores e Capitães-mores, bem nos podemos despedir delas, porque sempre hão-de poder mais que nós e que
30 tudo os seus interesses. E, por que se veja quão

---

5. *república:* administração pública.
30. *por que:* para que.

certo era ser dissimulação e fingimento tudo o que o Capitão-mor me dizia das prevenções que tinha feito, tratando eu logo de me passar ao Pará, pedi--lhe canoa e índios; e sendo que as canoas que haviam de ir à jornada eram duas, e os índios mais de duzentos, para me descobrir uma canoa teve grande trabalho, e dando-me um escrito para dez índios, correu o padre António Ribeiro todas as aldeias, e não achou mais que dois. Eis aqui como estavam prevenidos os índios e as canoas. E se V. Rev.ª me perguntar os índios onde estavam, digo que nos tabacos e nas pescarias, e noutros interesses de quem não quis que fosse ao sertão buscar almas, e no serviço de senhores de engenhos e de outros poderosos, que pagam em caixas de açúcar o darem--se-lhes a eles mais que a outros. Por estas vilezas se vende o preço do sangue de Cristo, por elas se desobedece às ordens do Rei: mas já tenho dado conta de tudo a S. M., e espero que mandará acudir com pronto remédio.

Grande mortificação recebemos com se nos estorvar, e por tais meios, esta missão, que além das esperanças, que nos prometia, tinha de mais os alvoroços de ser a primeira. O que mais sentimos foi a perda do tempo, porque desde Abril até princípios de Agosto, em que nos detivemos no Maranhão esperando por ela, era bastante para termos passado ao Gurupá, e entrado pelo rio das Amazonas. Contudo não estivemos aqui ociosos, e se fizeram algumas cousas de grande serviço de Deus, em benefício espiritual assim dos Portugueses como dos Índios.

As aldeias dos Índios cristãos antigos, que são cinco nesta ilha, se visitaram com três missões em

diferentes tempos. A todas três foi o padre António Ribeiro, que é o seu Marco Túlio. Em duas o acompanhou o padre Tomé Ribeiro, e em uma eu.

Fazem-se estas missões pela maior parte por terra, e a pé, não sem grande trabalho, por ser a terra muito rasa e afogada de matos, e [não penetrarem ao interior do sertão as virações] com que Deus fez habitável a zona tórrida, a mais abrasada da qual são estas partes em que vivemos. Até às nove horas, por serem os caminhos mal abertos, e os orvalhos extraordinàriamente grossos, não se pode caminhar senão molhados até ao joelho, e com perigo da saúde por ser este modo de água muito nociva. Este inconveniente, e também a sucessão das marés, obriga a que as jornadas se façam no maior rigor do dia. É verdade que os Índios nos oferecem redes ao uso da terra, e muitas vezes as levam atrás de nós, e nos fazem força para que nos assentemos nelas; mas, posto que este modo de andar em outras partes não só seja lícito mas usado, e não falte quem diga que, serem levados os prègadores evangélicos em ombros dos mesmos a quem vão converter, é glória da nova Igreja em que hoje se trabalha nas nossas conquistas, profetizadas por Isaías quando disse — *Volabunt super humeros philisteorum*, o que querem se entenda dos palanquins da Índia e das redes do Brasil; contudo a nós nos parece melhor ver se podemos deixar, aos que nos sucederem nesta missão, alguma parte do exemplo que deixou aos da Índia S. Francisco

2. *o seu Marco Túlio:* quer dizer, o homem que lhes fala mais convincentemente (alusão à eloquência de Marco Túlio Cícero).

Xavier, que corria a pé diante dos cavalos japões, e do que deixou aos do Brasil o nosso padre José de Anchieta, que a pé caminhava as compridíssimas e duríssimas praias do Itanhaen, e o que a eles e a
5 nós nos deu o filho de Deus, que em todas as suas peregrinações andou sempre a pé, e quando explicou as condições do bom pastor foram: que havia ele de levar a ovelha aos ombros, e não a ovelha a ele. Por estas cousas, e por todas as da edificação, se
10 tem ordenado, e se observa, que nenhum dos nossos, salvo em caso de conhecida enfermidade ou necessidade, use de rede nos caminhos; o que peço muito a V. Rev.ª nos queira aprovar e confirmar com sua autoridade, para que ela nos anime mais a todos a
15 o ter assim por bem, e a o observar. Sigamos a Cristo deixadas as redes, já que a nossa vocação é de apóstolos, que também estas não são as com que se pescam os homens.

O fruto que se faz nestas missões não repito, por
20 serem cousas ordinárias, posto que as de maior importância para a salvação. O que muito me consolou foi ver que a nossa chegada era, para cada aldeia, como um jubileu, porque três e quatro dias que nelas nos detínhamos quase todos se gastavam
25 em ouvir confissões, e sendo que, quando aqui chegámos de Portugal, todas eram de quinze a vinte anos, por haver tantos que se não confessavam, e muitos de toda a vida, por em toda ela não terem recebido este sacramento; agora é muito para dar
30 graças a Deus que, por benefício das missões que fazemos a estas aldeias, as mais antigas confissões eram de dois até três meses, muitas de mês e de quinze dias, e ainda de oito. Confesso a V. Rev.ª que fora um exercício de grande consolação andar

correndo e visitando estas pobres choupanas, se juntamente se não ouviram as lástimas e queixas dos Índios, que como não têm outrem que se condoa de seus trabalhos, e acuda de alguma maneira por
5 eles, senão os padres da Companhia, em nós descarregam todas suas lástimas, e é um grande género de tormento ouvi-las e conhecê-las, e alcançar ainda melhor que eles a muita razão que têm, e não lhes podermos ser bons.

10 Dizem que na vinda do padre Luís Figueira e, depois do sucesso da sua morte, na nossa, tinham postas todas as esperanças de seu remédio, e como já cá estamos, e não vêem melhoria nenhuma ao que padeciam, antes as mesmas tiranias continuadas
15 e multiplicadas, não lhes fica mais que desesperar. E se não fora por nossas admoestações, e pelas novas esperanças com que os imos animando e detendo, já estavam deliberados a fugir de aqui, e tornar a se meter nos sertões. Destes mesmos prin-
20 cípios lhes nasce o grande desejo, que todos têm, de que residam os padres com eles nas suas aldeias, e como vêem que temos tão poucos em número, e que nos não podemos repartir por todas, são muito para ouvir as razões que cada um alega para ser
25 preferido aos demais. São tais as invejas que têm uns dos outros nesta parte, que se acaso formos a uma aldeia, e nos detivermos nela mais um dia ou

---

11. *sua morte:* assassinado pelos selvagens depois de naufragado cerca da ilha do Sol, à entrada do rio Pará (constituído pelo braço direito do Amazonas, que contorna pelo S. a ilha de Marajó, e pelo Tocantins); esse missionário do Maranhão foi o primeiro padre da Companhia de Jesus que esteve no Grão-Pará.

uma manhã, logo nos vêm pôr demanda sobre esta desigualdade, de maneira que nos é necessário, em qualquer caso destes, levar prevenida a escusa, e desculpar-nos com as marés ou com os muitos doentes, e procurar dispor as cousas de sorte que, ao menos, se digam tantas missas numa aldeia como na outra, porque este é o principal sinal por onde notam a desigualdade.

As doutrinas do catecismo se continuam com o mesmo fervor com que se começaram, e em poucos dias instruíram os padres os que cá quisemos introduzir à imitação dos da cidade, de maneira que em todas as aldeias há mestres para os homens e mestras para as mulheres. Tão bem instruíram nas orações e declaração dos mistérios de nossa santa Fé, que quem os ouvir sem os ver julgará que são os mesmos padres que estão ensinando; e tomam isto todos geralmente com tanta vontade e afecto, como [se vê] pelo que aconteceu aos dois padres, andando nestas missões. Chegaram ao porto de uma aldeia depois do sol-posto, e caminhando para ela, que estava mais de uma légua distante, bom espaço antes de chegarem às casas sentiram que em todas se falava alto, e que estava toda a aldeia acordada. Estranharam o modo da inquietação, e muito mais àquelas horas, porque como os Índios são naturalmente de pouca conversação, o grande silêncio que há nas ditas aldeias, principalmente de noite, em

---

8. *desigualdade:* sobre as consequências da desigualdade no tratamento dado às pessoas, v. o sermão vieiriano da segunda oitava da Páscoa, prègado em Roma, e editado por António Sérgio com o título de *Sermão sobre a paz.*

que parece que não há nelas cousa vivente, julgaram os padres pela experiência que devia de ser vinho, o qual se não vende entre os Índios, e em o havendo em alguma casa se expõe a todos os que querem ir beber, e ordinàriamente querem todos, e ele é o que faz falar os mudos, e não há história dos passados, nem obrigação ou queixa dos presentes, que então não venha a prática, em que gastam as noites inteiras. Chegando enfim os padres mais perto, e notando o que se falava na primeira casa, foram correndo por fora as demais sem serem sentidos, e acharam que o que se dizia em todas eram as orações e declarações do catecismo, as quais uns rezavam, outros ensinavam, outros aprendiam, todos deitados nas suas redes. Emendavam os filhos aos pais, e repreendiam as mulheres aos maridos, porque ordinàriamente as mulheres e os moços são os que mais depressa tomam de memória; enfim a aldeia estava feita uma escola ou universidade da doutrina cristã, em que se ensinava às escuras a luz da Fé. Edificaram-se os padres do que ouviam, como era razão, e tanto mais que era cousa que não tinham ensinado aos Índios, nem eles o faziam pelo respeito da sua presença, pois estavam ausentes, e, ordenando o primeiro juízo que tinham feito, diziam que lhes acontecera com estes Índios o que ao sacerdote Ely com Ana, mãe de Samuel: que o que julgara por vinho eram orações. E posto que esta vez se estimou este caso pela novidade, de então para cá é cousa tão ordinária nas aldeias, que todos os que vamos a elas experimentamos esta piedade e curiosidade nos Índios; porque depois de lhes ensinarmos a doutrina rezam em comunidade, como se faz todas as manhãs

e tardes na igreja, e recolhidos à noite a suas casas os ouvimos outra vez rezar, e repetir o mesmo que lhes ensinámos. Não crera isto destes homens quem de antes os conhecera, e vira quão inclinados são 5 a gastar as noites em seus brincos e passatempos; mas tanto pode a graça sobre a natureza. Nem nós lhes tiramos ou proibimos o seu cantar e bailar, nem ainda beber e alegrar-se, contanto que seja com a moderação devida, por lhes não fazermos a lei de 10 Cristo pesada e triste, quando ela é jugo suave e leve.

Na repartição dos sujeitos, de que na outra dei conta a V. Rev.ª, se dizia que o Padre Francisco Veloso com o padre José Soares ficavam na missão 15 dos Guajajaras, distante desta cidade trinta léguas; neste número errei por falta de verdadeira informação, porque não são as léguas senão sessenta. Também foi erro dizer que os padres Luís Figueira e seus companheiros foram mortos pelos bárbaros 20 na ilha do Sol, como então me disseram, porque indo depois ao Pará soube que os não mataram senão na ilha chamada dos Joanes, a qual está atravessada bem na boca do rio das Amazonas, defronte da mesma ilha do Sol, e é tão grande que encerra 25 em si mais de vinte e nove nações, de línguas tão diferentes como são a alemã e espanhola. Dista esta ilha da cidade do Pará só duas marés de jornada, e ainda lá não chegou a luz do Evangelho, havendo trinta e nove anos que aqui vivem portugueses; mas 30 é tal a correspondência, que sempre se há tido com estes índios, que se os acháramos domésticos e políticos não fora muito estarem hoje bárbaros e

32. *políticos:* civilizados, urbanos, afáveis.

feros como estão. Pelo escândalo deste mau tratamento têm concebido tanto ódio e horror à nação portuguesa, que connosco nem paz nem comércio querem, e o têm mais ordinário com as nações do
5 Norte, que por aqui passam frequentemente, porque dizem que acham nelas mais verdade, e têm com eles a liberdade segura. No Pará falei com um soldado, que se achou na ilha destes bárbaros, poucos dias depois da morte dos padres, e sobre me
10 confirmar o que escrevi da pintura em que os têm retratados, acrescenta que viu o lugar onde foram mortos, e que era um terreiro grande com um pau fincado no meio, o qual ainda conservava os sinais do sangue. A este pau os atavam um por um em
15 diferentes dias, e logo se ajuntavam ao redor deles com grande festa e algazarra, todos com seus paus de matar nas mãos. Chamam paus de matar a uns paus largos na ponta, e mui fortes e bem lavrados, que lhes servem como de maças na guerra; armados
20 desta maneira andam saltando e cantando, à roda do que há-de morrer, e em chegando a hora, em que já não pode esperar mais sua fereza, descarregam todos à porfia os paus de matar, e com eles lhes quebram as cabeças. Vão tirados à cabeça todos
25 os primeiros golpes, e não a outra parte do corpo, porque é costume universal de todas estas gentilidades não poderem tomar, nem ter nome, senão depois de quebrarem a cabeça a algum seu inimigo, e quanto o inimigo é de mais nobre nação, e de
30 mais alta dignidade, tanto o nome é mais honroso. Não é necessário, para esta cerimónia, que o mesmo que quebra a cabeça haja morto o homem ou a mulher inimiga (que também nas cabeças das mulheres tomam nome), mas basta que o matasse

outro, ou que ele morresse naturalmente. E assim acontece irem caminhos de muitas léguas, e entrarem de noite às escondidas nas povoações de seus inimigos, e desenterrarem-lhes da sepultura uma caveira, e levarem-na mui vitoriosos, e porem-na na praça de sua aldeia, e aí, quebrando-a com a mesma festa e fereza, tomarem nome nela. Desta maneira tomaram nome estes bárbaros nas cabeças dos nossos treze padres, ou para melhor dizer lhes deram posse daquele nome que, com o sangue que haviam de derramar em tão gloriosa demanda, [se] lhes tinha escrito no livro da vida. Depois de mortos os assaram e comeram como costumam, e ainda o mesmo soldado viu os juraus, que são umas grelhas de pau, em que foram assados. Conto tudo o que vou descobrindo do padre Luís Figueira e seus companheiros, porque, além de ser de edificação para todos, é de grande consolação para os que os conheceram, e o pode ser também para os que os quiserem imitar. Eu vi de longe a ilha, e confio em Nosso Senhor que cedo se há-de colher nela o fruto, que de terra regada com tanto sangue e tão santo se pode esperar...

(1654. Ao Padre Provincial do Brasil).

Admirados do que os padres nos contavam do natural destes Índios, e da grande memória e inteligência, e da brevidade com que aprenderam, era grande a curiosidade que tínhamos de os examinar, e depois que os ouvimos, ficámos ainda muito mais admirados, porque respondiam com tal prontidão e viveza de memória, e com tal expedição de língua, que sendo cousas e palavras que todos sabemos,

apenas lhas podíamos perceber. Entre os demais veio um menino, sobrinho do Principal desta gente, de idade de cinco para seis anos, o qual por maravilha nos pareceu que fosse à primeira doutrina, das que se fazem na Matriz todos os domingos. Foi o menino vestido ou pintado todo de penas ao uso do sertão, e posto no meio da igreja disse todas as orações, e respondeu a todas as perguntas do catecismo, com tanta facilidade, confiança e graça que a todos encheu de espanto.

Estavam presentes muitos portugueses, os quais, sabendo quão poucos dias havia que os padres tinham partido para o Itaqui, não puderam deixar de dar grandes [louvores] à Companhia; mas não lhes valeu a lisonja para escaparem da repreensão, mostrando-se-lhes naquela criança quão falsa é a aparência com que se querem desculpar de não ensinarem as orações e mistérios da Fé aos seus índios, com a rudeza e incapacidade deles. Muitos há muito rudes e bárbaros, mas por falta mais de cultura que de natureza. Tenham os Portugueses menos cobiça, e logo os Índios terão mais entendimento.

O padre noviço, que acompanhou ao padre Francisco Veloso, teve mais bom [tempo?] de experiência nesta peregrinação, porque além da fome, que a caridade fez voluntária e a necessidade forçosa, a praga de mosquitos que neste sítio do Itaqui se padecia, por ainda não estar bem descoberto, era cruel e contínua de noite e de dia. Todo o rosto e mãos se lhe cobriram ao pobre padre de tão grandes chagas, feitas das mordeduras, que esteve lá tão gravemente enfermo como pudera de outra qualquer doença. No padre Veloso, como feito à prova do Brasil, não causou tanto estrago esta bateria, mas é

ela tão insofrível que em muitas partes desta [terra] tem havido homem natural dela, a que os mosquitos mataram. Há os enxames deles ordinàriamente nos esteiros e rios estreitos, de que toda a terra é retalhada, e se acaso a canoa ficou em seco, em que se espera a maré, são bem trabalhosas de esperar. Até as praias da costa do mar, onde não estão muito lavadas e açoutadas dos ventos, são infestadas desta praga. Particularmente no Inverno e de noite, são em algumas tantos que os índios se enterram na areia até à cabeça, para poderem sossegar. No rio das Amazonas há uma nação que chamam dos Esfolados, por andarem sempre assim por causa dos mosquitos: outros trazem sempre abanos na mão para os lançarem de si; outros têm umas casas na praia, em que vivem de dia, abertas e patentes, e para de noite têm outras casas no mato, escuras, e sem porta nem janela mais que uma como gateira, rente com a terra e mui bem tapada, pela qual entram a dormir. No Maranhão e no Pará, ordinàriamente em lugares habitados não se padece esta praga, mas em algumas viagens e missões é tal a multidão deles, e tal a importunidade, a agudeza e continuação com que picam e desatinam, que dão bem muito maior matéria a paciência do que eles são. Das cousas que ficam contadas esta é a mais custosa que se cá padece, posto que com desigualdade, porque, ainda quando imos juntos, a uns buscam e perseguem mais do que a outros. Mas quando consideramos que os soldados seculares, que vão ao sertão a comprar ou a cativar índios, e a outros interesses da terra, têm padecido estas mesmas moléstias e outras maiores, não temos nada de que nos gloriar de que padecemos por amor de Deus,

antes é matéria de grande confusão que se nos adiantasse a cobiça, e que vencessem estas dificuldades primeiro os que vão a cativar os corpos, que os que vão a resgatar as almas.

5 Desta maneira se vai cultivando e plantando esta antiga e nova vinha do Senhor, e no tempo de colher o fruto, que é o da morte, se trabalha muito por que se não perca o que se tem cultivado, e a experiência mostra que se não perde. Distam as
10 aldeias da cidade, onde temos a nossa casa, a quatro e a cinco léguas, e, em adoecendo algum índio com qualquer sinal de perigo, há ordem para que logo nos chamem, e a qualquer hora do dia ou da noite lhe imos acudir, de sorte que nenhum índio morre
15 hoje nas aldeias sem sacramentos, como morriam até agora todos. E como esta gente não tem os vícios, nem os embaraços de consciência, com que vivem pela maior parte os homens de maior polícia, porque neles nem há ódios, nem invejas, nem vin-
20 ganças, nem cobiças, nem ambições, nem restituições, nem demandas, nem heranças, nem testamentos, temos por certeza moral que todo o índio que morre com os sacramentos se salva, e assim o mostra a quietação e sossego, e a piedade com que os
25 vemos morrer. Esta é, Padre Provincial, uma das grandes consolações com que Deus nesta missão [nos favorece], porque, ainda que nos devemos conhecer por servos inúteis, não podemos deixar de fazer reflexão que, se cá não viéramos, não se sal-
30 variam estas almas, ou quando menos que as predestinou Deus, para que se salvassem por nosso meio. E, segundo casos particulares que nos têm sucedido, parece que verdadeiramente estendeu Deus a vida a muitos destes índios, só para que

chegassem a alcançar este tempo, em que haviam de ter quem os ensinasse e ajudasse a salvar.

(1654. Ao Padre Provincial do Brasil).

O modo com que estes índios recebiam os Portugueses era ordinàriamente de paz, e só com sinais de grande espanto e pasmo, que lhes causava a novidade da gente e trajos que nunca tinham visto; e outros havia que, ou de maior valor ou de maior medo, tomavam as armas e se punham a defensa de suas casas. E, perguntando eu a um dos cabos desta entrada, como se haviam com eles, me respondeu com grande desenfado e paz da alma: «A esses dávamos-lhes uma carga cerrada, caíam uns, fugiam outros, entrávamos na aldeia, tomávamos aquilo que havíamos mister, metíamo-lo nas canoas e, se algumas das suas eram melhores que as nossas, trocávamo-las e prosseguíamos nossa viagem.» Isto me respondeu este capitão como se contara uma acção muito louvável; e assim fala toda esta gente nos tiros que fizeram, nos que lhes fugiram, nos que alcançaram, nos que lhes escaparam, e nos que mataram, como se referiram as festas de uma montaria, e não importaram mais as vidas dos índios que a dos javalis ou gamos.

Todos estes homicídios e latrocínios se toleram em um reino tão católico como Portugal, há mais de sessenta anos, posto que, no tempo em que estivemos sujeitos a Castela, se acudiu com Provisões reais e Breves dos Sumos Pontífices, que se não guardaram. Com a restituição da coroa ao legítimo rei se nos acabou a desculpa destas maldades, [que] ainda se continuam como dantes, sem haver para elas nem devassa, nem [procedimentos], nem cas-

tigo, nem ainda por pejo do mundo um leve homízio; senão pública total imunidade. O merecimento por que são concedidos aos sertanistas de S. Paulo estes privilégios, declaram eles mesmos com muita galantaria (não sei se com igual verdade) que o ouro que se tira nas minas de S. Paulo [se põe todo] em barretas em que se vai a cunhar, e dizem eles que, em fazendo barretadas a estes ministros com estas barretas, logo ficam tanto em sua graça que dos seus pecados lhes fazem virtudes. De alçadas que foram a S. Paulo, e governadores que têm ido ao Brasil, se contam casos particulares e verdadeiros. O pior será que as cortesias destas barretadas tenham também lugar na corte. O certo é que os maiores autores destes delitos à corte vão, na corte vivem, na corte requerem, na corte se lhes corre a folha, sendo que, se se correram as de todos os matos do Brasil, se haviam de achar todas tintas com o sangue destas tiranias, e nenhuma havia de haver que se não convertesse em línguas, para pedir castigos e vinganças ao Céu. Mas ainda mal, porque vemos os castigos e o maior de todos é não acabarmos de conhecer que é esta a principal causa.

(1654. Do Maranhão, ao Padre Provincial do Brasil).

No fim da carta de que V. M. me fez mercê me manda V. M. diga meu parecer sobre a conveniência de haver neste estado ou dois capitães-mores ou um só governador.

Eu, Senhor, razões políticas nunca as soube, e hoje as sei muito menos; mas por obedecer direi toscamente o que me parece.

Digo que menos mal será um ladrão que dois; e que mais dificultosos serão de achar dois homens

de bem que um. Sendo propostos a Catão dois cidadãos romanos para o provimento de duas praças, respondeu que ambos lhe descontentavam: um porque nada tinha, outro porque nada lhe bastava. Tais são os dois capitães-mores em que se repartiu este governo: Baltasar de Sousa não tem nada, Inácio do Rego não lhe basta nada; e eu não sei qual é maior tentação, se a necessidade, se a cobiça.

(4-IV-1654. Do Maranhão, ao rei D. João IV).

Com esta remeto a V. M. a relação do que se tem obrado na execução da lei de V. M. sobre a liberdade dos Índios. Muitos ficam sentenciados ao cativeiro, por prevalecer o número dos votos mais que o peso das razões. V. M., sendo servido, as poderá mandar pesar em balanças mais fiéis que as deste Estado, onde tudo nadou sempre em sangue dos pobres Índios, e ainda folgam de se afogar nele os que desejam tirar do perigo aos demais. Contudo se puseram em liberdade muitos, cuja justiça por notória escapou das unhas aos julgadores.

Tudo o que neste particular e nos demais se tem obrado a favor das cristandades, e em obediência da lei e regimento de V. M., se deve ao governador André Vidal, que em recebendo as ordens de V. M. se embarcou logo para esta capitania do Pará,

---

12. *lei de V. M.:* a provisão de 9-IV-1655, segundo a qual só deveriam ser cativos os Índios tomados em guerra legal ou os que fossem resgatados quando prisioneiros de outros e por estes destinados à morte, cumprindo aos colonos provar que se achavam em tais casos os escravos que possuíam.

25. *André Vidal:* v. vol. I, p. 204.

a dar à execução muitas cousas que sem sua presença se não podiam conseguir. Se o braço ecelsiástico ajudara ao secular, tudo se pusera fàcilmente em ordem e justiça; mas, como as cabeças das Religiões têm opiniões contrárias às que V. M. manda praticar, estão as consciências como de antes, e o que não nasce destas raízes dura só enquanto dura o temor. Já dizem que virá outro governador, e então tudo será como de antes era; e eu em parte assim o temo, porque todos os que cá costumaram vir atégora traziam os olhos só no interesse, e todos os intereses desta terra consistem só no sangue e suor dos Índios.

De André Vidal direi a V. M. o que me não atrevi atégora, por me não apressar; e, porque tenho conhecido tantos homens, sei que há mister muito tempo para se conhecer um homem. Tem V. M. mui poucos nos seus reinos que sejam como André Vidal; eu o conhecia pouco mais que de vista e fama: é tanto para tudo o demais como para soldado: muito cristão, muito executivo, muito amigo da justiça e da razão, muito zeloso do serviço de V. M. e observador das suas reais ordens, e sobretudo muito desinteressado, e que entende mui bem todas as matérias, posto que não fale em verso, que é a falta que lhe achava certo ministro grande da corte de V. M.

Pelo que tem ajudado a esta cristandade lhe tenho obrigação; mas pelo que toca ao serviço de V. M. (de que nem ainda cá me posso esquecer) digo a V. M. que está André Vidal perdido no Maranhão, e que não estivera a Índia perdida se V. M. lha entregara. Digo isto porque o digo neste papel, que não há-de passar das mãos de V. M., e assim o

espero do conhecimento que V.M. tem da verdade e desinteresse com que sempre falei a V. M., e do real e católico zelo com que V. M. deseja que em todos os reinos de V. M. se faça justiça e se adiante
5 a Fé.

(6-XII-1655. Do Pará, ao rei D. João IV).

E digo, Senhor, que além da firmeza da lei é necessária demonstração de castigo nos violadores dela, não só pelo que importa ao estabelecimento
10 da missão e aumento da Fé, senão ainda ao de toda a monarquia. E dá-me atrevimento, para fazer esta lembrança a V. M., o peso de tão grande obrigação, e o nome que ainda tenho de prègador de V. M.

Senhor, os reis são vassalos de Deus, e, se os reis
15 não castigam os seus vassalos, castiga Deus os seus. A causa principal de se não perpetuarem as coroas nas mesmas nações e famílias é a injustiça, ou são as injustiças, como diz a Escritura sagrada; e entre todas as injustiças nenhumas clamam tanto ao Céu
20 como as que tiram a liberdade aos que nasceram livres, e as que não pagam o suor aos que trabalham; e estes são e foram sempre os dois pecados deste Estado, que ainda têm tantos defensores.

A perda do Senhor Rei D. Sebastião em África,
25 e o cativeiro de sessenta anos que se seguiu a todo o Reino, notaram os autores daquele tempo que foi castigo dos catíveiros, que na costa da mesma África começaram a fazer os nossos primeiros conquistadores, com tão pouca justiça como a que se
30 lê nas mesmas histórias.

As injustiças e tiranias, que se têm executado nos naturais destas terras, excedem muito às que se fizeram na África. Em espaço de quarenta anos

se mataram e se destruíram por esta costa e sertões mais de dois milhões de índios , e mais de quinhentas povoações como grandes cidades, e disto nunca se viu castigo. Pròximamente, no ano de
5 mil seiscentos cinquenta e cinco, se cativaram no rio das Amazonas dois mil índios, entre os quais muitos eram amigos e aliados dos Portugueses, e vassalos de V. M., tudo contra a disposição da lei que veio naquele ano a este Estado, e tudo man-
10 dado obrar pelos mesmos que tinham maior obrigação de fazer observar a mesma lei; e também não houve castigo: e não só se requer diante de V. M. a impunidade destes delitos, senão licença para os continuar!

15 Com grande dor, e com grande receio de a renovar no ânimo de V. M., digo o que agora direi: mas quer Deus que eu o diga. A El-Rei Faraó, porque consentiu no seu reino o injusto cativeiro do povo hebreu, deu-lhe Deus grandes castigos,
20 e um deles foi tirar-lhe os primogénitos. No ano de 1654, por informação dos procuradores deste Estado, se passou uma lei com tantas larguezas na matéria do cativeiro dos Índios, que depois, sendo S. M. melhor informado, houve por bem mandá-la
25 revogar; e advertiu-se que neste mesmo ano tirou Deus a S. M. o primogénito dos filhos e a primogénita das filhas. Senhor, se alguém pedir ou aconselhar a V. M. maiores larguezas que as que hoje

---

21. *1664:* está assim no original, mas por lapso de Vieira, porquanto a lei a que alude é a de 17-X-1653.

26. *primogénito... primogénita:* o primogénito de D. João IV, D. Teodósio, faleceu a 15-V-1653, e a primogénita, infanta D. Joana, a 17-XI do mesmo ano.

há nesta matéria, tenha-o V. M. por inimigo da vida, e da conservação e da coroa de V. M.

Dirão porventura (como dizem) que destes cativeiros, na forma em que se faziam, depende a conservação e aumento do Estado do Maranhão; isto, Senhor, é heresia. Se, por não fazer um pecado venial, se houver de perder Portugal, perca-o V. M. e dê por bem empregada tão cristã e tão gloriosa perda; mas digo que é heresia, ainda polìticamente falando, porque sobre os fundamentos da injustiça nenhuma cousa é segura nem permanente; e a experiência o tem mostrado neste mesmo Estado do Maranhão, em que muitos governadores adquiriram grandes riquezas e nenhum deles as logrou nem elas se lograram; nem há cousa adquirida nesta terra que permaneça, como os mesmos moradores dela confessam, nem ainda que vá por diante, nem negócio que aproveite, nem navio que aqui se faça que tenha bom fim; porque tudo vai misturado com sangue dos pobres, que está sempre clamando ao Céu...

Os outros reinos da cristandade, Senhor, têm por fim a conservação dos vassalos, em ordem à felicidade temporal nesta vida, e à felicidade eterna na outra: o Reino de Portugal, de mais deste fim universal a todos, tem por fim particular e próprio a propagação e a extensão da Fé católica nas terras dos gentios, para que Deus o levantou e instituiu; e quanto Portugal mais se ajustar com este fim, tanto mais certa e segura terá sua conservação; e quanto mais se desviar dele, tanto mais duvidosa e arriscada.

(20-IV-1657. Do Maranhão, ao rei D. Afonso VI; este contava então apenas 14 anos, e conservava-se alheio aos

negócios públicos; no pensamento de Vieira, a carta dirigia-se de facto à regente e ao Conselho Ultramarino).

Ordenou-me o Padre Provincial, e o Padre Visitador, que alimpasse os meus papéis em ordem à impressão, para com os rendimentos dela ajudar a sustentar a missão; e para isto estou desocupado do ministério dos Índios, que era o que eu cá vinha buscar. Quando estava em Lisboa, em França e em Holanda, com as comodidades das impressões, das livrarias, e de quem me escrevesse e ajudasse, nunca ninguém pôde acabar comigo que me aplicasse a imprimir; e mais oferecendo-me El-Rei os gastos, e rogando-me que o fizesse. E que agora no Maranhão, onde falta tudo isto, e na idade em que estou, me ocupe em emendar borrões e fazer tabuadas! Veja V. Rev.ª quanto pode a obediência; e pode tanto que não só o faço, mas chega a me parecer bem que me mandem fazer. Não há maior comédia que a minha vida; e quando quero ou chorar ou rir, admirar-me ou dar graças a Deus ou zombar do mundo, não tenho mais que olhar para mim.

(Fevereiro de 1658. Do Maranhão, a um padre).

Eu em particular, Senhora, no despacho deste memorial, que de tão longe representei a V. M., conheci que ainda não estava totalmente morto na memória de V. M. quem tantas vezes arriscou a vida às tempestades, às balas, às pestes e às traições dos inimigos de Portugal, para que ele e todas as partes de sua monarquia se estabelecessem na coroa de V. M. Com a falta de El-Rei e do Príncipe, que estão no Céu, tudo me faltou, e a bene-

volência que o seu respeito me conciliava com os ministros se sepultou toda com eles, e em seu lugar ressuscitaram os ódios, e a inveja daquele favor que então se dissimulava.

5 O que mais me causa sentimento é que se vinguem estes ódios, nem em mim senão nas almas destes cristãos e gentios, cuja salvação se impede, e quando menos se perturba muito, por se darem ouvidos a informações, tão alheias da verdade e
10 do conhecimento que os mesmos ministros deveram ter da minha e do meu desinteresse, na experiência de tantos anos. Mas assim havia de ser, para que a mercê que V. M. me faz a deva toda à grandeza de V. M.
15 (1-IX-1658. Do Maranhão à Rainha D. Luísa).

A resposta de Sabugal, ainda que seja mui bem discursada, não me alivia, porque esta questão há-de averiguar-se em campanha e não no gabinete, e nas folhas das espadas e não nas do papel. Diga-
20 mos nós o que quisermos, o certo é que N. N. feriu o ponto e todos os pontos; e a melhor resposta é a prevenção, e a melhor prevenção a reconciliação do Rei com os grandes, e dos grandes entre si e de todos com todos; porque todos é bem cons-
25 piremos em um só corpo e em um só espírito, e que

---

16. *Sabugal:* provàvelmente o 3.º conde de Sabugal, D. João de Mascarenhas, que deveu o título ao seu casamento com a 3.ª condessa de Sabugal. Depois de servir na Flandres durante o tempo em que estivemos unidos a Castela, combatendo na batalha de Rocroy, regressou a Portugal em 1645, militou nas campanhas da Restauração e foi general de cavalaria; D. Afonso VI nomeou-o conselheiro de guerra.

todos nos dêmos as mãos e os corações; e não será pouco, se bastarmos todos.

Torno a dizer que há-de fazer o temor e a necessidade o que fora melhor que fizera a razão; mas temo que o faça mais tarde do que convinha, porque nos movemos mais pelo sentimento do que nos governamos pelo racional.

(26-III-1665. De Coimbra, a D. Teodósio de Melo).

Crescem cada dia tantas circunstâncias de grandeza à vitória do sr. Marquês, que com razão dizem nesta Universidade se devia tornar a repicar por ela em todos os correios; e assim não é muito que o excesso do meu gosto torne a dar uma e muitas vezes a V. S.ª o parabém.

Ainda ontem se fez a última prègação em acção de graças, em que houve muito que dizer de novo; mas eu sempre creio que as línguas estrangeiras saberão melhor avaliar as circunstâncias de tamanho sucesso, porque as nossas sempre são curtas em louvar, podendo mais a inveja dos particulares que o amor comum da pátria. Queira Deus que a tardança desta tão desejada relação seja para maior perfeição dela, e que ao menos igualemos a verdade, quando todos os escritores em crédito da sua nação a costumam exceder.

(13-VII-1665. De Vila Franca, a D. Rodrigo de Meneses).

---

10. *a vitória do sr. Marquês:* a da batalha de Montes Claros, ganha pelo marquês de Marialva e pelo conde de Schomberg sobre os Espanhóis comandados pelo marquês de Caracena, a 17-VI-1665.

Agora desejara muito saber o triunfo com que S. Ex.ª foi recebido em Lisboa, posto que me lembra ser lei da inveja romana que nenhum general triunfasse três vezes, e não tenho melhor conceito 5 da nossa; os inimigos da campanha podem-se vencer uma e muitas vezes, os da nossa corte são invencíveis; aqueles com as vitórias vão-se diminuindo, estes com elas crescem mais.

Por cá chegou uma lista ou rol de mercês e títu- 10 los, em que muitos estranharam não ver o nome do sr. Marquês; eu pelo contrário o estimei muito, porque quem foi dono de toda a vitória não é bem que se conte no mesmo número dos que só tiveram alguma parte nela. A consideração do que fora de 15 nós, se a não ganháramos, é a maior de todas. Eu a fiz muitas vezes depois do sucesso, e a tinha também feito antes dele, porque, como menos animoso, temia o que nos podia suceder, e não esperava tão singulares misericórdias, quando com tão repetidos 20 excessos de ingratidão provocamos a divina justiça. Por cá se publicam festas e com muita razão, mas eu antes quisera ver chorar pecados e emendar vidas, para que fizéssemos seguras as felicidades.

(20-VII-1665. De Vila Franca, a D. Rodrigo de Me- 25 neses).

De todas as mentiras da Corte nenhuma é mais para estimar que esta, que V. S.ª me diz correu lá, da enfermidade de V. S.ª, posto que ainda assim

---

2. *S. Ex.ª:* o marquês de Marialva, depois da sua vitória de Montes Claros.

3. *inveja romana:* refere-se à Roma antiga, claro está.

me assusta. Enganem-se eles, já que não acabam de se desenganar, e saibam que V. S.ª vive e há-de viver muitos anos, muito a pesar dos maus, como a prazer de todos os bons. Eu me alegro, em nome
5 de todos eles, de que V. S.ª esteja vivo e muito vivo, porque não importa menos a viveza que a vida, e mais nos tempos em que imos entrando.

(9-IX-1665. De Vila Franca, a D. Teodósio de Melo).

Primeiro que tudo digo, senhor, que li as cartas
10 de V. S.ª, escritas, não à Rainha, mas para a Rainha; e, depois de admirar a compreensão, juízo e estilo delas com a veneração que merecem, e desejar beijar mil vezes a mão que as escreveu, afirmo a V. S.ª que me rebenta o coração de zelo, de dor
15 e de raiva, por ver que seja tal a nossa nação que tenha a V. S.ª em França, e não tão junto do Príncipe que nunca se apartara do seu lado. Não digo que o há-de castigar Deus, porque já o vejo castigado, e esta é a origem primeira do seu e nosso
20 castigo.

As desatenções de Lisboa, que V. S.ª experimenta, se padecem igualmente cá, e tanto mais quanto é maior a distância e as dependências mais presentes. Foi o Próprio, e deteve-se perto de três
25 meses em Lisboa, e em quatro correios ordinários que neste tempo vieram se não respondeu uma palavra aos negócios que dependiam tanto da resposta, que sem ela nem se podia dar um passo nem ainda introduzirem-se com o fundamento que con-

10. *a Rainha:* de Inglaterra, D. Catarina de Bragança.

vinha. O Marquês verdadeiramente faz tudo o que deve e pode um grande, prudente e zeloso ministro; mas que importa que ele trace e disponha, se tudo quanto cá se arma em Portugal se descompõe?
5 Os maiores poderes, aqui como em toda a parte, são as apreensões do temor e do interesse; para as segundas falta o cabedal, e para as primeiras, ainda que poderá obrar muito a indústria, tudo quanto com ela se começa a obrar se desfaz com as reso-
10 luções dos nossos Conselhos, as quais são tão públicas que não há banqueiro em Lisboa que as não escreva a Roma, com que se riem dos nossos medos, e tudo quanto se tem intentado é para acrescentar mais o descrédito. Enfim em Portugal querem ter
15 e ser bispos de qualquer modo, e assim o serão por muito mau modo e o de mais perigosas consequências.

(18-XI-1670. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Fez o Vice-Rei de Nápoles, Embaixador de obe-
20 diência, as suas entradas com ostentação; eu as vi porque passaram pela nossa porta, sendo tão pouco curioso que morrem papas e se coroam, e nada vejo. Mais gosto de ver em Roma as ruínas e desenganos do que foi, que a vaidade e variedade
25 do que é, e com isto me parece o Mundo muito estreito e a minha cela muito larga: só me falta poder discorrer com V. Ex.ª sobre isto uma tarde,

---

1. *O Marquês:* o 1.º marquês das Minas, embaixador de Portugal junto do Papa desde o ano anterior, de 1669.
8. *indústria:* aplicação do espírito, engenho, habilidade.

ainda que não fora à vista das muletas do Tejo
nem das hortas de Santo Antão. Hoje começam
as máscaras do Carnaval, em que eu digo as tiram,
porque verdadeiramente mostram que não são por
5 dentro o que parecem por fora.

(31-I-1671. De Roma, ao Marquês de Gouveia).

Os aparatos de França merecedores são do cuidado de toda Europa, posto que dos Pirenéus para
lá parece não são cridos, segundo as desatenções
10 de todas aquelas gentes. E que mau seria, senhor,
que agora tivéssemos na Índia com que nos aproveitar de tão boa ocasião e da disposição dos reis
gentios? Não faltou quem o dissesse, mais há de
dois anos, nem falta quem o lembre em todos os
15 correios: e se desculpam com a falta de cabedal,
quando tratam de lançar fora o que só têm, e não
querem admitir o que se lhe pudera ajuntar. Que
oportuna fora agora uma poderosa companhia
oriental, pela qual tenho gritado e padecido tanto!
20 Não pode haver maior cegueira que não querer
ser rico e poderoso com o cabedal alheio.

(24-XI-1671. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Ela é cousa admirável que os Conselheiros de
Castela se conformem tanto com os nossos, e que

---

1. *muletas:* antigos barcos com que se pescava nas imediações da barra do Tejo.

14. *quem o lembre:* o próprio Vieira, que em 1669 tornara a propor a criação de uma Companhia de Comércio para o tráfico com a Índia.

21. *cabedal alheio:* isto é, dos cristãos-novos.

tenham tão pouca cristandade e política que queiram para o seu reino, e só para ele, o que nós lançamos do nosso. Mas nem por isso entendo se darão por mui carregadas as suas consciências no
5 que se tinha transplantado para Holanda e Inglaterra, não sendo menos o que tem vindo para Itália, onde, quando se soube a resolução de Portugal, se disse: «E o pior é que se não hão-de confessar os Portugueses disto»!
10 (19-XII-1671. De Roma, ao Marquês de Gouveia).

Já disse a V. S.ª que o meu voto, há mais de três anos, foi que metêssemos poder e mais poder na Índia, que segurássemos o que possuíamos, que nos antecipássemos a ocupar os portos e lugares im-
15 portantes, antes que o fizessem os pretensores daquele comércio, e que, enquanto isto se dispunha sem ofensa de terceiro, aguardássemos ocasião de romper com os Holandeses, que não podia tardar muito: e que a fim de tudo isto, pois o nosso cabe-
20 dal estava tão atenuado, se fizesse Companhia Oriental mercantil, com tal estabelecimento e segurança, real e pontifícia, que os interessantes não duvidassem meter o seu dinheiro em Portugal.
(17-V-1672. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

---

1. *que queiram para o seu reino:* ao que parece, o governo espanhol estaria disposto a acolher em Castela os cristãos-novos que o português pretendia expulsar.
22. *segurança real e pontifícia:* isto é, garantias dadas pelo rei de Portugal e pelo papa aos cristãos-novos e judeus que quisessem entrar com capital para a Companhia cuja criação António Vieira preconizava.

Eu prego aos Eminentíssimos *jovedi grasso,* que vem a ser a nossa Quinta-feira de Comadres, e se trocou esta capela, a petição do Cardeal Decano, pela outra que se faz ao domingo na nossa igreja, 5 em que o sermão não pode chegar a meia hora, admitindo-se naquela maior largueza. Eu me não sei reduzir a estas angústias, porque em muito tempo digo pouco, e em pouco nada. Confesso a V. S.ª que o faço com inexplicável repugnância, 10 não sendo possível contentar aos ouvidos, que sempre são mais que os entendimentos, e em Itália os conceitos, que eles chamam espanhóis, têm muito pouco crédito, quanto mais os Portugueses.

(17-I-1673. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

15 Ninguém supõe nem imagina o miserável estado a que está reduzida aquela pobre terra, poucos anos há tão gloriosa.

Não sei como então havia poder e dinheiro para tanto e agora falta para tudo. Despachamo-nos 20 este ano com duas naus e um patacho, este para Moçambique e aquelas para a Índia. Julgue V. S.ª que poderemos lá fazer com este socorro, ainda que chegasse inteiro: e que conceito há-de fazer a expectação do mundo!

25 Parece-me que quer Deus por este caminho abrir-nos os olhos, e obrigar-nos, com a extrema necessidade, a que nos aproveitemos do que lançamos fora da casa. Já tenho escrito a V. S.ª os lances

---

16. *aquela pobre terra:* Portugal.
27. *do que lançamos fora:* os cristãos-novos, perseguindo-os.

que têm passado neste negócio, e como o tribunal do Rossio o empatou ou desvaneceu. O que me escreveram por maior, de ser necessária a minha assistência em Roma, entendi neste sentido, nem
5 há outro em que se pudesse entender, salvo se foi artifício de me não quererem lá. Não se repetiu este aviso nem outro algum, e os de fora, que falavam na matéria e a davam por feita, já a passam em silêncio ou a dão por desesperada; e isto é tudo
10 que sei daquela banda, de onde neste correio recebi cartas sem novidade. O ponto da liberdade do fisco era consequência do de mais, porque se não pode duvidar que nem os de fora nem os de dentro meterão nas companhias o seu dinheiro, se estiver
15 exposto a semelhantes riscos. Enfim eu suponho o que deve ser racionalmente, mas sempre creio que se não fará nada do que é razão; porque a nossa fé não só é sobre ela mas contra ela.

(30-IV-1673. De Albano, a Duarte Ribeiro de Macedo).

20 Também Paris tem mutações para V. S.ª, pois, saindo todos os ministros dos príncipes, só V. S.ª não segue a Corte. Assim se governa a nossa, da qual por mar e por terra chegam aqui tais novas, que fora melhor ser surdo ou de outra nação que
25 ouvi-las.

Tornam a dizer que se retiram os fidalgos; o certo é que os poucos homens de algum negócio, que lá

---

1. *o tribunal do Rossio:* a Inquisição.

3. *por maior:* em generalidade, sem pormenores.

11. *liberdade do fisco:* libertar, os cristãos-novos que entrassem para sócios de Companhias de comércio, de lhes serem confiscados os cabedais pela Inquisição.

havia, ou se vão ou mandam seus filhos, os quais não duvidam dizer que muitas vezes se mandam pedir do Paço a seus pais os vinte e os dez mil réis; assim que antes tem V. S.ª razão de lástima que
5 de queixa em não ser assistido.

(27-VI-1673. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Não são as campanhas deste ano tão férteis de novidades como as do passado, e assim não há muito que escrever: muito que considerar e muito
10 que temer sim. Fala-se aqui constantemente na paz, e eu estou sempre com o coração batendo-me no peito, e tremendo de quando me dirão que a triste Índia, como tão apetecida, é o sacrifício ou hóstia pacífica desta reconciliação. V. S.ª irá ao
15 congresso, e ainda que da autoridade, valor e indústria de V. S.ª espero mais do possível, não sei que partido podemos nunca ter, nem tirar nos frutos de uma guerra em que não quisemos ser companheiros. Não há para mim melhor nova que
20 aquela em que se me diz que a guerra continuará, e que a paz não tem acomodamento.

A Galiza, por ventos contrários, chegou um navio da Baía, com nova de deixar ali uma naveta da Índia, partida em Setembro, e que o Viso-Rei, com
25 uma armada mandada ao estreito da Pérsia, tinha ajustado não sei que tributos antigos, e franqueado alguns comércios com os gentios, que tudo não vem

---

15. *congresso:* o de Colónia e Nimegue (1673-78) entre a França, a Holanda, a Espanha, o Império e o eleitor do Brandeburgo.

a montar, quando seja assim, quatro baioques; e de Cochim, Ceilão e do mais não se diz nada...

Já disse a V. S.ª que El-Rei Cristianíssimo, com os seus exércitos, a primeira cidade que tem conquistado é Roma, onde lhe concederão quanto seus ministros quiserem, sobre os bispos franceses mandados ao Oriente pela Propaganda. Querem agora que, para se evitarem discórdias, se lhes dividam dioceses, e se revoguem as bulas antigas de Portugal, e se mandem excomunhões aos governadores e prelados, e outras temeridades, que só lidas assombram.

O que V. S.ª leu na carta de Lisboa, enviada a essa corte, me escrevem neste correio com termos lastimosos: que muitos títulos se passaram a Évora e outras partes; que nenhum fidalgo vai ao paço nem aparece lá; que se fala muito em El-Rei D. Afonso; que era partido para a ilha o novo confessor que lhe mandam, primo do de S. A.; enfim temores de alguma fatalidade, dizendo-se juntamente grandes elogios dos talentos naturais

---

1. *baioques:* aportuguesamento de *baiocco*, pequena moeda do Estado romano.

2. *Cochim:* fora-nos tomada pelos Holandeses dez anos antes, em 1663 (Fevereiro); Diogo Lopes Ulhoa, nosso residente na Haia desde esse ano até 1669, reclamou as duas praças; nada alcançou, porém, porque a Companhia Holandesa das Índias Orientais, que por tal conquista se assenhoreara da pimenta do SO indiano, opôs a maior resistência à ideia da entrega.

2. *Ceilão:* haviam os Holandeses ocupado parte da ilha no tempo dos Filipes; em 1656 tinham-se apoderado de Columbo; em 1658, de Manaar e Jafanapatão.

7. *Propaganda:* v. p. 250, segunda nota.

do Príncipe, e juntamente grandes lástimas do cativeiro a que o têm reduzido. Não falta aqui quem me ajude a chorar esta desgraça, mas é certo que nem todos os corações sentem igualmente, e só do
5 de V. S.ª creio me faz companhia.

(8-VIII-1673. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Cada dia chegam, e por muitas vias, queixas contra mim, como se eu tivera parte no que sem imaginação minha lá se propôs, lá se pediu, lá se con-
10 cedeu, lá se resiste, e lá parece que se tornou a suspender com tanta inconstância como descrédito. Confesso a V. S.ª que, depois de ter nascido em Portugal, a maior felicidade fora ou não chegar a uso de razão ou tê-lo perdido. Tudo são gritos que
15 nos pomos contra a Fé e favorecemos o Judaísmo. Isto o que se diz, isto o que se crê, isto o que se impugna, isto o que se blasfema. Julgue V. S.ª que paciência bastará para sustentar ou suportar tal vida. Os conselheiros escrevem que se têm retrac-
20 tado, ao menos em grande parte, e assim já me admiro menos da irresolução do pobre Príncipe. Contudo não posso acabar comigo de me vestir à moda, porque estou em estado de não mudar hábito, e ainda que me venha muitas vezes à ima-
25 ginação a Cartuxa, dentro dos bosques ou muros dela me considero menos seguro que nesta cela. Nela estou como em um deserto, e não saio senão forçado, sendo Roma para mim uma galé insupor-

---

1. *o Príncipe:* D. Pedro, regente desde a deposição de D. Afonso VI, e depois rei D. Pedro II.

9. *lá se propôs:* a licença de recorrerem os cristãos-novos ao papa

tável. Se eu pudera participar a V. S.ª tudo o que calo, seria o maior alívio, mas é força conservar dentro do peito todos estes venenos, e apelar só para Deus, de quem só pode vir o remédio.

5 (7-XI-1673. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Tenho dito de nós tudo o que sei, agora direi de mim. Escrevem-me nesta mesma posta haver-se espalhado em Lisboa que eu estava aqui preso na Inquisição. E segundo outra versão, ainda pior, que 10 eu tinha fugido de Roma com quarenta mil cruzados dos cristãos-novos. Não dizem para onde, mas com tanta liberdade e tanto dinheiro não devem de supor que para me passar à Cartuxa. Isto é o que se diz em Lisboa. O que passa em Roma é que 15 a Rainha da Suécia, contra todas minhas repugnâncias, e com obediência expressa do Padre Geral, me tem nomeado seu prègador, e eu fico com o encargo de fazer na sua capela todas as prègações, duvidando qual seja a maior dificuldade, se haver de 20 falar em italiano, se haver de satisfazer a um tal juízo, que aqui se reputa sem controvérsia pelo mais ardente e sublime *utriusque sexus*. Costuma achar-se naquele lugar tudo o maior e melhor de Roma, e eu acho-me com os meus anos e com o nosso pouco 25 gosto.

(26-XII-1673. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

---

15. *Rainha da Suécia:* Cristina, filha de Gustavo Adolfo, protectora das Artes e das Letras, que abdicara em 1654 em favor de seu primo Carlos Gustavo, se convertera ao Catolicismo e fora finalmente residir em Roma, onde fundou a célebre Academia dos Árcades (1626-89), modelo das nossas Arcádias do séc. XVIII.

Também não ponho muita dúvida em que o zelo de V. S.ª seja caluniado, como me avisaram o têm sido as minhas prègações feitas à Rainha de Suécia, pelo título que ela quis tivesse eu de seu prègador,
5 posto que o não aceitei, nem as mesmas prègações, debaixo desta formalidade, senão por obediência do meu Geral. E para que V. S.ª mais se admire, se este negócio se não pôs na Junta da Inconfidência, ao menos se tratou no conselho secreto, e, segundo
10 me avisaram, ficava em dúvida se se poria no de Estado. Deixo infinitas outras queixas, que noutro coração que não fora o meu puderam ser muito sensíveis. Tratem-me como quiserem, que eu me contentarei com que tratem de si de modo que se
15 não percam e nos percam.

(15-V-1674. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Do mesmo Residente contam os avisos escritos se quer fazer eclesiástico, como há muitos dias profetizei a V. S.ª, e acrescentam que para se encher
20 de benefícios. O certo é que não se descuida de sua casa, e que, se chegar a ser Papa, não é o que há-de emendar a seita dos nepotismos.

(11-VI-1674. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Do que toca à coroação de S. A. lhe ouvi dizer
25 antigamente estava ou desejoso ou persuadido o Papa a escrever e exortar S. A. tomasse a coroa, para evitar algumas dúvidas e inconvenientes tocantes não só às outras cortes seculares mas também a esta.
30 O certo é que não ser rei, e querer tratamento de rei fora da casa própria, ou parece desprezar

ou querer governar as alheias, e inovar os estilos estabelecidos no mundo com uma novidade jamais vista nele. Mas depois que o nosso parlamento se pôs em pontos de manter esta diferença, e o conse-
5 guiu, não sei que razão podem ter os autores desta persuasão para ainda persistirem nela.

(24-VII-1674. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Folguei muito de ver o capítulo de Hornio, cujas dissertações, como muitos outros livros políticos
10 daqueles autores, me ficaram no Maranhão; em tudo diz a verdade, e não diz tudo, porque muitos outros erros se cometem na nossa navegação, com que tudo se sepulta no mar, tanto o que vai como o que vem. Hoje me disseram se perdera Pedro César
15 por querer governar a viagem por seu capricho, contra o parecer dos pilotos; melhor conceito tinha dele. Não é o mesmo comprar as enxárcias que saber as derrotas. E não consideramos que em cada nau se perde uma vila.
20 E que me diz V. S.ª ao fim que têm tido atégora todos os bispos ultramarinos? O de Angola e Goa não chegaram a chegar; o do Brasil e Cabo Verde chegados morreram logo; e está o espiritual das Conquistas como o temporal. Só os bispos de Por-

---

8. *Hornio:* o geógrafo e historiador alemão Jorge Horn, autor de *Dissertationes historicæ et politicæ* (1655).

14. *Pedro César:* Pedro César de Meneses, que servira no Alentejo, Minho e Trás-os-Montes durante as campanhas da Restauração; em 1674 foi nomeado governador de Angola, e para lá partiu, mas naufragou em viagem.

tugal vivem para nos perturbarem e destruírem, sendo que eu trocava dois pares deles por estoutros dois. Não sei que pretende Deus, ou que devemos cuidar os homens, vendo ir tudo para trás a passos
5 tão largos.

(28-VIII-1674. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

V. S.ª conhece de mais tempo a pessoa que V. S.ª chama antigo descobridor de temperamentos, e eu, com a pouca prática que tenho dela, entendi
10 sempre que tudo o que cozinhar será segundo o paladar dessa corte e os interesses da sua nação, e a nosso pagará, como paga, os adubos. Grande fatalidade é que, tendo Portugal tão pouco cabedal, despenda vinte mil cruzados todos os anos com dois
15 homens, que não só não fazem os seus negócios, mas os contrariam e impugnam, em todas as ocasiões que próxima ou remotamente se opõem aos desígnios da Coroa que descobertamente servem; não havendo nesta corte quem se não ria por isso
20 do nosso governo, e nos não repute por insensíveis e sem juízo.

(2-X-1674. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

---

1. *nos perturbarem e destruírem:* sobretudo pela atitude que tomaram na questão dos cristãos-novos.

8. *descobridor:* talvez o cardeal d'Estrées (v. p. 111 deste vol.).

11. *dessa corte:* a de França.

14. *dois homens:* os «protectores» da Coroa portuguesa (v. p. 111), cardeais d'Estrées e de Orsino, que Vieira considerava como favorecedores dos interesses da França contra nós; o primeiro era francês de nacionalidade; o segundo, também «protector» da França (v. p. 24 deste vol.).

Mas se eles só responderam o que entendiam a S. A., sendo perguntados, e resolveram, como mostram seus papéis autênticos, que o Príncipe não podia impedir o recurso dos cristãos-novos à Sé
5 Apostólica, a quem pediam ou justiça ou favor, nem a execução dos Breves do Papa, passados com madura deliberação e ouvidas as partes, não só me persuado não terão castigo, mas louvor e ainda prémio.
10 Mas confesso ingènuamente a V. S.ª que não acho no pouco que estudei, pudesse, não digo letrado, mas católico, responder o contrário; e eu estou, não digo só maravilhado, mas envergonhado de ouvir em Roma com tanta publicidade que o con-
15 trário se respondesse nas cartas desse Reino, ao qual, quem o desculpa aqui chama bárbaro, e quem fala mais livremente chama Inglaterra rebelada contra a Igreja; com esta diferença, que Inglaterra nega a superioridade ao Papa pela dar a um rei
20 secular, e Portugal pela dar a eclesiásticos inferiores ao Papa: é falar sem razão nem fundamento.

Meu senhor, eu não digo que os cristãos-novos pedem perdão geral com mudança de estilos, de

---

1. *eles:* os jesuítas da Universidade de Évora, que haviam declarado que se não podia impedir o recurso dos cristãos-novos ao papa, tomando na questão relativa a estes uma atitude divergente de todas as opiniões portuguesas que abertamente se manifestavam (v. o nosso prefácio, p. LVI).

17. *chama Inglaterra:* porque Portugal, apegado às violências da sua Inquisição, se rebelava contra as decisões moderadoras do papa; v. p. CIII e CIV do Prefácio.

23. *estilos:* as praxes processuais da Inquisição portuguesa; v. a nota da p. 106 deste volume.

que não sei, nem se pedem cousa justa em que sejam despachados: este ponto não me toca nem a algum fora do Papa, porque ninguém fora dele é supremo juiz na terra das causas eclesiásticas pertencentes à Fé; mas que se diga que um réu de crime eclesiástico e da Fé se possa justamente impedir para não ser ouvido do seu juiz, ou que, determinando o seu juiz alguma cousa tocante à Fé, na qual é certo não pode errar, não hajam católicos de lhe obedecer, para mim não há maior enleio, e o não pode deixar de ser para o grande entendimento de V. S.ª, assim como o tem sido para os excelentes, piíssimos e zelosos que tem esta corte.

(12-I-1675. De Roma, ao Conde da Ericeira).

Estando embarcado por mar, finalmente vou a Marselha, para de aí passar por terra a Bordéus ou à Rochela, onde a fortuna me deparar navio competente. O motivo desta última resolução não é um só nem do mesmo género, e chegaram à minha notícia juntos no correio desta semana. O primeiro é avisarem-me de Liorne que a nau com que estava concertado aqui tornava ao mesmo Liorne, e de aí havia de fazer outras três ou quatro escalas antes de chegar a Lisboa. O segundo e principal avisarem-me de Madrid que por nenhum caso tocasse terras de Castela, certificando-se-me que nelas me tinham armado laços, que estes são os termos por onde se explica aquele amigo correspondente de V. S.ª; e que estas diligências eram maquinadas pelos Inquisidores da nossa terra, que as têm com os Castelhanos tão intrínsecas como V. S.ª estará informado. O mesmo me diz que por via de V. S.ª me tinha já feito o mesmo aviso, mas esta carta não me che-

gou atégora à mão. Eu vou totalmente isento da jurisdição de Portugal, e imediato ao Papa por um Breve seu honradíssimo. Mas não é bem ir pleitear isto a Castela, onde me consta se presume mal de
5 eu ser chamado do Príncipe em ocasião tão suspeitosa; e só pelo que em Roma se tinha ouvido a pessoas desta nação me aconselharam alguns amigos que de nenhum modo tocasse aqueles países.

(9-VII-1675. De Roma, a Duarte Ribeiro de Macedo).

10 Beijei a mão ontem a S. A., estando de semana o Conde de Vilar Maior; em um e outro achei o agrado que se não nega nas primeiras vistas ainda aos mais estranhos. Não sei o que será depois, mas tenho veementes indícios que os assistentes de palá-
15 cio hão-de fazer esquisitas diligências para me retirarem quanto puderem, as quais eu antes hei-de ajudar que impedir, porque as informações dadas estou certo que hão-de ser sem fruto, e só poderão produzir algum se forem pedidas...
20 Ontem me deram um papel que dizem ser a suma das instruções que levará o Bispo de Lamego, e vem a ser: primeiro, que as pensões das igrejas do padroado se ponham em comendas, e por reitores nas igrejas os grandes do Reino, porque não tem
25 S. A. que dar aos fidalgos; segundo, que Portugal tenha preeminência de Cardeal; terceiro, que S. Santidade nomeie ao Príncipe por rei; quarto, que a nomeação de cardeal se faça no mesmo bispo;

---

2. *por um breve:* v. o nosso prefácio, p. CI.
5. *chamado do Príncipe:* para o fazer sair de Roma, onde podia trabalhar a favor dos cristãos-novos.

quinto, que informe sobre o negócio da Inquisição; sexto, que o sujeito nomeado para suceder a V. S.ª vá com título de secretário da embaixada, e fique por Residente em lugar de Gaspar de Abreu, e que
5 este venha por Residente a Madrid. Atéqui o dito papel, que em algumas fórmulas não parece tão curial como devem ser os originais da secretaria.

Quis mostrar o meu Breve ao Núncio e ele se riu disto, dizendo-me que não era necessário nem eu
10 havia mister aqueles resguardos. O certo é que há muitos dias tem na sua mão a segunda via dele, e deve de o ter intimado. E com isto condiz um aviso que nesta hora me mandaram, e é o seguinte: sábado à noite, tanto que se soube ser chegado o Padre
15 António Vieira, se juntaram em casa de Bento de Beja todos os Inquisidores e Deputados, e se assentou que na pessoa do Padre António Vieira se falasse com todo decoro, porque do contrário se não seguiria mais que mostrarem sua paixão, e que esta
20 advertência se fizesse a todos os familiares.

(26-VIII-1675. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Enfim hoje faz um mês que entrei nesta que V. S.ª chama nossa Babilónia, bastantes dias para
25 a entender e conhecer. E, se V. S.ª diz que a conhecerá segundo a recepção que me fizer, nem eu quero dar a V. S.ª outra notícia, nem esta será em larga história. Em suma, nestes trinta dias só no dia em que beijei a mão de S. A. que Deus guarde o vi e
30 lhe falei. O lugar da audiência foi em público, com o Conde de Vilar Maior à vista, para o qual olhava mais S. A. que para mim, e conforme esta circunstância foi a brevidade do tempo, que devia estar

taxado, como também a matéria, que não passou dos ordinários e mui ordinários cumprimentos. Parece-me que de Roma escrevi a V. S.ª que o maior cuidado dos colaterais, enquanto eu não che-
5 gasse, havia de ser prègar a S. A. que me não ouvisse, e assim o têm conseguido, porque nem o Príncipe me há-de chamar nem eu ir lá sem ser chamado.

Nem Secretário nem Vilar Maior, que ouço são
10 os que tudo podem, me visitaram. Os outros quase todos, exceptos sòmente os que por ofício actual ou dependência seguem a severidade dos senhores Inquisidores. O senhor Capelão-mor Arcebispo eleito de Lisboa, como Capelão-mor e como Arce-
15 bispo me falou em sermões para a Capela e Sé, de que eu me escusei com o pretexto de velhice e falta já dos dentes, sendo a verdadeira razão porque não quero que me ouça quem me não quer ouvir. Contudo sei que S. A. pergunta por mim frequente-
20 mente, e quer que eu entenda que lhe falta o poder e não o amor, sendo o primeiro o que eu só sinto, porque a troco de o ver poderoso aceitara o ser aborrecido. O pior de tudo é que este mesmo ódio particular me granjeia o amor comum.

25 Um dia destes, tratando-se de compor uma junta sobre dar forma ao bispado do Maranhão, em que está nomeado um capucho, disse o Príncipe ao Secretário que me chamassem a ela, mas ele replicou que não era decente que S. A. se servisse hoje de

---

4. *colaterais:* as personagens adjuntas ao Regente, da sua confiança.

13. *capelão-mor:* D. Luís de Sousa, que exercia essas funções desde havia seis anos.

um tal homem, e assim se fez. Repare V. S.ª na palavra *hoje*, que alude ao que os Inquisidores querem que eu obrasse em Roma contra eles, isto é contra a Fé. De maneira que depois de os Inquisi-
5 dores me condenarem estive capaz de entrar em muitas juntas, como entrei por ordem de S. A. E agora, que a minha doutrina e ciência está aprovada e louvada pelo Sumo Pontífice, fiquei incapaz e sem voz passiva para estas ridículas eleições.
10 (23-IX-1675. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Bem me ocorreu que debaixo de algum mercante, quero dizer do seu maço, poderia ir a minha carta segura, mas é tal a perseguição, que ainda dura e durará contra mim, acerca da gente deste trato,
15 posto que eu o não tive nunca com ela, que é necessário viver com todas estas cautelas; e nem basta a de não sair da minha cela, para se me não levantar que de noite vou falar com eles. Tal é a barbaria e ódio desta Cafraria!
20 (29-X-1675. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Para a Índia vai uma só nau, não grande, e um patacho, capazes de pouco mais de cem soldados, de que lá não chegarão ametade. A escusa é não haver dinheiro, quando não falta para se gastar
25 inùtilmente.
(18-XI-1675. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

---

17. *levantar:* assacar, acusar.
18. *eles:* os mercantes cristãos-novos.

Falo poucas vezes a S. A., porque ainda que me dá grata audiência, e digo alguma parte do que convinha, vou experimentando que tudo é sem fruto; e assim por esta razão, que por si só bastava, 5 como pelo pouco gosto com que ali sou visto dos que assistem mais de perto, estou-me na minha cela. Mas nem aqui me deixam; e, para que V. S.ª de um exemplo conjecture os demais, até me têm feito réu nos livros de Roque Monteiro, acusando-me 10 de que falo muito com o Enviado de Castela, sendo que o não visitei mais vezes que ele a mim, e o fez pela boa opinião e melhor fortuna que hei tido com os entendimentos da sua nação que com as da minha. E, porque os acusadores acharam que 15 a minha infidelidade à Coroa era crime *difficilis probationis,* interpretaram que o fim deste trato secreto era para persuadir ao dito Enviado alcançasse o patrocínio do seu príncipe em Roma na causa dos cristãos-novos.

20 (3-II-1676. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

E para que V. S.ª acabe de fazer do meu estado o conceito que nem V. S.ª nem eu pudéramos nunca imaginar, saiba V. S.ª que haverá dois dias tive

---

9. *Roque Monteiro:* Roque Monteiro de Paim (1643--1706), grande valido de D. Pedro, que o nomeou secretário de Estado do expediente e mercê, juiz da Inconfidência e conselheiro da Fazenda; em 1671 publicara em Madrid a obra intitulada *Perfídia judaica,* violentíssima invectiva contra os Judeus, que acusa de autores do caso de Odivelas (v. p. 32 deste vol.) e cuja exterminação preconiza.

13. *com os entendimentos da sua nação:* junto dos homens inteligentes de Espanha.

um aviso de S. A., por meio de seu confessor, em que de novo se mandou estranhar falar eu com o Enviado de Castela, sendo que de seis meses a esta parte ele me viu duas vezes, e eu a'ele uma. Onde eu sou o traidor julgue V. S.ª quais serão os fiéis; mas tal é o ódio e tal o poder dos inimigos, sem outra cousa mais que as mesmas que muito, muito, me deveram agradecer, e que tão presentes são a V. S.ª! Nesta terra estou e para esta há-de vir V. S.ª. Que diria a isto o pai, e mãe e irmão de quem assim me trata!

Provàvelmente me sairei de Lisboa antes que me mandem sair.

(30-VI-1676. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Em Coimbra se celebrou a trasladação da Rainha Santa, de que vi algumas relações muito mal compostas. Não se viu do corpo mais que a mão direita, que ficou descoberta desde o tempo em que se fez o exame da incorrupção. Está inteira e sucosa, sem mais diferença que a cor de defunta, e a beijaram todos os privilegiados, e depois deles as freiras. O que me fez devoção e saudades da temperança e frugalidade daqueles tempos é achar-se o corpo de uma Rainha, e tal Rainha, metido em um caixão tosco, e debaixo de um pano encerrado, amortalhado em um lençol de pano de linho, e sobre esta mortalha outra de lona, liada com um cordel de barbante.

(10-XI-1677. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Nem com a notícia do casamento do Príncipe de Orange, nem com o temor ou esperança da paz, nem com uma grande proposta do ministro de

França, me parece acabamos nem acabaremos de mandar a Nimeguen; porque ouço que respondeu S. A., a quem lhe fazia estas instâncias, que não tinha com quê. Veja V. S.ª que resposta esta para 5 um príncipe que pediu com ameaças a mediação. E como ouvirão sem endoudecer os vassalos, que hoje pagam mais tributos que no tempo da guerra, quando El-Rei tinha embaixadores em França, Inglaterra, Holanda, Suécia e Roma, não lhe fal- 10 tando no mesmo tempo com que mandar quatro e cinco naus à Índia todos os anos, do que neste se não trata...

Quero acabar esta com um caso que hoje me contaram do nosso povo de Lisboa, por gracioso, 15 e por se mostrar nele que não está tão corrupto como os que não são povo. Elege-se por costume o Juiz do Povo em dia de S. Tomé, e este ano tem sido tão controversa a eleição que, sendo hoje a segunda oitava de Natal, ainda não está eleito 20 nem ele nem todos os mesteres, de que foram excluídos quatro pelas causas seguintes: o primeiro por trazer grandes saltos nos sapatos; o segundo por consentir que sua mulher fosse a uma visita com guardinfante; o terceiro por, indo fora a ca-

---

2. *Nimeguen:* ou *Nimegue,* cidade dos Países Baixos (província de Gueldra) onde em 1678 e 79 foram assinados os tratados que, dando fim à guerra da França contra a Holanda e a Espanha, marcaram o apogeu do poderio de Luís XIV; o primeiro foi assinado entre a França e a Holanda (10-VIII-1678); o segundo, entre Luís XIV e Carlos II de Espanha (17-IX-1679); o ideal de Vieira era que conseguíssemos aí a restituição das praças do Oriente tomadas pelos Holandeses.

24. *guardinfante:* saia de balão.

valo, levar uma borracha à vista; o quarto, que havia de ser escrivão do Juiz do Povo, por ser torto, e não convir que com este defeito aparecesse na presença do Príncipe. E ainda que esta última 5 irregularidade seja da Igreja velha e da nova, as outras três me parecem mais de Portugal o velho que do novo.

(27-XII-1677. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

S. A., depois da solenidade de Santa Engrácia, 10 às duas horas depois de meia-noite se embarcou para Salvaterra, a quem seguiu a Rainha um dia ou dois depois. Todos gasta S. A. na caça ou montaria das feras, que aqui pudera domar com mais aplauso nosso e menos risco seu. Um javali se lhe 15 meteu debaixo do cavalo, e S. A. desmontou a lutar com ele, tomando-o pelas orelhas, mas ainda assim lhe rasgou uma bota e feriu a perna. Bem se ensaia para cumprimento da profecia: *Tomará o porco selvagem na passagem*. Dizem que em sinal 20 da vitória veio o dito javali a Lisboa vivo, e se lhe deu por prisão a tapada de Alcântara. Em que diferentes cuidados se acham todos os príncipes da Europa!

Corre que está falado para Nimeguen o Conde 25 do Vimioso, de que V. S.ª terá mais certa notícia. Duvida-se que aceite uma comissão tão enjeitada, mas também se responde que se lhe dará o título de seu pai e o senhorio de Pernambuco em sua vida. Pouco é em comparação do muito que se

---

24. *para Nimeguen:* para ir como representante de Portugal ao congresso de Nimegue.

merece à sombra das paredes de Corte-Real. Os dias já são mais serenos, mas as mercês ainda chovem, não sem lágrimas e clamores dos que se vêem dessubstanciar para que haja vapores que se resol-
5 vam nestes dilúvios.

(8-II-1678. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Queira Deus que assim como somos imitados dessa monarquia não sejamos imitadores dela. Mas vemos que as mercês imódicas, e a alheação dos
10 bens da Coroa, correm pelo mesmo estilo, e que os tributos não têm a justificação das causas que lá os podem fazer mais escusáveis.

(21-III-1678. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Não sei quem disse com alguma galantaria que
15 S. A. teme os seus validos porque o sangram.

(5-VII-1678. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Em Lisboa e seus arrabaldes se contam, dentro nestes trinta dias, sessenta mortes violentamente, e nenhum justiçado por esta causa.

20 (5-IX-1678. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

---

1. *Corte-Real:* palácio onde habitava o Regente; no *Journal des Voyages* de Monsieur de Monconys, publicado em Paris em 1677, se diz dele que, situado «au bord de la mer, est des plus magnifiques; il a quatre beaux corps de logis, ornés de belles tours avec des galleries où l'on se promène et qui regardent la mer», descrição condicente com a gravura do livro *Delícias de Portugal*, de Alvarez de Colmenar.

8. *essa Monarquia:* Espanha.

15. *porque o sangram:* D. Pedro nunca deixou que lhe dessem sangrias, recurso frequentíssimo dos médicos da época.

As nossas cartas, se houvermos de dizer sòmente o que passa de portas a dentro, virão a ser como as gazetas dessa corte, que todas se resolvem em dizer que *Su Majestad (Dios le guarde) assistió en la capilla real a las funciones ecclesiásticas, y fue a la caza.* Não porque S. A. não trabalhe incansàvelmente nos negócios, que entende melhor que todos; mas porque a sua modéstia natural o tem reduzido a tanta desconfiança do seu mesmo juízo, que todo o tempo se passa em juntas, de que se vêem poucos eu nenhuns efeitos.

Oito dias depois da perda das três naus, em que se averiguou ser muito maior o número da gente morta do que avisei, chegou por via do Porto ter-se também perdido na costa do Brasil, por mera ignorância ou desgraça, a capitânia da frota da mesma cidade do Porto, que constava de dezoito navios, e este era um galeão fabricado ali, o qual bem carregado jogava quarenta peças. Infelicíssimos andamos no mar e na mercancia, e, se ainda não está cumprido o *in ipsa attenuata respiciam et videbo,* bem podemos esperar ponha Deus os olhos em nós, pois a atenuação não parece pode ser maior, se não houvermos de chegar à última ruína.

El-Rei (de quem muitos duvidam dizer *Dios le guarde)* fica de todo livre de perigo. Diz que há-de arranhar a perna para deter lá mais tempo os mé-

---

12. *perda das três naus:* v. a nota da p. 172 deste volume.

25. *El-Rei:* D. Afonso VI, transferido da Terceira para Sintra, onde esteve preso desde 1674 até 1683, ano em que faleceu «cette figure de roy sans substance ni esprit».

dicos, com quem sempre teve ogeriza. E com este desenfado tem engrossado tanto, que se estima a circunferência em nove palmos.

(18-IV-1678. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

5 Houve grandes debates sobre a execução da pragmática, porque depois dela cresceu tudo aquilo que se proibia. Por sinal que ouvi murmurar do Conde de Vilar-Maior, por ser de parecer que se não execute, havendo sido um dos que mais instaram por 10 ela. E se atribui esta mudança de parecer ao casamento do filho, que ainda não está recebido porque o aparato das bodas, e a sumptuosidade do palácio, houve mister mais dias do que se cuidava. E nisto é que se cuida.

15 (15-IX-1678. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Em Roma se passou ao presente outro Breve formidável contra os missionários da Companhia, que na China e outras partes não queriam obedecer os bispos franceses mandados pela Propaganda, e 20 defendiam o direito dos reis de Portugal, mandando a todos que lá estão, e de novo forem, jurem a dita

---

5. *pragmática:* a de 25-I-1677, decretada a pedido das Cortes, com o fim de «atalhar a relaxação de trajes, excesso no custoso das galas, luxo com que se adornavam as casas, fabricavam os coches, se vestiam os lacaios, o crescido número deles, a dispendiosa vaidade dos funerais, formas dos lutos e abuso dos vestidos».

19. *Propaganda:* nome da congregação estabelecida em Roma para os negócios concernentes à propagação da Fé; fundada por Clemente VIII em 1597 e organizada por Gregório XV em 1622; envia missionários, nomeia bispos em países infiéis, etc.

obediência, no formulário do qual juramento, que vem inserto no mesmo Breve, se declara com específica menção a defesa do dito direito. As cláusulas são as mais tremendas que nunca se viram. Perdoe Deus a quem tem culpa de em toda a parte se nos guardar tão pouco respeito. E, para que o pouco que daquela banda temos se perca mais depressa, contra uma consulta uniforme do Conselho Ultramarino, e outra também uniforme da Junta das Missões, concedeu S. A. que da Manila possam ir a Macau e entrar na China frades domínicos castelhanos, o que se não permitia no tempo dos reis de Castela: e dizem que este privilégio foi concedido a instâncias do senhor Arcebispo de Évora.

(13-II-1679. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Aqui continua tudo, como de antes, com paz e quietação, e só se ameaçam motins, não sei contra quem nem para quando; e muitos dos que tinham razão de estar mais seguros armam as suas casas, de modo que cada uma delas é um armazém de bacamartes, pólvora, granadas, etc.; e se convidam e pagam defensores para esta guerra civil, não sabendo ninguém quem sejam ou possam ser os Césares e Pompeus.

(8-V-1679. De Lisboa, a Duarte Ribeiro de Macedo).

Em primeiro lugar, e sobretudo, importa que em nós se não veja ou note a menor espécie de interesse, por mais justo, lícito e necessário que pareça,

---

14. *Arcebispo de Évora:* um dominicano, Frei Domingos de Gusmão, flho natural do duque de Medina Sidónia.
27. *nós:* os jesuítas.

e assim convém que de nenhum modo mandemos buscar cravo ou outra droga, nem ocupemos os índios em cousa alguma que possa parecer nossa, e que todos os que estiverem nas aldeias, segundo
5 a alternativa da lei, se ocupem sòmente nas suas lavouras, e no que moderadamente pertence à decência de suas igrejas: e o mesmo se entende em pescarias, salgas e outras cousas deste género, considerando V. R.[cia] que de qualquer argueiro
10 hão-de fazer uma trave, e que não há eclesiástico nem secular nesse Estado, que não seja nosso olheiro, e um lince nesta matéria. E quando ao Governador se proíbe totalmente ocupar índios nestas cousas, e o mesmo se entende do Bispo,
15 Julgue V. R.[cia] o que ambos e todos puderam escrever contra nós, e qual ficaria o nosso crédito se lhes dermos a mínima ocasião.

(2-IV-1680. De Lisboa, ao Superior do Maranhão).

Aqui não há novidades, antes se queixam os
20 lavradores de se ter diminuído muito as que esperavam de vinho. Entram e saem muitos navios, mas nenhum com as nossas bandeiras; vemos rebentar os cachopos sem medo, porque já em lugar das naus da Índia não temos mais que barcos de
25 pescadores, que andam por cima deles; tudo são desamparos do pouco que se melhora o Mundo com as suas mudanças. Nestas e outras semelhantes considerações tristes passo a vida sem tristeza, porque a passo só sem outra companhia que a do
30 Padre José Soares, o qual e eu com verdadeiros

---

19. *novidades:* produções agrícolas do ano; novos produtos agrícolas.

afectos pedimos a bênção e santos sacrifícios de V. R.cia.

(8-VII-1680. De Carcavelos, ao Padre Gaspar Ribeiro).

Dou a V. Il.ma o parabém de nas mãos e direcção
5 de V. Il.ma se ter concluído com tão feliz êxito aquela tão intrincada causa, que o foi (sem eu nela ter merecimento nem culpa) de todas as minhas perseguições; as quais conheço que ainda seriam maiores, se o respeito que se deve ao patrocínio
10 e amparo de V. Il.ma me não valera, de que dou a V. Il.ma, prostrado a seus pés, infinitas graças.

Aqui não há novidades mais que a do governo, em que sucedeu António de Sousa de Meneses a Roque da Costa Barreto, que no mesmo dia se tem
15 embarcado, mais pobre de fazenda e mais rico de opinião que muitos de seus antecessores.

(23-V-1682. Da Baía, ao Arcebispo de Calcedónia).

As novas da cidade, que, segundo os ecos que aqui chegam, não são poucas, darão os que melhor
20 as sabem. As desta quinta são que, com a chegada

---

6. *aquela... causa:* a questão dos cristãos-novos, onde pouquíssimo se conseguira, pois que o Breve de Inocêncio XI, de 22-VIII-1681, introduzira apenas pequeníssimas modificações nas praxes processuais do Santo Ofício português.

13. *António de Sousa de Meneses:* nomeado governador do Brasil em 1682.

14. *Roque da Costa Barreto:* governador do Brasil de 1678 a 1682.

16. *opinião:* boa reputação.

20. *desta quinta:* a quinta do Tanque, dos jesuítas, cerca de meia légua da Baía.

do Governador da Índia, António Pais de Sande, à árvore da canela se têm acrescentado outras cinco, com que esta nova lavoura irá muito por diante. Só lhe temo que o grande cuidado e mimo, com
5 que a benignidade real a manda visitar frequentemente, a possa desvanecer, como sucede. Mas se as plantas crescerem tanto como as lembranças como se vive neste sítio com o esquecimento, tudo terá o aumento que lá e cá se deseja, e não haverá
10 outras saudades mais que as que V. S.ª nos deixou com a sua ausência, e o sr. Francisco Barreto aumenta com a sua.

(24-VII-1682. Da Quinta do Tanque, perto da Baía, a Roque da Costa Barreto).

15 Mas, recolhendo-me a este nosso cantinho da América, deixadas as novas de Buenos Aires, que pertencem mais ao Rio de Janeiro, darei só a a V. S.ª as da Baía. E, começando pelas deste

---

2. *árvore da canela:* sobre a atenção que prestava Vieira à ideia de cultivar no Brasil as «drogas» orientais, v. a p. 58 do 1.º vol. desta obra.

16. *Buenos-Aires:* Estiveram os habitantes de Buenos Aires quase inteiramente separados do resto do Mundo até fins do séc. XVIII, devido à cupidez dos negociantes de Sevilha e de Lima, os quais se propuseram impedir que as mercadorias europeias chegassem às costas do Pacífico por quaisquer outras vias que não fossem os galeões e a feira de Portobelo. Proibiu-se o tráfico directo com o Rio da Prata sem licença especial. Em tais circunstâncias, a proximidade com o Brasil constituía tentação irresistível para os colonos da região, desejosos de alcançar pelo comércio clandestino o que o governo espanhol lhes proibia. Tal a situação com que se prendem as referências de Vieira às relações com Buenos Aires, que se encontram em cartas deste período.

vale onde vivo e onde me não deixam viver, temos hoje nele quatro plantas de canela bem arreigadas, e a que V. S.a deixou, tão crescida em ambos os troncos que já se pode chamar árvore. De pimenta há dez ou doze que já vão trepando pelas estacas a que se arrimam, mas ainda não dão sinal de fruto.

(23-VI-1683. Da Baía, a Roque da Costa Barreto).

A V. Ex.a é mais presente que a todos a parte que eu tive em procurar que El-Rei, que Deus guarde, fosse preferido, como era justo, a seu irmão; e que, entre os que padeceram por esta causa, não fui eu o menos perseguido e avexado, como menos poderoso; e não sei em que tenho merecido a S. M. os desfavores, que em tudo o que me toca se experimentam. Lembrado da diferente fortuna que tive com o pai e irmão, de quem S. M. é herdeiro, e a quem servi tantos anos com tantos trabalhos e perigos, não posso deixar de sentir e estranhar muito esta grande diferença.

Agora escrevo a S. M., dando-lhe inteira conta do que verdadeiramente passou, e de que eu esperava uma satisfação muito pública, como o tinha sido a afronta; e já me contento e contentarei com que me absolva da rigorosa sentença de me ter fora da sua graça, da qual principalmente apelo para o patrocínio e amparo de V. Ex.a.

(2-VIII-1684. Da Baía, ao Duque de Cadaval).

---

22. *do que... passou:* o conflito com o governador António de Sousa de Meneses, resultante do caso relatado na p. 175 deste volume.

Estava eu no meu retiro, quando chegou o primeiro navio da frota, e nele uma carta em que S. M. (referia meu sobrinho) lhe tinha dito estas palavras formais: «Estou muito mal com seu tio
5 António Vieira, porque descompôs o meu Governador». De maneira, senhor, que sem eu dar outra ocasião ao Governador António de Sousa mais que dizer-lhe, como já dei conta a V. Ex.ª, que levava uma petição, na qual me parecia que não só pedia
10 mercê, mas fazia serviço a S. S.ª, por ser matéria de justiça e consciência, sem chegar a declarar qual fosse a petição, me respondeu em vozes altas que tinha melhor consciência que os padres da Companhia, e cria melhor em Deus que eu, repetindo
15 por vários modos esta mesma injúria, e chamando--me claramente judeu; e eu fui o que descompus o Governador de S. M., e não o Governador de S. M. a mim, que só pelo carácter de sacerdote merecia de qualquer homem cristão ser tratado com
20 diferente respeito!

Esperava eu que S. M. mandasse estranhar muito ao seu Governador este excesso, e que se me desse satisfação pública, pois o tinha sido a afronta. Mas, porque eu me não queixei, entendendo ser mais
25 conforme ao meu hábito perdoar as injúrias que fazer queixa delas, o Governador e os que governavam (principalmente João de Góis, inimigo capital da Companhia e de meu irmão, e a mão com que António de Sousa escrevia), para me fazerem
30 réu onde devera ser autor, com seus costumados falsos testemunhos, e já provados, informaram de

---

27. *João de Góis:* o desembargador João de Góis de Araújo.

tal sorte a S. M. que, sendo a justiça de S. M. tão acautelada em crer, como se experimentou nos excessos do Governador, não cridos senão depois de dois anos, pretendendo tantas informações de pessoas desinteressadas, bastou só a queixa da parte, e tal parte, para S. M. me sentenciar à sua desgraça, e notificar-me a sentença duas vezes, uma por Francisco da Costa Pinto, outra por Gonçalo Ravasco, não falando em outras execuções mais severas e rigorosas, que lá deviam de se ouvir e cá se têm divulgado, além das secretas que traz o sindicante, das quais, posto que me isenta a minha imunidade, se executarão em tudo o que me toca e a não tem.

Mas, antes de eu saber nem ouvir alguma cousa destas, bastou só ler a primeira nova, e que S. M. estava mal comigo, para no mesmo dia me sobrevir um grande acidente, que logo se declarou em sezões malignas, com perpétuos delírios, em que totalmente perdia o juízo, e estive em grande perigo de perder a vida. São já passados dois meses, em que me sobressaltam frequentes rebates do mesmo mal; e, porque passo as noites inteiras sem dormir, com pouca ou nenhuma vontade de comer, debilitando-se as forças ao mesmo passo, são muito bem fundados os temores com que fico de alguma total e mortal recaída. Ordene Deus o que for servido, que o que eu sòmente sinto é que, vindo-me meter em um deserto para melhor me aparelhar para a morte, nem viver nem morrer me deixem, e que seja a causa de perder tão desconsoladamente a

8. *Gonçalo Ravasco:* filho ilegítimo, reconhecido, do irmão de Vieira, Bernardo Vieira Ravasco, secretário do Estado do Brasil (v. p. 175 deste vol.).

vida um filho daqueles mesmos reis por quem a arrisquei tantas vezes, e aquele mesmo rei por quem tanto trabalhei, como a V. Ex.ª é presente, e para que o fosse.
5 (5-VIII-1684. Da Baía, ao Marquês de Gouveia).

Queira Nosso Senhor que à peste, que já vai amainando, se não siga a guerra, porque os corsários continuam a correr estas costas, e já fazem colónia nos confins dela. E isto, que é só o que
10 temos, só se conservará enquanto não houver quem o queira, segundo faltam hoje todas as assistências de armas e munições, que por muitas vezes se têm pedido, esquecendo-se de as mandar os mesmos ministros que tão exactos são em arrecadar
15 os tributos do Brasil, e inventar outros de novo, em que tudo não só se vai arruinando, mas está quase arruinado. Já me não queixo nem lastimo de não querermos ter herdeiros, pois, ainda que os haja, não terão que herdar.
20 Não quero que a dor e o zelo me obriguem a dizer mais.
(1-VII-1686. Da Baía, ao Conde da Castanheira).

Sobre a junta que se fez acerca da mudança da aldeia do Saco dos Morcegos, fui de singular pare-

---

24. *Saco dos Morcegos:* a aldeia mais setentrional do grupo de Quiriris junto a Maraçaracá; situada em ambiente impropício, pensou-se em a deslocar no ano de 1691, em que Vieira escreveu a carta a que pertence este trecho; porém, a Junta das Missões contrariou a ideia, sendo o do nosso padre o único voto a favor da transferência. Não se mudou, pois, a aldeia, que veio a receber o nome de *Mirandela*.

24. *de singular parecer:* de voto divergente de todos os demais.

cer, porque cada um é obrigado a dizer o que entende. Os pontos que se haviam de resolver eram dois: primeiro, se convinha e era necessária a mudança; segundo, se em virem presos três ou quatro dos que a repugnavam, como tinha resoluto o Governador antecedente, havia perigo. A necessidade da mudança se fundava em que os Tapuias do Saco, por falta de água e mantimentos, só assistiam naquele sítio seis meses do ano, e nos outros seis se metiam pelos bosques a sustentar-se da caça e frutos agrestes, morrendo lá as crianças e catecúmenos sem baptismo, e os baptizados tornando tão gentios como de antes eram; e a este ponto nada se deferiu. Ao segundo todos responderam com o exemplo dos Tapuias do Rio Grande, e medo de outra rebelião semelhante, sendo a causa o número da gente, nunca sujeita nem doutrinada, antes provocada com muitas injustiças, e de mui diferente nação, e por todas as outras razões não havendo nesta que recear.

O presidente e os conciliários que se acharam na dita junta, posto que muito doutos em outras matérias, nunca viram nem trataram índios. Os que aconselhavam e pediam aquela pequena demonstração de violência em três ou quatro bárbaros, conformando-se todos os outros com a mudança, eram dez missionários que assitiam com eles na mesma e nas outras aldeias da mesma nação, que estavam expostos ao perigo e mais perto dele quando o houvesse; e eu, como quem se tem embarcado trinta e seis vezes a França, Inglaterra, Holanda, Itália, Maranhão, Brasil (todas em serviço de V. M.), julguei que em dúvida antes devia seguir o parecer dos pilotos que o dos passageiros,

não falando na minha experiência de cinco anos nas aldeias do Brasil e nove nas do Maranhão, Grão-Pará e Rio das Amazonas, de diversíssimas línguas e nações, em que fiz muitas mudanças com
5 grande sossego e felicidade, ajudando-me, quando era necessário, do nome e autoridade dos governadores, e nas maiores ocasiões de seis soldados sòmente, como pode testemunhar Manuel Guedes, que ainda é vivo, Sargento-mor do Pará.

10 A este propósito não deixarei de representar a V. M., por ser exemplo próximo, o que os dias passados sucedeu nas cabeceiras do rio de S. Francisco, em distância de mais de cento e cinquenta léguas desta cidade, onde dois missionários dou-
15 trinavam várias nações de Tapuias novos, e muito menos domésticos que estes. Houve uma notável enchente naquele rio, que alagava e levou casas; e, como os padres oferecessem missas e orações para que cessasse a inundação sem efeito, entenderam os
20 bárbaros que o Deus dos cristãos não era tão poderoso como os padres lhes prègavam, e se resolveram alguns a fazer outro Deus que os livrasse, escolhendo para isso o que entre eles tinha melhor presença e mais avultada estatura. Para o constituírem
25 na divindade o incensaram com fumo de tabaco, que ele recebia com a boca aberta, e logo lhe fizeram sua igreja ao modo das nossas, fabricada com ramos de palmas.

---

8. *Manuel Guedes:* Manuel Guedes Aranha, autor de uma representação da Câmara (de que era procurador) a D. Pedro, sob o título de *Papel político sobre o Estado do Maranhão.*

Sabendo isto um dos portugueses, sargento-mor dos curraleiros daqueles campos, acompanhado de um só mulato seu se foi aonde estavam os novos idólatras, e, mandando amarrar com as mãos atrás ao Deus, obrigou aos demais que queimassem a igreja que lhe tinham levantado, ameaçando-os com maior castigo se caíssem em outra semelhante ignorância, que mais merecia este nome que o de maldade. E porque os padres se tinham retirado, dizendo que não queriam estar com tal gente, nem eles o mereciam, todos se lhe vieram lançar de joelhos a seus pés, prometendo obediência e mostrando-se muito sentidos de que os mesmos padres se tivessem queixado ao branco, que assim chamam aos Portugueses, bastando o medo de um só para lhe guardarem tal respeito.

Eu contudo o tive tão grande à sobredita junta, por ser feita em nome de V. M., que não só ordenei logo aos missionários que de nenhum modo falassem mais em tal mudança, senão que, para remédio da fome da aldeia, lhe mandei um bom socorro de dinheiro, não do colégio, que não pode acudir a tanto, mas do trabalho dos três dedos com que escrevo esta, e do lucro das impressões, que aplico quase todo a este comércio, lembrado que S. Paulo aos companheiros que o ajudavam sustentava com o trabalho de suas mãos, e que a nós nos é necessário estendê-lo à miséria dos mesmos que doutrinamos.

(1-VI-1691. Da Baía, ao Rei D. Pedro II).

Em uma palavra pagarei a V. Rev.ma todas as novas que me dá. Tivemos nau da Índia, carregada de pedra, que se trocou com setecentas caixas

de açúcar. Aquele Estado e este ficam na mesma miséria em que V. Rev.^ma^ me descreve e lamenta o Reino.

(30-VI-1691. Da Baía, ao Padre Manuel Dias).

5 Poucos criados terá a ilustríssima casa de V. Ex.^a^, que o sejam de pais, avós e netos. Esta graça devo aos meus muitos anos, com que se compensam as desgraças naturais que eles trazem consigo, e as violentas que os seguem ou perseguem.

10 Neste deserto, onde V. Ex.^a^ me deixou, não posso fugir das que são universais, e, posto que umas me tocam mais outras menos, todas me lastimam, como quem tem o coração em tudo o que tem o nome de Portugal ou lhe pertence; que parece lhe 15 estendeu Deus a nossa monarquia por todo o Mundo, para que, assim como em outro tempo em todo ele foi gloriosa, assim no presente padeçamos e choremos suas misérias em todo.

(1-VII-1691. Da Baía, ao Marquês das Minas).

20 Muito me admiro (mas tal é o sumo zelo em S. M. de salvar a todos!) que, sem outra informação dos superiores desta Província, houvesse por bem a oferta feita por um padre particular de ir aos Palmares. Este padre é um religioso italiano de não

---

12. *lastimam:* afligem, magoam.

23. *Palmares:* nome que se deu a uma vasta zona de florestas (em que abundavam as palmeiras) quase paralela ao litoral do Brasil, à distância de 20 a 30 léguas da costa, correndo desde o rio de S. Francisco até o grande sertão de Pernambuco ou de Santo Agostinho, a qual se tornou célebre pelos «quilombos», ou aglomerações de escravos negros fugidos a seus senhores. Uma

muitos anos, e, posto que de bom espírito e fervoroso, de pouca ou nenhuma experiência nestas matérias. Já outro de maior capacidade teve o mesmo pensamento; e posto em consulta julgaram
5 todos ser impossível e inútil por muitas razões. Primeira: porque se isto fosse possível havia de ser por meio dos padres naturais de Angola que temos, aos quais crêem, e deles se fiam e os entendem, como de sua própria pátria e língua; mas todos
10 concordam em que é matéria alheia de todo o fundamento e esperança. Segunda: porque até deles neste particular se não hão-de fiar por nenhum modo, suspeitando e crendo sempre que são espias dos governadores, para os avisarem secretamente de
15 como podem ser conquistados. Terceira: porque bastará a menor destas suspeitas, ou em todos ou em alguns, para os matarem com peçonha, como fazem oculta e secretìssimamente uns aos outros. Quarta: porque ainda que cessassem dos assaltos
20 que fazem no povoado dos Portugueses, nunca hão-de deixar de admitir aos de sua nação que para eles fugirem. Quinta: fortíssima e total, porque sendo rebelados e cativos, estão e perseveram em pecado contínuo e actual, de que não podem ser

---

dúzia de anos antes da data deste trecho contavam-se já uns poucos de grandes núcleos. Durante quatro lustros se repetiram as tentativas dos brancos contra os principais «quilombos», quase todas completamente baldadas. Por fim, decidiu-se recorrer aos bandeirantes paulistas, e por meados do ano em que foi escrito este trecho marchou Domingos Jorge Velho para Pernambuco, a fim de iniciar as operações. V. Ernesto Enes, *As guerras nos Palmares*, volume da colecção «Brasiliana».

24. *actual:* v., no 1.º vol., p. 177, nota à linha 21.

absoltos, nem receber a graça de Deus, sem se restituírem ao serviço e obediência de seus senhores, o que de nenhum modo hão-de fazer.

Só um meio havia eficaz e efectivo para verdadeiramente se reduzirem, que era concedendo-lhes S. M. e todos seus senhores espontânea, liberal e segura liberdade, vivendo naqueles sítios como os outros índios e gentios livres, e que então os padres fossem seus párocos e os doutrinassem como aos demais.

Porém esta mesma liberdade assim considerada seria a total destruição do Brasil, porque conhecendo os demais negros que por este meio tinham conseguido o ficar livres, cada cidade, cada vila, cada lugar, cada engenho, seriam logo outros tantos Palmares, fugindo e passando-se aos matos com todo o seu cabedal, que não é outro mais que o próprio corpo.

(2-VII-1691. Da Baía, a Roque Monteiro Paim).

Levou Deus para si o Arcebispo, que era grande prelado, e, como tal, acabou a vida no mais trabalhoso exercício de sua obrigação, visitando a diocese e morrendo em um deserto. Deseja-se que lhe suceda o Bispo de Pernambuco, que por estar tão perto pode suprir sua falta mais brevemente, e governar o bispado com grande opinião de zelo, e maior satisfação das ovelhas e clero que o mesmo Arcebispo. Também concorre nele o não ser frade, pelos ciúmes de cinco Religiões que há neste Estado, o qual desde seu princípio andou sempre em clérigos. Creio que nesta eleição, se V. Ex.ª a aprovar, consolará S. M. em grande parte o desgosto geral.

(2-VII-1691. Da Baía, ao Duque de Cadaval).

Do ocidental parte a frota com perto de quarenta grandes vasos, sendo tanta a abundância dos frutos que ainda pudera carregar outros tantos; e o pior é que levam o levíssimo preço por que foram vendidos. Ouço que na baixa da moeda perde esta praça mais de quinhentos mil cruzados, e que ainda a pouca que lhe havia de ficar se leva para Portugal, porque lá tem mais conta. No Rio de Janeiro, com a mesma baixa se acharam em um dia os que possuíam nove sòmente com cinco, e como *ubi est thesaurus tuum, ubi est cor tuum*, a maior e mais considerável perda, posto que se não considera, é a dos corações.

Da Índia vai na mesma frota uma nau que aqui chegou carregada. Pôs na viagem cinco meses, lançou ao mar mais de cem homens, dá por novas que também morreu em Goa o Governador (tinha muito boa opinião), e depois dele, em menos de um mês, o que lhe sucedeu nas vias. Tira Deus os homens, quando quer tirar o demais; e nestas disposições dos castigos reconheço eu em sua Divina Providência muitos modos de tirar os mesmos homens, um dos quais é conservá-los vivos porque não merecem a morte, e tê-los ociosos porque os desmerecem os que se haviam de aproveitar deles. Neste sentido diz Salomão que castiga Deus os avarentos, dando-lhes os bens e não lhes permitindo o uso.

(5-VII-1691. Da Baía, ao Conde de Castelo Melhor).

---

1. *Do ocidental:* do mundo ocidental (Brasil).

19. *o que lhe sucedeu nas vias:* o indivíduo que estava indicado para lhe suceder no documento que continha as ordens secretas do rei a tal respeito.

A ruína mais sensível e quase extrema que este Estado padece, e sobre que se pede pronto remédio a S. M., é a total extinção da moeda, que sempre temeram os interessados mais zelosos, e prognosti-
5 caram os prudentes, e o tem mostrado finalmente a experiência, de que podem ser testemunhas oculares quantos vão embarcados nesta frota, a que falta pouco para ser a deste ano a última, sendo a causa as mesmas frotas, em que os mercadores acham
10 mais conta mandando dois cruzados em prata, que não pagam fretes nem direitos, que mil réis em açúcar, ficando logo o dito dinheiro livre para negociarem com ele, e não estar esperando pelas descargas, vendas, cobranças, etc.; achando a mesma
15 conta os que não são mercadores, ao dinheiro que necessàriamente mandam ao Reino para o gasto dos negócios políticos, apelações, demandas, pretensões de ofícios eclesiásticos e seculares, dotes de freiras, mudança para Portugal de mercadores depois de
20 enriquecidos, e ministros que sempre levam mais do que trouxeram; não havendo, pela causa sobredita, como antes da alteração da moeda, quem passe letras.

Assim que, com estas duas sangrias tão conti-
25 nuadas se tem debilitado de sorte este grande corpo, que por falta de dinheiro nem os naturais têm quem lhes compre os seus géneros, nem com que comprar as fábricas tão custosas e necessárias para eles: e será força que não só se diminua mas pare e cesse
30 totalmente a cultura; e que sejam estas terras, tão opulentas e tão férteis para si e para o reino, as mais estéreis, sem falar no caso da guerra, de que o dinheiro é o nervo.

O remédio que a S. M. se representa, e não pode

haver outro, é o da moeda provincial, com tal preço extrínseco que nem para os de fora, nem para os de dentro tenha conta a saca dela. E porque teme o Brasil que haja alguns ministros, empenhados nos mesmos interesses, que não aprovem este meio, do zelo, inteireza e autoridade de V. Ex.ª se espera principalmente o pronto efeito; que se não for pronto, e vier resoluto por S. M. na primeira ocasião, ainda que depois se queira remediar não haverá com quê, acabadas as últimas relíquias do pouco, a que nesta mesma frota se não perdoa.

Bem conheço, senhor, que esta matéria não é da minha profissão; mas, como nos incêndios, e nos outros apertos e necessidades gerais, nenhum estado é isento, antes todos têm obrigação de acudir a elas, a mim me parece que de nenhum modo posso melhor satisfazer a esta obrigação, que recorrendo a V. Ex.ª, como a segunda coluna, depois de S. M., da sua mesma monarquia.

(1-VII-1692. Da Baía, ao Duque de Cadaval).

Estes navios, de que hoje temos no porto da Baía trinta e um, antigamente eram frotas de mercadores que vinham comerciar, hoje são armadas de inimigos e piratas que vêm saquear o Brasil; porque antigamente traziam dinheiro e levavam drogas, e de muitos anos a esta parte levam as drogas e mais o dinheiro, achando mais conta a levar dois cruzados em prata, que não pagam fretes nem direi-

---

3. *saca:* exportação, saída.
14. *estado:* classe social.
25. *drogas:* produtos agrícolas.

tos, e logo se podem empregar, que mil réis em açúcar ou tabaco, que sobre tantos tributos hão-de esperar as dilações das descargas, vendas, arrecadações, etc., e por esta causa, como todos os prudentes sempre temeram, se tem acabado e extinto totalmente a moeda, restando sòmente alguns poucos tostões, duas e três vezes marcados, que valem doze vinténs, os quais forçosamente há-de deixar ao hortelão quem vai comprar uma couve, por falta de todo o género de trocos, o que não se achará em república alguma da Cafraria.

Por causa desta miséria, em que os pobres são os mais danificados, se propõe a S. M. o único remédio da moeda provincial, em que V. Ex.ª fará um grande serviço a Deus, se favorecer este meio com o seu voto, como tão experimentado, sob pena de pararem os engenhos, por falta de fornecimentos a suas tão custosas fábricas, pois sem dinheiro não há quem compre nem venda.

(5-VII-1692. Da Baía, ao Marquês das Minas).

Passando da terra, quanto mais alta mais estéril, aos que aram o mar: já é pequeno aquele dano dos lavradores do Brasil, em lhe sobejarem os frutos por falta de quem os navegue, como V. Ex.ª pondera. Fecharam-se este ano os mercadores em não querer comprar, e os mestres dos navios em não querer carregar, para levarem de graça o que se não pode cultivar sem tão custosos instrumentos como os das fábricas dos engenhos; e, havendo leis e forcas para os outros ladrões e homicidas, só para estes que roubam e matam um Estado tão benemérito não há castigo. Ao princípio as frotas eram companhias de negociantes, que vinham comerciar;

depois foram armadas de piratas, que vêm a saquear e destruir, porque acharam mais conta em levar o dinheiro, que não paga fretes nem direitos. Com esta contínua extracção está acabada e exausta de todo a moeda, e se pede a S. M. o único e último remédio de a haver provincial no Brasil...

Quando V. Ex.ª residia em Londres, me escreveu Duarte Ribeiro de Paris, saíra em Amsterdão um livro holandês, que dava por causa das nossas perdas na navegação da Índia querermos levar em um navio mais gente e mais carga, do que cabe em dois. Que poupamos, se perdemos os homens? El-rei D. Manuel estimava tanto as vidas dos que para lá mandava, que levavam por regimento, se caísse um homem ao mar, o tornassem a tomar, parando e voltando atrás, ainda que fosse com risco de se perder a viagem; e, porque assim lhes poupava as vidas, os que agora morrem tão miseràvelmente no mar morriam depois tão gloriosamente na Índia.

Lembra-me a este propósito que, sucedendo nos armazéns ao Marquês de Montalvão o Conde de Odemira, e tendo aprestado para a Índia cinco naus (que tantas iam em tèmpos tão apertados), levou o Conde a El-rei as contas daquele ano e do passado, e mostrou que, com despesa de trinta mil cruzados menos, entre Belém e Paço de Arcos estavam as naus de verga de alto para partir; o que sabendo o Marquês disse: «Não basta que estejam para partir, se não estiverem para chegar». E assim foi que nenhuma chegou à Índia.

(8-VII-1692. Da Baía, ao Conde de Castelo Melhor).

Notável mudança é, e mais que notável à pública demonstração das misérias das nossas conquistas, haver-se trocado a Casa da Índia em alfândega do Brasil; e nesta frota verá V. S.ª outra novidade
5 nada menor, que é trocar-se o dinheiro do Brasil com o da Índia, pedindo-se consentimento a S. M. para se bater e correr aqui como lá moeda provincial. A causa desta mudança foi haver muitos anos que os mercadores achavam mais conta em levar o
10 dinheiro, que não paga fretes nem direitos, que as drogas carregadas com tantos; o que tem deixado esta praça, noutro tempo tão opulenta, totalmente exausta de moeda, com que não há quem compre ou venda, nem com quê.
15 (8-VII-1692. Da Baía, a Cristóvão de Almada).

Deus se tem havido este ano tão misericordioso connosco, no mar e na terra, que no mar não houve piratas, e na terra se não sentiu o veneno da chamada *bicha,* com que os hóspedes, que costumam
20 ser os mais mordidos, tornam vivos e sãos. Os homens porém acabaram de concluir este ano o que há muitos começaram; porque, não contentes de levar as drogas quase de graça, deram em levar também o dinheiro, achando nele mais conta, por-
25 que não pagam fretes nem direitos, nem esperam por descargas, vendas e pagas; e com estas sangrias, ao princípio quase insensíveis, tem chegado uma praça tão opulenta a estar totalmente exausta de moeda, com que, tendo muito que comprar e

---

19. *bicha:* enfermidade epidémica que por então apareceu no Brasil.

vender, não há quem compre nem venda. O que falta aos Portugueses sabem os cafres suprir com búzios.

O remédio que se tem por único, e se representa e pede instantìssimamente a S. M., é o da moeda provincial com tal valor extrínseco que ninguém tenha utilidade a tirar deste Estado, e se a meter seja com aumento dele. Bem conheço que acharão neste arbítrio inconvenientes, principalmente, os que têm conveniências no comércio; e querer meios que totalmente os não tenham é querer saber e poder mais que Deus, que não governa o Mundo sem eles, permitindo os pleurises, que causam os frios, para que criem raízes as plantas, e as maleitas, que causam os calores, para que amadureçam os frutos. Ou no tribunal ou fora dele não se deixará de pedir a V. M.cê o seu voto em matéria tão importante, e eu, por parte da pobreza, não deixarei de requerer os miúdos do cobre, de que ela se sustenta e de que o Céu paga as usuras.

(21-VII-1692. Da Baía, a Diogo Marchão Temudo).

Enfim, não achando em Portugal em El-rei, que Deus guarde, a correspondência do afecto que sempre experimentei em seus pais e irmão, como quem, pela menor idade, não conhecia o muito que eu os tinha servido, e arriscado por eles a vida nas viagens de Holanda, França e Itália, com maiores perigos dos mesmos negócios do que eram os do mar e dos inimigos da nossa Coroa no mar e na terra, me condenei ao desterro deste Brasil, para nele comutar, se pudesse, o Purgatório.

Aqui estou ainda vivo, já quase desacompanhado de mim mesmo, na falta de quase todos os sentidos;

mas sempre com toda a alma nesse palácio da Natividade, sacrificando a V. M. o que só posso, que é o coração, e amando e adorando a V. M. com todo aquele amor e extremo (permita-me V. M. falar assim) que a El-rei D. João, à rainha D. Luísa e ao príncipe D. Teodósio devem a minha memória e saudades.

Ontem tiveram eles uma boa tarde, porque, vindo-me ver a uma quinta ou deserto, onde passo retirado, um soldado da frota, só por curiosidade de poder testemunhar em Lisboa que ainda sou vivo, lhe perguntei muito em particular por S. M., e todas as novas que lhe ouvi foi sempre com as lágrimas nos olhos, e muito mais quando me disse que a senhora Rainha de Inglaterra era mãe da pobreza de Lisboa. Ditosíssima a alma de V. M., que depois da coroa deste mundo assim se emprega em assegurar a do Céu! Se eu tivera semelhante confiança, uma grande parte da minha glória seria esperar lá, depois de muitos anos, pela entrada de V. M., tão triunfante como foi a da despedida dessa corte.

Lembra-me quanto tempo V. M. por duas vezes me permitiu a seus Reais pés na câmara da capitânia, enquanto não partia a armada, sendo eu o correio fiel dos recados e lembranças da mãe e das saudades da filha, por sinal que então me disse S. M. uma cousa muito digna da sua grandeza e do seu amor, que foi: *Estoy muy mal con Catalina,*

---

16. *da pobreza de Lisboa:* D. Catarina vivia em Lisboa desde Janeiro de 1693; o marido, Carlos II de Inglaterra, falecera em 1685.

porque, embiandole unas perlas, me las agradeciò. Onde o agradecimento é ofensa, bem se podia ser secretário destes corações.

(25-IX-1695. Da Baía, à Rainha D. Catarina de Inglaterra).

Das cousas públicas não digo a V. M.cê mais que ser o Brasil hoje um retrato e espelho de Portugal, em tudo o que V. M.cê me diz dos aparatos de guerra sem gente nem dinheiro, das searas dos vícios sem emenda, do infinito luxo sem cabedal, e de todas as outras contradições do juízo humano.

O demasiado Inverno tem detido a frota deste ano, e também a discórdia dos mercadores com os senhores de engenho no preço do açúcar, que eles querem que desça a 1$400 réis e estes que suba a 1$600 réis, não montando menos esta diferença de tostão, que trezentos mil cruzados. Eu também sou de voto que se abata o preço do açúcar, mas com a balança na mão, de maneira que também se abatam os preços das outras cousas; mas é manifesta injustiça que, crescendo as de lá e as de Angola cento por cento mais, se queira no mesmo tempo que toda a baixa das drogas seja a do Brasil: por certo que não é este arbítrio muito conforme aos receios, que de Portugal se escrevem, sobre a contingência em que nas pazes pode ficar a nossa neutralidade. Mas de cá escrevem-se mentiras e de lá responde-se com lisonjas, e neste voluntário engano está fundada toda a nossa conservação.

(10-VII-1697. Da Baia, a Sebasião de Matos e Sousa).

Elucidário de nomes próprios

feito sobretudo para uso dos que lerem as cartas salteadamente

ABREU (Gaspar de): v. II, 114.

ALBUQUERQUE (Matias de). Distinto general do século XVII, primeiro conde de Alegrete, que ganhou a primeira batalha de vulto das campanhas da Restauração (a do Montijo, em Espanha, província de Badajoz, a 26-V-1644), onde conseguiu, graças a extraordinária presença de espírito, constância e capacidade militar, transformar uma acção quase totalmente perdida em esplêndida vitória. Nascera em Pernambuco no último quartel do século XVI e fora governador dessa capitania, onde muito se distinguira na guerra contra os Holandeses. Quando estes tomaram a Baía, no ataque descrito pela carta ânua de Vieira, caindo então prisioneiro o governador do Brasil, os baianos, refugiados na vila do Espírito Santo, abriram as provisões de sucessão, e viram que designavam Matias de Albuquerque para suceder no governo da colónia. Matias de Albuquerque não pôde, todavia, coadjuvar a reconquista, por haver terminado o tempo do seu governo. Em 1625 veio para Portugal; porém, apenas chegado teve de regressar ao Brasil, onde combateu valorosamente os invasores flamengos, com bem fracos recursos e em péssimas condições. Em 1625, por consequência de intrigas, regressou a Portugal, onde esteve preso pelos Espanhois até a revolução de 1640, que logo o libertou. Por ocasião da conjura do marquês de Vila Real contra D. João IV foi suspeito de conivência e encarcerado; provando-se, no entanto, que se

fidalgos portugueses que ali se encontravam e trazer Portugal os galeões ali fundeados. Denunciado o intento aos Espanhois, foi preso e posto a tormento para confessar quem eram os seus cúmplices. Sofreu os tratos com extraordinária firmeza e nada revelou, sendo-lhe finalmente permitido que apelasse para Castela. Sabedor D. João IV da sua vinda, ajustou com corsários holandeses que raptassem o conde de bordo do navio espanhol que o conduzia preso, empreendimento que estes levaram a cabo, desembarcando-o em terra portuguesa. O monarca fez-lhe grandes mercês e nomeou-o governador de armas de Entre-Douro-e-Minho. Em 1649 era designado para governador do Brasil, cargo que exerceu até 1654, pelejando contra os Holandeses em Pernambuco. Em 1657 foi novamente nomeado governador de Entre-Douro-e-Minho, e essas funções exercia no momento em que Vieira a ele se refere. Ali faleceu a 13-XI-1658. A sua biografia foi romanceada por Teixeira de Vasconcelos no livro *O Conde de Castelo Melhor*, 1869.

CASTELO MELHOR (3.º conde de). O célebre ministro de D. Afonso VI, filho do precedente, n. em 1636, m. em 1720. Em Junho de 1662 impeliu D. Afonso VI a libertar-se da autoridade da Regente, sua mãe. O enfermo e incapacíssimo monarca logo nomeou Castelo Melhor seu escrivão da puridade, cargo em que a confiança do soberano lhe conferiu poder absoluto. Demonstrou a sua grande capacidade na organização da vitória sobre os Espanhois (Ameixial, Montes Claros). Procurou o apoio da França, e agenciou o casamento de D. Afonso com Maria Francisca Isabel de Saboia. Formara-se um partido de oposição, a que Vieira pertencia, tendo por objectivo depor o rei e substituí-lo pelo seu irmão, o infante D. Pedro, que se apaixonara pela Rainha e era por ela correspondido. Deposto D. Afonso, Castelo Melhor saiu do reino, fixando-se em Londres, onde prestou serviços a D. Catarina de Bragança, irmã de D Afonso VI e de D. Pedro, que casara com o rei de Inglaterra Carlos II. Depois do falecimento de D. Maria Francisca, conseguiu D. Catarina de D. Pedro a permissão do regresso de Castelo Melhor à pátria (1685). Foi viver para Pom-

bal, e reapáreceu na corte em 1687. No reinado de D. João V foi de novo chamado ao Conselho de Estado, onde se conservou até morrer. Sobre as suas relações com Vieira, v. II, 184.

CASTRILLO: v. I, 245.

CAVIDE: v. II, 131 e 146.

CÉSAR (Sebastião): v. I, 74.

CARVALHO (António Moniz de): v. I, 21.

CHAGAS (Frei António das): v. II, 161.

CHIGI (Cardeal): v. II, 13.

COCHIM: v. II, 232.

COMPANHIA HOLANDESA DAS ÍNDIAS OCIDENTAIS. Foi fundada em 1621, dezanove anos depois da fundação da Companhia das Índias Orientais. Filipe II de Espanha recebera os Paises-Baixos do pai, o imperador Carlos Quinto, quando este abdicara em 1555. Gozava a região, por esse tempo, de prosperidade incomparável, sobretudo a Flandres e o Brabante, constando de 17 províncias, cujos territórios correspondiam aos que pertencem actualmente aos reinos da Bélgica e dos Países-Baixos (a que se chama também Holanda, do nome da sua província mais extensa). A mania de Filipe II de querer impor ali o Santo Ofício e de perseguir a religião protestante, acrescentando-se a causas económicas e sociais, veio a provocar uma sublevação geral. A princípio mantiveram-se de acordo as 17 províncias rebeladas, e proclamaram em Gande, em 1576, a sua união e independência; em 1576, porém, a união rompeu-se. Repuseram-se as províncias do Sul sob a autoridade de Filipe II, formando os Paises-Baixos espanhois; e as sete províncias do Norte, por seu lado, assinaram em comum a chamada «pacificação de Utreque», constituindo um Estado federativo, a «República das Províncias Unidas». Em 1609, Filipe III de Espanha, filho de Filipe II, via-se forçado a estipular com as Províncias uma trégua da duração de doze anos, reconhecendo-lhes assim, de facto, a independência; no entanto, o reconhecimento

definitivo só ocorreu pelos tratados de Westfália de 1648, após uma nova luta de dezassete anos (1621-48). As duas províncias marítimas da Holanda e da Zelanda exerceram desde princípio a hegemonia na Federação, graças às suas grandes marinhas de comércio, transformadas em frotas de guerra. Foram grandes impulsionadores do tráfico holandês três fortes grupos de imigrantes, a saber: os belgas que vinham fugidos das províncias meridionais, dominadas pelos Espanhois; os huguenotes franceses; e — com importantíssimo papel — os judeus expulsos de Portugal e da Espanha. Dispunham estes de capitais avultados, e traziam para a Holanda a sua experiência, os seus conhecimentos, as suas relações mercantis no respeitante ao comércio de Além-Mar. As marinhas da Holanda e da Zelanda somavam o maior número de navios de toda a Europa daquele tempo, com cerca de 200 mil tonéis no princípio do século XVII e 600 mil no fim dele (ou seja o dobro dos da França e da Inglaterra reunidas). Cerca de um terço dessa frota fazia a navegação com os países do Báltico, de onde o trigo e a madeira eram trazidos. Por seu lado, o negócio com a Ásia e a América, se ocupava muito menos navios e muito menor número de mercadores, produzia lucros avultadíssimos e conferia aos habitantes das Províncias Unidas o primeiro lugar no tráfico do Mundo. Já antes da revolta contra Filipe II havia uma corrente de produtos de Além-Mar para as terras dos Países-Baixos, graças à intervenção dos comerciantes peninsulares que habitavam em Antuérpia e que faziam vir de Lisboa e de Cádis as drogas ultramarinas que eram navegadas para esses portos. Em 1572 tal organização do tráfico acabou: os revolucionários ocuparam o Escalda, e ficou bloqueado o porto de Antuérpia. Em 1580 começaram os mercadores de Amsterdão e da Zelanda a enviar os seus navios a Lisboa, para aqui embarcarem os produtos orientais. Ora, foi exactamente nessa ocasião que Filipe II conquistou Portugal e que proibiu aos Neerlandeses o acesso do porto de Lisboa, o que os incitou a navegar para o Oriente, a fim de trazerem de lá as especiarias, que lhes chegavam até então por intermédio dos Portugueses. Nove anos depois da proi-

bição do espanhol, resolviam-se as Províncias da Holanda e da Zelanda a criar a Companhia das Índias Orientais, que se instalou em Java, ao passo que os banqueiros de Amsterdão enviavam uma frota para chegar à Índia traçando a derrota pelo Sul da América, descoberta outrora pelo Magalhães (1596); chegou essa frota às ilhas do Japão, e alcançou licença de mercadejar ali. Animados agora por esse êxito, os comerciantes holandeses fundaram outras sociedades, que, combatendo o monopólio português, criaram feitorias nas ilhas Molucas, depois em Ceilão e em Malaca, atacando toda a navegação portuguesa e unindo ao do comerciante o papel do pirata, mas mantendo entre si uma competição aspérrima. Os inconvenientes verificados em tal luta de interesses sugeriram a ideia de um entendimento entre os grupos, e intervieram por isso os Estados Gerais, e depois os burgomestres amsterdameses. Fundiram-se pois as companhias várias, e formaram-se duas grandes sociedades: a Companhia Holandesa e a Zelandesa (1600). As duas, como era próprio do regime económico, começaram a guerrear-se em competição bravíssima, mas viram-se ameaçadas por um adversário comum: a Companhia inglesa das Índias, criada por iniciativa do governo britânico, em condições de acessibilidade a todos os comerciantes nacionais (1600). Sob esta ameaça, as duas Companhias holandesas foram levadas a fundir-se pelo grande-pensionário Oldenbarneveldt, e assim apareceu por último a Companhia Geral Holandesa das Índias Orientais (1602). Como dissémos, só em 1621 se fundou o Companhia Ocidental, para comerciar com as costas orientais da América e a costa ocidental africana. A sua principal actividade era a caça aos galeões da Espanha (v. a nota à linha 18 da p. 116 do 1.º vol.). Dedicou-se também ao transporte de escravos, para o que fundou estabelecimentos na costa de África. Nas do Brasil começou pelo corso: em 1623 foram aprisionados setenta navios nossos. De 1626 a 1623 os oitocentos navios que conseguiu armar apoderaram-se de quinhentos dos alheios. Em 1624 deu-se o ataque à Baía, descrito pela carta ânua de Vieirà (1.º vol. p. 1-45). A recuperação da Baía reali-

do domínio espanhol, quando ainda D. João IV era só duque, foi Sousa Coutinho seu agente em Madrid, cabendo-lhe negociar o casamento daquele com Dona Luísa de Gusmão (1632). Mostrou-se sempre dedicado à pessoa do seu amo, hábil no tratar e conhecer os homens, corajoso, sensato, pertinaz e astuto; recto e desassombrado na franca expressão dos seus juízos, não hesitando em discutir as ordens que recebia, indo até a desobediência quando lhe parecia conveniente, dando conselhos ao rei com liberdade de linguagem, como velho servidor que tem direito a isso. Foi embaixador na Holanda, depois em França e junto do papa. Em Março de 41 partiu para os países escandinavos, chegando a Copenhague a 12 de Abril. Da capital dinamarquesa seguiu para a Suécia, onde reinava a jovem Cristina, de que Vieira foi mais tarde prègador em Roma. A 29-VII-1641 assinou-se o tratado luso-sueco. A hostilidade entre os dois Estados, devida à usurpação do trono português pelos reis espanhóis, seria substituída por paz e amizade (artigo 1); nenhum dos soberanos auxiliaria o comum adversário nem os inimigos do outro, mas seria consentido aos respectivos vassalos o comerciarem com os inimigos do outro, excepto no caso de praças sitiadas (artigo 2); os súbditos de ambas as monarquias navegariam livremente para os portos da outra, vendendo aí as suas mercadorias e pagando os mesmos direitos que os das demais nações amigas (artigo 3); a rainha da Suécia poderia enviar os seus navios a Portugal para vender e comprar, e o rei de Portugal os seus à Suécia (artigo 4); as armas, as munições e os cereais deste país entrariam em Portugal livres de direitos, mas os artefactos para equipamento de navios e os metais pagariam os impostos que se cobravam às outras nações amigas (artigo 5); os Suecos poderiam adquirir *sal*, especiarias, perfumes, vinhos e prata no nosso país em troca das suas mercadorias, levando a diferença em moeda, mas os Portugueses pagariam direitos pelo que comprassem na Suécia (artigo 6). Tais eram as seis primeiras cláusulas do tratado, a que se seguiam 23 outras, de menor interesse para o nosso intuito. Entretanto, ao passo que se discutiam os projectos para esse

tratado, prosseguiam as negociações sobre o armamento que da Suécia deveria vir para Portugal, obtendo por fim o nosso embaixador 40 canhões de bronze, 1.000 couraças, 1.000 pistolas, 4.000 mosquetes e outros tantos piques, pólvora, aço e 30 grandes mastros, tudo pagável em três prestações por meio de moeda ou *sal* (ou açúcar, ou especiarias orientais). Sousa Coutinho recebera instruções de D. João IV no sentido de se dirigir de Estocolmo à Alemanha, a fim de defender, perante o Reichstag, o infante D. Duarte (v. vol. I, p. 94); aconselhou-o, porém, o ministro sueco a que se não metesse a fazer tal coisa, e o nosso diplomata abalou de Estocolmo a 20 de Agosto, chegando ao Tejo, numa esquadra sueca, a 5 de Novembro de 1641. (V. Karl Mellander e Edgar Prestage, *The Diplomatic and Commercial Relations of Sweden and Portugal from 1641 to 1647*, Watford, Voss & Michael, 1930). Cerca de ano e meio depois de chegado, encarregava-o D. João IV da mais emaranhada, da mais difícil, entre as questões diplomáticas do Portugal de então: a das relações com as Províncias Unidas (onde teve por auxiliar o padre António Vieira). Portugueses e Holandeses, aliados na Europa contra um inimigo comum (a Espanha), eram adversários nas restantes partes do Mundo. As Companhias comerciais dos Países-Baixos (a Oriental e a Ocidental) tinham-nos tomado territórios no Oriente, nas paragens de África, no Brasil, e só duas coisas lhes convinham: ou uma paz imediata sem qualquer discussão sobre o Ultramar, que lhes permitiria manter as suas presas e gozar em sossego os lucros delas, ou o prosseguimento das hostilidades, que lhes daria ensejo para novas conquistas. Às entidades governativas holandesas (Estados Gerais) convinha a paz com os Portugueses, como companheiros na luta contra Castela, o terem connosco relações amigáveis (por causa do comércio do sal de Setúbal) e o satisfazerem os desejos de Richelieu, que insistia por que se entendessem com Portugal; as Companhias, porém, eram bastante poderosas para se imporem. As instruções dadas a Sousa Coutinho abrangiam as cláusulas seguintes: *a)* conseguir os bons ofícios dos Estados Gerais para

que fosse incluído Portugal em qualquer tratado de paz com Castela que resultasse das negociações de Munster, e para que os plenipotenciários portugueses fossem admitidos ao Congresso; *b)* negociar uma paz perpétua com os Países-Baixos; *c)* alcançar a restituição das praças tomadas pelos Holandeses, antes e depois da aclamação de D. João IV. Pela inclusão de Portugal na paz geral foi Sousa Coutinho autorizado a oferecer ao Príncipe de Orange, e aos que o pudessem servir em tal intuito, 200 mil cruzados; e para obter o auxílio do Príncipe na segunda pretensão poderia despender 400 mil. Se os Holandeses se negassem a devolver as praças da Índia (o que era de esperar, pois que tiravam delas enormíssimos lucros) recomendava-se-lhe que concentrasse os seus esforços na recuperação das terras do Brasil tomadas, oferecendo por elas dois milhões de cruzados à Companhia das Índias Ocidentais. No prefácio que antepôs à edição da *Correspondência diplomática de Francisco de Sousa Coutinho durante a sua embaixada em Holanda* (Coimbra, Imprensa da Universidade, 1920) escreveu Edgar Prestage: «Não só nos negócios de Munster, mas em todas as matérias em litígio entre Portugal e Holanda, Sousa Coutinho cedo se convenceu de que a razão de estado dos Holandeses era toda fundada em dilações... Também viu que França e Holanda haviam de ajudar Portugal nas suas pretensões sòmente quando a isso as impelia o seu próprio proveito; sobretudo esta última potência, que antes queria que Portugal rompesse a trégua. Parecia até que a sua insistência em manter o bloqueio da barra de Goa tinha por fim obrigar os Portugueses a dar tal passo... Logo em Agosto de 1643, ele começou a negociar com os Estados sobre a devolução das praças tomadas depois da aclamação, ponto que necessàriamente tinha de preceder o da paz. Responderam-lhe que se isto estivesse em suas mãos, teriam anuido, mas que dependia das Companhias, e que, portanto, uma solução rápida não era possível; que o termo da Companhia Oriental acabava em Janeiro de 1644 e o da Ocidental em 1645, e que, se elas não conseguissem a prorrogação, o governo podia agir livremente. Esta desculpa, que tinha certo fun-

ÍNDICE

CORRECÇÕES E ADITAMENTOS

Pág. 99 última nota. Depois de impressa esta nota apareceu um valioso trabalho histórico que se prende com o assunto: o de Virgínia Rau, intitulado *Os Holandeses e a exportação do sal de Setúbal nos fins do século XVII*.

» 140 linha 15 leia-se *estilos* em vez de *estios*.

» 215 » 1 leia-se *homizios* em vez de *homízios*.

» 219 Nota à linha 21: leia-se *1654* em vez de *1664*.